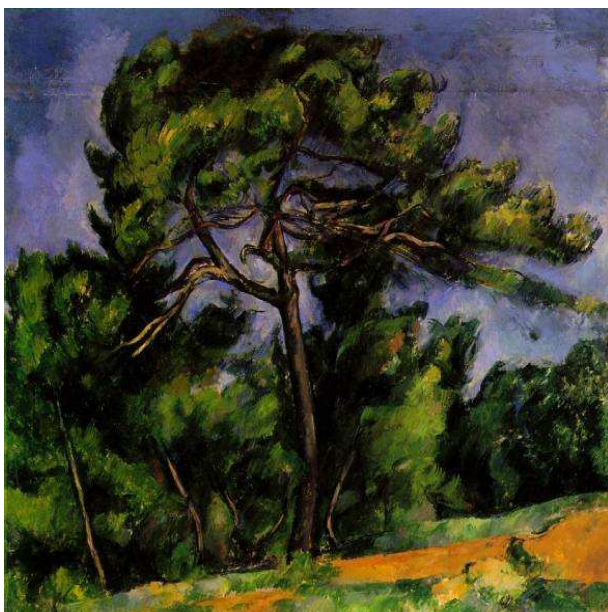


UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PATRICIA MANESCHY DUARTE DA COSTA

**OS JOVENS E O MUNDO VIRTU@L: AS ARTIMANHAS DOS VALORES
NOS CH@TS DA INTERNET**



Rio de Janeiro

2003

PATRICIA MANESCHY DUARTE DA COSTA

**OS JOVENS E O MUNDO VIRTU@L: AS ARTIMANHAS DOS
VALORES NOS CH@TS DA INTERNET**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação do Centro de Educação e Humanidades, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientação da Prof^a Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

Rio de Janeiro

março de 2003

Folha de aprovação 3

Já está pronta é só tirar xerox e incluir o número III em romanos, abaixo porque está com II somente.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	IX
LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS	X
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	XII
RESUMO	XIV
ABSTRACT	XV
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 TECER O TECIDO DO COM-TEXTO	30
CAPÍTULO 2 IMPLICAÇÕES DA TECNOLOGIA E O ALCANCE DO ESPAÇO VIRTUAL NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA	45
2.1 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: NOVO PARADIGMA COMUNICACIONAL	61
2.2 O CIBERESPAÇO: DAS INTERAÇÕES E MODIFICAÇÕES	76
CAPÍTULO 3 JOVENS, VALORES E IDENTIDADE	97
3.1 OS JOVENS, O CONCEITO E A AUTONOMIA	100
3.2 A FORMAÇÃO DA AUTONOMIA E O ESPAÇO ESCOLAR	106
CAPÍTULO 4 AS ARTIMANHAS VIRTU@IS RELACIONAIS	116
4.1 JOVENS E RELAÇÃO CHAT: RESULTADOS OBTIDOS	122
4.2 ANÁLISES DAS CATEGORIAS: IDENTIDADE E VALORES INTERAGEM NA HIPERTEXTUALIDADE	164
CAPÍTULO 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCAÇÃO, ENFRENTANDO DESAFIOS DO APRENDER COM E NO CIBERESPAÇO	185
5.1 TECENDO AS @RTIM@ANH@S	220
GLOSSÁRIO	225
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	230
ANEXOS	242

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

A lista abaixo está composta de tabelas e seus respectivos gráficos. Optou-se por unir os dois tipos de lista devido a forma de apresentação que estão dispostas no texto; apresentando-se em primeiro plano a tabela e em seguida o gráfico correspondente a mesma, de modo a permitir ao leitor uma melhor visualização explicativa dos dados analisados, proporcionando-o compreensão analítica de maior consistências aos dados e a discussão, apresentados no decorrer do texto. Desta maneira, a lista corresponde às perguntas do questionário, quase que em totalidade. Algumas questões demandaram mais de um gráfico para esclarecer os resultados, pois implicaram em múltiplos cruzamentos entre as informações.

* Tabela e gráfico 4.1	- Acessos a salas de <i>Chat</i>	p. 128
* Tabela e gráfico 4.1.1	- Acessos a salas de <i>Chat</i> por tipo de escola ...	p. 130
* Tabela e gráfico 4.2	- Acessos por idades	p. 131
* Tabela e gráfico 4.2.1	- Acessos Chat por sexo	p. 133
* Gráfico 4.2.2	- Comparativo acessos por sexo	p. 133
* Tabela e gráfico 4.3	- Locais de acesso	p. 134
* tabela e gráfico 4.4	- Motivos de acesso	p. 136
* Gráfico 4.4.1	- Comparativo entre motivos	p. 136
* Tabela e gráfico 4.5	- Número de horas de acesso	p. 139
* Tabela e gráfico 4.6	- Assuntos preferidos	p. 141
* Tabela e gráfico 4.7	- Situação virtual para real	p. 145
* Tabela e gráfico 4.7.1	- Estratificação das relações	p. 146
* Gráfico 4.7.2	- Estratificação das relações por sexo	p. 148
* tabela e gráfico 4.8	- Modificação de identidade	p. 149
* tabela e gráfico 4.8.1	- Estratificação da mudança de identidade	p. 150
* Tabela e gráfico 4.8.2	- Motivos da mudança de identidade	p. 153
* Tabela e gráfico 4.9	- Mudanças de idéias	p. 155

* Tabela e gráfico 4.9.1	- Estratificação de mudança de idéias	p. 157
* Tabela e gráfico 4.10	- Regras de comunicação	p. 159
* Tabela e gráfico 4.11	- Chats e o aprendizado na escola	p. 161
* Tabela 4.11.1	- Categorização das sugestões	p. 162
* Tabela A	- Exclusão de acesso a Internet	p. 216
* Tabela B	- Distribuição entre classes sociais	p. 216
* Tabela C	- Posse de computador por classe social	p. 216

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIT - sigla para Binary digit ou dígito binário

BPS - bits por segundo. Medida de velocidade de dados de transmissão via modem

CHATS – salas de bate-papo na internet.

CPU - Central Processing Unit ou Unidade Central de Processamento

DARPA - Defense Advanced Research Projects Agency

DHTML - Dynamic Hypertext Markup Language. Linguagem utilizada para construir páginas da Web e os websites com recursos de acesso dinâmico

DNS - Domain Name Server. Sistema hierárquico de bases de dados distribuídas que converte um nome de domínio em um **endereço IP** do computador/servidor Internet de um provedor de acesso e hospedagem de websites.

FAQs - Frequently asked Questions, significa questões freqüentemente perguntadas.

FTP - File Transfer Protocol, significa protocolo de transferência de arquivos pela Internet. É o método padrão de enviar arquivos entre computadores pela Internet.

GIF - Graphic Interchange Format é um padrão gráfico que permite salvar imagens em tamanho reduzido. É um formato de arquivo de imagem comumente usado em páginas HTML.

HTML - Hyper Text Markup Language é a linguagem padrão utilizada para construir os documentos Web (websites).

HTTP - Hyper Text Transfer Protocol é o protocolo padrão que permite a transferência de dados na Web entre os servidores e os browsers. É este protocolo que permite os saltos de uma página para a outra através dos links do hipertexto.

ICQ - que lê-se: I seek you, ou seja, eu procuro você.

IP - ou Internet Protocol, é o protocolo da Internet. É este protocolo que identifica, localiza e estabelece conexão entre computadores ligados à Internet.

IPSOS – Centro de pesquisas em marketing.

IRC - Internet Relay Chat. Também conhecido como "bate-papo", é um ambiente que permite comunicação escrita on-line entre usuários da Internet.

ISERJ – Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

KB - KiloByte. Medida de armazenamento em espaço em disco igual a 1.024 bits.

NCP - Network Control Protocol, ou protocolo de controle de redes.

ONGs – Organizações Não Governamentais.

PC - Personal Computer (computador pessoal).

Queries – é um termo técnico utilizado na informática para indicar os cruzamentos de pesquisas em programas específicos no computador.

RPG - A sigla RPG é uma abreviatura para a expressão Role Playing Game, que significa Jogo de Representação.

SET - sigla para Secure Eletronic Transaction. É um padrão de segurança utilizado em websites de comércio eletrônico.

SRI – Stanford Rearch Institute.

TCP/IP - Transmission Control Protocol/Internet Protocol (ou protocolo de controle de transmissão/protocolo Internet).

UCLA – Universidade da Califórnia.

URL - Uniform Resouce Locator. Uma URL é um endereço virtual que indica exatamente onde as informações da empresa ou da pessoa se encontram. A primeira parte do endereço indica que protocolo está sendo usado e a segunda parte do endereço especifica o domínio onde o recurso está localizado, no formato <http://www.domínio.tipododominio.sigladopaís>.

WWW - World Wide Web e é o ambiente multimídia da Internet, a reunião de texto, imagem, som, vídeo e movimento na Internet.

XML - Extensible Markup Language. É uma linguagem baseada em SGML que está sendo desenvolvida pelo W3C para uso em páginas e documentos Web. XML é uma linguagem mais funcional que HTML.

RESUMO

As transformações ocorridas na sociedade hoje transfiguram a maneira do homem estar e ser no mundo. Os valores nas mais diversas dimensões vão assumindo novas configurações e redesenhando posturas, auxiliando o homem no árduo trabalho de construção e reconstrução permanente de seu protagonismo na história. Assim, como objetivo geral buscou-se identificar os valores construídos pelos jovens na comunicação cibernética e as suas implicações na construção identitária individual e coletiva, explorando concepções conceituais a respeito da categoria juventude, a partir do saber elaborado nas relações *comunicacionais experienciadas* no ciberespaço, bem como, explorar relações com a aprendizagem escolar e informal das salas de bate papo e/ou chats. Norteia-se o estudo científico à abordagem qualitativa, com pesquisa descritiva e exploratória, constituída por instrumentos com técnicas múltiplas indo da formalidade dos questionários à informalidade das salas de chats. A análise e interpretação dos dados norteiam-se pelos métodos analítico e dialético, permitindo constante formulação de hipóteses. A amostra consta de jovens com participação nas salas de chats na internet e também da pesquisadora; grupos de jovens em conversas informais na forma presencial; visita a locais públicos como *cybercafés* e bibliotecas. O grupo de adolescentes/jovens se constitui entre as idades de 13 a 20 anos, inclusive. O referencial teórico entremeia esclarecendo aspectos da sociologia, psicologia da juventude, axiologia dos valores e sentido/significado da tecnologia, a utilização do ciberespaço como lócus de aprendizagem formal e informal, conversando com autores da atualidade. Conclui-se que os adolescentes/jovens hoje convivem de maneira habilidosa com as máquinas de informação utilizando com desenvoltura os comandos que apresentam exigentes competências cognitivas complexas. O ciberespaço, em particular nas salas de chat, não somente é um local de divertimento e distração para “passar o tempo”, como também pode ser um local de estudo nas formas mais variadas possíveis sugeridas pelos adolescentes/jovens, ressignificando espaços do ensinar/aprender nas múltiplas facetas que o sujeito, hoje, se compõe.

ABSTRACT

As transformações ocorridas na sociedade hoje transfiguram a maneira do homem estar e ser no mundo. Os valores nas mais diversas dimensões vão assumindo novas configurações e redesenhando posturas, auxiliando o homem no árduo trabalho de construção e reconstrução permanente de seu protagonismo na história. Assim, como objetivo geral buscou-se identificar os valores construídos pelos jovens na comunicação cibernética e as suas implicações na construção identitária individual e coletiva, explorando concepções conceituais a respeito da categoria juventude, a partir do saber elaborado nas relações *comunicacionais experienciadas* no ciberespaço, bem como, explorar relações com a aprendizagem escolar e informal das salas de bate papo e/ou chats. Norteia-se o estudo científico à abordagem qualitativa, com pesquisa descritiva e exploratória, constituída por instrumentos com técnicas múltiplas indo da formalidade dos questionários à informalidade das salas de chats. A análise e interpretação dos dados norteiam-se pelos métodos analítico e dialético, permitindo constante formulação de hipóteses. A amostra consta de jovens com participação nas salas de chats na internet e também da pesquisadora; grupos de jovens em conversas informais na forma presencial; visita a locais públicos como *cybercafés* e bibliotecas. O grupo de adolescentes/jovens se constitui entre as idades de 13 a 20 anos, inclusive. O referencial teórico entremeia esclarecendo aspectos da sociologia, psicologia da juventude, axiologia dos valores e sentido/significado da tecnologia, a utilização do ciberespaço como lócus de aprendizagem formal e informal, conversando com autores da atualidade. Conclui-se que os adolescentes/jovens hoje convivem de maneira habilidosa com as máquinas de informação utilizando com desenvoltura os comandos que apresentam exigentes competências cognitivas complexas. O ciberespaço, em particular nas salas de chat, não somente é um local de divertimento e distração para “passar o tempo”, como também pode ser um local de estudo nas formas mais variadas possíveis sugeridas pelos adolescentes/jovens, ressignificando espaços do ensinar/aprender nas múltiplas facetas que o sujeito, hoje, se compõe.

INTRODUÇÃO

“A juventude de hoje não se tranca no quarto para se isolar do mundo. Ao contrário, é lá que está a parafernália com a qual ela passa Horas plugadíssima”.
Leonardo Fuhrmann¹

Hoje se lida com uma juventude que clama por fazeres diferentes. Fazeres que subjazem suas práticas cotidianas em: tecnologia, valores, incertezas, questionamentos!

A pesquisa que apresentada se refere às discussões dos jovens e sua presença no mundo enquanto sujeitos que se formam no interagir com as novas trajetórias do conhecimento científico e as necessidades mais sutis da formação humana. Estudar jovens implica considerar seus espaços/tempos da construção de sua identidade a partir do contexto que o circunda: a sociedade, a cultura, a tecnologia, as condições político-econômicas, a psicologia social e do desenvolvimento humano, o próprio entrelace antropológico e histórico do grupo em questão, nos quais se inserem estes jovens.

Esse estudo desenvolveu-se a partir da pesquisa “Os valores dos jovens no contexto atual”, coordenada pela Prof^a Dr^a Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun, no grupo de pesquisa intitulado “Jovens, Valores e Subjetividade”, da linha de pesquisa Cultura e Cotidiano Escolar constante do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A partir das questões teóricas de estudo estabelecidas no grupo de pesquisa foram construídos os fundamentos para discussão. Através do diálogo com autores, o objeto de estudo do presente trabalho, o jovem, ganhou consistência teórica. Desta forma a fundamentação teórica advinda dos estudos antecedentes à dissertação colaboraram decisivamente na composição do trabalho, envolvendo sutilmente a teoria/prática numa perspectiva *simbiótica*.

¹ FUHRMANN, Leonardo. Revista VEJA Edição Especial JOVENS, ano 34, nº 38, setembro, 2001, p. 20.

O jovem é o eixo condutor da pesquisa, e está presente com suas características, saberes, valor, atitudes, comportamentos, opiniões, sendo pesquisado em uma perspectiva global, incluindo abordagens das áreas da biologia, psicologia e sociologia. A polissemia de conceitos/categorias que envolvem o termo jovem, já direciona a diferentes caminhos que se poderia ter seguido nesse trabalho. O significado do termo adolescente/jovem nesse estudo considera a dimensão de integração entre as definições², porém considerando-as do ponto de vista sociológico, em que a aproximação se faz necessária nas condições do ambiente de estudo que a pesquisa abordou – as salas de chats na internet e escolas de ensino presencial.

A partir das definições e das aproximações conceituais nas diversas áreas do conhecimento observa-se, hoje, que cada vez mais cedo, as crianças se *tornam jovens*, seja por problemas culturais/sociais ou até mesmo por problemas físicos, (em que a puberdade ocorre mais cedo) e para se tornarem mais independentes – como acentua a fase adulta. Por exemplo, os jovens, hoje, permanecem muito mais tempo nas casas dos pais, como forma de atenuar a questão emprego/salário, que em alguns casos determina a fase de independência; outros têm esse vínculo mantido, mas o fato da *autonomia* é garantido com sua presença nos grupos e ações ligadas aos jovens. O que normalmente se acredita é que a adolescência começa numa determinação biológica, mas o seu término está relacionado à questão cultural com marcos considerados importantes na independência psicológica em relação aos pais.

Assim, a questão da juventude não é apenas um processo de crescimento, mas comporta uma série de atitudes, comportamentos que estão fundamentados nos valores que os elegem. De um modo geral, os traços mais marcantes dessa juventude são: identidade, a autonomia e a maturidade. Cada uma dessas categorias assume, também, ponto de importância para a auto-imagem do jovem. Os termos adolescente e jovem estão intimamente relacionados pelas características da fase social em que se encontram, porém identificamos que os adolescentes estão mais vinculados ao início da fase, enquanto os jovens ao final da mesma e com

² Definições conforme Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: adolescente – do latim: adolescente; que está na adolescência, que está no começo, no início, que ainda não atingiu todo vigor. Jovem – do latim: juvene; que é moço, que está na idade juvenil. A palavra juventude também aparece no dicionário significando mocidade ou até mesmo, adolescência.

preocupações referentes ao profissionalismo, ingresso no mercado de trabalho e na vida adulta. Portanto, durante o desenvolvimento, no corpo da pesquisa, ora trata-se jovens e ora trata-se adolescente sob a mesma ótica, não dos pontos de vista já citados de forma específica [sociológico, psicológico, faixa etária], mas por entender que nos ambientes pesquisados o espaço dedicado aos dois termos abrange um único lugar. Esses lugares, as salas de chat, se delimitam a partir de idade e/ou denominação de teens³. Nas salas de chats geralmente encontram-se as duas fases da juventude – adolescente/jovem -, navegando juntas, ou seja, percorrendo as salas e conversando entre si com desenvoltura e desenhando os seus próprios processos de segregação. Em uma mesma sala encontra-se idades oscilando entre 14 e 21 anos. A partir desse ponto de vista fica-se à vontade para utilizar o termo jovem no decorrer do trabalho.

O tema de estudo adolescente/jovem comporta a pluralidade e diversidade de abordagens, dentre as quais, o recorte realizado direciona-se as implicações da vivência dos valores desses jovens imersos na sociedade da informação, seus usos e relações estabelecidas com as tecnologias e a estrutura de ensino. A comunicação promovida a partir das tecnologias da informação, especificamente nos sites de conversa entre os jovens vem contribuindo para a formação de um novo ser, que em vista da complexidade em que se forma, vem demandando aprofundamentos teóricos/práticos que contribuam à epistemologia do conhecimento, no sentido de elucidar aspectos característicos à juventude presente no lócus social. Em particular a internet e as salas de chats e as escolas formais foram os ambientes escolhidos para pesquisa, pois nesses espaços se pode evidenciar implicações nas construções de identidade, a partir dos comportamentos individual e coletivo e dos valores que esses adolescentes/jovens elegem para relacionarem-se com o mundo. O objeto de pesquisa, então, amplia-se englobando: adolescentes/jovens, seus valores e as comunicações na internet.

Com os objetivos e questões de estudo se pretende murmurar no cotidiano que se deseja reparar, garimpar, buscar pistas para identificar quais são os valores que os jovens vivenciam ao usarem os meios de comunicação promovidos pela internet, ou seja, buscar evidenciar os valores construídos pelos jovens nesse novo

³ Teens – termo utilizado para referendar os produtos, as produções que são oferecidas ao público jovem.

lócus de relação: o ciberespaço⁴, em particular, nos ambientes das salas de chats, na tentativa de compreender melhor a construção da identidade juvenil. E a partir desse objetivo, estudar se há possibilidade do ambiente da sala de chat vir a se tornar um espaço educacional legitimado pelos jovens, considerando as características dos jovens e as necessidades da escola em se adequar para atender a essa clientela, em que ambos são pertencentes ao mundo contemporâneo. Buscou-se ouvir a fala do jovem, do ponto de vista pedagógico, para saber o que pensam, legitimam e valorizam nas salas de chat que subsidiem esse lócus como espaço de desenvolvimento ou extensão da aprendizagem formal.

Para se alcançar esse objetivo, complexo, foi necessário estabelecer objetivos instrumentais que desenhassem o processo de estudo. Entre eles estão: garimpar os valores que são eleitos e vivenciados pelos jovens nesse tipo de espaço; como definem e constroem esses valores, e se é possível estabelecer uma definição e/ou classificação desses valores; saber se esses valores, veiculados pelos jovens, auxiliam na configuração da identidade juvenil; percebe-se as possibilidades de construção de novos sentidos nas suas vidas a partir desses valores; identificam-se e compreendem a existência da veiculação de valores no ciberespaço; e se as salas de chat podem ser um espaço de veiculação do conhecimento para aprendizagem, caso afirmativo, como deveria ser.

A partir da complexidade do desenvolvimento processual do objetivo geral, sintetizamos em três questões de estudo:

1 – Quais os valores dos jovens no contexto das salas de chats?

2 – Como as escolas utilizam/valorizam as salas de chats enquanto ambientes de aprendizagem?

3 – Qual a importância desse novo espaço/tempo para educação hoje?

Durante o corpo do trabalho procurou-se evidenciar as informações de forma a trazer subsídios para o estudo em questão, não de forma conclusiva, mas contextualizada, entendendo que este trabalho não pretende ou se limita a dar informações fechadas em respostas conclusivas, mas que este sirva de suporte a novas reflexões teóricas a respeito da formação das características da identidade juvenil, em constante processo de resignificação, identificação e construção. E a partir desses dados, envolver a escola em práticas pedagógicas inovadoras na

⁴ Ciberespaço é toda estrutura virtual transnacional de comunicação interativa.

proposta de se adequar a novas linguagens, coerentes com a sociedade da informação pós-moderna, que atendam, em particular, os jovens.

Para compreender a importância desse trabalho considera-se a estrofe da canção do cantor e compositor Renato Russo (1999);

“Há tempos nem os santos tem ao certo a medida da maldade, e a há tempos são os jovens que adoecem, há tempos o encanto está ausente e há ferrugens no sorriso, só o acaso estende os braços a quem procura abrigo e proteção, meu amor! Disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza, ter coragem é ter bondade ...”

Esse jovem em questão compreende uma dimensão de valor inquestionável de investigação e análise científica, em particular o jovem brasileiro, pois compreender suas atitudes/desempenhos à luz da condução de seus próprios valores construídos na sociedade contemporâneos e informatizados, elucida caminhos de orientação educacional e social, de forma a contribuir para a formação dos mesmos, em mediar a possibilidade de construção de sujeitos mais solidários e prontos para prática cotidiana, desafiadora, do mundo bio-psico-social [exigência *imprescindível* à sociedade da informação].

A busca do desenvolvimento de competências⁵ para lidar com a complexidade e diversidade características das sociedades pós-modernas teleinformatizadas⁶, exige de seus *futuros adultos* elasticidade e *críticidade* do aprender a aprender e do saber pensar, que engloba pensamento e forma de ação. Exige o saber fazer aplicável à praticidade no cotidiano. Essas exigências são mais do que se pedia aos nossos jovens há algumas décadas atrás, e isso pressupõe novas significações nas relações de construção do conhecimento, e nas formas de viver e conviver. O olhar que se amplia sobre a família, a escola, os espaços de lazer e cultura, os espaços ocupados/desocupados da política, a conjuntura econômica que o cerca, o grupo a qual pertence e legitima suas atitudes e valores, enfim as representações que estabelece, o vínculo do jovem com o seu **estar no e ser do** mundo.

⁵ O tratamento dado à competência nesse estudo aproxima-se de habilidades/atitudes para desempenho de determinada atividade.

⁶ Teleinformatização – termo utilizado por MORAES (2001), para designar o suporte técnico e da comunicação via novos meios de comunicação.

Na sociedade se entende este tipo de agregação de indivíduos, os jovens, como sendo grupo relevante para a formação social, política e econômica de determinada cultura. A partir do momento em que além de estarem vivenciando uma fase de transição do período de adolescentes à vida adulta, assim também pode ocorrer com os valores, passam pelo crivo da afirmação e auto-afirmação, gerando um campo fértil de questionamentos e redefinições, à possibilidade de construir uma *cosmovisão* de um mundo mais humano, mais justo e fraterno, encontrando a autonomia e agregando valores que privilegiem a vivência coletiva da cidadania.

Compreendendo a essencialidade da relação de responsabilidade do jovem com a sua vivência participativa socialmente, torna-se preponderante a identificação de alguns dos valores que constituem uma identidade juvenil, não somente individual, mas subjetiva e coletiva, que lhes facilite assumir e compreender os papéis sociais, por eles executados, na sociedade de características tanto tecnológica quanto da informação.

Acredita-se que todos os momentos de vida do ser humano constituem-se de possibilidades de construção e formação de valores, que de alguma forma os auxiliem a *experienciar* o mundo e as relações neste. Entende-se também que o espaço cibernético instaura um *mundo novo*, com uma rede de memórias informatizadas provindas de todos os computadores, trazendo consigo a *desterritorialização*⁷ das mensagens que se tornam interativas, e ganham multiplicidade de interferências valorativas advindas da diversidade de convívios cotidianos. Nesta dimensão Lèvy (2001) aponta que a internet adquire característica de plasticidade às culturas *identitárias* clássicas em transição a uma *cultura pós-moderna planetária*. Trazem consigo valores dissonantes provocados pelo conflito entre os impulsos vindos, tanto dos valores éticos modernos, quanto dos valores éticos tradicionais. Nessa configuração complexa não se pode ter certeza de quais os valores o homem está elegendando como primordiais e essenciais à vida. Advém então, que se tenta investigar

⁷ Desterritorializar - O termo, segundo SILVA (2000), “nomenclatura introduzida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, significa codificar, submetendo a regras e controles, setores ou elementos da vida social, como por exemplo, a família, o trabalho, o corpo. Na análise de Deleuze e Guattari, o capitalismo caracteriza-se por um processo generalizado de desterritorialização, isto é, de decodificação ou afrouxamento de regras e controles tradicionais, seguidos por um processo de reterritorialização, isto é, de instituição de novos e renovados controles e regras”. (p. 39).

quais valores estão sendo priorizados, ou seja, que valores estão inseridos na fala dos jovens?

A contribuição dessa pesquisa torna-se pertinente à área de educação, no momento em que busca questionar o espaço de construção dos valores da formação do jovem, nas mais diversas possibilidades apresentadas na sociedade da informação, principalmente no que diz respeito ao uso da tecnologia avançada, em particular a internet, como espaço não institucionalizado de educação e, portanto, mais vulnerável a criação de valores.

Esclarecesse, o que já foi comentado de forma mais sucinta, que: escolheu-se este tipo de agregação grupal - os jovens, por acreditar que no momento de transição entre as idades adolescente e adulta, possa existir um campo fértil de construção/reconstrução de novos conceitos. A partir da revisão peculiar da construção da identidade pessoal e social estão em jogo questionamentos, que são o fundamento do pensamento filosófico, crítico, dialético, capaz de auxiliar a compreensão e conscientização do homem no mundo, e a partir disto poder contribuir com a formação do homem autônomo e cidadão.

Além das contribuições já descritas se busca acrescentar um conhecimento maior sobre o jovem, considerando o pensamento: *a técnica pode-se aprender, mas o conteúdo tem que ser conquistado*, grifo nosso.

Com relação ao título da pesquisa, se refere aos jovens e ao mundo virtual porque se levantou os valores e relações estabelecidas por estes sujeitos no espaço virtual. Na questão das *artimanhas* dos valores, se entende que no espaço cibernético os valores que transitam são de natureza diversificada, ao mesmo tempo em que podem apresentar significações e sentidos diferentes. Será preciso um trabalho de elucidação e delimitação dos mesmos, no sentido não somente de suas construções que podem nos *pregar peças*, mas também no sentido de *experienciar* a fundo a *estética* de ambíguas valorações que, estão dispostas nas construções relacionais/subjetivas dos indivíduos, em particular os jovens.

Fala-se sobre o paradigma *intercomunicacional* nas sociedades, assim caracterizada por este paradigma, de *sociedades da informação*, e se desdobrando em *sociedade do conhecimento*. É claro que se retornar a discussão do ciberespaço com mais detalhes, para continuar a discussão da pesquisa, pois este espaço é privilegiado por jovens, e se estes estão navegando com tanta incidência, é necessário que se investigue a formação que está sendo estabelecida/vivenciada.

Que possibilidades se enfrenta num mundo tão novo, que oferta um oceano de relações? O que se pode resgatar dele para vivência dos jovens na sociedade da informação?

Afinal o que os jovens, do contexto estudado, podem estar retirando de proveito para sua vida particular, coletiva e social, desse ciberespaço?

Um outro contexto *complexifica* mais ainda essa construção *identitária* e valorativa dos jovens, que aparece no dizer de Hobsbaw (2000), quando considera ser a juventude uma das características mais significativas do final do século passado, quando afirma que *todos perseguem a juventude, todos querem ser jovens*. Todos na visão de Hobsbaw (2000) significa tornar elástica a fronteira das idades e da aparência físicos entre jovens e adultos. A juventude aqui está relacionada à disposição do pensamento reflexivo e ativo, e não a condição física da fase em questão. O que será então o jovem na contemporaneidade? [no momento essa questão serve de fundamento teórico e não como eixo de pesquisa], fica a relevância de elucidar, em parâmetros mais concisos a identidade dos jovens. Assim, se torna instigante o aspecto da subjetividade desse jovem dentro do processo histórico, isto é, como o jovem foi construindo a subjetividade que lhe é peculiar, dentro de um processo histórico que o acolhe, resgatando aqui o valor do cotidiano como lócus de estudo.

As investigações sobre a questão proposta não se esgotam em suas análises e apresentam múltiplas compreensões e direções em termos de conhecimento do objeto de estudo, porém a pesquisa se restringe aos focos já citados nos objetivos. E a partir destes se tenta esclarecer a questão da exclusão ou segregação digital e ou de acesso às redes de comunicação via internet que, não aparece como enfoque principal da pesquisa, apesar de serem considerados no desenvolvimento do trabalho para esclarecer alguns dados. Não coube na pesquisa a comparação entre as escolas públicas e particulares para demonstrar exclusão digital, porque o enfoque da pesquisa estava em alcançar o máximo de adolescente/jovens que tivessem acesso às salas de chat, para que pudéssemos analisar os dados a partir do ambiente interativo informacional, a partir do que acontece nesse espaço e não da origem de acesso a ele. A origem de acesso seria importante se, na pesquisa, o foco objetivasse identificar a quantidade diferencial por acesso em cada rede em particular e, talvez, discutir se há características de valores nesse contexto, o que não é e nem aparecerá como foco nesse trabalho.

A contribuição da pesquisa frente aos aspectos abordados se propõem; a ampliação da compreensão dos aspectos centrais da problemática que envolve as questões da formação da identidade juvenil e a complexidade dos aspectos envolvidos nessa, objetivando contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre a sociologia da juventude; identificar ações, sugeridas pelos jovens, no sentido de buscar formas integradoras da educação formal a partir de novas linguagens.

A fundamentação teórica trouxe diversos autores para discutir o assunto, o que demandou garimpar dentre muitos, aqueles que mais se identificavam com os objetivos propostos. Trabalhou-se de forma diversificada, por exemplo; alguns autores demandaram maior profundidade, em outros se amplia o conhecimento, e ainda com outros se ilustra as discussões. Trabalhou na dimensão da historicidade que acompanha o estudo e as idéias dos filósofos que se debruçaram sobre o tema. Na filosofia dos valores buscou-se a contribuição de Chauí (1987), Max Scheler (1955, 1994), Hessen (1980), Kant (1996). A questão dos valores também pode ser analisada sob diferentes enfoques a partir do tratamento que lhe é dispensado. Teremos em Scheller (1994) um estudo sobre a hierarquia dos valores, a revolta dos valores, em dimensão filosófica até uma abordagem nietzschiana, que falava numa transmutação de valores. Analisa-se também, a partir dos teóricos que fundamentam a questão dos valores dos jovens, com ênfase em Piaget (1975), e Kohlberg (1966, 1975). Na escola enfatizou-se o tratamento dispensado às questões da construção conhecimento e da construção da subjetividade no cotidiano, análise de teóricos como Heller (1989), Penin (1990) que se debruçaram sobre a questão do cotidiano escolar, e os teóricos como Libâneo (1982, 1985, 1986), Gadotti (1991, 2000), que apresentam estudos sobre correntes filosóficas contemporâneas em educação, e estudos como Grinspun (1994, 1995, 1999, 2000, 2002), que se detêm a estudar os novos paradigmas em educação. Para tratar da tecnologia Grinspun (1999, 2000, 2002), Morin (1996, 2000), Moraes (2001), elucidaram nosso referencial teórico. Tratando de pós-modernidade, sociedade, cultura, temos; Polanyi (2000), Hall (1997, 1998), Harvey (1994), Boulding (s/ed.), Gleiser (1997), Hobsbawn (1998), Lyotard (2000), Deleuze (1992, 1995, 1996, 1999) dentre outros.

Assim, se trabalha no decorrer da pesquisa na dimensão histórico-social com que aponta para uma construção dos valores a partir do significado que lhe empresta a cultura onde foram construídos.

Quanto à metodologia e os procedimentos adotados, trabalhou-se em grande parte, no capítulo terceiro, em que trata das análises dos dados e resultados.

A pesquisa está situada na área de ciências humanas e é de abordagem qualitativa, fundamentada nos estudos de Lüdke e André (1986). A base de análise dos dados foi referendada pela pesquisa de campo e do tipo exploratório, com aproximações a descritiva e participativa. Os dados quantificados na presente pesquisa apenas elucidam, demonstram e colaboram, e apontam para os dados qualitativos analisados no nosso estudo. O conjunto de instrumentos tem como fatores, técnicas múltiplas e multiplicadas que levam a uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. O esforço de interpretação e análise foi norteado pela objetividade e, principalmente, pela subjetividade permitindo ao pesquisador a constante formulação de hipóteses, partindo para as suas inferências ao não dito no discurso (Silva, 1999, apud Lüdke e Andre, 1986, p. 03).

Apoiou-se ainda na abordagem qualitativa, mas na tentativa de não focar a linguagem como objeto das ciências humanas, mas de como Martins (1999), considera;

“tentar focalizar o que surge a partir do interior da linguagem na qual o homem está mergulhado, na maneira pela qual representa para si mesmo; enfim constituir uma análise a partir daquilo que o homem é na vivência, na fala, no trabalho, no ciclo vital e que o possibilita conhecer (ou buscar conhecer) o que não em essência estes conceitos e formas de concebe-los e agir fundamentado por eles” (p. 52)

Os caminhos do trajeto de elaboração fundam desejos de participação junto aos jovens da pesquisa, as suas experiências, seus valores, suas narrativas de usuários de um novo espaço de comunicação. Sendo assim, a elaboração da dissertação desenhou-se por configurações de emancipação, o que não permitiu o aprisionamento em técnicas e métodos pré-estabelecidos. Por outro lado, na procura de garantir um movimento de autenticidade e fidedignidade na construção da dissertação, caminhou-se na construção de um diálogo autêntico com os jovens dentro de suas experiências valorativas, de modo que a presença do pesquisador nas conversas de chat e nos encontros presenciais, proporcionou evidenciar dados

velados no instrumento do questionário. Toma-se as palavras de Freire (1993) como fundamento para este movimento de parceiro e participante da pesquisa;

“Não devo julgar-me, como profissional, habitante de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, (...). habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os perdidos que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno”. (p. 43).

Nessa perspectiva, mais importante que a técnica se faz à construção do saber e suas relações intrínsecas com as subjetividades constituídas no espaço social, em que se realizou a pesquisa, e compõe como co-autores de uma realidade local ali estabelecida.

A escolha da metodologia deu-se pela característica do tema escolhido ser bastante genérico e pouco explorado. Por ser genérico, pressupõe procedimentos de delimitação e esclarecimentos sobre o tema, o que comporá uma rigorosa revisão de literatura, discussão com especialistas. Fazendo parte de um processo contínuo, demanda constante sistematização e formulação de hipóteses precisas e operacionalizáveis, assim se manteve o procedimento anterior aplicado à delimitação do tema.

Quanto à aproximação à pesquisa descritiva, se tentou elucidar e transpor a simples identificação da existência das relações entre as variáveis, buscando encontrar a natureza desta relação, tornando-a próxima a exploratória. Quanto à aproximação à pesquisa participativa acontece no momento em que se registra as discussões e falas dos jovens nos encontros presenciais e nas salas de chats.

Os sujeitos da pesquisa são; a juventude ou as juventudes, do ponto de vista das ciências modernas, referindo-se a uma fase da pessoa humana em que esta se encontra mais próxima da maturação físico-psicológica, de forma a inserir-se no contexto de aquisição de uma função social, ou seja, refere-se a uma função social de maturação do indivíduo, uma tarefa de socialização desse jovem com o objetivo de torná-lo cada vez mais autônomo e autêntico na sociedade em que está inserido. Não se considerou jovens de um ponto específico da constituição de determinado grupo social ou filosófico, como por exemplo: jovens índios – pelo recorte antropológico, ou jovens delinquentes – pelo recorte psicológico, ou jovens de

espírito – pelo recorte religioso. Os jovens do contexto pesquisado são alunos, como a maioria que se encontra nas escolas, cursando o último ano do Ensino Fundamental ou as três séries seguintes do Ensino Médio, conforme organização da estrutura e funcionamento do Sistema de Ensino Brasileiro, em Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Brasileiro, datada do ano de 1996.

Nas orientações indicadas no estudo de Spósito (1996), a juventude é considerada pela faixa de 15 a 19 anos e o jovem de 20 a 24 anos. Empregou-se o termo *jovem*, ampliando esse universo de Spósito (1996), para definir todo o segmento que se pretendeu pesquisar neste universo, e definiu-se especificamente para nossa pesquisa, o jovem entre 13 e 21 anos de idade que transitam em salas de chats na internet. Como já citado no início da introdução desse trabalho, a escolha do termo a ser adotado no desenvolvimento do trabalho, a necessidade de defini-lo, se deu pela própria polissemia de conceitos/categorias que emanam do termo. Sendo assim, partimos dos conceitos, também já mencionados, advindos tanto do dicionário⁸ quanto da fundamentação teórica dos estudos da sociologia da juventude.

A amostra trabalhada está baseada nos estudos de Spósito (1996) citada no item Sujeito da Pesquisa, considera adolescentes/jovens entre as idades de 13 e 20 anos, inclusive. Esses limites foram eleitos, também, considerando as idades de maior valor com vistas à inclusão dos alunos de maior idade das escolas públicas, o que realmente se configurou. A partir desse contexto o universo da pesquisa trabalhou com a amostra de jovens das escolas da rede pública e particular dos municípios do Rio de Janeiro, Resende e Niterói. Várias escolas foram convidadas a participar da pesquisa, o que caracterizou uma amostra totalmente aleatória, garantindo a não interferência do pesquisador na constituição da mesma. No total participaram cinco (05) escolas; duas (02) da Rede Pública e três (03) da Rede Particular. O número dos jovens participantes de cada escola não se constituiu o mesmo, visto que para a aplicação do questionário não se fazia necessário homogeneizar este dado, pois o objetivo do estudo não era tratar de diferenças sociais de acesso aos chats ou a questões de exclusão digital, na perspectiva de grupos sociais diferenciados, o objetivo maior foi de alcançar o maior número de adolescentes/jovens que freqüentassem salas de chat, para, então, se inferir sobre

⁸ Id, s/ed. p 17.

valores traçados nesse ambiente, independente da origem escolar; e por estar se analisando, sobre o ponto de vista das relações com o ambiente de interação pessoal, e que talvez se estendesse ao âmbito educacional, por escolha do próprio jovem. No total foram distribuídos mil duzentos e cinqüenta (1.250) questionários e retornaram, aplicados, seiscentos e sessenta e sete (667).

Cabe dizer que esta pesquisa foi realizada em diferentes escolas interrogando a relação discurso – prática, a subjetividade com seus limites e possibilidades foram *transversalizados* pelos valores dos professores e dos alunos adolescentes.

Os procedimentos foram desenvolvidos na pesquisa a partir de um trabalho de preparação conceitual, revisão de literatura específica do ciberespaço e as implicações da sociedade da informação e tecnologia na vida dos jovens. O estudo aprofundado da sociologia da juventude, a cultura e as contribuições de construção identitária deste grupo. Esta etapa contou com o suporte do estudo de campo, com o intuito de identificar entre os jovens aqueles que se enquadram no perfil da pesquisa: quanto à idade e ao tempo de utilização da internet; especificamente usuários de chats; preferencialmente buscou-se estudantes pertencentes à escola pública e que possuísem a seu alcance computadores de fácil acesso, porém este objetivo não se concretizou trazendo na base dos dados a evidência da escola da rede particular de ensino. Como etapa preliminar e de validação do instrumento realizamos três encontros com uma amostra variável entre dez (10) a quinze (15) jovens, convidados a participar sem o compromisso de serem pertencentes à determinada rede de ensino, bastava que estivessem cursando a escolaridade proposta na pesquisa. Na seqüência validamos o instrumento colhendo as modificações a serem realizadas no questionário. Durante o desenvolvimento da coleta de dados foram realizados dois (02) encontros presenciais com jovens do bairro da Tijuca no Município do Rio de Janeiro: o primeiro encontro deu-se no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ) e o segundo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Participaram jovens de diferentes escolas. As perguntas que orientaram os encontros foram às mesmas do questionário, porém a espontaneidade direcionou as perguntas aglutinando-as nas respostas. Esses encontros não foram gravados, de forma que não se pode constar com registros comprovando as falas dos jovens. Essa etapa serviu para ilustrar e esclarecer os direcionamentos metodológicos e depois de análise da pesquisa. Um outro momento constituiu-se longo e duradouro durante o processo de investigação, foi à participação da

pesquisadora nas salas de chats, nos correios eletrônicos e nos sites de conversação. Houve muita dificuldade de entrosamento e aceitação dos jovens com relação a presença da pesquisadora no ambiente de chat. Desta forma foi preciso aprender a linguagem adequada para não ser rejeitada nas conversas, bem como acostumar-se a estar na sala como observadora. Nas salas de chats foram oferecidos os questionários os quais somente três (3) foram devolvidos constituindo amostra irrelevante. Após o levantamento dos dados, iniciamos a realização da análise e interpretação dos mesmos, a luz dos autores eleitos na fundamentação teórica, pôde-se assim constituir os possíveis parâmetros definidores e esclarecedores da questão proposta para pesquisa/ dissertação.

O trabalho organiza-se da seguinte maneira: o capítulo 1 desenvolve o contexto da pesquisa, traz as questões da modernidade e pós-modernidade desenhando um referencial teórico à pesquisa; no capítulo 2 abordamos as implicações da tecnologia e o alcance do espaço [virtu@I](#) na sociedade pós-moderna, em que se vivencia hoje um novo paradigma comunicacional; o capítulo 3 nos remete a discussão sobre os valores, os jovens e sua identidade; o capítulo 4 apresenta a análise dos dados nas artimanhas [virtu@is](#) relacionas – os jovens e as salas de chats suas vivencias; e no capítulo 5 abordam-se as considerações finais, entrelaçando as vivências escolares e a realidade virtual/social, desta pesquisa, pondo em discussão os valores dos jovens levantados no decorrer da pesquisa e as questões educacionais.

A pesquisadora lhe convida a viajar⁹ no mosaico dos chats e o protagonismo dos jovens nesse ambiente; deliciando-se nas artimanhas contextualizadas dos valores por eles evidenciados, chegando inusitadamente a encontrar o legítimo pensamento dos jovens sobre a aprendizagem, a escola e os chats como possíveis ambientes de ensino; tudo isso numa perspectiva contemporânea, e porque não dizer pós-moderna, com resultados surpreendentes em relação àqueles que “*todos dizem por aí sobre os jovens e a internet*”.

⁹ Esse viajar possui um duplo sentido. Viajar tanto nas páginas desta pesquisa como futuramente nos encontros com jovens nas salas de chats por eles promovidos.

CAPÍTULO 1. TECER O TECIDO DO COM-TEXTO

Do tecer o texto ao com-texto trava-se o processo de olhar o mundo de onde se fala. Identificar o com-texto que se teceu o tecido!

O marco referencial apresentado conduz a construção da pesquisa pelos caminhos teóricos, pelos conceitos que se entende e se vive o cotidiano posto nas sociedades pós-modernas.

No que tange as compreensões de mundo comunga-se os conceitos de Gleiser (2001):

“Existem três questões abertas em ciência que dividem uma temática única: a questão das origens. Eu costumo chamar essas questões de ‘o problema das três origens: a origem do universo, a origem da vida e a origem da mente’. No século XVII, a ciência entra e começa a se perguntar as mesmas questões sacras. Qual a origem do universo? Será que podemos pela razão, compreender a origem de tudo? E a origem da vida? Será que ela foi um acaso bioquímico, um acidente local em um insignificante planeta orbitando uma estrela em uma galáxia comum, ou será que a vida tem um plano, se estendendo pelo Universo afora com o objetivo de provoca-lo como um vírus provoca o corpo de um doente? Ou será que ela existe sem plano nenhum. E a mente? Como é possível que processos bioeletroquímicos no cérebro possam gerar nossa consciência, nosso senso de saber que existimos? Ou será que a mente é algo diferente, que necessita de uma ciência que não podemos ainda nem contemplar?” (p. 33).

Quatrocentos anos se passaram desde que Galileu¹⁰ apontou um telescópio para a lua, e as três questões ainda persistem integradas no âmbito da pesquisa científica. E ainda se busca a resposta e muitos pensam que nem se chegará a tê-la. Porém, tentar é o caminho, e dessas tentativas realizam-se descobertas maravilhosas que têm ocorrido sobre o universo, à biologia da vida, a estrutura

¹⁰ GALILEU GALILEI. Físico, Matemático e astrônomo Italiano, **Galileu** Galilei (1564-1642) descobriu a lei dos corpos e enunciou o princípio da Inércia.

neurológica do cérebro, e outras descobertas. Tudo isso tem modificado a forma de estar no mundo e conviver/viver nesse mundo. Os pensamentos sobre as coisas concretas e abstratas mudam em função do que, enquanto homem criativo, descobre e cria. E assim novos sentidos, significados recaem sobre nossas vidas.

As portas do século XXI já se abriram e se experimenta transformações tecnológicas na área da informação que surpreende dia-a-dia com inovações inusitadas. As variações da aplicação da tecnologia atingem todos os setores da sociedade conduzindo emergentes comportamentos do homem que correspondam às exigências mais íntimas desse fenômeno.

“O século XX marca o período médio de uma grande transição no estado da raça humana” (BOULDING, 2000).

Vivencia-se no cenário mundial um “avanço tecnológico avassalador, de convergência multimídia, de *mundialização* cultural e de globalização econômica” Moraes (2001). As certezas da ciência entram em xeque diante de novos paradigmas. Uma nova ordem com bases em mudanças paradigmáticas, passadas nesse século abrangendo desde a área social, econômica e tecnológica a todas as outras constantes da vivência do homem. Boulding (2000), em seu livro **O significado do século XX**, “classifica a vida humana em duas grandes épocas: a civilizada, do nômade que adquire caracteres de civilização ao urbanizar-se, e a pós-civilizada, que constitui a atual”¹¹.

Segundo o autor esta transição traduz-se através de mudanças e transformações que ocorrem de um estágio para outras, assim novas situações emergem, trazendo consigo, novas exigências nas maneiras de se pensar, organizar, agir. É o surgimento de um novo paradigma desenvolvido ao longo da ciência em sua maneira de pesquisar, compreender o mundo, suas especificidades, suas relações, que evidencia novos comportamentos do homem em ser/estar no mundo.

Para Boulding (2000), alguns sintomas permitem afirmar a mudança de paradigma, e destaca as *dimensões de alteração* que o homem atravessa nesse período. Os sintomas são indicadores de mudança, *extraordinários*, constituído de fatos a partir dos movimentos das atividades da humanidade. Considerando fatores

¹¹ Trecho retirado do artigo “A compreensão da sociedade da informação” de BORGES, Maria Alice G. in: Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, set./dez. 2000.

como: “a posição da agricultura nas sociedades mais desenvolvidas hoje” (p. 12), em que cerca de 10% da população, nos Estados Unidos hoje, se dedica a esta atividade em contradição a 90% na época da Revolução Americana; a capacidade que as sociedades tem de recuperar-se das calamidades, por exemplo Alemanha e Japão em 1945, algumas de suas cidades ficaram praticamente destruídas e sua recuperação se estabeleceu em um prazo, aproximadamente, de 20 anos. Boulding (2000) cita vários fatos para demonstrar essa transição que ocorrem na área da saúde, da ciência, da política e as formações de Estado e as práticas de democracia, da economia, da cultura, de raças e outros. Mas o autor não considera os fatos como isolados, afirma que todos estão inter-relacionados e cita como exemplo a transição que “não ocorre apenas na ciência, na tecnologia, no mecanismo físico da sociedade e na utilização da energia física” mas também nas instituições sociais e nas instituições que produzem a tecnologia, e analisa Boulding (2000):

“No mundo altamente complexo das inter-relações sociais não é possível afirmar simplesmente que uma alteração provoca uma outra, apenas que elas estão inter-relacionadas e que ambos os aspectos da vida humana mudam simultaneamente”.(p. 13).

Deste modo as invenções sociais também participam nas inter-relações das estruturas dos fatos construtores da história. O processo das invenções sociais segue um continuum (espaço-tempo), que leva ao surgimento de valores, implicando alterações nos aspectos da moral, da estética e da religião e nos conhecimentos, afetando o modo como utilizamos o mundo físico. Boulding (2000) segue exemplificando as mudanças na família e seus padrões e métodos de educação, definindo os ritos de passagem da infância à adolescência, acrescento; à juventude e à fase adulta. A mudança nos métodos da educação infantil apresenta variações de tendência. Nas sociedades civilizadas existe um padrão mais rígido caracterizando a produção de personalidades autoritárias, nas sociedades pós-civilizadas busca-se um padrão que produza personalidades mais flexíveis, adaptáveis e controláveis. A educação é parte significativa nesse processo visto que, diz Boulding (2000): “...a estrutura da personalidade de uma geração depende

principalmente do modo como as crianças foram educadas na geração anterior”. (p.15).

Diante das argumentações de Boulding (2000), paramos e observamos a sociedade em que *experienciamos* viver hoje, a sociedade pós-civilizada, por diversos autores é postulada como pós-modernidade (em destaque citamos Santos¹²), encarnando o paradigma da ruptura com as características da modernidade; e por outros autores como a modernidade em seguimento, ou seja, a continuidade da modernidade, sem caracteres de ruptura. Mas a coisa não é tão simples assim, várias discussões surgem até se chegar a esta nomenclatura – “pós-modernidade”, que sustentada por autores como Lyotard (1989, 1993), Santos (1989, 1995, 2000), por exemplo; ganham diferentes variações de concepção, propostas de compreensão e formas de ação cotidiana, como as apresentadas por autores tais como; Baudrillard (1975, 1983), Jameson (1996), Haabermas (1987), e outros advindos de diferentes correntes de pensamento filosófico/científico. Não se traz as discussões mais profundas sobre a construção dessas posturas, mas tentar levantar a importância destes movimentos de leitura da história e transição das sociedades – como nos diz Boulding (2000) – para tentar demonstrar a chegada à sociedade da informação, visto que o lócus de nossa pesquisa se dá nesse tempo-espaço. Para tratar das questões tecnológicas Grinspun (1999), enfatiza que compreender as atitudes/desempenhos dos jovens à luz dos usos da tecnologia, percebidas/internalizadas em sua prática cotidiana, seja, nas escolas, na família, em casa, na casa de amigos, mídia, e, a construção da subjetividade na era da tecnologia se faz imprescindível se realmente pretendermos um futuro mais humano, solidário e inteligente.

A sociedade da forma que se apresenta hoje nos instiga a investigar sua configuração ao nos demonstrar que estamos vivendo um momento de conflitos, de divergências, desencontros, enfim de crises expressas no cotidiano marcado pelos pensamentos, até então, considerados fundadores de um projeto de vida para o homem que não se consumou como se esperava. Vivemos sob a égide de um pensamento fruto das argumentações e experiências científicas instituídas na modernidade. O pensamento científico moderno carregado de certezas, causas, efeitos e controles sobre os fenômenos, caracterizou-se por longo tempo pelas

¹² O sociólogo português cita o termo pós-modernidade em seu livro: A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência, São Paulo, Cortez, 2000.

ações do homem e conseqüentemente do jovem na vida cotidiana, e foi traduzido na história sob o poder de uma ética utilitarista progressista¹³.

Gleiser (1997) comenta;

“As grandes descobertas científicas de Galileu, Kepler, Descartes, Newton e muitos outros durante o século XVII provocaram uma profunda revisão na concepção ocidental do cosmo. O Universo medieval, finito e limitado, foi substituído pelo infinito de Newton, a morada de um Deus infinitamente poderoso o poder (mas não a intenção) do dogmatismo religioso de influenciar a evolução da ciência já não existia. Especulações escolásticas não podiam mais substituir resultados científicos obtidos a partir da interação entre teoria e experimento” (p. 197).

Este pensamento moderno dos séculos passados, desenvolveu sua argumentação baseada nos princípios do capitalismo burguês. Criou-se uma *cosmovisão*, ou seja, uma construção filosófica do pensamento moderno baseado no individualismo e no utilitarismo, *fundantes* de uma ética *privilegiadora* da técnica e sua manipulação, atingindo seu ápice na sociedade *tecnologizada* e informatizada dos séculos seguintes, XIX, XX e atual, XXI. O homem moderno ao descobrir-se potencialmente racional justificou a sua construção intelectual, seu agir e seu relacionamento social no mundo através da ciência. Apropriou-se das técnicas do fazer, manipulou-as em busca de uma realização dos ideais de liberdade e felicidade acreditando que estas eram *fundantes*, ou seja, os princípios originais. Acreditou que a razão humana traria mais conforto, segurança, bem-estar, igualdade, ideais de vida fraterna, além de poder prever os comportamentos dos fenômenos físicos que pudessem ameaçar sua sobrevivência. Neste momento aplicou seu potencial racional e enfatizou o uso da ciência como solução a possíveis problemas. Mas não parou aí! O aperfeiçoamento das metodologias científicas trouxe aos olhos humanos novidades e descobertas incríveis através de sua manipulação. Aguçou o desejo do homem em aperfeiçoar cada vez mais suas técnicas em nome de uma *felicidade* e *liberdade* entre os homens. Mas o tempo nos demonstrou que todo este esforço condenou o próprio homem a uma saga de luta por manter sua vida e relações sociais, políticas, econômicas e culturais, em níveis não prejudiciais a ele mesmo. O

¹³ Para aprofundamento ver PEGORARO, Olinto A. Ética e seus paradigmas. In: HÜHNE, Leda Miranda (org.). Ética. Rio de Janeiro: UAPÊ: SEAF, 1997.

projeto de felicidade e liberdade elaborados nos preceitos da física clássica, no método cartesiano de Descartes, na construção da razão e da Moral Kantiana, que caracterizaram o projeto Iluminista da Modernidade, hoje está sendo claramente questionados por uma nova linguagem – a física moderna.

Grinspun (1999) aborda as questões da tecnologia do ponto de vista de sua evolução na sociedade. Para a autora a tecnologia que temos é hoje utilizada por todas na sociedade contemporânea, mas que traçou uma trajetória há séculos atrás, relacionando-se as questões das próprias descobertas e avanços científicos da humanidade. “A evolução do seu conceito está relacionada a todo um contexto onde ela se insere”¹⁴ (p. 51). A tecnologia caracteriza-se, de forma geral, como um conjunto de conhecimentos, informações e habilidades que provem de uma inovação ou invenção científica, que se torna operacional por meio de métodos e técnicas, sendo utilizado na produção e consumo de bens e de serviços. A tecnologia e a ciência caminham sempre juntas em condição de reciprocidade, nessa visão Grinspun (1999) aproxima-se da visão de Morin (2001) quando este fala da conciliação cíclica da ciência e a técnica. Para Grinspun (1999) a tecnologia oferece recursos e avanços, porém impõe algumas normas e regras brotando uma nova ética nessas relações, que irão também passar pelas questões da educação que se pretende nesse contexto. Dentro do paradigma pós-moderno o conceito de educação deve estar consoante com o seu tempo, “partindo-se do pressuposto que a tecnologia já faz parte dessa modernidade, o que se observa nesta modernidade é que a construção do conhecimento tem como base a razão subjetiva, isto é, a construção parte do próprio indivíduo pela sua natureza sensível e racional”¹⁵. Esse processo irá contar com a *mundialização*¹⁶ da cultura, formando a infra-estrutura material para que a tecnologia se consolide, assistisse assim a implantação acelerada da sociedade da informação.

Assim, o homem caminha no seu espaço/tempo histórico em busca da realização deste projeto, sendo ele a figura *protagonizadora*. Celebra a supremacia da razão, da liberdade individual; passa a ser o sujeito autônomo com capacidade de pensar, decidir e, portanto, é o centro da sociedade.

¹⁴ GRINSPUN, M. (org.) Educação tecnológica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1999.

¹⁵ Ibid, p. 29.

¹⁶ Movimento em que se entende os espaços da sociedade agindo em conjunto.

No decorrer disto, as novas descobertas científicas; os “barbarismos” das guerras mundiais; as violências institucionais dos regimes autoritários e totalitários de diversos Estados nacionais; o crescimento da tecnologia e sua utilização; a rapidez da informação veiculando os diferenciais culturais e aprimoramento do sistema econômico capitalista, desencadeou novas significações no sentido do pensamento moderno, ressignificando-o em variações que nos dias de hoje constituíram um outro ideário ao pensamento científico – a pós-modernidade.

A tecnologia passou a fazer parte do dia a dia estando presente nos diversos espaços sociais: casa, trabalho, escola, lazer, e outros. Uma das características presentes a estas sociedades é a rapidez da informação. O *tempo* presente e contínuo é o grande ator do espetáculo construtivo da história da vida. Com o auxílio de uma máquina e um simples comando de ligar ou desligar o indivíduo pode estar interligado ao mundo todo, *presentificável* e talvez real; [a questão do real ou não que se coloca nas informações advindas da utilização das máquinas – computadores, telefones, televisões etc – é dúbia, pois anteposto à utilização da mesma está o indivíduo, que a manipula conforme a subjetividade peculiar dele, o que não garante se os relacionamentos interligados caracterizam-se “sempre” através de informações reais].

Outro aspecto da propagação avassaladora da comunicação através das redes digitais multimídias vem crescendo consideravelmente pelas oportunidades, que os avanços tecnológicos nestas áreas *infotelecomunicacionais*¹⁷ tem proporcionado.

A cada dia escutamos nos noticiários as fusões de mega empresas formando oligopólios que estão se tornando o centro do atual padrão organizacional nas indústrias de mídia e entretenimento. A causa disto está expressa em uma revolução acelerada a partir de *uma linguagem digital única*, habilitada a integrar processos, redes plataformas e sistemas, multiplicando a geração de conteúdos. Observamos assim a junção de setores que estão direcionando a uma explosão tecnológica. E “o cerne das mutações *comunicacionais* deslocam-se cada vez mais para a convergência entre tecnologias digitais, multimídia e realidade virtual”¹⁸.

¹⁷ Infotelecomunicação é o termo que designa a conjunção de poderes estratégicos relacionados ao macrocampo multimídia, utilizado por MORAES (2001,p.15) derivados dos três setores convergentes: informática, telecomunicação e comunicação.

¹⁸ MORAES, D. O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 14.

A *instrumentalização* tecnológica reúne três setores interdependentes que se organizam de forma flexível e acabam por viabilizar as interações *comunicacionais* cada vez mais sofisticadas e de velocidade espantosa. Os três setores são, segundo Moraes (2001) o de suporte técnico, de conteúdo: os softwares, programas televisivos e filmes; e de veiculação: os satélites, fibras óticas etc. estruturando assim o paradigma da *infotelecomunicações*. O modelo corresponde, de forma decisiva, aos impérios *midiáticos* em que a “comercialização” ilimitadas de produtos com tecnologias avançadas superdimensionam os serviços alimentando as indústrias globais de multimídia.

A concentração *multinacionalizada* está presente como paradigma tornando ajustar a indústria da comunicação aos setores mais dinâmicos do capitalismo, dando poderes hegemônicos ao Estados Unidos da América (EUA) como pólo de produção e difusão de conteúdos. Observamos isto através do seguinte fato relatado por Moraes (2001);

“há dez anos, existiam 330 empresas de telecomunicações no planeta. Hoje, (2001) são três mil só nos Estados Unidos O mercado de informática saltou, naquele país (...) A indústria de mídia e diversão foi o setor de crescimentos mais rápido da economia norte-americana entre 1994 e 1999 – à frente dos mercados financeiros e de serviços – e deverá manter essa liderança nos próximos quatro anos, segundo estudo do banco de investimentos Veronis Suhler” (p. 15).

A simbiose de infra-estruturas e plataformas revela-se crucial a *transnacionalização* da produção simbólica. A circulação dos negócios e das informações desvinculados das fronteiras tradicionais de comunicação ampliam os serviços das operadores de cabo, de telecomunicações, de radiodifusão e de informática. Através destas a distribuição constante da informação geram fluxos financeiros, idéias, serviços interativos e produtos variados. Os sistemas técnicos de alto desempenho permitem automatizar a busca de informações, gerenciar uma infinidade de operações e interconectar as redes. Constatamos assim a liberdade de informação e as tentativas de todos os países e estados para controlar o livre acesso à informação. No contexto das organizações político-sociais que constatamos em todos os países e estados espalhados pelo mundo hoje, sejam os ditos democráticos ou totalitários, não estão isentos das interferências que possam

assolar seus locais, sejam de cunho favorável ou não. Com isso se esforçam por enquadrar o acesso à informação, reprimindo-o, enquadrando-o, cerceando-o de uma forma ou de outra. Considera Lèvy (1998),

“Vivemos a época em que o conhecimento aumenta a um nível até aqui desconhecido, e onde a aceleração da História renova esse conhecimento cotidianamente. Nunca na história estivemos tão implicados nas questões ligadas ao acesso a informação e aos meios que a permitem. Porém todos parecem concordar com a idéia: diante da avalanche de termos cada vez mais e mais conhecimento, os meios para a ele acedermos têm que ser diferentes daqueles que eram há décadas. Encontramos então na sociedade de informação novos fetiches: os computadores, os espaços multimédia, a Internet, os telefones móveis de tantas e tantas gerações, as redes de TV por cabo e outros que virão na mesma intensidade viável de produção da transmissão”. (p. 17)

A internet [rede de informações via computadores] representa tecnologia imediata na informação, estabelece uma relação de troca de idéias no exato momento em que indivíduos se conectam, e interagem no nível abstrato. Não há encontro presencial, além destas interações acontecerem não somente entre duas ou mais pessoas de um mesmo local, ou várias pessoas ao mesmo tempo de locais mais diferenciados dentro do planeta. Não se pode reduzir a realidade a um pequeno mundo limitado ao contexto em que vejo e conheço. Há diversas realidades vistas por outros indivíduos. A partir do mundo que se constrói do que o indivíduo vê e percebe de si, do outro e da sociedade, são passíveis várias construções de realidade e não uma só. Assim se desenha um paradigma diferente do paradigma universal, e desta forma interfere diretamente no contexto de ação/informação/pensamento do indivíduo, modificando os espaços de construção da realidade e do sujeito.

Consideramos a interdisciplinaridade presente no sistema da vida do ser humano com capacidade de auto-reflexão, memória, fala, desenvolvimento de habilidades, simbolismos, autoconsciência, individualidade e coletividade, passado e futuro, comunicação pela linguagem, como um princípio para viver na sociedade da informação.

Para Educação encontramos um desafio de formar o cidadão desse mundo. E nos perguntamos sobre os espaços de aprendizagens, pois diante mudança da educação cada vez mais especializada, isolada, visionaria das análises como fim em

si mesma sendo encaminhada para a época das sínteses, do global, da agregação e da *complementariedade* das várias áreas do conhecimento; quais espaços constituem aprendizagem nesta perspectivas? Vários autores definem hoje a diversidade dos espaços de educação. Segundo Alves (2001):

“... são incontáveis espaçotempos nos quais se aprende ensina, em múltiplas redes cotidianas nas quais conhecimentos são criados e trocados (Apud, ALVES, 1999) (...) É possível aprender por toda parte e de muitas maneiras!”. (p. 8).

E em outra passagem Alves (2001) refere-se a escola como “*um espaço/tempo de relações múltiplas entre múltiplos sujeitos com saberes múltiplos, que aprendem ensinam, o tempo todo, múltiplos conteúdos de múltiplas maneiras*”; consideramos essa passagem como um “ver” em todos os espaços/tempos que vivenciamos no cotidiano, e aqui enquadro o espaço dos chats na internet como locus de aprendizagem educativa permanente em todos os aspectos, e inclusive de construção de valores, pois através de todos os assuntos veiculados ali há uma gama de intenções existentes ou não na sociedade a qual pertence o usuário no momento, além de considerar mensagens múltiplas com significados múltiplos, em que múltiplos sujeitos constroem as mensagens ali transmitidas.

O encontro e desencontro estabelecido entrem a formação dos jovens, seus valores, a vivencia na sociedade da informação (em particular na mídia com o uso do computador e do espaço do chat) constituem espaços de educação em que as tecnologias não cessam de irromper seus muros e *reconfigurar* sua estrutura.

Um dos temas mais comentados hoje na sociedade moderna contemporânea é o da juventude. Isso não se dá de forma “despropositada”, visto que, diante das incertezas vividas na crise da sociedade moderna, a busca de respostas às graves conseqüências destrutivas que o homem impôs a sua civilização, agora recorre desesperadamente a uma promessa de esperança. Esperança esta depositada nas “novas gerações”¹⁹, que responsabilizar-se-ão no empenho de reconstrução de uma nova condição humana. Enfim, refletir sobre a possibilidade dos jovens e a co-

¹⁹ Considera-se o termo para designar o grupo de pessoas de idade imediatamente inferior ao grupo de pessoas considerados adultos, e superior ao grupo de pessoas consideradas infantil.

responsabilidade social de construção de um novo paradigma que de conta desta realidade complexa em que vive hoje. Porém os estudos dos jovens nos demonstram que ainda precisamos caminhar na busca do entendimento, não somente, sobre a construção social dessa categoria, como também dos valores que constroem a partir dos modos como apreendem – educação - sua participação na sociedade da informação. Não deixando de considerar que hoje consideramos que a partir deste grupo se depositem as esperanças a feitos/fatos que nos realize enquanto seres planetários.

Hoje se encontra a discussão em todos os setores da sociedade, com isto reflete, em particular, sobre nosso objeto de estudo: os jovens, sua relação com a tecnologia da informação construindo identidades e maneiras de relacionar-se com a educação formal e informal a partir de valores estabelecidos e protagonizados por eles – jovens.

A importância dos espaços de construção de alteridade/subjetividade é primordial ao entendimento do processo de construção *identitária* do jovem, ou seja, da obtenção do conhecimento de si e da autonomia; por serem justamente nestes que ocorrem as interações relacionais que caracterizam o conhecimento adquirido, comenta Deleuze (1999), na forma organizacional *dialógica* que inclui as diferenças, o erro e acaso, a “*incompletude*” e a incerteza.

Os mitos religiosos quando questionados pela ciência rompem com a participação do homem na criação do mundo, separa ciência e subjetividade. Relegar a subjetividade, comenta Morin (2000) é o homem negar a si mesmo, tentar deslocá-lo da responsabilidade de participação e *protagonização* no mundo. E hoje identificamos a subjetividade envolta em relações de construção da alteridade de forma cada vez mais inexplicável através da lógica formal. Como exemplo podemos citar o caso do Jovem Sandro, que seqüestrou um ônibus, matou pessoas, feriu-as e suicidou-se a troco de que? Quem saberia responder sob qual complexa construção subjetiva se deu esta personalidade? Que valores *fundantes* da formação da identidade dos jovens estão presentes na sociedade tecnológica da informação hoje?

No *mundo da subjetividade* encontramos a experiência pessoal, íntima e única, intransferível. Passamos de uma inconsciência à consciência de si e da presença do outro na construção da alteridade. Este terreno é constituído da ontologia – metafísica do ser. Aqui a vivência da contemplação direciona a

imaginação, onde abstrair torna-se mais importante que o conhecimento adquirido no *mundo objetivo*. A oportunidade da vivência consciente seja através dos meios *tecnologizados* seja através das práticas do pensar dialógico, se busca a construção autônoma.

Pensar em uma metodologia pautada na ciência que hoje é construída pelos homens, que possa dar conta deste movimento transcendente subjetivo, não nos faz crer que exista. E nos leva a questionar a possibilidade da vivência única e intransferível como proposta, através da utilização do arsenal tecnológico, altamente especializados colocados a serviço do indivíduo, que de certa forma, contribui na formação de sua subjetividade/alteridade, já comprometida com amarras não só da sociedade, mas como do grupo juvenil a qual pertence.

Nessa vivência se inclui os valores também da ordem da experiência única e intransferível, em que os conhecimentos, sejam da ordem da matéria ou do sentimento, estão expostas as condições valorativas peculiar a cada indivíduo. A partir do momento em que se valora estabelecem-se relações que serão pertinentes à ação. Diante das infinitas possibilidades relacionais vivenciadas hoje pelo homem moderno contemporâneo na sociedade da informação, torna-se pertinente questionar não só a forma com que estes espaços estão sendo utilizados [o que é uma limitação de nossa pesquisa] mas em particular, o que se refere a nossa investigação, os valores implícitos nestas vivências relacionais informatizadas: Quais os valores que estão sendo veiculados? Como e a partir do que se identifica este valor? Estes valores podem estar relacionados a uma possibilidade de construção da identidade juvenil?

Ao levantar as problemáticas da crise generalizadas no conhecimento observam os que Najmanovich (2001) em sua fala nos remete a questão da produção de sentido. Este movimento de produzir sentido está diretamente relacionado aos valores que o próprio homem estabelece como diretrizes às suas práticas sociais. Ela comenta;

“Nas últimas décadas os modelos cognitivos, os valores e as práticas da modernidade entraram em uma crise que muitos consideram terminal. O pensamento contemporâneo se satisfaz em desenredar a complexa meada de conceitos, metáforas, inferências que tem estruturado a concepção moderna do mundo. De diversas perspectivas, que incluem a lingüística, a filosofia da linguagem, a teoria da categorização, a inteligência artificial, a psicologia

cognitiva, a teoria literária, a crítica da arte, a filosofia da ciência, vem sendo questionado o discurso moderno a respeito do sujeito, o conhecimento e a produção de sentido” (p. 08).

Através do pensamento o homem é capaz de interpretar e avaliar os acontecimentos, atribuindo assim um *juízo de valor*. Chauí (1999) define juízos de valor como a *avaliação sobre as coisas, pessoas, situações e são proferidos na moral, nas artes, na política, na religião e avaliam coisas, pessoas, ações, experiências, acontecimentos, sentimentos, estado de espírito, intenções e decisões como bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis*. Considerando a abrangência do campo em que o homem atua de forma valorativa sobre sua vida e a capacidade de inferência sobre este, podemos incluir que no campo dos valores as intenções podem ser *constituidoras* de sentidos e significados, tendo a seu suporte a linguagem nas suas mais variadas formas de expressão. Melgaço (1998) comenta:

“existem muitas teorias e explicações a respeito do significado da expressão valor. Não existe um consenso sobre o significado e o contexto de onde se origina a idéia de valor. O significado está associado ao contexto onde a idéia é percebida ou captada. Assim cada um irá definir o significado [atribuindo-lhe sentido] de acordo com a sensibilidade e capacidade de percepção de um determinado universo de fenômenos. E como o grau de sensibilidade é algo fantásticamente variado se torna extremamente impossível chegar a um consenso. O que ocorre naturalmente é a reunião de grupos de idéias muito próximas entre si que formam ao longo da história sistemas ideológicos e doutrinários. (...) portanto, vários grupos procuram mapear o contexto e o seu significado de acordo com a visão particular de cada grupo”.(p. 29).

Consideramos essa abordagem ao tratamento dado as construções valorativas que garimpamos em nossa pesquisa.

Os valores se transfiguram com nossa construção histórico-social, estão em constante mutação. Costumamos dizer que *entram em crise* enquanto não os definimos de um espaço/tempo para outro espaço/tempo, e os legitimamos quando nos damos conta de que já estão com vida latente em nossa sociedade. Precisamos estar sutilmente sensibilizados para não somente acompanhar essas modificações como também para participarmos ativamente das construções valorativas que desejamos formar e dar sentido as nossas ações. Que a filosofia os auxilie e as ações os legitimem!

Para Scheler (1994), os valores estão de acordo com critérios: durabilidade, divisibilidade, *fundamentalidade*, satisfação produzida, grau de relatividade. E a partir desses critérios propõe uma hierarquia em que os valores assim se classificariam: em primeiro os valores do agradável e do desagradável: prazer e dor; o que encontramos consonâncias com os jovens que entram e saem das salas de chats aborrecidos com as interferências em suas conversas, ou com aqueles que se aborrecem por estarem sendo zoados e outras características que iremos trabalhar. Em segundo os valores vitais: bem-estar, tais como identificamos como angústias, tensões, que dentre as conversas identificamos raras preocupações com a questão dos horários de acesso. Pudemos observar nas conversas informais com jovens que a maioria prefere participar das conversas em chats nos horários da noite já em horas avançadas, muitas vezes não se preocupando com as questões de saúde. Porém nessa abordagem pouco desenvolverá as análises, pois não é foco em questão, o que sugerimos que seja alvo de maiores aprofundamentos em uma outra pesquisa. E em terceiro os valores espirituais em sub-divisões, indo dos valores do belo e feio, estéticos, aos justos e injustos, e ao do conhecimento da verdade, e aos valores do santo e profano. Nesse item identificamos os reclamos das injustiças quanto as regras que poderiam ser estabelecidas para a navegação na sala de chat. Encontramos variações múltiplas para esse item, dentre eles podemos identificar também que a maioria das conversas, em torno de 90% inicia através de descrições físicas para daí se traçar o desenrolar de outros assuntos. E também em como transfiguram suas imagens físicas para se manterem nas conversas. Nessa classificação nos interessou abordar as questões que elucidam a relação entre o real e o virtual.

Nos aspectos referentes à subjetividade nos reportamos a Grinspun (2000), quando considera a questão dos valores dos jovens e da escola sob o aspecto da construção interacional a ser alcançado por meio da convivência social, humana, de experiências tanto no espaço pedagógico como nas relações trançadas no cotidiano da vida.

Além dos valores estarem colocados na interação entre os sujeitos e seus contextos [indivíduo + sociedade] devemos considerar o que “a pessoa percebe o que vale para ela enquanto ser singular que difere dos demais, o seu entendimento a respeito dos valores grupais e dos princípios morais” (ANTUNES, 1999, p. 2), que poderão tornar-se mais profundos.

Procuramos então compreender a construção da subjetividade a partir da capacidade de valorar do homem interferindo na construção da identidade juvenil e vice versa. Na seqüência deste movimento, poder oferecer um retorno, se considerando importante ao auxílio dado aos jovens, no sentido de que venham a descobrir os valores que lhes são válidos, em que se amplia o campo de visão sobre os valores que poderão vir a eleger como significativos para viver e conviver de forma autônoma em sociedade. Assim, as contribuições para reflexão crítica de maior riqueza está quando de posse destes dados, tanto para o jovem e sua interação com a sociedade e suas práticas pessoais, como também para escola, nas suas variadas formas de ensino-aprendizagem, no sentido de gerir os novos conhecimentos nesta área que contribuam à educação e à projetos de atendimento aos jovens. É nesse sentido que falamos sobre os valores na formação do jovem e na educação.

CAPÍTULO 2. IMPLICAÇÕES DA TECNOLOGIA E O ALCANCE DO ESPAÇO VIRTU@L NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

“Os anos vinte deixaram testemunhos diversos de uma silenciosa ‘revolução copernicana’, uma verdadeira migração do ‘lugar do pensamento’ fundada na afirmação de que não é o sujeito a ‘chance primordial do Ser’, mas sim nossa vulnerabilidade à alteridade”.
(Bartholo Júnior, p. 09).

As mudanças sociais têm ocorrido de forma tão rápida e surpreendente que as pessoas parecem ainda confusas no papel tanto de espectadoras como de atoras nessa situação. Os avanços tecnológicos alteraram por completo as relações até hoje estabelecidas entre o ser humano e o seu cotidiano.

A complexidade da noção e do contexto de produção e aplicação da tecnologia não se pode reduzir ao uso apropriado ou não da técnica, materializada através dos instrumentos ou procedimentos do ato de fazer, derivadas da razão. Sua dimensão transcende à manipulação e comporta, não somente a disposição adquirida para o fazer, mas exige a construção de competências para execução dos instrumentos. Possibilita o aparecimento de novos saberes, produtos e serviços que se impõe à natureza das coisas e dos homens, sem oferecer-lhes muitas opções de reversibilidade das suas aplicações, podem conter ilusões acarretando desafios à tecnologia em si, e a serviço do que se deseja. A perspectiva da criação pode ser fator tanto de determinação como de emancipação e autonomia humana e social frente às perspectivas abertas pelos avanços da técnica.

Frente à problemática exposta acima, e dos tantos autores que se leu, uma questão salta ao pensamento: tecnologia, boa ou ruim? Sim, porque todos os autores nas diversas teorias que tentam elucidar o fenômeno do aperfeiçoamento da techné [termo utilizado para referir-se à técnica em seu estado de natureza de manipulação] e do avanço tecnológico implícito nos deslocamentos dos fatos

históricos e sociais, reescrevem e redesenham as relações do homem com suas maneiras de pensar, agir, enfim de adquirir e construir *cosmovisões* sobre a maneira de conceber sua estada no mundo, deixando sub-repticiamente transparecer a particular subjetividade que delineou seu pensamento.

Assim, reflexões de diversos autores se encaminham na visão ontológica, filosófica, epistemológica, da influencia relacional da tecnologia na vida do homem.

O aperfeiçoamento desta tecnologia proporcionou ao homem apropriar-se do processo de comunicação cada vez mais sofisticado, ao mesmo tempo, em que nesta interação re-significa valores e reorganiza as estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, bem como, a maneira de lidar com essas estruturas em constante mutação.

A discussão dessa questão é muito mais profunda em cada área que compõe o cenário, hoje, da pós-modernidade e da composição de uma estrutura social voltada e direcionada pelos escritos do domínio das informações e do mercado. Os conhecimentos na sociedade da informação demonstram ser “desterritorializados”²⁰ e definidos pelos parâmetros da competitividade na *qualidade da informação adquirida*. Mas não para aí, a constante mutação informacional do conhecimento vai além das fronteiras epistemológicas, isto é, conhecimento sobre a construção/formação da tecnologia, levanta o discurso das competências e habilidades que possam estar intimamente interagindo com este conhecimento para gerar criação. E aí está presente o diferencial do homem contemporâneo – O CRIATIVO – aquele que imagina, e é capaz de inovar e inovar acima do inovar, por suas competências, habilidades cognitivas – analógicas e técnicas – digitalizadas.

Surge um paradigma posto sobre as bases da crítica à modernidade. Uma constatação hoje em dia, das noções sobre o sentido ou o contra-senso, sobre o benefício ou o malefício trazidos pelo uso das tecnologias da informação – entre elas: o uso do computador, a internet e a realidade virtual dividem os homens em duas vertentes: os otimistas e os pessimistas. A discussão ferve entre as oportunidades e perigos,

²⁰ O termo, segundo SILVA (2000), “nomenclatura introduzida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, significa codificar, submetendo a regras e controles, setores ou elementos da vida social, como por exemplo, a família, o trabalho, o corpo. Na análise de Deleuze e Guattari, o capitalismo caracteriza-se por um processo generalizado de desterritorialização, isto é, de decodificação ou afrouxamento de regras e controles tradicionais, seguidos por um processo de reterritorialização, isto é, de instituição de novos e renovados controles e regras”. (p. 39).

“medos e esperanças, felicidade e infelicidade, compreensão e recusa, aceitação e rejeição, fascinação e frustração, entusiasmo e repúdio, sonhos e pesadelos, essência e aparência, luz e trevas, euforia e demonização, apoteose e apocalipse, céu e inferno. (...) Precisamos procurar, e encontrar, um caminho intermediário entre essas duas posições extremas”. (Kolb, 2001, p.09).

Torna-se incontestável a necessidade de achar um caminho entre as divergências mediante a irrevogável presença da tecnologia nas relações entre os homens, seja consigo mesmo, no coletivo ou no e com o mundo. A necessidade de reconhecer o homem incluso no seu próprio mundo objetivo. A busca pela simbiose *homemundo*²¹.

Diante das divergentes concepções do uso das tecnologias da informação, para dar o rumo positivo ou negativo as ações do homem, advindas da sua própria produção tecnológica seja material ou intelectual - que vira material e vice versa -, encontramos pontos de tensão construtivas dentre os teóricos mais significativos. Tenta-se aqui refletir um pouco sobre os impactos das relações tecnológicas e da informação revelados no cotidiano nos fatos sócio, políticos, econômicos e culturais, a partir das teorias científicas da construção do conhecimento.

Discutir o paradigma midiático implica considerar o desenvolvimento do homem na relação que estabelece com sua produção tecnológica e as mudanças estruturais advindas. Não se pretende estabelecer relação de causas ou efeitos, mas considerar as concepções epistemológicas sobre a relação Homo e techné de Morin (2001) na seguinte visão:

“se tento refletir sobre esse título (epistemologia da tecnologia), começo a perguntar-me se, de fato, não estamos num universo em que a epistemologia já está tecnologizada sem saber, considerando este objeto abstrato: a tecnologia”. (p. 108).

Sendo assim, a tecnologia do pondo de vista epistemológico não se concebe em noção isolada da techné, e sim apresentação como uma complementação na

²¹ Termo que a pesquisadora utiliza no sentido de completude e complementaridade da relação homem/mundo na visão a partir do paradigma quântico.

relação existente que vai “da ciência à técnica, da técnica a indústria, da indústria à sociedade, da sociedade à ciência”²² numa relação cíclica e contínua de produção - “a ciência que produz a técnica, que produz a indústria, que produz a sociedade industrial” (op.cit p. 48) que produz, que produz... e retroagir será a característica desse processo que leva a compreensão do termo *techné* como interativo e não isolado na condição de conceito dispare e simplificadores de uma visão restrita e específica.

Porém à visão cíclica de Morin (2001) deve integrar-se à interação na *metarelacão* estabelecida entre as partes envolvidas no processo, para não correr o risco da simplificação reducionista moderna.

O primeiro passo no sentido de conceber a *epistemologia da tecnologia*²³ sob este ponto de vista, diz Morin (2001), é considerar a tecnologia a *macroconceitos indeterdependentes* da ciência, da indústria, da sociedade, e da técnica, pois a compreensão a soluções dos problemas da civilização ocidental está diretamente ligada a necessidade de evolução e transformação do circuito, com características advindas da auto-regulação. A extrapolação do circuito aparece como pano de fundo às discussões nas rodas teóricas mais conceituadas mundialmente (Escola de Frankfurt dentre outras). Encontra-se o fator da manipulação, que quase por indução (advinda dos conceitos ainda arraigados da ciência moderna) evoca os padrões da experimentação a seu serviço, coexistindo com a presença das questões da responsabilidade do homem como manipulador da *techné*.

Morin (2001) aborda:

“A manipulação dos objetos naturais foi concebida como emancipação humana pela ideologia humanista-racionalista. Até é poça recente, o domínio da natureza identificava-se como desabrochar do humano. Verificou-se, entretanto, uma tomada de consciência nos últimos decênios: o desenvolvimento da técnica não provoca somente processos de emancipação, mas também de novos processos de manipulação do homem pelo homem ou dos indivíduos humanos pelas entidades sociais” (p. 108 – 109).

²² MORIN, E. *Ciência com consciência*. Petrópolis: vozes, 2001.

²³ Esse termo foi apresentado no colóquio internacional “Tecnologia e cultura pós-industrial”, organizado pelo Centro de Estudos do século XX e pela Universidade de Nice, Nice, 12 de maio de 1978, publicado em *Mediaanalyses, Cahiers des recherches communicationnelles*, I, 1981.

Demanda-se hoje um cuidado enorme na manipulação da *techné* e dos novos processos de manipulação do homem pelo homem. A tecnologia serviu ao homem, mas também o colocou em posição delicada para com os cenários de progresso que desenvolveu. Ao mesmo tempo em que emancipou e liberou o homem de trabalhos físicos, manuais considerados “pesados”²⁴, o encaminhou para o trabalho intelectual mais sutil. Podemos observar que este fato, historicamente concebido, não trouxe ao homem uma “condição de vida melhor”²⁵, assim descrevem autores como Boron (1999), Castell (1999), Senn (2000) e outros; mas o condicionou a caminhos de “*insatisfação emocional e espiritual*”²⁶ e aumento das desigualdades sociais.

Indo nessa linha de extrapolação das relações cíclicas do homem com a tecnologia produzida, Morin (2001) utiliza o termo “novos processos” para referir-se as diferentes formas de sujeição ou subjugação que não as inventado no passado da história do homem, como por exemplo, a sujeição ou subjugação com relação aos animais na pré-história, mas as novas formas junto às tecnologias, em que se referem a novos modos de manipulação. A “manipulação exercida sobre as coisas implica a subjugação dos homens pelas técnicas de manipulação” (op. cit., p. 109). Exemplifica na relação estabelecida do homem com a máquina. Produzem-se máquinas para estar a serviço do homem ao mesmo tempo em que os homens estão a serviço das máquinas. Observa-se então que o homem está sendo manipulado pela e para a máquina, no discurso de liberdade do homem sobre as coisas. É a velha história do homem e o relógio. Será que consegue o homem, hoje, viver sem seu relógio preso ao pulso?

Essa relação vai além da forma ou perfil de manipulação diz Morin (2001), invadindo a epistemologia da sociedade e da civilização, em que os lógicos das máquinas artificiais são cada vez mais aplicados a vida cotidiana. É neste momento que ocorre a “origem da nova manipulação”²⁷. Daí aplicar tecnologia não somente ao trabalho manual, mas reescrever concepções de sociedade e de vida do homem. A

²⁴ Trabalho considerado de esforço físico, que sobrecarrega o corpo humano biologicamente.

²⁵ Para alguns autores a “condição de vida melhor está relacionada a satisfação das condições mínimas de sobrevivência – acesso e manutenção de renda, de alimento, moradia, saúde, educação, segurança – segundo os autores: Robert Castell (1998); Atílio Boron (1999); e outros pegar nos trabalhos do Pablo e meu trabalhos de cidadania.

²⁶ Segundo MELGAÇO, 1999, o homem vive o conflito dos valores materiais desconhecendo os valores espirituais; não alcançando satisfação e felicidade por não atingir a transcendência aos valores mais sutis, componentes essenciais a vida espiritual humana em harmonia com a vida material terrena.

²⁷ Ibid, P. 109.

reorganização do pensamento diante do surgimento da teoria da informação e da cibernética conduz a dois eixos orientadores desse pensamento; que não são excludentes ou divergentes, mas posicionam-se quanto à forma de direcionamentos quando aplicados: a existência de uma

“nova mensagem e nova complexidade que poderia nos levar a enriquecer o olhar, ou seja, a cibernética resgata a idéia de finalidade no sentido de organização de um todo que não se reduz a soma de suas partes, enriquecem a causalidade com as idéias de retroação negativa e positiva“. (Morin, 2001, p. 110).

O outro eixo seria o da cibernética que “serviu também para a redução de tudo aquilo que é social, humano e biológico à lógica unidimensional das máquinas artificiais”²⁸. Exemplo como a substituição de órgãos biológicos por órgãos mecânicos e/ou computadorizados; a substituição do desejo sensível – de ser -, pelo desejo material utilitarista – do ter -, que tanto constatamos nas propagandas veiculadas pelos meios de comunicação.

A diferença sutil está na capacidade de *geratividade*²⁹. Perguntaríamos: e ao poder de criação do homem?

A auto-reprodução, a auto-produção e auto-reparação estão presentes no menor ser biológico, mas não está no ser artificial, justamente por estarem baseadas na racionalidade e funcionalidade, na centralização, na especialização e na hierarquia, há inexistência do sujeito nessa teoria.

Mas o que dizer das inteligências artificiais? O que dizer dos programas de computador que o próprio homem já conseguiu gerar; programas que auto se programam? Qual o limite entre eles? Significa que as máquinas são criadoras também! Criam novas redes de aplicação a partir da inferência de novas informações, se auto-programando em rede. Significa que também auto-reparam, auto-reproduzem e auto-produzem. Mas não são capazes de *geratividade*, de gerar outros “*seres computador*”³⁰!

²⁸ MORIN, E. Ciência com consciência. Petrópolis: Vozes, 2001.

²⁹ Termo utilizado por MORIN (2001), para indicar a capacidade de gerar do ser humano, no caso a procriação no sentido de criar algo novo, de ser o gerador de algo novo.

³⁰ A expressão procura evidenciar a questão de procriação, capacidade dos seres vivos e não de objetos.

Uma única capacidade é posta em jogo: a *geratividade*, ou seja, conceber.

E acrescentaríamos, extrapolando a fronteira sutil do concreto e do abstrato, o computador não tem a capacidade de imaginar e intuir. Essa característica salvaguarda-se ao homem!

Os indivíduos, sujeitos, seres preconizam realidades existenciais centrais, não redutíveis, ou seja, presença constituída dos processos lógicos de desordem convivendo simultaneamente com a destruição e a criatividade, entremeada pela liberdade. Conflitos constantes não “são escórias ou *anomias* inevitáveis”³¹. A sociedade e o homem são fenômenos de auto-produção permanente desenvolvido por processos “de criatividade e invenção não redutíveis à lógica da máquina artificial”³².

A palavra tecnologia carrega consigo o significado de “conjunto de conhecimentos especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade, exemplo: tecnologia mecânica”³³. Ora, se a tecnologia resume-se ao específico, mais do que claro, poder conceber que implícito ao bom ou mau uso, estará em relação de interdependência a *cosmovisão*, também implícita, ao conjunto sócio-histórico do momento. E aqui refletimos com o teórico Max Weber, que em sua tentativa de elucidar os movimentos sociais através dos fatos históricos, considera os atores sociais não *dimensionalizados* nas amarras deterministas da modernidade, nas relações de causa e efeito, mas relacionados as suas necessidades e interesse que visualizam e se organizam para alcançar tais intuitos sem quaisquer modos pré-estabelecido como lógico. O que podemos concordar também com os preceitos da teoria do antropólogo e filósofo francês Edgar Morin (2001), partindo do princípio da interdependência complexa entre as parte, em que se organizam os sistemas auto-regulativos. E acrescentamos que nenhuma dessas teorias citada até o momento está desconexas do conhecimento do mundo que o próprio homem construiu, intrínseco ao aperfeiçoamento tecnológico que empreendeu através dos estudos científicos tecidos ao longo da história. A mais moderna compreensão do mundo físico e a *cosmovisão* constituída a partir dela, advém das descobertas da física Moderna e/ ou quântica que reestrutura os princípios da física clássica.

³¹ MORIN, E. Ciência com consciência. Petrópolis: Vozes, 2001, p.110.

³² Idem, p. 110.

³³ Dicionário da Língua Portuguesa, p. 1656.

Tomamos as palavras de Cristo aos *condenadores* de Madalena: - *Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra*; e arriscaria uma metáfora: - *quem não coprotagoniza da sociedade hoje tecnologizada e informatizada, que atire a primeira pedra!*

Condenar ou Adorar?

Pensando nas reflexões do antropólogo francês Morin (2001), ainda podemos fundamentar a metáfora: - como podemos dizer que somos livres se nem mesmo podemos escolher entre os dias e as noites? Estamos sobre elas sem escolhas. A profundidade desta reflexão nos auxilia a refletir sobre a afirmação de que muitos poderão dizer que não tem envolvimento com a tecnologia e também não querem participar das suas transformações, e negarem sua participação; mas no mundo, todos hoje, mesmo que não queiramos vivemos no espaço/tempo da tecnologia; máquinas a nosso serviço – satélites, celulares, carros, computadores, frises, geladeiras, os alimentos com fertilizantes e inseticidas e por aí vai Poderiam questionar sobre os nossos índios, mas de certa forma também utilizam sua tecnologia para caçar ou pescar; e o que dizer do homem do campo com seu artefato manual, o tecnológico, a enxada? Sim, tecnologia sempre conviveu na história do homem. Mas nada como se convive agora nas sociedades civilizadas³⁴, pós-modernas.

Se o intuito é condenar, então condenamos nossa própria construção histórica até o presente momento. Mas, uma ruptura tão brusca assim sabe-se que é uma narrativa ilógica, pois não conseguiremos *desconstruir* toda e qualquer “parafernália tecnológica”, até então servindo ao homem, mesmo porque, hoje nos organizamos e continuamos a nos desenvolver em sociedade junto à aplicabilidade da tecnologia. Além, de pensar ser um saudosismo inaplicável e sem soluções às problemáticas existentes hoje nas sociedades pós-modernas.

Martín-Barbero (2001) ao discutir a influência da mídia televisiva na produção simbólica nas culturas latino-americanas apresenta uma postura, se assim podemos chamar, de desconfiança, denúncia e um certo pensamento pessimista ao se referir à influência tecnológica, apesar de apresentar total adesão à discussão mais refinada no que tange a sociologia e cultura sob o matiz da *sociedade da informação*, comenta: derivadas da razão

³⁴ Civilização no sentido que BOULDING (s/d.) cita em seu livro “O significado do século XX” , ver na introdução deste trabalho.

“Inserida na experiência global, a experiência cultural latino-americana deste fim de século não pode ser pensada fora das novas estruturas comunicativas da sociedade, uma vez que elas configuram boa parte de suas apostas e de seus pesadelos. Referimo-nos à hegemonia da razão comunicacional que, diante do consenso dialogal, do qual se nutre, segundo Habermas, a “razão comunicativa”, se acha carregada de opacidade discursiva e de ambigüidade política, introduzida pela mediação tecnológica e mercantil cujos dispositivos – a fragmentação que desloca e descentra, o fluxo que globaliza e comprime, a conexão, que desmaterializa e híbrida – agenciam o devir mercado da sociedade. Nesse processo, o protagonismo das tecnologias – antes chamadas meios – é cada vez maior. E se deve especialmente a um duplo movimento: ao seu instalar-se em não importa em que região ou país como elemento exógeno às heranças culturais e às demandas locais e ao seu converter-se em conector universal dentro do global, em dispositivo estrutural de produção em escala planetária. A fascinação tecnológica, aliada ao realismo do inevitável, produz densos e desconcertantes paradoxos: a convivência da opulência comunicacional com debilidade do público, a maior disponibilidade de informação com a deterioração palpável da educação formal, a explosão contínua de imagens com o empobrecimento da experiência, a multiplicação infinita dos signos em uma sociedade que padece de maior déficit simbólico. A convergência entre sociedade de mercado e racionalidade tecnológica dissocia a sociedade em “sociedades paralelas”: a dos conectados à infinita oferta de bens e saberes, a dos inforricos³⁵ e a dos excluídos cada vez mais abertamente, tanto dos bens mais elementares como da informação exigida para poder decidir como cidadãos. (...) aí radicam algumas de nossas mais secretas e exasperantes violências. Porque as pessoas podem, com certa facilidade, assimilar os instrumentos tecnológicos e as imagens da modernização, porém, só muito lenta e dolorosamente podem recompor seu sistema de valores, de normas éticas e virtudes cívicas. A incerteza, que vem com a mudança de época, está em nossa sensibilidade, mas à crise dos mapas ideológicos se agrega uma forte erosão dos mapas cognitivos, que nos deixa sem categorias de interpretação capazes de captar o rumo das vertiginosas transformações que vivemos”. (p. 29 – 32).

De fato a influência da tecnologia da informação nos ditames da hegemonia comunicacional que predomina hoje através das mídias, - incluímos aqui o nosso foco de estudo: o ciberespaço; ressalta a questão das desigualdades e impossibilidades de reversão do quadro em todos os campos da sociedade contemporânea: o político, econômico, social, cultural e educacional; além de ampliar a interdependência entre eles. Grinspun (1999, p. 15) analisa que “os avanços científicos e tecnológicos mostram-nos que essas mudanças são irreversíveis e só tendem a se ampliar, uma vez que existe uma rede de conhecimentos que cada vez mais se multiplica e se entrecruza nos seus objetivos”.

³⁵ Aqueles que são ricos em informação.

Não seria pelo fato de identificarmos condições irreversíveis e de tal seriedade ideológica/científica que poderíamos somente analisa-lo sob condições deterministas. Ao contrário, a sociedade pós-moderna nos remete justamente as condições ricas de contradições e por conseguinte as condições de *indeterminação*³⁶.

A visão de Martín-Barbero (2001) nos instiga a refletir sobre a responsabilidade dos usos da tecnologia desenfreada que arrebatou um período histórico/social e que deixa um legado da necessidade de profundas reflexões e compreensão do fenômeno. Morin (2001) nos trará, também, a discussão sobre o resgate da responsabilidade no uso da tecnologia. Nos fala que a imbricada vinculação entre a ciência e a técnica apresenta-se de forma dominante e indissolúvel. A manipulação desta relação a cada dia, mais aperfeiçoada e acelerada gera a Big Science – a tecno-ciência e seus poderes – centrada nos ditames do mercado e *infronteiras* da globalização, e chegou ao:

“saber anônimo que não mais é feito para obedecer a função que foi a do saber durante toda a história da humanidade, a ser incorporado nas consciências, nas mentes e nas vidas humanas. O novo saber científico é feito para ser depositado nos bancos de dados e para ser usado de acordo com os meios segundo as decisões das potências” (p.127).

A produção de este novo saber desapropria do homem seu papel de co-autor do conhecimento. A burocratização associada a *hiperespecialização* do trabalho isenta do homem a responsabilidade sobre seus atos. Segundo Lèvy (1999), “quando colocamos de um lado as coisas e as técnicas de outro os homens, a linguagem, os símbolos, os valores, a cultura ou o mundo da vida, então o pensamento começa a resvalar”, e a cegueira instala-se pelos valores declarados culturais considerando que somos *condicionados* por processos materiais. Os produtos da técnica, hoje, tornaram-se fontes do imaginário constituindo parte ativa das relações construídas do sujeito consigo e com o meio. Husserl (apud, Morin, 2001, p. 128) enfocando também sobre o estado de “cegueira” argumenta sobre o

³⁶ Termo utilizado por Paulo Freire para definir a possibilidade de novas novos conceitos sobre a construção do conhecimento científico/político/social.

“buraco cego da consciência de si mesmo”³⁷. Husserl (apud, Morin, 2001, p. 128) mostrou a existência de um “buraco-cego” no *objetivismo* científico, que na prática descompromete o cientista (homem) de seu produto científico:

“A partir do momento em que, de um lado, aconteceu a disjunção da subjetividade humana reservada à filosofia ou à poesia e, de outro, a disjunção da objetividade do saber que é próprio da ciência, o conhecimento científico desenvolveu as maneiras mais refinadas para conhecer todos os objetivos possíveis, mas se tornou completamente cego na subjetividade humana; ele ficou cego para a marcha da própria ciência: a com os métodos de que dispõe hoje em dia”. (p. 128).

Morin (2001) acrescenta que a irresponsabilidade dos cientistas para com os outros cidadãos também passa pela cegueira da “ignorância da ecologia da ação”³⁸- o termo significa que as ações humanas quando são iniciadas escapam das mãos daquele que a realizou e se torna parte do “jogo das interações múltiplas próprias da sociedade” (op. cit., p. 128), e podem estar então sujeitas ao desvio de seus objetivos e destinos, tomando direções opostas ao que era pretendido inicialmente. Sugere que este fato deva ser amenizado com a participação de sujeitos conscientes no processo de produção da ciência e seus avanços tecnológicos.

A visão que inclui o sujeito no processo de responsabilidade junto à tecnologia, desbrava os horizontes do ser *incondicionado*, e confirma a visão do sujeito relacional, que Lèvy (1999) deseja abordar em seu discurso, como aquele capaz de adquirir consciência de sua participação nos movimentos históricos entrecruzados pela produção tecnológica e que poderá reescrever suas condições de relação com esta tecnologia, superando mecanismos *sociotécnicos* preestabelecidos, em direções de análises concretas baseadas em desdobramentos de uma instancia explicar a outra, ou seja, nega a condição determinista da *tecnociência* explicar a economia, que explica a organização do trabalho, que explica a organização social/ política, que explica a cultura, que explica a ideologia, que

³⁷ Husserl diagnóstica a obediência do homem a máquina e assim não saberá de seu destino. Encontramos esta referencia no livro de MORIN, Edgar. Ciência com consciência. 5ª ed. Rio de Janeiro.

³⁸ idem, 2001, p. 128.

concebe a ciência, que concebe a técnica, que concebe a economia, e assim sucessivamente.

Ao contrário dessa visão de causalidade e ao mesmo tempo sem perspectiva de ruptura, Lèvy (1999) não toma estas instancias como dimensões de análise por serem abstrações, ou seja “nenhuma destas *macroentidades* ideais pode determinar o que quer que seja, porque são desprovidas de qualquer meio de ação” (op.cit., p. 12). Na sua análise os agentes efetivos de mudanças são os indivíduos situados no tempo e no espaço, acrescentamos a esta visão de Lèvy (1999), não somente o indivíduo relacional, mas ampliar esta perspectiva concordando com Najmanovich (2001) e Weber (1997) – na visão da perspectiva histórica, em ser o sujeito relacional o agente no espaço/tempo de ação. É nesta perspectiva que trabalha também Morin (2001) quando rompe o circuito da técnica, pela ciência, pela indústria, pela sociedade ciclicamente concebida. Porque neste *extrapolamento* está, novamente presente, o *sujeito relacional e potencialmente indeterminado* (FREIRE, 1999).

Continua a firmação de Lèvy (1999) esclarecendo sua postura de forma muito bem colocada nessa passagem:

“Abandonam-se os jogos de paixões e embriaguez, às artimanhas do poder e da sedução, aos refinamentos complicados das alianças e das reviravoltas nas alianças. Transmitem uns aos outros, por um sem número de meios, uma infinidade de mensagens que eles se obrigam a trancar, falsear, esquecer e reinterpretar de seu próprio jeito. Trocam entre si um número infinito de dispositivos materiais e objetos (eis a técnica!) que transformam e desviam perpetuamente (...) No rio tumultuoso do devir coletivo, é possível discernir várias ilhas, acumulações, irreversibilidades, mas por sua vez estas estabilidades, estas tendências longas mantêm-se apenas graças ao trabalho constante de coletividades e pela reificação eventual deste em coisas (eis de novo a técnica!) duráveis ou facilmente reproduzíveis: construções, estradas, máquinas, textos em papel ou fitas magnéticas (...) A serviço das estratégias variáveis que os opõem e os agrupam, os seres humanos utilizam de todas as formas possíveis entidades e forças não humanas, tais como animais, plantas, leveduras, pigmentos, montanhas, rios, correntes marinhas, vento, carvão, elétrons, máquinas, etc. e tudo isto em circunstâncias infinitamente diversas. Vamos repetir, a técnica é apenas a dimensão destas estratégias que passam por atores não humanos” (p. 14).

A intenção do questionamento da tecnologia posta entre o pessimismo e o otimismo é justamente suscitar a reflexão da existência da polêmica da relação

entre o *Homo* e *techné*, que como discutido, nos leva a questões profundas indo das existenciais às científicas.

Autores como Lèvy (1999) trazem uma visão mais otimista e confiante no sentido de contribuir para a evolução da sociedade e do homem cidadão.

Referindo-se ao uso da ferramenta computador e do espaço da internet, revela um otimismo consciente das implicações dos usos da tecnologia:

“Em geral, me consideram um otimista. Estão tão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultura e humano. (Lèvy, 1999, p.11).

A tecnologia abrange o espaço de toda sociedade, está intimamente relacionada à vida humana em suas maneiras de pensar e conviver. Essas maneiras de pensar e conviver, diz Lèvy (1999), são elaboradas dentro do mundo das telecomunicações e da informática.

“As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagens são capturadas por uma informática cada vez mais avançada. Emerge nesse final de século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não inventariaram.” (p. 07).

Atualmente passamos por um rapidíssimo processo revolucionário dos meios de comunicação. Um processo com muitos braços (internet, computadores pessoais, espaço cibernético, celulares interconectados, multimídias, etc) e basicamente caracteriza-se por um denominar comum: a capacidade de ver à distância – tele ver, em que a palavra é destronada pela imagem. Tudo se torna visualizado. É a primazia da imagem.

A questão da epistemologia encontra-se em estado de indefinição. E justifica a afirmação ao dizer, que no século XX as reflexões mais profundas ficaram restritas as descobertas sobre máquinas *operatrizes* e motores, mas ao mesmo tempo o desenvolvimento nos meios de comunicação (a impressão, a mecanografia) e de transporte tiveram grande avanço e se tornou parte da vida dos europeus desestabilizando o restante do mundo. O cenário das mídias evoluiu de forma tal que as bases do funcionamento social e das atividades cognitivas modificaram-se velozmente. Esse fenômeno impõe hoje a necessidade de revisão na apropriação dos processos “sociotécnicos” como objeto de deliberações coletivas, visto que estamos longe de tal fenômeno ser compreendido e assumido democraticamente e de forma a contribuir para a evolução da sociedade. Lèvy (1999) no cerne de sua teoria propõe “uma reapropriação mental do fenômeno técnico”³⁸ como “pré-requisito indispensável para a instauração progressiva de uma tecnodemocracia”⁴⁰, advinda da sua teoria sobre as tecnologias intelectuais.

Para LÈvy (1999) a técnica é uma das dimensões fundamentais na época atual, é nela que está presente a transformação do mundo humano. A técnica deve ser reconhecida como um tema filosófico e político da pós-modernidade.

A inclusão de computadores em todas as instancias da sociedade, seja nas empresas, nas escolas, nas instituições políticas, e outras, não pode estar dissociada das questões que implicam uma nova relação com a tecnologia que supere o antigo hábito antropológico “mais que milenar”⁴¹, em nossas sociedades, que é o de impor mudanças aos segmentos sociais sem que haja uma preparação para tal. Esta preparação implica orientações e conscientizações referentes à política de intenções, a utilidade/utilização da técnica, atenção aos hábitos culturais, e a educação/ orientação. A questão da técnica hoje ocupa uma posição central com dois lados: de um lado clama uma revisão da filosofia política e por outro clama rever a filosofia do conhecimento. Para isso será necessário “desfazer e refazer as ecologias cognitivas, as tecnologias intelectuais contribuem para fazer derivar as fundamentações culturais que comandam nossa apreensão do real”⁴². Trabalhando com categorias da filosofia do conhecimento, tais como; “o mito, a ciência, a teoria, a

³⁸ Ibid, p. 08.

⁴⁰ Ibid, p. 08.

⁴¹ LEVY, P. Tecnologias da Inteligência. São Paulo: Editora 34, 1999.

⁴² Ibid, p. 09.

interpretação ou a objetividade que dependem do uso histórico, datado e localizado de certas tecnologias intelectuais”⁴³. Nessa tentativa emerge o conceito de “ecologia cognitiva”⁴⁴, em que defende “a idéia de um coletivo pensante *homens-coisas*, coletivo dinâmico povoado por singularidades atuantes e subjetividades mutantes”⁴⁵, tão distante dos preceitos científicos marcados pela epistemologia moderna. A tecnologia e a técnica, ou a imensa maquinaria do - fazer contemporâneo esta impregnado de subjetividade e desejos do homem.

Numa perspectiva próxima, também em busca de um novo espaço cognitivo que dê conta da realidade epistemológica da sociedade e do conhecimento produzido nas sociedades contemporâneas e em consonância com a tecnologia, enfatizando o sujeito e o lugar de onde fala, se encontra em nível de ilustração, a teórica das questões do cotidiano em uma perspectiva conceitual, Najmanovich (2001) aborda:

“Já não se trata de indicar novos lugares no velho mapa da modernidade, e sim que os desenvolvimentos contemporâneos exigem a construção de um novo espaço cognitivo, em que corpo-mente, sujeito-objeto e matéria-energia são pares co-relacionados e não oposição de termos independentes” (p. 06).

Esse novo sujeito mesmo que fadado ao advento da tecnologia dos multimídias como fato inevitável, não significa que por isso devam aceita-lo cegamente, ou fingir que não tenham responsabilidades sobre ela, e sobre a ciência que produz.

Se se comparar com os efeitos induzidos e não previstos da sociedade industrial como o da poluição, o envenenamento dos rios, do ar, tornaram-se inevitáveis, porém luta-se para reverter à situação. “Deter o progresso tecnológico é impossível, mas nem por isso deve-se deixar com que escape ao nosso controle e muito menos nos submeter servilmente à rendição” (SARTORI, 2001, p. 34).

A trajetória da relação homem/máquina e produção e uso da mesma que tenha implicado realizações complexas no que tange a sua existência, o que se

⁴³ Ibid, p. 10.

⁴⁴ Uma ecologia cognitiva é um espaço em que se possa estar num grupo e exprimir-se em todas as dimensões de sua corporeidade, um espaço de vivenciar, ele próprio, as características que lhe são exigidas para sua função, um espaço de prazer e (auto) descoberta, em síntese, um espaço de aprendizagem (Assmann, 1998).

⁴⁵ Ibid, p. 11.

precisa fazer agora é pensar na tecnologia sob a perspectiva de se “assumir o contexto em que hoje se vive – fruto do passado e do presente – caminha para um futuro de uma forma um pouco previsível – em termos de planejamento das perspectivas esperadas -, mas imprevisível em termos de conhecimento, de novas descobertas e inovações” (GRINSPUN, 1999, p. 15). Não se pode negar as benesses que a tecnologia também pode proporcionar. Acima de tudo deve-se perceber a relevância da tecnologia na sociedade contemporânea/pós-moderna, seus reflexos que transcendem aos seus resultados e produtos, mantendo a cumplicidade permanente em todos os domínios que se estabelecem nessa relação – o político, o econômico, o social, o cultural e o educacional.

Assumir a condição em que se vive hoje, sem pessimismos ou radicalismos hegemônicos, mas se deve tentar manter o gosto pelo imprevisto, pela contínua discussão com outros, para não se deixar cômodo ou refugiar-se em situações reducionistas que se pode facilmente manipular. Não será absolutamente fácil dar respostas, porém o debate na comunidade científica deve frutificar os dados que já possuímos, procurando cultivar a pesquisa científica a

“mentalidade do pioneiro que vai à descoberta de campos novos, carregando consigo as poucas certezas adquiridas relativas ao próprio setor e as tantas dúvidas sobre os caminhos a trilhar; mas das corretas hipóteses de experimentação poderemos procurar endereçar realmente a tecnologia ao serviço do homem evitando que dela se torne escravo”. (p. 11).

O otimismo trazido por Lèvy (1999), também lhe custou críticas, principalmente, nas discussões que levanta sobre os benefícios da utilização das tecnologias informacionais, em particular a internet como ferramenta a serviço da democracia, da coletividade da inteligência e da cultura plural.

Mas os pessimistas crêem que a tecnologia conduz o homem a degradação de si mesmo, no coletivo e na matéria. Contudo ela se traduz no estado de ambivalência tal como o homem que a concebe o é.

Dar definições sobre os avanços e retrocessos, ao duplo sentido da tecnologia, não isenta ao homem pensar sobre as mudanças que sofre e sofrerá por conta dela. A face otimista e que trará maiores benefícios ao homem, com certeza passa pela conscientização das mudanças que vem sofrendo no processo corrosivo

de sua existência espiritual e/ou material, de forma a reconduzir esse processo minimizando estas facetas e ampliando as possibilidades de dar-lhes um novo sentido.

2.1 - SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: UM NOVO PARADIGMA COMUNICACIONAL

“Os conglomerados multimídias assemelham-se a arquipélagos transcontinentais, cujos parâmetros são: a produtividade, a lucratividade e a racionalidade gerencial”.
(Moraes, 2001, p. 17).

Sociedade da Informação, trata-se de um conceito ainda vago, mas insistentemente mencionado ultimamente.

Comumente vem sendo atribuída a informação a responsabilidade do advento das mudanças, redesenhando o paradigma *infotelecomunicacional*⁴⁶, atingindo diversas áreas e dimensões tanto coletivas como individuais, atingindo as esferas da economia, do lazer, do trabalho e, da vida doméstica, enfim, da sociedade e indivíduos de forma geral. A importância da informação passa hoje pela posse, compreensão e acesso para decidir e agir melhor, com mais rapidez e com menor custo. Vivenciasse assim, a *sociedade da informação* e também a *sociedade de informação e conhecimento*, atribuindo valor excessivo ao conceito de informação como *reliador*⁴⁷ e responsável pelas conotações individualistas e massificadoras, que de certa forma, emergem com esse paradigma. Porém a informação como sustância de apoio a decisões ou a ações, se revestirá de valor e ou utilidade, a partir do momento em que estiver relacionada a um contexto específico para tal. O conhecimento construído está intimamente relacionado às veiculações das informações por ser eminentemente constituído pela partilha dos significados

⁴⁶ Termo utilizado por MORAES (2002) para designar um modelo paradigmático a partir dos impérios midiático envoltos na comercialização ilimitada de produtos tecnológicos avançados que geram indústrias midiáticas globais, revelando uma transnacionalização da produção simbólica.

⁴⁷ Termo utilizado por MORIN (2000) para significar um novo sentido a partir da ligação de um novo contato entre pensamentos, conceitos, iguais, semelhantes ou divergentes.

advindos das próprias informações, desta forma é promovedor de valores entre e através dos indivíduos independente de suas convicções morais, religiosas ou de afiliações profissionais. Conhecer transcende e movimentando conexões não radicalmente formalizadas, bem como atinge aos que das informações novas relacionarem conceitos tidos como antigos ou novos, estabelecendo e adquirindo outros conhecimentos a partir dessa prática.

Globalmente, esta transição para uma Sociedade de Informação e do Conhecimento é acompanhada por mudanças que, embora sendo objeto de inúmeras discussões e referências, dificilmente se analisa em conjunto tal a complexidade que as envolve. Entre estas mudanças destaca-se a crescente complexidade de lidar com a informação disponível e o problema do excesso de informação que se pode transformar em perdas significativas.

CRIS (2002), descreve muito bem esta configuração da sociedade da informação;

“Os avanços da eletrônica neste século mudaram a forma como as pessoas têm acesso e lidam com a informação. O telégrafo, o telex, o rádio, a televisão, o fax e, recentemente a Internet, abriram um mundo novo, possibilitando ao ser humano receber em pouco tempo um volume de informações inimaginável até então. Essa aceleração da informação trouxe enormes benefícios em termos de avanço científico, comunicação, lazer, processamento de dados e busca do conhecimento. Mas também trouxe ao ser humano o dilema da saturação da informação. A máquina, substituindo o papel, passou a ser a forma mais prática e fácil de acumular e gerenciar dados. A máquina passou a ajudar o homem a se lembrar, ampliando a capacidade de memória da humanidade. As máquinas multiplicam o número de informações com que o homem lida a cada dia, chegando a níveis absurdos. Hoje, uma pessoa pode ter acesso num só dia a um número equivalente de informações que um sujeito teria a vida inteira na Idade Média. De acordo com”. uma”. pesquisa recente feita pela Price Waterhouse, o volume de conhecimento necessário para se manter atualizado no mundo dos negócios dobra a cada ano. São milhões de bits, ondas, cifras, códigos, imagens, símbolos, sons e signos que se fendem, multiplicam, misturam e sobrepõem a cada segundo, gerando muito mais confusão do que esclarecimento. A informação que vale neste instante pode não valer no próximo e, olhe lá ela, voltando, travestida de novidade verdadeira em apenas um segundo. Esse cenário de caos é uma das faces da sociedade da informação, que uniu a era da informática ao consumismo desenfreado. A informação transforma-se em objeto de consumo imediato, tão descartável quanto um chiclete ou uma lâmina de barbear. Ela é processada de forma industrial: produzida, montada, embalada, enviada e vendida como unidade autônoma e separada de qualquer contexto. A sociedade da informação herda o paradigma do universo do mundo moderno, em que, como disse Marx, tudo o que é sólido se volatiliza” (p.01).

Novas formas de lazer, comunicação e negócios pela rede vão estremecendo as tábuas das leis e exigem um constante questionamento das relações humanas, comparado historicamente pelas profundas transformações ocorridas na sociedade, como no advento da agricultura e do dinheiro, no passado.

Contudo, apesar das desconfianças na complexidade e do excesso de informações que podem causar insegurança no rompimento com comportamentos antes estabelecidos nas culturas modernas, teóricos como Lèvy (1999) e Morin (2000), como já comentado no item anterior deste trabalho, propõem a transfiguração tanto na forma como na maneira de lidar com esta nova sociedade, aí já constituído no paradigma *infotelecomunicacional*. E Moraes (2001), trará a dimensão deste paradigma enquanto condutor das atividades que hoje descrevem a configuração das sociedades da informação, ao qual vamos nos deter no momento. Para a organização dos sujeitos “em qualquer sociedade, desde a mais primitiva a mais sofisticada, as leis existem para garantir a liberdade individual na coletividade e a sobrevivência dentro de um território e nas fronteiras físicas com os outros grupos” (GAZINO, 2003). Até os dias de hoje assim acontece mesmo depois da criação das empresas multinacionais e transnacionais.

As redes digitais multimídias envolvem a todos participantes com seus bancos de dados, tanto para produção como consumo dos mesmos, com as imagens, sons e mensagens - diferentes linguagens -, produzindo em caráter constante, um conjunto de significações em que tudo está conectado com tudo.

Nesse espaço as relações se ligam e religam numa dimensão mundial capaz de confirmar o quadro desenhado da sociedade da informação.

Esse quadro é escrito por interações de rede caracterizada simultaneamente por rupturas, deslocamentos e *religamentos*⁴⁸ nas diferentes dimensões constituidoras do mundo natural e artificial objetivo e subjetivo, dando vida a uma inteligência coletiva⁴⁹, capaz de *remodular*⁵⁰ relações pré-estabelecidas a partir da busca de uma nova ética advinda das interações, e aí referimo-nos a Morin (2001), ao tratar da questão da *moral provisória*, como já comentada no item acima deste

⁴⁸ Conceito utilizado por MORIN (2001) para buscar a unidade em contra-posição à fragmentação.

⁴⁹ Conceito de Inteligência coletiva por LÉVY (2000): “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (p. 28).

⁵⁰ Termo usado MORIN (2001) na tentativa de constituir novas estruturas.

trabalho. Para esta nova ética existir surgem novos princípios que a fundam, que no ciberespaço seriam, na visão de Moraes (2001): a cooperação, o diálogo, a negociação e a participação.

Uma preocupação constante das novas formas de relação na sociedade da informação está diretamente relacionada ao surgimento de um novo tipo de comércio, interferindo diretamente nas políticas dos governos e conseqüentemente em todas as instâncias que dizem respeito à organização globalizada do comércio, dos serviços, dos empregos, da distribuição de renda, enfim, nos modelos estruturais da formação social das Nações-Estado.

Diante dessa nova configuração social/comercial já surgem as leis que garantem a implantação dos sofisticados programas de softwares universalmente instituídos, como exemplo a Microsoft com seus programas, para controle de serviços, como também surgem leis para normatização de condutas tanto dos mercados informatizados como para os indivíduos e sujeitos. Cria-se junto a este “emergente modelo econômico” o paradoxo do comércio eletrônico. Quanto maior liberdade de compra pela rede maior será o controle das Nações-Estado sobre os indivíduos e as empresas. Algumas problemáticas surgem desse contexto, dentre eles; caberá a sociedade o direito de escolha? E indo mais em detalhes; como fica o direito das empresas quanto à prática do comércio eletrônico e o controle eficaz da arrecadação fiscal em seus países? E o direito e controle sobre o consumidor e as mercadorias veiculadas, de forma descentralizada muitas vezes sitiada a longas distâncias geopolíticas? Já é fato que Nações-Estado intervêm de forma radical na veiculação de informações, até mesmo para salvaguardar suas opções políticas, culturais e assegurar sua organização social e comercial. Sendo desta forma, podemos questionar a própria liberdade de expressão e censura existente nos mais variadas formas de manifestação entre as Nações-Estado. O relatório anual da Reporters Sans Frontières, de dezembro de 2000, divulgou que quarenta e cinco países controlam o acesso a Web, e dentre estes vinte países são radicalmente contra o uso deste meio de difusão da informação. O documento diz o seguinte:

“Sob o pretexto de proteger o público contra idéias subversivas ou de garantir a segurança e as unidades nacionais, alguns regimes impedem completamente que seus cidadãos utilizem a Internet. Outros governos monopolizam os provedores. Os sistemas de filtragem bloqueiam materiais indesejáveis ou

obrigam os usuários a obter licença junto à administração”. (MORAES, 2001, p. 81).

Há bem pouco tempo lia-se em um jornal de grande circulação no país, Brasil, que estudos realizados pela Escola de Direito de Harvard, EUA, leva a público tático usadas para cercar a internet utilizada na China, e a manchete intitulada “China bloqueia mais de 200 mil sites”, assusta em termos numéricos referentes a acessos a este meio de comunicação, a internet, no que diz respeito a livre utilização do mesmo. Estudos realizados pelo Berkman Center para a Internet e a Sociedade da Escola de Direito de Harvard identificou mais de cinqüenta mil dentre as duzentas e quatro mil páginas que foram testadas e estavam inacessíveis de pelo menos um ponto da China. Os locais que demonstram maior proporção de bloqueios são páginas do Tibet e de Taiwan, e outros sites que contenham as palavras “igualdade”, “democracia china”, “china dissidente” e “Revolução”. Estes sites não estão restritos somente a assuntos comerciais ou particulares, neste estão incluídos sites governamentais, ONGs, institutos educacionais voltados para saúde, entretenimento e assuntos políticos. As autoridades chinesas afirmam a informação e ainda diz que a “Sociedade Chinesa de Internet, ligada ao governo chinês, assinou com provedores de acesso e criadores de índices um termo de compromisso que proíbe a disseminação de informação perniciosa capaz de abalar a segurança do estado e a estabilidade social”. (NOBREGA, p. 06). Esses países chegam a adotar medidas coercitivas como controle total das conexões, (censura aos conteúdos até mesmo a punições a usuários). Dentre esses países citamos alguns a título de ilustração: China, Cuba, Coréia do Norte, Arábia Saudita, Iraque, Irã, Líbia, Tunísia, Turcomenistão, Cazaquistão, entre outros. identifica-se aqui, que a cultura de cada país muito influencia nessa opção, identificamos regimes de estado de organização, na maioria desses, autoritários.

“Na Arábia Saudita, menos de 0,4% da população conseguem navegar. Embora 37 pessoas tenham autorização para oferecer serviços de Internet, todo o tráfego passa pelos servidores de um organismo estatal, a Cidade das Ciências e da Tecnologia, equipados com dispositivo que exclui sites que estariam veiculando informação contrária aos valores islâmicos” (p.81).

A tentativa de controle da veiculação da informação na sociedade da informação se torna inviável, se considera a gama de possibilidades de canais de informação repletos de tecnologias informacionais avançadíssimas a disposição dos usuários. Por mais que sejam fortes e insistentes as tentativas de intervenção se deve considerar a inviabilidade disso do ponto de vista operacional.

“É quase impossível silenciar a exposição de dados, sons e imagens; e embora impeça, a sua conformação universal e multipontual dificulta controles ideológicos. O documento da Reporters Sans Frontières destaca que internautas encontram modos de burlar a censura, seja por correio eletrônico, pela hospedagem de páginas em servidores de outros países ou ainda pelas conexões através de linhas telefônicas internacionais via satélite ou por aparelhos celulares”. (Moraes, 2001, p. 85- 86).

É sabido, então, que alguns países intervêm de forma radical na veiculação de informações, até mesmo para salvaguardar suas opções políticas e assegurar sua organização social, e econômica, conferindo-lhe uma busca de identidade no mundo globalizado, porém não o exime de riscos.

Diante da configuração desse contexto nas sociedades da informação, pergunta-se como chegar a pensar em instituir a *tecnodemocracia* sugerida por Lèvy? E o que dizer sobre a Inclusão digital? Com certeza muito ainda se deve caminhar nas discussões sobre liberdade, igualdade de condições, chegar a acordos vencendo barreiras geopolíticas e culturais, bem como estabelecer novas formas de organizar-se *economicamente, humanamente e cognitivamente*.

Diante da complexidade existente nas *sociedades da informação* – ou mesmo na *sociedade do conhecimento*, alguns autores questionam a utilidade do termo, se realmente tem utilidade para a sociedade civil, se este termo

“descreve adequadamente as mudanças nos processos e estruturas sociais que estão acontecendo atualmente em âmbito global? Se há de fato uma nova forma de sociedade emergindo? E, se há, para quem se constrói esta sociedade, e como ela pode ser direcionada para fomentar os direitos humanos e atender necessidades humanas urgentes?” (CRIS, 2002, p. 01).

Na tentativa de demonstrar que há nessas sociedades uma ideologia não neutra, carregando consigo uma ideologia, que diz ter sido emergente com o livro de;

“Daniel Bell em “A Chegada da Sociedade Pós-industrial” (1973), em que o autor argumentava que o transtorno econômico então vivido pelas economias industriais do norte anunciava uma mudança – de economias fundamentadas na produção de bens tangíveis para economias baseadas na prestação de serviços. Computação, pesquisa e desenvolvimento científico, educação, serviços de saúde – as atividades baseadas no conhecimento viriam se tornar a espinha dorsal de uma economia pós-industrial e de uma sociedade baseada na informação”. (Op. Cit., p. 01).

O pensamento proposto por Bell, diz CRIS⁵¹, foi ampliado nas décadas de 80 e 90, em que se transferiu, em larga escala, a produção industrial para o sul do continente, devido à mão-de-obra barata. O governo decidiu investir nesse campo e vários estudos de especialistas abriram caminho para a reestruturação econômica, realizando o nascimento da sociedade da informação. Esse contexto dá forças as políticas econômicas neoliberais, as privatizações, ao comércio livre, as desregulações e ajustes estruturais, que nascem na tentativa de “reanimar um sistema capitalista enfermo”⁵².

O papel central nesse processo foi da tecnologia da informação, que de certa forma, globaliza os bens e o capital, liga os novos centros manufatureiros do Sul aos mercados do Norte. Como pano de fundo às pesquisas e investimento são direcionadas para a tecnologia da informação na tentativa de se obter melhor infraestrutura técnica para a produção e comercialização de novos produtos na área da informação. É aqui que o conhecimento ganha um caráter peculiar, o de serviço e mercadoria ao mesmo tempo, e como gerador de novos picos de informação.

O termo sociedade da informação nasce, então com o impulso emergente dos países da União Européia, em meados da década de 90, para “re-regular”⁵³ e privatizar o setor das telecomunicações. As intenções? As melhores possíveis, ou não? Pois a questão era dar ênfase a nova sociedade em que as questões centrais

⁵¹ CRIS é um site

⁵² Ibid, p. 03.

⁵³ Indicado por CRIS(site de informações sobre a internet), no texto "Sociedade da Informação" x sociedade civil", constante da referência bibliográfica.

seriam as sociais. Porém a forma de executar essas intenções passava pela reestruturação no âmbito da infra-estrutura, em que estas estariam postas as patentes e propriedades nas mãos do setor privado, obviamente controlado por este. Essa determinação não assegurou a originária intenção de direcionar os investimentos para a ordem social, em que os benefícios chegariam às pessoas. No desenvolvimento das atividades as intenções caminharam em ordem inversa as propostas iniciais e as atividades e orçamentos direcionados para os objetivos sociais foram mínimos comparados as grandes mudanças trazidas pela regulação e privatização de infra-estrutura. Assim visto por esse ângulo, a sociedade da informação, é mais uma dentre as criações de desejos transformados em necessidades pelas artimanhas do capitalismo e da globalização, financiada pelo governo. O crescimento nos países do sul ocorreu com o acesso a serviços de informação, porém esse crescimento restringiu-se as áreas urbanas e regiões de onde o mercado pudesse gerar mais lucros, esse movimento não significa democratização ou oportunidades igualitárias de acesso, e muito menos se realizou como processo de serviço para o atendimento na área social. Em realidade os indivíduos beneficiados foram os que se caracterizam por ter um padrão bem remunerado, com nível superior, e que independente de estarem em países ao norte ou ao sul, estariam bem assistidos pelos avanços da tecnologia, pois tem condições de auferir aos mesmos.

CRIS (2002), no texto “A sociedade da informação X sociedade civil”, comenta:

“A Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, o Dot Force e até mesmo a ICT Task Force das Nações Unidas são vistos por muitos como meramente uma nova esfera neste desequilibrado desenvolvimento de políticas, atraindo clientes para as novas tendências de imposição de um modelo neo-liberal de comunicação em todos os cantos do planeta. Enquanto estão se focando (com poucos resultados) nas mais recente onda de desigualdade – A Brecha Digital -, estas instâncias não são capazes de lidar com, ou articular, questões mais profundas sobre as imensas transformações estruturais que vislumbramos no campo da informação e da comunicação”. (p. 01).

Conceitualmente o modelo estabelecido hoje para a sociedade da informação está sendo conduzido pelos interesses das corporações transnacionais, não atendendo as reais necessidades humanas, acentuando as desigualdades em todas

as esferas da vida humana, porém também podemos observar que grande parte da sociedade civil, hoje, se rebela contra esse tipo de modelo, como já se constata através dos movimentos de ONGs (Organizações Não Governamentais), espalhado pelo mundo inteiro e preconizando instituições com capital levantado de diversas fontes, atendendo principalmente a setores que foram praticamente desmantelados frente à redução dos governos públicos. Esse tipo de organização, por ser veiculado e formado pela sociedade civil, não está diretamente implicado em atender aos ditames dos mercados globalizados, mas em atender as necessidades sociais emergentes na busca da construção de um mundo melhor, mais humanizado, com menos desigualdades e principalmente tentar dar um novo rumo ao nosso planeta. As questões do desenvolvimento sustentável são aqui enfatizadas. As necessidades e interesses são divergentes, entre os dois pontos de vista, então por que não pensar em reabilitar o termo sociedade da informação, de maneira a suscitar novos modelos, e dentre eles o que Lèvy (2000) propõe: a *tecnodemocracia*⁵⁴ fundada nas inteligências coletivas, isto é a capacidade de raciocinar advinda do contexto coletivo que se vivencia nos espaços da internet. Porém não podemos ignorar que este conceito está intimamente relacionado ao conceito de sociedade do conhecimento, a partir do momento em que se ligam as duas idéias: informação e conhecimento; gerando um contexto de competição no mercado. Essa associação gera sua própria ideologia, trazendo consigo outros conceitos a serem visitados, porém não é alvo no momento de nosso trabalho.

O conceito de sociedade da informação estará em consonância com as verdadeiras necessidades sociais se em sua dinâmica da informação e do conhecimento seu objetivo for centralizado no desenvolvimento cultural, econômico e social, visando melhores condições de vida e de construção de cidadania.

Além das questões conceituais, ideológicas e filosóficas, outras problemáticas de ordem pragmática atingem seriamente todas as dimensões da sociedade da informação hoje, uma delas é a questão da energia.

Assiste-se hoje a exploração dos recursos naturais em todos os níveis. A extração da energia natural conta com a aplicação de tecnologia avançada, esse processo vem causando a degradação do próprio planeta, - em que para produzir o recurso à natureza demorou milhares de anos e que em segundos consumimos a

⁵⁴ Tecnodemocracia – termo utilizado por LEVY para indicar a democracia que nasce no ciberespaço.

energia, e sem o devido cuidado não o re-enquadramos novamente a natureza -, tanto na extração como no consumo, e por extensão a vida dos homens.

Os recursos naturais para existirem dependem de uma série de fatores que levaram anos para se consolidarem e hoje, leva-se instantes para consumir e degenerar a energia advinda dos mesmos. O fato é que levaram anos para se consolidarem; e hoje se levam instantes para consumir e degenerar a energia advindo dos mesmos. O fato é que a vida do homem hoje está baseada nessa energia, que esta em risco de extinção. A escassez aumenta a níveis assustadores, de modo que a comunidade científica ciente da problemática estuda maneiras de descobrir e aplicar novos recursos energéticos é claro, com a utilização da tecnologia. Mas o uso da tecnologia também é considerado um problema visto que para nesse processo a tecnologia também é fator de degradação da natureza. Por trás do cenário da luta pelo encontro de soluções para a problemática da energia no mundo, e os ataques sofridos à natureza, está presente o cenário político, econômico, representado por interesse das grandes corporações e líderes políticos.

Para Jeremy Rifkin⁵⁵ os cenários da economia global agem sobre os avanços científicos da sociedade interferindo diretamente na crise de energia em que vivemos. Para o autor o futuro do planeta se encontra em uma encruzilhada vislumbrando dois futuros possíveis: o positivo, em que a tecnologia propiciará a exploração de novas “fontes de energia renováveis e com um novo regime energético baseado no hidrogênio” (p. 09). Mas o negativo é ameaçador.

“O aumento da tensão geopolítica e dos conflitos, o crescimento da desigualdade entre pobres e ricos e o salto da dívida externa dos países do terceiro mundo, sem falar do aquecimento da terra provocado pela poluição, o que terá efeitos devastadores no clima”⁵⁶,

o que não favorece a superação da crise de energia, pois a previsão é de trinta (30) anos para a humanidade deparar-se com o maior desafio de sua sobrevivência. A

⁵⁵ Professor norte-americano da Wharton School, escola de administração dos Estados Unidos, é considerado “crítico dos poderosos”, por falar para presidentes de grandes corporações e líderes políticos a respeito dos avanços tecnológicos e os impactos que causam na sociedade, na economia global e na natureza. Os comentários foram retirados da entrevista que RIFKIN deu à revista VEJA, na edição de nº1784, ano 36, de 8 de janeiro de 2003, editora Abril, p. 09 – 13. Jornalista entrevistador: Eduardo Salgado.

⁵⁶ Op. Cit.

atual fonte de energia hoje, o petróleo, tem relação direta com essas possibilidades negativas. Isto porque toda economia mundial está calcada nos combustíveis fósseis (petróleo, gás e carvão), que estão se acabando. RIFKIN (2003) sustenta a tese de que se precisa investir em uma nova era a do pós-petróleo, que já dá sinais de nascimento; a era do hidrogênio, que será a forma básica de produção de energia.

A discussão sobre o investimento em uma nova condição de produção de energia é indiscutível para a sobrevivência do planeta, mas para isto necessita-se da aplicabilidade da tecnologia. E aí, Rifkin (2003) cita alguns investimentos em experimentos como a da indústria automobilística que já gastou cerca de dois bilhões de dólares em projetos de carros movidos a hidrogênio.

“Até 2002, o hidrogênio era apenas mais uma das tecnologias pesquisadas pelas grandes montadoras. Nos últimos meses, isso mudou. A GM (General Motors) já exibiu um carro a hidrogênio no salão em Paris. Em vez de direção, tem um joystick. Não faz barulho nem polui”⁵⁷.

A produção deste veículo está prevista para 2009. Essa energia será aplicada também a computadores e celulares. A implicação desta nova fonte de energia para a sociedade é fundamental porque pode ser utilizada como um fator de equilíbrio econômico a partir do momento em que é uma fonte fácil de ser encontrada, pois está em qualquer parte do planeta em partes iguais, pois quando queimamos hidrogênio o sub-produto é a água, que é um elemento básico do universo. Além disso os cuidados com os interesses políticos e econômicos podem ficar mais fáceis, pois mesmo que as grandes corporações tentem controlar as patentes e licenças, o desafio virá do investimento que o terceiro mundo pode fazer no setor e com isto virar as “regras do jogo”. O que influenciará diretamente no acesso aos bens mantidos por esse tipo de fonte energética, pois hoje “milhões de pessoas vivem sem eletricidade e cerca de 65% dos seres humanos nunca fizeram uma chamada telefônica. Um terço das pessoas não tem acesso à luz elétrica”⁵⁸. A nova era do hidrogênio poderá facilitar o alcance da geração de energia a lugares muito distantes.

⁵⁷ Op. Cit. p. 12.

⁵⁸ Op. Cit. p. 13.

Mas por outro lado à extração do hidrogênio ainda apresenta implicações tecnológicas que comprometem o uso dos combustíveis fósseis. Precisa-se pensar em desenvolver tecnologias para geração da energia a partir do hidrogênio que não continuem comprometendo a natureza, como os atuais recursos, e, além disso, tornar este projeto economicamente viável. A nova era do hidrogênio quando aplicada ao campo das comunicações poderá revolucionar este setor além da que já vivenciamos hoje, pois o acesso poderá ser igualado ao uso da TV hoje, como supôs Lèvy (2000). A idéia central deste processo partiria do pressuposto: produzir localmente e vender globalmente – que caracterizaria a globalização de baixo para cima (Rifkin, p. 13).

Pois bem, Lèvy (2001) se acredita que o homem poderá exercer uma nova relação com a tecnologia incorporando-se aos cenários da sociedade da informação realizando as modificações necessárias, que conduzam a uma nova estrutura social a partir das comunicações interativas de perfil democrático, e assim reestruturar a organização estrutural da sociedade democrática. Mas para isso Lèvy (2000) ainda argumenta que o uso do computador deverá alcançar a condição que a TV hoje se coloca no mercado e na sociedade. O computador deverá dentre algumas décadas, alcançar a representação que a TV tem hoje no mundo globalizado, mesmo sendo mídias com “*tipologias comunicacionais*”⁵⁹ diferenciadas, e sendo o computador representante de vantagens sobre a TV, pois é uma ferramenta midiática que oportuniza e cria a condição de interação na dimensão de TODOS e TODOS, isto é, diferencia-se das mídias clássicas – rádio e TV – em que a comunicação se estabelece na dimensão de UM e TODO, e sempre há um receptor passivo. Ou mesmo superar outra versão tipológica da comunicação que é o tipo de UM e UM, que é o caso do telefone, que não abrange o coletivo. Mas o que tem isso com a questão da energia produzida no mundo? Cabe aqui a interessante questão: RIFKIN (2003) prevê que os recursos energéticos atuais estão em risco de levar a humanidade planetária a um problema crítico em poucas décadas e que mesmo prevendo o nascimento da era pós-petróleo baseada na nova produção do novo recurso – hidrogênio, ainda não possuímos a tecnologia que nos faça reaver os danos até hoje causados e sem previsão dos danos que podem ocorrer no futuro, como pensar junto com o otimismo de Lèvy (2001) quanto ao alcance e utilização

⁵⁹ A tipologia comunicacional referida é a citada por PELLANDA (2000) em seu livro: Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy, p. 13, constante da bibliografia.

do computador como mídia indispensável aos novos tempos vindouros na sociedade? Como pensar com o otimismo de Lèvy (2001) com relação à universalização da ferramenta computador e a democratização via novos paradigmas interacionais e inter-relacionais na comunicação?

Também não se pode negar a força com que hoje já acontecem estas relações até mesmo sob a égide da energia a partir dos combustíveis fósseis, já desenhando, com todo vigor o novo paradigma *infotelecomunicacional*⁶⁰, e que concomitante a esses fatos a evolução tecnológica não está isenta de alcançar êxitos às respostas otimistas. Em questão seria um enigma chegar a uma afirmativa, seja positiva ou negativa da realidade dos fatos *experenciados* na sociedade da informação.

Bem, ao mesmo tempo em que se buscam novos recursos energéticos para manter o nível tecnológico de vida que o homem produziu até aqui, vamos experimentando também uma transformação, digamos quase que radical e de ruptura, com os hábitos do cotidiano. A redução do espaço e do tempo, por intervenção da rapidez da informação conseguida pela evolução tecnológica nos meios de comunicação nos levou a descoberta de um espaço comunicacional imediato – o CYBERESPAÇO ou ESPAÇO VIRTUAL.

A vivência da relação imediatamente informacional é *constituidora* de subjetividade, bem como, de individualidade, e também de identidades culturais, (sociais); rica em representações, e digamos também, por que não, de um cotidiano/realista.

O fazer imediato invade as telas da ferramenta computador resignificando sentidos e símbolos, aguçando o pensamento ou entorpecendo-o, criando e recriando comportamentos que tanto podem servir para ação nas instancias do local ou do global.

As multifacetadas que o ciberespaço apresenta se deixa envolver pelo discurso do relativismo, o que nos demanda cuidados à análise teórico/prática deste. O relativismo pode ser tomado hoje sob a ótica do cuidado expresso por MORIN (2000) em que a noção de homem não é uma noção simples, mas complexa. A compreensão dessa complexidade, das instâncias, que constituem o homem são, ao

⁶⁰ Termo utilizado por MORAES (2002) para designar um modelo paradigmático a partir dos impérios midiáticos envolvidos na comercialização ilimitada de produtos tecnológicos avançados que geram indústrias midiáticas globais, revelando uma transnacionalização da produção simbólica.

mesmo tempo antagônicas, e surge daí um problema, que Morin (2000) irá chamar de “pluralidade ética”. Os julgamentos dos valores no decorrer do desenvolvimento da história escrevem noções diferentes para determinados fatos, como por exemplo, à discussão sobre aborto ou eutanásia. A presença da ética nesses momentos é fundamental para a consolidação dos atos morais. Morin (2000) nos dá o seguinte exemplo:

“Os indivíduos em como prolongado ainda são pessoas humanas ou são seres vegetativos? A criança existe como pessoa no ovo, no estado de blástula, no momento da formação do embrião, no terceiro mês, no sexto mês ou no nascimento? É claro que não podemos responder: a única certeza, como disse acertadamente Luigi Lombardi-Valori, é que há um mistério do embrião. Ele não é uma pessoa humana, mas o é potencialmente; porém, o que quer dizer a palavra “potencial”? Não é uma pura sensibilidade da mente. A potencialidade também tem uma certa realidade. Portanto, o embrião é potencialmente uma pessoa sem sê-lo. O morto-vivo, em como prolongado, não é mais uma pessoa, contudo, manteve a forma e a marca da pessoa humana. A partir daí há uma disjunção entre a idéia de viver enquanto ser humano e de sobreviver biologicamente. Foi colocado um novo problema”. (p. 131).

A problemática da ética é uma problemática de conflito de valores, aponta Morin (2000). O relativismo hoje, como divulgado na mídia aponta para a fragmentação do conflito de valores. Os valores não podem surgir aleatoriamente de um mero *achismo* ou suposto relativismo momentâneo. As questões éticas devolvem ao homem uma direção implicada no ato de valorar a partir de juízos de valor que condigam com a prática de uma nova ética. É preciso entender o caráter arbitrário e provisório dos novos conflitos éticos, mas não se pode dar a eles relativismos por meros comportamentos momentâneos de insensibilidade da mente consciente. A decisão sobre a vida de um embrião ou não, por exemplo, não deve ficar a mercê de *achismos*, mas deve encarar e estar consciente da pluralidade dos valores antagônicos, das apostas arriscadas que se pode fazer. Tornar o problema não de instancia única, mas de instância social, de vínculo com a cidadania em consonância com a época em que se vive, e “levantar os problemas, formular as contradições, e propor a moral provisória”⁶¹.

⁶¹ A Moral Provisória é um conceito que MORIN defende na busca de compreender a ética na dimensão da complexidade vivenciada pela humanidade nas sociedades contemporâneas.

No espaço cibernético se tem uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, como já comentado, porque é nesse espaço que todas as mensagens se tornam interativas e ganham uma plasticidade e possibilidade de metamorfose imediata (PELLANDA, p. 13), introduzindo na relação da comunicação uma nova característica que é a “emergência de uma inteligência coletiva” (PELLANDA, p. 13). A clarificação da discussão sobre o ciberespaço será retomada com mais detalhe no próximo sub-título desse capítulo, pois este tipo de espaço comunicacional é privilegiado por jovens, foco de nossa pesquisa.

Diante de problemáticas que deslizam e se interligam ao mesmo tempo, na sociedade da informação, podemos concluir que, o paradigma *infotelecomunicacional* nas sociedades hoje, caracteriza as “sociedades da informação”, criando novos espaços de comunicação mediatizados por tecnologias avançadíssimas, atingindo milhares de pessoas em diversas dimensões ação e pensamento, e que se desdobram nas *sociedades do conhecimento*, reconfigurando novos laços de relação sócio-econômico- político, que rompem barreiras inimagináveis do espaço e do tempo no planeta “transglobalizado”⁶².

Lèvy (2000) comenta:

“se nos engajássemos na via da inteligência coletiva, progressivamente inventariaríamos as técnicas, os sistemas de signos, as formas de organização social e de regulação que nos permitiriam pensar em conjunto, concentrar nossas forças intelectuais e espirituais, multiplicar nossas imaginações e experiências, negociar em tempo real e em todas as escalas as soluções práticas aos complexos problemas que estão diante de nós. Aprenderíamos aos poucos a nos orientar num novo cosmo em mutação, à deriva; a nos tornar, na medida do possível, seus autores; a nos inventar coletivamente como espécie”. (p. 17).

Assistesse assim, Lèvy (2000), chamado de *antropólogo do ciberespaço*, em todo seu otimismo lançar-nos desafios, embasados em construções sutis que vão de novas *construções cognitivas* – a inteligência coletiva, à prática de uma organização estrutural social – a *tecnodemocracia*, e à uma nova base filosófica para o humanismo.

⁶² A autora usa o termo na tentativa de demonstrar os rompimentos das barreiras da globalização em todos os segmentos da sociedade da informação. A comunicação é transnacionalizada, desterritorializada, aproximando dimensões e territórios em distâncias impossíveis de serem galgadas em dias, reduzindo o espaço a frações de segundos.

2.2 - O CIBERESPAÇO:DAS INTERAÇÕES E MODIFICAÇÕES

“Bem sabemos que as potencialidades da Internet são quase que infinitas, tanto no mal quanto no bem. Tais possibilidades são e serão positivas quanto o usuário se utiliza do instrumento para adquirir informações e conhecimentos, isto é, quando estiver motivado por verdadeiros interesse intelectuais e pelo desejo de saber e compreender”. (Sartori, 2001, p. 42).

A discussão tecida no item anterior deste capítulo mostra que independente da aplicabilidade do termo *Sociedade da Informação*, as características de uma nova estrutura social se firma por volta da década de oitenta, emergente da comunicação informatizada ou *telemática*, tornando-se um fenômeno econômico e cultural realizável através do potencial social da comunicação, e viabilizada por meio das redes de computadores e das interações sustentadas por esta multimídia, realizando hipertextos em qualquer *lócus* imaginado e por devir imaginário. A informação se reveste do aspecto atrativo, torna-se motivadora, *excitante*, fácil de usar e vendável. Alcançando êxito relâmpago na reconfiguração de um novo *lócus* de construção do cotidiano humano.

O ciberespaço é esse novo *lócus* heterogêneo e fronteiro de interação da rede nas redes baseado, como diz Lèvy (2000), *na cooperação anarquista* de milhares de centros informatizados no mundo, que toma corpo no espaço da internet. Os encantamentos são revelados através dos dados estatísticos de acesso por mês, que nos informa que o aumento desse número chega a 5% do número de pessoas que possuem “endereço eletrônico”, e entre elas os jovens, em especial, compõem este número. “As previsões giram em torno de 100 milhões de usuários para o ano de 2000”⁶³. No Brasil somente 7% da população brasileira tem acesso à Rede Mundial de computadores – Internet. A partir desses dados podemos percebermos as determinações de novos padrões de comportamento veiculados e vinculados a partir da rede. O ciberespaço então é, Lèvy (2001)⁶⁴;

⁶³ LÉVY, P. Cibercultura. 2ª ed. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 12.

⁶⁴ Idem 29, p. 17.

“o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. (p. 17).

A internet é um lugar-comum, carregam a força do *simplismo* e a exatidão de todos os lugares-comuns, afirmando-se como lócus em que a maior riqueza é a informação.

Nesse espaço todos os tipos de mensagem são veiculados, indo das informações públicas às privadas, constroem-se mundos virtuais de variadas facetas, dos lúdicos aos sérios, constituindo laços profissionais, de amizade, de cooperação, de projetos sociais ou políticos, e até mesmo de ódio ou *enganação*⁶⁵.

A complexidade que envolve as novas configurações da comunicação em redes estabelece entre os indivíduos uma comunicação de natureza caótica em seu crescimento, a quantidade bruta de dados disponíveis se multiplica e acelera de forma que os hipertextos construídos nas redes, cada vez mais criam contatos entre os indivíduos de forma desordenada e fora de controle. “Os turbilhões da comunicação, a cacofonia e ao psitacismo ensurdecidor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contra-propagandas, a confusão dos espíritos”⁶⁶, geram novos comportamentos, os quais *desterritorializam* e *territorializam* os conhecimentos e comportamentos tecidos a partir desse lócus, estão aí encarnados os problemas de recepção e de interpretação, mas também as utopias no sentido do nascimento de novos laços solidários, benevolentes, que possam reconhecer as perspectivas de novas redes de relações na vida social e cultural, realizando a “ecologia dos signos”⁶⁷ e através dela criar uma nova cultura para rede. Ao mesmo tempo essa configuração desordenada assusta os detentores das posições de poder

⁶⁵ Termo utilizado por LEVY, para evidenciar as formas de obscurecer informações.

⁶⁶ Idem, p. 13.

⁶⁷ Levy fala da abertura em direção ao esforço de significação que vem de outro, trabalhando, atravessando, amassando, desocupando o texto, incorporando-o a nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. As passagens do texto e hipertexto estabelecem virtualmente uma correspondência conosco, quase uma atividade epistolar que nós, bem ou mal, atualizamos, seguindo ou não as instruções do autor. Produtores do texto viajam de um lado a outro do espaço de sentido, apoiando-nos no sistema de referência e de pontos, os quais o autor, o editor, o tipógrafo balizaram. Podemos, entretanto, desobedecer às instruções, tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, nós de redes secretos, clandestinos, fazer emergir outras geografias semânticas, produzindo de forma ecológica os sentidos dos signos em nossa inteligência e memória.

e privilégios em que os monopólios estão ameaçados pela emergência desta nova configuração comunicacional.

Os investimentos e pesquisas desenvolvidas ultimamente nessa área demonstra que ainda é um embrião a crescer a ser desvendado em suas múltiplas facetas. Várias incursões são feitas na busca de análise desse espaço. As investigações levantam questões como o aumento da exclusão, a vitória do consumismo e do espetáculo da virtualidade⁶⁸, aumento das desigualdades sociais; e outras como a seriíssima questão da dominação de países sobre outros através da comercialização de softwares e informação, através da hegemonia do mercado capitalista. Porém evidenciamos por outro lado, e desta vez entra o otimismo perseverante de Lèvy (1998), em encontrar uma possibilidade de reversão do quadro se conseguirmos avaliar “a tempo a importância do que está em jogo, os novos meios de comunicação poderiam renovar profundamente as formas do laço social, no sentido de uma maior fraternidade, e ajudar a resolver problemas como os quais a humanidade hoje se debate”⁶⁹, pois a forma e o conteúdo do ciberespaço são ainda espaços e configurações indeterminadas. As políticas que citamos anteriormente nos países e no mercado na tentativa de controle das informações que circulam no ciberespaço, como forma de controle econômico e social – normas reguladoras chegando a serem tarifárias -, desenvolvem-se no sentido de, queiramos ou não, modelação e restrição dos “equipamentos coletivos da sensibilidade, da inteligência e da coordenação que formarão no futuro a infraestrutura de uma civilização *mundializada*”⁷⁰. Lèvy (1998), chama a atenção para não se deixar que este fato ocorra, já que é justamente nesse espaço que estão presentes todas as perspectivas de se traçar uma visão e um caminho positivo para a cultura do ciberespaço. A emergência de uma “inteligência coletiva”⁷¹, no sentido de colocar a “subjetividade no lugar certo”⁷². Esse comportamento poderia dar conta

⁶⁸ A **virtualidade** está presente em toda a Internet **de forma** muito ficcional, dissimulando um espetáculo para as pessoas que aí se baseiam nos hipertextos aí construídos.

⁶⁹ Idem, p. 13.

⁷⁰ Idem, p. 13.

⁷¹ Inteligência coletiva - é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências e sua base e objetivo são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas. Definição de Gustavo Cunha encontrada no site www.abordo.com.br/sat/res02_gus.htm.

⁷² Subjetividade no lugar certo – significa dar corpo a subjetividade na qual o homem inteligente está inserido em sua construção como co-autor da mesma na dimensão das diversas relações que estabelece com os contextos.

da invenção de novos procedimentos de pensamento e negociação coerentes com as novas experiências *mediatizadas* na sociedade da informação. Nesse ponto de se pensar coletivamente estaríamos retomando o real significado de democracia, re-apropriando-se do próprio futuro, não entregando seu destino nas mãos de alguns mecanismos supostamente inteligentes.

Para entender um pouco melhor o ciberespaço e as possibilidades de que os autores, aqui trabalhados discutem, se faz necessário evidenciar um pouco o que de fato é internet e como surgiu; os termos que utilizamos e enfim como se configura o espaço de nossa pesquisa, o *chat*.

Hoje vivemos a fragmentação dos conhecimentos, buscamos controlar as ações das partes e não do todo. O foco é o conhecimento sendo direcionado para formas de ganho financeiro, ou seja, deve-se realizar a melhor performance no mercado para garantir o ganho financeiro. O valor construído virá da relação que se conseguir estabelecer entre a informação e o conhecimento construído diariamente a partir da análise da informação. Assim pode-se dizer que – nos tempos atuais o conhecimento não é igual à informação, porém a informação é crucial para adquirir conhecimento que se multiplica como redes nas quais ele se relaciona e interfere. E hoje encontramos a informação e os conhecimentos entram em simbiose no espaço a mídia mais *imediatizado* que conhecemos como a Internet.

“No dia 24 de outubro de 1995, o Federal networking Council norte-americano aprovou por unanimidade uma resolução definindo o termo Internet. Esta definição foi desenvolvida em consulta com membros da Internet e comunidades de direitos da propriedade intelectual e diz o seguinte: Internet se refere ao sistema de informação global que é logicamente ligado por um endereço único global baseado no Internet Protocol (IP) ou suas subseqüentes extensões; (ii) é capaz de suportar comunicações usando o Transmission Control Protocol/ Internet Protocol (TCP/ IP) ou suas subseqüentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP; e (iii) provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços de mais alto nível produzidos na infra-estrutura descrita”. (CRIS, 2002, p. 01)

A internet, assim, é uma rede capaz de interligar todos os computadores do mundo. Os computadores que possuem a linguagem do Protocolo de Controle de Transmissão (TCP/IP) trocam informações entre si, e conectam máquinas de

diferentes tipos como PCs, Macs e Unix⁷³, a partir da língua inglesa. Podemos dizer que a internet é organizada na forma de uma malha, ou rede como citado já diversas vezes nesse texto, atingindo rotas de destinos onde houver uma máquina ligada a linguagem TCP/IP. As máquinas são de alta capacidade, processando conexões velozes, geralmente dá-se o nome de servidores. Esses servidores são controlados por empresas, órgãos do governo e outras instituições, como as educacionais, as universidades. Na ilustração (02) abaixo podemos entender como se estabelecem às conexões dos provedores aos computadores espalhados pelo mundo:



Ilustração 02- Funcionamento da rede de informação via computadores.

“Essa forma de funcionamento garante um custo baixo de conexão. Você só precisa pagar a ligação local até o seu fornecedor de acesso. Essa empresa (ou instituição) cobra taxa mensal de cada usuário para cobrir, entre outros, os custos da conexão com a rede. Mesmo assim, você paga o mesmo preço se enviar uma mensagem para o Japão ou para seu vizinho. Além de ficarem conectados entre si, os servidores Internet têm outras funções. A mais comum é fornecer acesso. Instituições acadêmicas permitem a funcionários, professores e alunos se conectarem à rede através de computadores instalados no campus ou de casa, pela linha telefônica. As grandes empresas oferecem acesso à Internet a seus funcionários por meio de suas próprias redes internas. Por fim, existem empresas especializadas em vender conexão à rede”. (CRIS 2002, p. 01).

Abaixo observa-se como é feita a conexão a partir do fornecedor de acesso com a ligação entre o computador do usuário e a Internet.

⁷³ Os termos se referem a tipos usuais de computadores, computadores de uso pessoal.

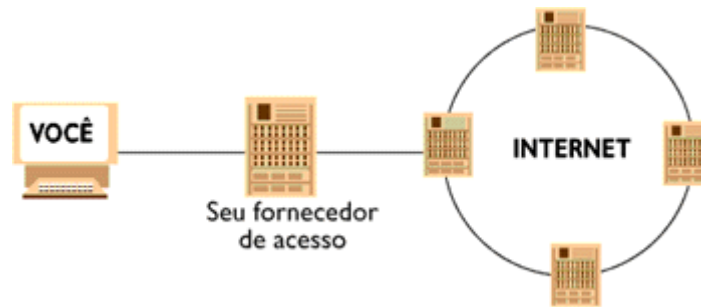


Ilustração 03- Conexão do usuário ao provedor de acesso a internet.

Os servidores da internet distribuem vários serviços dentre eles: copiar arquivos, enviar mensagens para outros usuários, participar de grupos de discussão e visitar serviços de informação, conversar em tempo real e outros. Os principais são: a *web* é a parte de multimídia principal na rede, em que se frequenta páginas interligadas podendo fazer compras em shoppings virtuais e consultar bancos de dados, ler jornais eletrônicos; adquirir informações de todas as áreas. As informações são de tal dimensão que para encontrá-las há diversas páginas de catalogação de informações para serem acessadas, como os *sites de busca*. O *correio eletrônico* serve para enviar ou receber mensagens. As transferências de arquivos, retirar informações de servidores gratuitos fazendo cópias diretas para seu computador. Os *grupos de discussão*, que partem da construção da grande comunidade virtual, pode-se comentar que são;

“clubes que reúnem pessoas com interesses semelhantes. Na rede, esses clubes são chamados de grupos de discussão e podem acontecer de duas formas. Existem os grupos da Usenet, que funcionam como quadros de avisos divididos por assunto, e os canais de chat, onde os usuários podem bater papos ao vivo em salas especiais para cada tópico”. (CRIS, 2002, p. 02).

Os *chats*, que são canais de discussão em tempo real, ou seja, permitem que vários usuários conversem ao mesmo tempo dentro de uma sala, em que se digitam as frases no teclado enviando-as a sala aparecendo imediatamente sua mensagem e das demais pessoas que estão participando da conversa, mantendo assim a configuração de um diálogo em tempo real. As conversas geralmente são organizadas em salas virtuais classificadas por assuntos de interesse do usuário. Nas salas as pessoas podem conversar com todos os presentes, como também

podem estabelecer conversas paralelas, particulares e privadas dentro de uma mesma sala lotada. As salas de chats constituem o espaço estudado em nossa pesquisa, por ser o lócus do ciberespaço privilegiado pelos jovens nas sociedades contemporâneas.

Continuando na discussão sobre o ciberespaço, segundo CRIS (2002), se comenta;

“A Internet, como rede mundial de computadores interconectados, é um privilégio da vida moderna para o homem moderno. É o maior repositório de informações acessíveis a qualquer pessoa que a acesse de qualquer parte do mundo. E o que torna a Internet tão diferente das outras invenções humanas é o insignificante período de tempo em que ela precisou para ser usada por milhões de pessoas. A eletricidade (1873), por exemplo, atingiu 50 milhões de usuários depois de 46 anos de existência. O telefone (1876) levou 35 anos para atingir esta mesma marca. O automóvel (1886), 55 anos. O rádio (1906), 22 anos. A televisão (1926), 26 anos. O forno de microondas (1953), 30 anos. O micro computador (1975), 16 anos. O celular (1983), 13 anos. A Internet (1995), por sua vez, levou apenas 4 anos para atingir 50 milhões de usuários no mundo. Hoje já temos 391 milhões de pessoas acessando a Internet. 47,5% dos internautas de hoje tem inglês como idioma nativo. 52,5% falam outros idiomas”.(p. 03).

Bem, desse ciberespaço à internet observamos o desencadear do pensamento de Joël de Rosnay (apud MORAES, 2001, p. 68) “neurônios de um cérebro planetário”, que nunca pára de produzir, de pensar, de analisar e de combinar.

O Ciberespaço no contato direto com as pessoas não é formado apenas por materiais, informações, mas também pelos programas que o organizam. Lèvy (2000) identifica os programas como *seres estranhos*, “meio textos meio máquinas, meio atores, meio cenários”. Os programas ou softwares organizam-se a partir de instruções codificadas, destinadas a fazer com que um ou mais processadores executem uma tarefa. Os programas disponibilizam as vias de comunicação estruturadas em hipertextos⁷⁴. Muito se discute hoje a fidedignidade dos softwares de programas que disponibilizam o espaço de comunicação na internet devido às questões da monopolização de um programa criado e distribuído para quase todo o

⁷⁴ É um tipo de construção de linguagem específica nos espaços da internet, em que se cruzam os textos em permanente formulação.

mundo. Capaz de criar a globalização da informação e de fomentar ideologias a partir do mesmo, e reforçar modelos geopolíticos, sociais e econômicos.

A nova forma de comunicação também elege novos meios de construção da linguagem oscilando desde a construção dos hipertextos às abreviações das palavras *inventadas*, para se dar conta da rapidez da interface com o teclado e à compreensão de ex-grandes frases e parágrafos. A concepção de documentos originais para hipertexto é um campo em plena fase de descoberta, um novo gênero literário ainda com um curto tempo de criação. Com o êxito da Internet, os hipertextos têm-se tornado uma forma de expressão cada vez mais explorada e sobre a qual têm surgido diferentes ensaios. Possuem natureza dinâmica em que um autor pode controlar os conteúdos do documento que criou, mas não pode ter controle sobre o modo ou a seqüência que vai ser lido. Ocorre assim, um desafio inédito aos criadores de obras na hipermídia. Para se entender a concepção de um documento *hipermedia* é necessário compreender o conceito-chave que o comanda que é a *modularidade*⁷⁵. “As formas lineares de seqüência ou estrutura são substituídas, em parte, pelas noções de conteúdo e contexto”⁷⁶, em que cada módulo de informação é definido pelo seu conteúdo, mas a sua compreensão depende também das relações que estabelece com outras partes do documento.

Sheneideman (1992), irá propor três regras do hipertexto, ou seja, três condições que de deve observar para determinar em que condições se justifica o uso de hipertextos em diferentes aplicações, são estas:

- “Um grande corpo de informação é organizado em numerosos fragmentos”;
- Os fragmentos relacionam-se entre si; e
- O utilizador necessita apenas de uma pequena fração de informação de cada vez”⁷⁷.

Estas três características quando convergentes indicam que uma adaptação para Hipertexto é possível e pode trazer vantagens. Por serem os documentos gerados em hipermedia muito recentes ainda não existem modelos definidos para a organização de documentos eletrônicos. E Areal (1997) irá nos dizer que “a integração de diferentes mídias de forma coesa levanta problemas conceptuais

⁷⁵ Organização por módulos para o trabalho em rede.

⁷⁶ Explicação retirada do texto “Dos multimeios ao unimeio”, da dissertação de mestrado Design de um Sistema Hipermedia, Leonor Areal, Universidade Aberta, 1997.

⁷⁷ Op. Cit. 27.

diversos que constituirão a gênese de uma linguagem ou uma gramática hipermedia”.

Considerasse então, que o hipertexto está presente em todo ambiente do ciberespaço navegado por jovens do mundo todo, consideremos que este *grandessíssimo texto* seja produzido e reproduzido, e reproduzido e ... por diversas pessoas em diversas partes do mundo e ou localidades. Pois bem, o que podemos considerar deste *grandessíssimo texto*, é que este vem a ser um lugar de experimentação de novas possibilidades, suporte para novos riscos e novas aventuras!

Enquanto espaço de possibilidades, para Vaz (2001), o hipertexto apresenta-se como:

- limite ideal da enciclopédia, a metáfora reificada da unidade da ciência;
- metáfora que se transforma em realidade;
- materialização mais eloqüente da unidade do saber;
- inacabamento⁷⁸;
- abertura à promessa de um saber em permanente crescimento;
- memória virtual que espera ser percorrida, atravessada, navegada;
- as novidades técnicas que o seu suporte eletrônico simultaneamente disponibiliza e reclama;
- texto face à sua realização digital, como tecido de nós e ligações de existência efêmera, virtual e mutante no ciberespaço;
- lugar de revelação de categorias e determinações textuais muito antigas;
- reconhecido enquanto pressentimento em muitas das experiências maiores da nossa tradição literária, experiências mais combinatórias que miméticas, mais intensivas e fragmentárias que arquiteturas;
- reclamado enquanto profecia por uma certa crítica literária.

Enquanto espaço de autoria, para Vaz (2001) e autores como Valéry, Calvino, Perec, Borges, Barthes, Genette, Blanchot, Derrida, Deleuze, o hipertexto apresenta-se com as seguintes características:

- indissociabilidade das práticas de escrita e de leitura;
- multiplicidade das leituras;

⁷⁸ Entende-se esse termo segundo a teoria de Paulo Freire, em que há uma *incompletude* do conhecimento do homem.

- navegação num espaço múltiplo;
- deriva;
- não linearidade;
- conectividade;
- intertextualidade;
- indeterminação dos limites;
- infinita abertura

Enquanto espaço de indeterminação dos destinos, para Vaz (2001), o hipertexto apresenta-se como:

- a indeterminação da ciência;
- da enciclopédia;
- da biblioteca instituição eletrônica universal;
- do museu virtual e universalmente acessível;
- da escola;
- da Universidade;
- das formas de cidadania.

Percebe-se que a importância de destacar todas essas características não está no fato de se obter precisamente o conceito e a explicação de como se constrói o ciberespaço mas sim de tentar compreender a aplicação das concepções de incerteza que variados autores na pós-modernidade vem buscando demonstrar em suas teses. E que embora tentemos compreender as significações de forma precisa sobre os fenômenos e fatos não conseguiremos atingir a singularidade dos contextos. Daí sim poder subentender as artimanhas da multiplicidade de entrelaçamentos relacionais que tecemos no cotidiano do conhecimento. Navegando no ciberespaço poderemos ser pegos de surpresa quando nos apercebemos mudando de idéias sobre determinados assuntos e opinando em outros que não imaginávamos que o faríamos. O emaranhado de artimanhas nos desvela significados e re-significações que podem ser tecidas diante da multiplicidade de informações alcançadas no ciberespaço, isso sem falar das artimanhas dos envolvimento emocionais e afetivos. Esses envolvimento constroem-se de forma desapercibida para percebida, sendo base o hipertexto inacabado e contínuo como

o das salas de chats. É neste contexto que o virtual toma corpo e ganha vida latente entre aqueles que navegam no ciberespaço.

No ciberespaço todos dividem um “colossal hipertexto, formado por interconexão generalizada, que se auto-organiza e se *retroalimenta* continuamente” (Op. Cit. p. 68). Há um “conjunto vivo de significações” (op. cit., p. 68). Os participantes da rede inscrevem nos hipertextos suas identidades a partir do momento em que tecem a seleção, a articulação e a *reapropriação* de novos pensamentos nas áreas dos sentidos. As escolhas do navegador conforme seus interesses e preocupações vão tecendo os próprios caminhos e extraíndo sentidos, criando texto próprio em função de suas necessidades no momento. Os recursos multimídia disponíveis, tais como; imagens, mapas, sons, diagramas, etc, enriquecem e valorizam a estruturação que está sendo criada. Esse movimento dinâmico rompe com as noções de “centro, margem, hierarquia e linearidade, substituindo-as pelas de *multilinearidade*, nós, nexos e redes” (MORAES,200, p. 70).

Todos as informações nos sites tornam-se interativas, e a pragmática da internet trás para a comunicação a tipologia do TODOS para TODOS (PELLANDA, 2000), em que no ciberespaço cada indivíduo é potencialmente emissor e receptor, se agregando por interesses e sentidos, e não mais por suas identidades culturais, espaços geopolíticos, ou sociais, que agora também passam a ser vinculados ao interesse dos participantes. Cita-se como exemplo entre os jovens, o interesse de jogar um jogo da moda – Role Playing Game (RPG⁷⁹), formam verdadeiras comunidades interativas quase que de caráter “presencial”, por que no caso só faltará o corpo físico para interagir, pois o cognitivo já está totalmente participativo e imbuído do contexto virtual do jogo. Transpõem-se quaisquer barreiras, mesmo as mais complexas da linguagem. Entende-se este momento de comunicação virtual como uma transversalidade *cognitiva/informatizada/maquinizada/emocionada* que atravessa os muros do espaço/tempo redundante de propriedade tecnológica e humana conjuntamente.

Dentro dessa perspectiva, MORAES nos diz que: “a internet seria um viveiro de informídias, diferenciadas dos macro-sistemas mediáticos pelos seguintes quesitos” (MORAES, 2001, p.70): não há um local de onde partam as direções e/ ou comandos de decisão sobre a Web; na internet não há pólos de onde parte e se

⁷⁹ Role Playing Game, que significa Jogo de Representação. Ver lista de termos.

recebe a informação de forma unívoca, mas a participação na comunicação está na dimensão coletiva; as tentativas de demarcações de limites feitas pelas instituições hegemônicas e ou pela mídia tendem a ser rompidas pelo caráter interativo e multipolar da comunicação virtual, em que a produção e distribuição das informações não estão condicionadas a processos históricos; a inexistência de programações ou direcionamentos de rotas de leituras, o próprio indivíduo “escolhe e consome o que quiser nos horários, nas frequências e nos ângulos de abordagem de sua preferência”⁸⁰; a postura ativa e crítica diante das informações é de interferência do próprio usuário, cabendo-lhe a postura de decidir conforme seus interesses e a formação pessoal, social e individual; e por último;

“as relações entre as fontes informativas e os usuários na internet são móveis, interrompidas, retomadas e atualizadas. A ação pode ser contínua, apesar da duração descontínua(...) a fruição depende do agenciamento de entradas e de saídas, embora os fluxos sejam ininterruptos e deslocalizados”⁸¹.

Dessa maneira o ciberespaço adquire um caráter de universalidade, só que indeterminado, as formas de controle não são aparentes, pois locais e tempo são indefinidos. É nesse momento que Lèvy (1998) trabalha com o conceito de cibercultura, em que se *mundializa* os modos de organização social diferente, não estabelecendo ou favorecendo a únicos pensamentos.

No desenvolvimento histórico sobre a Internet encontramos quatro aspectos distintos que configuram o quadro de aplicação e uso da mesma, segundo Pereira (2002), são eles:

- “a evolução tecnológica que começou com as primeiras pesquisas sobre trocas de pacotes e a [ARPANET](#)⁸² e suas tecnologias, e onde pesquisa atual continua a expandir os horizontes da infra-estrutura em várias dimensões como escala, desempenho e funcionalidade de mais alto nível;
- os aspectos operacionais e gerenciais de uma infra-estrutura operacional complexa e global;
- o aspecto social que resultou numa larga comunidade de internautas trabalhando juntos para criar e evoluir com a tecnologia;

⁸⁰ Idem, p. 71.

⁸¹ Idem, p. 71.

⁸² Primeiro protocolo da internet.

- e o aspecto de comercialização que resulta numa transição extremamente efetiva da pesquisa numa infra-estrutura de informação disponível e utilizável” (p. 02).

Hoje a Internet apresenta-se como uma larga infra-estrutura de informação, o protótipo inicial do que é freqüentemente chamado a Infra-Estrutura Global ou Galáxia da Informação. Esses quatro pontos estão envoltos em complexos aspectos, indo dos tecnológicos e organizacionais aos comunitários. Influenciando desde campos técnicos das comunicações via computadores e toda a sociedade, na medida em que se usa cada vez mais a ferramenta on-line para adquirir informação e operar em comunidade.

Observa-se que os primeiros experimentos da internet datam de 1961 com a teoria de trocas de pacotes por Leonard Kleinrock, do MIT e logo após em 1965, Roberts e Thomas Merrill conectam um computador TX-2 em Massachussets com um Q-32 na Califórnia com uma linha discada de baixa velocidade, criando assim o primeiro computador de rede. Já em 1966 Roberts trabalhando no Departamento de Defesa Norte-americano (DARPA), desenvolve o conceito de redes computadorizadas e elabora o plano para a Advanced Research Projects Agency [rede de compartilhamento de computadores] (ARPANET). Os ingleses Donald Davies e Roger Scantlebury, do Nuclear Physics Laboratory (NPL) também apresentam trabalhos nessa área. Em 1969, devido à teoria de trocas de pacotes de Kleinrock em seu Centro de Mensuração de Rede da Universidade da Califórnia (UCLA), se instala o primeiro nó (ponta) da ARPANET. É o primeiro servidor de computador conectado, e o segundo foi nó (ponta) foi no SRI – Stanford Research Institute. Após um mês de funcionamento o SRI foi conectado a ARPANET, e a primeira mensagem entre servidores foi enviada do laboratório de Kleinrock para o SRI. Mais dois “nodes” – pontos de ligação entre locais em rede, foram acrescentados: a UC Santa Bárbara e a Universidade de Utah, que incorporaram projetos de aplicações visuais. Assim ao final de 1969 quatro servidores estavam conectados na ARPANET e os estudos enfocavam a rede em si e suas possíveis aplicações, o que continua até hoje. Daí em diante outros computadores foram adicionados a ARPANET, e outros grupos de trabalho prosseguiram no estudo e em 1971 a 1972, os usuários da rede começaram a desenvolver suas aplicações. A primeira demonstração pública da nova tecnologia da rede e da aplicação do correio

eletrônico foi introduzido em outubro de 1972 por Kahn na Conferência Internacional de Comunicação entre Computadores. Surge também o primeiro programa de utilidade do correio eletrônico (e-mail), consistindo em listar, ler seletivamente, arquivar, encaminhar e responder a mensagens. A aplicação do correio eletrônico tornou-se a maior da rede o que desenhava a atividade que vemos hoje no ambiente multimídia da internet (WWW), gerando o enorme crescimento de todos os tipos de aplicações e utilitários agregados pessoa-a-pessoa, e em nosso estudo, particularmente, as salas de chats.

Assim a ARPANET original cresceu e se tornou a Internet, e logo foram incluídos as redes de satélites, de rádio, etc. Hoje a Internet que conhecemos está diretamente incorporada a idéia central de “rede de arquitetura aberta”⁸³,

“Nesta abordagem, a opção pela tecnologia de qualquer rede individual não é ditada por nenhuma arquitetura de rede particular e sim escolhida livremente pelo provedor, que a torna capaz de entrar em rede com outras redes pela “Arquitetura de Internetworking. (...) Numa rede de arquitetura aberta, as redes individuais podem ser separadamente desenhadas e desenvolvidas e cada uma pode ter sua interface própria que pode ser oferecida a usuários e outros provedores. Cada rede pode ser desenhada de acordo com o ambiente e os requerimentos dos seus usuários. Não há restrições em relação aos tipos de redes que podem ser incluídas numa área geográfica, apesar de algumas considerações pragmáticas ditarem o que é razoável oferecer.” (PEREIRA, 2002, p. 05).

Os trabalhos de Cerf e Kahn (apud, PEREIRA, 2002) foram importantíssimos na configuração da rede em arquitetura aberta. Eles descreveram o protocolo chamado TCP, que provia todo o transporte e serviços de encaminhamento na Internet, um modelo de circuito virtual. O protocolo TCP foi reorganizado em dois protocolos; o mais simples IP que provia apenas o endereçamento e o roteamento dos pacotes individuais e o TCP, separadamente, que se preocupa com o controle do fluxo e a recuperação de pacotes perdidos. A TCP/IP surge como novo protocolo de comunicações para dar conta do controle de erro ponta a ponta na existência de uma rede de arquitetura aberta, de modo a dar confiabilidade ao controle do erro por parte dos vários servidores disponíveis na internet. Assim a abordagem arquitetônica para a comunicação de Kahn (apud, PEREIRA, 2002) e a experiência em NCP de

⁸³ PEREIRA (2002) in: <http://www.aisa.com.br/quem.html>.

Cerf possibilitaram a construção do que se tornou TCP/IP, que substituiu o ARPANET. “Em 1985 a Internet já estava bem estabelecida como uma larga comunidade de suporte de pesquisadores e *desenvolvedores*⁸⁴ e começava a ser usada por outras comunidades para comunicações diárias pelo computador.”⁸⁵. Daí a evolução da utilização da internet rompe os muros da pesquisa e passa a ser aplicada, em primeira instancia para uso dos governos e logo após é ampliada ao uso comercial. Com a desautorização da ARPANET o TCP/IP torna-se o serviço de sustentação da infra-estrutura da informação global, e é aplicada a utilização da Internet até os dias de hoje.

O crescimento da Internet deve-se ao livre e aberto acesso aos documentos básicos, especialmente as especificações dos protocolos. Entende-se por protocolos formatos estabelecido para a transmissão de dados entre dois dispositivos de computadores. Podemos entender o acelerado crescimento da Internet por sua capacidade de promover o compartilhamento dessas informações, ou seja, pela capacidade de se rediscutir seu próprio desenho e sua operacionalização.

A característica que funda a internet hoje é sua representação enquanto “coleção de comunidades e de tecnologias”⁸⁶, bem como o sucesso advindo da satisfação das necessidades básicas de comunicação entre as pessoas distribuídas por grupos de interesses.

Na Internet o ambiente multimídia hoje utilizado, a web, Pereira (2002) considera:

“Mudou a forma de fazer marketing, a forma de atender aos clientes, a forma de fazer negócios, a forma de educar, a forma de aprender. Isso é fantástico.”(p. 02).

Assiste-se hoje a evolução da Internet possibilitando a telefonia, a televisão e o cinema em rede, e com certeza com as descobertas da ciência de novas tecnologias, novas formas de serviços e novas aplicações expandirão ainda mais a Internet, tornando impossível medir o número de aplicações do uso da Internet. Um

⁸⁴ Termo técnico para definir a pessoas ou máquinas que atuam com os meios de comunicação informatizada.

⁸⁵ Idem 12.

⁸⁶ Idem 13.

dos exemplos mais expressivos hoje da utilização da Internet são, comenta Pereira (2002):

“os atendimentos online com visualização online, os vídeos de alta qualidade, a tradução de conteúdos para outros idiomas, os prontuários eletrônicos de pacientes com acesso descentralizados pela Internet, a ênfase na educação a distância em nível de treinamento de cargos ou tutoriais de classes, pesquisas e eleições interativas (...). agora existem os ASP – Application Solution Providers, que são empresas especializadas no desenvolvimento de aplicações para a Internet.(...) no Brasil da entrega do Imposto de Renda pela Internet, tanto em termos de comodidade para a população como em termos de redução de custos para, no caso, o Governo. Uma aplicação que temos grande interesse como cidadãos e internautas é a votação eletrônica. Já existe um projeto em andamento nos Estados Unidos que permitirá que a população vote em eleições públicas de sua casa, pelo telefone ou pela Internet. Estique mais um pouco este conceito e veja que qualquer consulta poderá um dia ser feita diretamente à população (isso demandará centros comunitários com acesso a Internet para as classes sociais menos favorecidas, sim!) quando este dia chegar, estaremos dando um passo a mais no sentido da democracia!”. (p.20).

E ainda se pode vivenciar hoje nas aplicações da Internet à integração da voz a páginas na internet (websites) provocando o início de uma nova era em comunicação. A escrita e a imagem eletrônica captam o timbre da voz humana, calor e volume da mesma. A voz é usada para ditar textos para programas de e-mail, atender a clientes por espaços maiores de navegação (web), realizar teleconferências, criar e enviar vídeos, fazer reuniões com a tradução simultânea, etc. O uso do mouse torna-se obsoleto nos websites, criando um novo relacionamento em que a Web conversa com as pessoas. CERF⁸⁷ considera:

“Em 2008, a Internet será interplanetária, ou seja, teremos fluxo de informações cruzando o sistema solar! A Internet interplanetária é hoje parte de um programa da missão da [NASA](#) em Marte em andamento no Jet Propulsion Laboratory. Em 2008, nós deveremos ter uma rede funcionando entre a Terra e Marte que servirá como um backbone nascente do sistema interplanetário de Internets. A InterPlaNet será a rede de Internets. Definitivamente, teremos retransmissores interplanetários da Internet na órbita solar dos pólos de forma que os retransmissores possam ver a maioria dos planetas na maioria do tempo. O sistema permitirá redes no espaço profundo, composta de elementos como robôs planetários, balões, penetradores, satélites orbitais, naves conduzidas e talvez humanos - para falarem entre si e com a Terra na mesma maneira a Internet permite hoje entre internautas conectados. Estes

⁸⁷ Fonte: "Cerf's New Turf", publicado na revista norte-americana Business 2.0.

"gateways" interplanetários, cada um com seu próprio endereço de domínio, irão permitir que a Internet terrestre se conecte com o espaço da mesma forma que os usuários da [America Online](#) usam o gateway da AOL para acessar a Internet". (p. 31)

O sucesso da Internet captou investimentos econômicos e intelectuais na rede. Presencia-se o debate sobre o controle dos domínios na forma da nova geração de endereços IP, e uma luta constante para se achar qual estrutura social que conseguirá dar conta de guiar a Internet do futuro, ao mesmo tempo em que a indústria busca achar um raciocínio econômico viável para dar conta do grande investimento necessário para o crescimento futuro da Internet. Diz; "se a Internet tropeçar, não será por falta de tecnologia, visão ou motivação. Será porque nós não fomos capazes de definir uma direção e marchar coletivamente no futuro". (p. 31).

A caracterização da Internet quanto a sua extensão de aplicação terrestre, comenta Hooke (Apud, PEREIRA, 2002), hoje, apresenta grandes possibilidades de encontrar nos novos mercados emergentes aliados para investir nas tecnologias de satélites, wireless e redes específicas que não dispõem de um mercado forte hoje, mas que poderá ser através deles e suas tecnologias emergentes que liderarão a Internet do espaço. Cerf (apud, PEREIRA, 2002) nos diz: "Quanto mais cresce a velocidade dos sistemas terrestres", lembra Cerf, "o atraso relativo devido à velocidade da luz aumenta. Os métodos que se usa hoje para fazer longas viagens interplanetárias podem também ser aplicados para sistemas de supervelocidade na Terra". "E o desenvolvimento de tecnologias do espaço que são compatíveis com a tecnologia na Terra tem o bônus extra de baratear as missões espaciais, já que os satélites de comunicações poderão ser usados para ambos os fins". (PEREIRA, 2002).

Cerf (2002), prevê ainda que os cenários para 2008 em que satélites em órbita de Marte servirão como relays para o componente interplanetário do que ele chama de InterPlanet, ou seja, um tipo de Internet planetária, no espaço. E que em 2.018, naves conduzidas e satélites poderão estar na órbita de Marte e, em 2.030 missões humanas já terão estabelecido algumas estações planetárias. Cerf (2002), considerado pai da internet, tem uma visão do futuro da mesma e da humanidade, a partir dos avanços que a humanidade conquistará no mundo informatizado, identificando uma desse mundo informatizado no espaço por volta do século XXII.

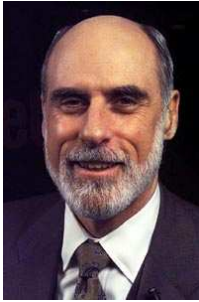


Ilustração 04 - Dr. Vint Cerf, “pai” da Internet., e o filósofo Pierre Lévy, investigador das novas redes de conhecimento a partir da mídia internet

As mudanças que a Internet nos traz tem crescido também sob o ponto de vista comercial movimentando bilhões de dólares em seus investimentos. E com certa muitas mudanças ainda virão, e sendo a Internet uma criatura exclusiva do computador tende a evoluir na velocidade da indústria dos computadores.

Uma das questões mais latentes sobre o futuro da Internet, segundo Cerf (Apud, PEREIRA, 2002), não está posta em como a tecnologia mudará, mas como o processo de mudança e evolução será gerenciado.

São incríveis as possibilidades que ainda se está por assistir da aplicação da tecnologia da informação. Os pensamentos sobre o futuro da Internet e suas aplicações podem deixar os homens perplexos e boquiabertos, mas há uma questão fundamental, em nosso ponto de vista, precisa ser levantada às implicações das qualidades de vida do homem no sentido do surgimento de um modelo social político e econômico e filosófico que proporcione ao homem igualdades sociais que lhe permita viver em comunhão coletiva. De que adiantaria tal tecnologia aplicada ao cotidiano do homem se esta agravaria as questões de exclusão e condições precárias para a sobrevivência humana, como hoje já vivenciamos em diversas partes do mundo hoje. Do que adiantaria visitar outros planetas se imensa parte da população sequer tem o que comer em um único dia?

Será nesse sentido que Lévy (2001) analisa as interfaces da necessidade de se aproveitar o momento do desenvolvimento tecnológico na informação para gerar novas estruturas sociais que contemplem o regime democrático.

Todo o movimento de desterritorialização que a utilização da Internet provoca demanda infra-estrutura tecnológica, social, econômica e principalmente dos interesses políticos que darão suporte a estas transformações.

Muitas mudanças ocorreram e ainda poderão ocorrer por conta da Internet nos diversos campos da sociedade, porém muitas vezes também desprovidas de suporte filosófico e político, tornando a utilização da Internet sem valor significativo no sentido de contribuir para construção do aumento da qualidade de vida da humanidade e do planeta.

Na maioria dos autores que pesquisamos encontra-se a postura em que supostamente o jogo virtuoso do ambiente das redes e da Internet guarda-se a chave da evolução da espécie e da preservação do planeta, porém resta-nos descobrir e saber quem ou quais instrumentos podem permitir que nesse contexto ocorra uma evolução paralela tanto da parte humana quanto da tecnológica. E que não se resuma em modelos relativistas e simplórios, dês-significativos do sentido da vida humana e planetária. Algo em que os limites sejam mais plásticos, históricos, criativos e de forma tangível. As pesquisas contemporâneas vêm tentando refletir sobre essas questões relativas ao sujeito/objeto e suas conquistas, de forma a buscar um novo perfil científico para uma nova ciência que integre inteligências coletivas, ou seja, tentar dar conta, simultaneamente, dos aparatos técnicos usados na construção das redes e das múltiplas dimensões cognitivas. A idéia de uma nova ciência integradora, cujos cientistas Lèvy (2000) e Morin (2001), vem divulgando em seus trabalhos, capaz de unir num momento adverso da história as dimensões do concreto e abstrato, na anunciação de um novo cotidiano não marcado pelo irracionalismo e barbárie que vivenciamos hoje. Pois identificamos no complexo organismo social que se desenha na Internet à participação efetiva dos seres humanos que estão por trás dos computadores. Mas ao mesmo tempo em que podemos considerar este contexto promissor em suas tendências à integração e a comunhão da humanidade, também se identifica no entanto, a desigualdade social, o terrorismo, o racismo, as guerras separatistas e as posturas imperialistas. Fonseca (2002) considera:

“Os motivos para a agregação da humanidade estão aí: interesses comuns, tanto econômicos quanto de sobrevivência; os meios também estão aí: transporte rápido, telefonia de longa distância e a Internet, com seu fantástico poder de interligar pessoas, corações e mentes, independentemente do rincão geográfico

em que estejam. Todos os sinais estão aí (a estação espacial está sendo construída através da colaboração de vários países, coisa impensável há poucas décadas). Quem tiver olhos que veja; quem não puder ajudar que, pelo menos, não atrapalhe”(p.01).

O conceito de cibercultura⁸⁸ entra neste exato momento, em que tece sua fundamentação atrelada ao processo tecno-social da cultura contemporânea em que as tecnologias de comunicação e informação estão transformando práticas sociais, formas de produção e consumo midiáticas, o entretenimento, a educação e a economia deste novo século XXI. Essa postura traz questões como a exclusão social, a democracia eletrônica, e as formas de governabilidade existentes com o surgimento do ciberespaço. Este espaço eletrônico das redes telemáticas inunda o planeta criando uma estrutura de comunicação inédita em seu alcance e forma, com características de descentralização, privilegiando a participação aberta que configura uma das maiores revoluções comunicacionais e tecnológicas da história da humanidade. Seria possível entendermos o ciberespaço como instrumento, de revigorar o espaço público, e seu uso como sendo potencialmente gerador de ciberculturas que privilegiem a agregação social e a participação na reconstrução política de forma a gerar o que se vem chamando de cidadania digital, e até mesmo de acreditar em uma transfiguração filosófica?

Essa é uma grande *problematização* que instiga após tecer a construção desse capítulo, mas não nos aprofundaremos nessa questão no momento, embora esteja diretamente relacionada ao tema, porém demanda outras pesquisas que vão além da realizada no momento, embora apresentemos alguns aspectos do assunto. Porém se sugere que a questão possa ser revista em um próximo trabalho.

Abordar as questões da cibercultura são mais relacionada às construções na educação, apresentadas em seqüência nesse capítulo.

Conclui-se registrando que, tanto no ambiente do ciberespaço quanto no ambiente da cibercultura, possibilitados pela rede mundializada de computadores, navegam instrumentos privilegiados de inteligência coletiva, que são capazes, de forma gradual e processual, instigar e fazer emergir uma ética nas interações fundantes de um novo pensamento filosófico e científico, calcados em princípios de

⁸⁸ De acordo com a idéias de LEVY, a cibercultura relaciona-se a uma cultura produzida no espaço da internet. Ver nota de rodapé.

cooperação, participação, e diálogos negociáveis, enfim uma nova relação dialógica no trato na dimensão do homem/homem e não na dimensão do homem/objeto.

CAPÍTULO 3. JOVENS, VALORES E IDENTIDADE

Os possíveis encontros entre uma sociedade da informação e os caminhos da juventude acontecem nas sociedades contemporâneas pós-modernas no instante em que a teia de comunicações invade todos os espaços de vida da juventude, resignificando valores, modos de vida e atitudes. As modificações ocorrem em vários campos da formação dos jovens, entre elas discutimos em nossa pesquisa, a identidade, a subjetividade e tecnologia a partir do ponto de vista dos valores que permeiam essas relações interligando-os, porque entendemos que um não está dissociado do outro, mas em constante interação.

Os jovens que nos anos 60 protagonizaram uma revolução de costumes até então não ocorrida, através da música (rock'n'roll) do uso livre das drogas e do sexo, hoje adentrando o século XXI, protagonizam costumes diferentes; utilizam os meios tecnológicos com desenvoltura. Os jovens de hoje são capazes de assistir a televisão, falar ao telefone, escutar música e conectar-se a internet ao mesmo tempo. E as habilidades desenvolvidas não se restringem a mera utilização como usuários dos meios tecnológicos mais modernos de informação, diversão, utilizam o espaço da internet nas suas mais complexas relações. Exploram de forma despojada uma das facetas mais instigantes da internet, que é a de aproximar indivíduos no plano real das relações, em que todos se fazem conhecer em todos os níveis possíveis, e dentre esses espaços interativos, as salas de chats são as preferidas [abordamos essa questão com mais detalhes no capítulo a seguir]. Esses jovens tornam-se verdadeiros *Colonizadores do Ciberespaço*, na medida em que desbravam o mundo virtual com intensidade. Hoje 99%⁸⁹ dos jovens tem conhecimento da existência da rede, a participação do jovem nesse espaço é muito

⁸⁹ Dados colhidos do Centro de Pesquisa Motivacional - <http://www.cpmbr.com.br/>, 2002.

significativa, no relatório “*The Face of The Web: youth*”⁹⁰, os relatos dos dados encontrados em estudos realizados em 16 países demonstraram que mais de 10 mil internautas com idades entre 12 e 24 anos navegam neste espaço virtual. No Brasil, em média, 70% dos adolescentes acessam os chats da internet, em seguida aparece o México com 79% e em últimos lugares estão o Reino Unido com 51% e o Japão com 32%. Outra pesquisa realizada, em 2001, no Brasil pelo instituto de pesquisa Ipsos-Reid Group, (IPSOS⁹¹) demonstra que dentre a população que acessa, cerca de 91%, são jovens usuários dessa rede nas áreas urbanas. A compreensão e desenvoltura desses jovens são demasiado grande que, em 2001 um jovem através de seu Pentium II invadiu o pátio de controle de vôo do centro de pesquisas da NASA e quase provocou a destruição da Challenger. Jovens pelo mundo se revestem em hackers⁹² em diversos assuntos da área da computação causando prejuízos aos provedores e computadores em rede que invadem.

A forma de lidar com várias informações ao mesmo não significa dizer que sua atenção esteja voltada a todas as atividades ao mesmo tempo, mas significa dar ênfase ao que mais lhe interessa por poucos minutos, como se dirigisse a atenção de forma fragmentada.

Hobsbawn (1998) considera que surge uma cultura jovem no final da década de 80 quanto analisa a revolução social, mais precisamente, partir da terça parte do século XX. Para ele esse fenômeno desenha uma outra revolução, a cultural. Emerge um novo *status* delegado ao ser jovem, esse movimento causa na sociedade profundas mudanças na relação entre gerações. Slogans como “é proibido proibir”, e “tomo meus desejos por realidade, pois acredito na realidade de meus desejos”. Para Hobsbawn (1998) constituí-se em anúncios públicos de sentimentos privados. O século XX assiste e vive uma revolução cultural em que o individual se sobressai na sociedade. Ocorrem afrouxamentos nos laços familiares modificando profundamente esse meio de reprodução e mecanismo de cooperação

⁹⁰ Relatório constante do Ipsos-Reid, trata-se de um site de pesquisa pública em marketing de amplitude internacional. www.ipsos-reid.com/ca/sectors/products/dsp_fowy.cfm

⁹¹ A Ipsos Latin America faz parte do grupo global Ipsos, fundado na França em 1975, com presença nos cinco continentes e principais países do mundo. As grandes especialidades do grupo são Marketing Research (Quali e Quanti) e Advertising Research. Outras áreas de grande importância são Customer Satisfaction e Media Research (audiência). Recentemente, a Ipsos Latin America lançou um portfólio de ferramentas para pesquisa de Internet e na Internet (Ipsos Interactive).

⁹² Hackers – termo utilizado para definir se a pessoa tem conhecimentos aprofundados em qualquer assunto no campo da computação (de preferência pouco explorado).

social. A escola também é identificada como um dos locais de rompimento desse movimento cultural. Assim nossos jovens hoje são marcados por essa revolução cultural. Essas são algumas características que podemos evidenciar no comportamento da “nova geração” na qual se deposita um ideário de esperança.

As características que se poderia considerar, tais como vestuário, gírias, gestos e comportamentos, como fonte de afirmação do grupo, são consideradas flutuantes se vistas sob os estudos da sociologia da juventude nos dias de hoje. Pois tais características estariam peculiarmente relacionadas a grupos e seus modos de representação dentro da juventude. Maffesoli (2000) considera que esta juventude seria um “subgrupo” do tecido social, caracterizando as neotribos na pós-modernidade. A juventude vista sob a discussão de Maffesoli (2000) pode ganhar corpo conceitual do neotribalismo, considerando especificamente o momento sócio-político-histórico-econômico em que se insere a constituição do paradigma pós-moderno. A existência da área juventude esta vinculada diretamente a composições de micro-grupos ou tribos advindas do conceito de neotribalismo , o tecido do corpo juventude visto sob esta perspectiva vislumbra a metáfora de um caleidoscópio, ao mesmo tempo em que intensifica sua rede de complexas relações no corpo social, ao qual está inserida ao longo da história, representando muitas vezes objeto de esperança, revoluções, dúvidas, transgressões sociais ora na estética, ora na política, ora na economia, ora nos rastros culturais , de modo a constituir sempre um campo fértil de contribuição à construção histórico-social, embora em definição, no momento conceitual de tal força que a possibilite ser classificada como “categoria social”. Desta forma, pouco se pode precisar definições para esta “geração”, em que se manifestam jovens e sua juventude.

Encontramos na trajetória de nossas vidas o momento do “sou jovem”, declarado por nós mesmos, empiricamente, quando nos identificamos em um momento estabelecido por um consenso comum simplista indicado em uma sociedade, geralmente definido pelo critério da faixa etária. Este critério nos diz Carrano (2000):

“É utilizado na realização de estudos estatísticos na definição da idade de escolarização obrigatória, na formulação de políticas de compensação social, na atribuição de idade mínimas para o início do trabalho profissional, na idade mínima para responsabilização penal, na classificação de programas televisivos etc.” (p. 12)

As idades não possuem um caráter universal para as noções constituintes de juventude, infância e vida adulta, estas se constroem na história conforme as agregações humanas, o que nos demonstra um certo grau de flexibilidade perante as definições, em particular a de juventude.

Com este caráter “multicriterial”, para definição de juventude os enfoques transitam e centram-se em fundamentos biológicos, sociais ou psicológicos, gerando “análises pouco convincentes”, comenta Carrano (2000, p. 13).

Inseridos nas “artimanhas”⁹³ dos valores e hábitos que possibilitam construir alguma definição de juventude considerando a perspectiva dessa nova revolução cultural, encontramos contribuições significativas da sociologia da juventude, embora ainda limitada em seu caráter uniformizador nas diferentes sociedades.

3.1 - OS JOVENS, O CONCEITO E A AUTONOMIA

Atravessamos, nos dias atuais, um período de constantes mudanças caracterizado pelo movimento da globalização⁹⁴, nos campos da economia, da política, da cultura e da sociedade.

Estes campos, que estão mutuamente interligados, influenciam direta ou indiretamente a formação do homem em seus princípios, valores e ações.

O homem assim formado também retorna ao meio as influências que sofreu, o que gera uma relação não só de reciprocidade, como também de protagonismo.

É estabelecido um universo de interdependência, onde a formação que recebeu o forma e forma o mundo em que vive e vice-versa.

Neste universo de relações homem-mundo, em particular, destacamos a formação dos “jovens”⁹⁵ de hoje como foco de investigação, partindo do momento em que consideramos nesta geração⁹⁶ a presença de um campo propício de se pensar a construção de si mesmo, da autonomia e cidadania.

⁹³ Utilizamos o termo “artimanhas” justamente para demonstrar a singularidade e ao mesmo tempo a pluralidade de valores e hábitos que transitam na formação identitária dos jovens nas mais variadas formas de agregação grupal, social e cultural diferenciados. Utilizamos o termo, também, para designar o caráter versátil e flexível, onde o sujeito está a nos “pregar peças”, no termo popular, ou seja, nos fornece dúbias interpretações; fazer acreditar que é algo que não o é.

⁹⁴ Diz-se do movimento social-econômico onde a produção nacional prende-se a uma rede global, demandando convivência nas regras internacionais de economia e comércio.

É na filosofia, como arte de reflexão e instrumento de interrogação do que está instituído no mundo dos homens, objetos e fenômenos, que se apóiam à discussão.

Existe certa complexidade no conceito – “ser jovem”, retomamos a discussão do início do capítulo para melhor esclarecer a relação com a autonomia que se pode esperar e/ou construir junto aos jovens.

A definição do conceito de jovem é hoje, nas sociedades modernas, utilizadas com freqüência, o que não existia há algumas décadas. O entendimento do conceito de jovem aparece na história sutilmente advindo de movimentos organizados a partir dos próprios jovens nas suas diferentes formas de agregação, crenças e objetivos. Assim não podemos dizer que existiu um conceito único durante o desenvolvimento da história, mas podemos identificar a presença dos “jovens” em determinados momentos através de representações sociais diferentes. Em cada fase da história, o perfil desse conceito “jovem” é desenhado conforme a complexidade social, e conseqüentemente não pode afirmar-se como conceituação única.

Como exemplo, temos a época histórica da Idade Média, quando os meninos, dentro desta geração, cumpriam rituais de passagem da vida infantil à vida adulta através de sua adesão à Cavalaria. Algumas características desta geração são levantadas por Lèvy (1996) tais como: corpos robustos, ágeis, bem como transgressões da ordem social e moral da época. Porém não há menção sobre o conceito de jovem estabelecendo uma consideração específica a este grupo. Além de desconsiderar totalmente a inclusão feminina nesses rituais e na vida social e política. As meninas estavam submetidas às atividades domésticas.

Um outro exemplo: podemos citar os meninos nos movimentos da Itália nos séculos XVII e XVIII, a partir das obras do grupo dos “Caravagios”. Eram grupos que trabalhavam na área artística, voltada principalmente à concepção estética. Pouco inseridos na vida política, esses jovens permaneciam sob a égide da igreja que os aprovava e os socializava de forma romântica na sociedade. Este grupo tampouco mereceu um conceito definido.

⁹⁵ Na fala de Rapaport (1998) o ser jovem é aquele caracterizado por estar em um período específico de desenvolvimento psicológico e biológico, vivenciando a construção de identidade e modificações corporais advindas da puberdade.

⁹⁶ Refere-se a faixas etárias distintas do desenvolvimentos humano, definidas através dos critérios da Organização Mundial da Saúde. São considerados jovens todos aqueles inseridos na faixa etária entre 14 e 24 anos.

A partir destes exemplos podemos observar que não só não foi construído um conceito de jovem, como também poderá constituir; o fato de não considerar a participação feminina, já nos demonstra uma das diferenças do pensamento construído sobre o jovem nos dias de hoje, quando a presença feminina já é bastante expressiva. A jovem não mais restringe suas habilidades e capacidades ao serviço doméstico, frequenta os mesmos espaços sócio-culturais e políticos dos jovens masculinos.

Algumas idéias sobre o conceito de jovem são advindas de estudos biológicos e psicológicos, que, por vezes, não clarifica o significado do que é o “ser jovem”. Como a definição estabelecida por Rapaport (1998), considera: o ser jovem constitui-se de momentos de vergonha, dúvidas, desconhecimentos, irreverência; essa juventude é marcada por fortes emoções e intensas transformações que marcam um período de construção de identidade, tomando por base o ponto de vista biológico determinado pelas modificações corporais da puberdade. Estas mudanças corporais também provocam reações complexas e desarmônicas que influenciam no campo psicológico.(p.18)

Porém na fala de Erikson (1976), o conceito de jovem se dá de forma mais condizente com a realidade social e os comportamentos juvenis demonstrados hoje em dia. Esse autor nos diz que a adolescência é o período mais acentuado e consciente, como sempre ocorreu em algumas culturas, e tornou-se quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta. Nesse período, o jovem sofre a revolução fisiológica de maturação genital, as incertezas de papéis dos adultos à sua frente. Os jovens apresentam-se muito preocupados com a intenção de se posicionar de forma diferente, legitimado pelas tentativas mais ou menos excêntricas de estabelecer uma *subcultura* adolescente e com uma formação inicial de identidade. Nessa fase de juventude, o adolescente recupera a essência impetuosa reprimida anteriormente na idade escolar, mas preocupa-se demasiadamente com o que possam parecer aos olhos dos outros, em comparação com o que eles próprios julgam ser. Ao mesmo tempo, cultivam uma natureza tempestuosa, revolucionária, quando são arbitrariamente privados de expressar o seu sentimento de identidade.

A alienação, nesta fase, pode ser considerada como um conflito de identidade. Alguns jovens identificam-se ideologicamente com causas sociais e políticas e desbravam o mundo em função de sua auto-afirmação a partir do referencial de mudança. Outros, esquivam-se do mundo dos homens e mergulham no

seu próprio mundo de interior, analisando o seu passado, pensando sobre sua existência e projetando o seu futuro.

Erikson (1976), comenta:

“Em geral, é a incapacidade para decidir uma identidade ocupacional o que mais perturba os jovens. Para se manterem juntos, eles super identificam-se temporariamente com os heróis de facções e de multidões, ao ponto de um perda completa de individualidade” (p. 192).

Erikson (1976) também afirma que a juventude é uma vertente de regeneração de suma importância para a evolução social, pois a juventude pode oferecer suas lealdades e energias tanto à conservação daquilo que continua achando verdadeiro como à correção revolucionária do que perdeu o seu significado regenerador.

Grinspun (2002)⁹⁷ fala-nos que a juventude mais do que um estado de espírito representa um período de nossas vidas onde todas as vontades/intenções têm grande possibilidade de serem concretizadas, pelo menos, na categoria do desejo. É a fase em que o imaginário e o simbólico *reïnham* com mais propriedade o que se convencionou chamar de realidade.

Recentemente a professora Abramovay (2001), vinculada ao Banco Mundial, realizou uma pesquisa financiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2001), sobre quem são os jovens no Brasil. Nesta pesquisa a conceituação sobre jovem parte do pressuposto de definição da faixa etária entre 15 a 24 anos, como um dos fundamentos para o estudo dos comportamentos deste grupo social. A autora define como algumas das características juvenis as seguintes: a preferência pela televisão, música, estar com amigos, passear e namorar, a preocupação com o futuro e a presença da violência entre eles.

Já Novaes (2001) comenta:

⁹⁷ Notações de aula da professora Mirian Grinspun, disciplina: Seminário de pesquisa, pós-graduação, UERJ, 2002.

“A concepção de juventude muda de espaço para espaço, de cultura para cultura, de estilos de agregação, de estilos de vida, da questão biológica; enfim de país para país, de local para local”¹

Então, a questão do conceito de jovem escapa a termos de comparação. Para Novaes (2001) existem várias possibilidades de conjugar as características de “ser jovem” que irão manter a identidade em um constante nível de tensão. Além disto, o “caleidoscópio juvenil” e a presença de vários mitos na juventude não permitem considerar um parâmetro comum que explicita um termo de comparação viável à construção de identidades. Por exemplo: há jovens que participam intensamente da política enquanto outros não fazem nada neste sentido; já outros, optam pela dedicação à religião e no outro extremo, há os que caem no extremismo de matar por um tênis ou mesmo aderir à corrupção precoce.

Na falta de padrões explícitos para a comparação dos jovens, temos, ao final, informações por demais heterogêneas que se refletem na ineficácia de políticas públicas de atendimento a estes jovens, além de desconhecer explicitamente uma identidade juvenil.

Ainda nos estudos realizados por Novaes (2001), o interesse e a participação dos jovens por alguma forma de arte chega a 56%, e 33% dedicam-se a um tipo de esporte e dança. Essas duas preferências já podem ser vistas praticamente, como praticamente gerais ao comportamento juvenil.

Como podemos observar, além das características que podem auxiliar na construção de um conceito sobre o que é “ser jovem”, devemos considerar a diversidade de representações que esse jovem assume diante da sociedade. Mas, nem com estes dados, podemos afirmar uma conceituação explícita, pois a própria identidade desse grupo é constituída de diversas possibilidades sociais bem como desprovida de parâmetros históricos para isso.

Os exemplos já citados no início do texto mostram que as formas de agregação de hoje são outras que não as do passado. Não dá para comparar a formação de gangues hoje com os Cavaleiros da Idade Média ou com os Caravagios da Itália; pois as gangues não são grupos de Caravagios e vice-versa, apesar dos dois grupos serem constituídos por pessoas definidas de forma biológica e

¹ Nota de palestra proferida no MEC/ RJ em 30/08/2001.

psicológica no mesmo grau de desenvolvimento ou até mesmo na mesma faixa etária.

Há uma outra questão que envolve o conceito de juventude, que é a questão da escola.

A partir da pesquisa realizada por Novaes (2001) podemos constatar que o jovem também se define por “estar na escola”.

A escola aumentou seu grau de importância do ponto de vista das dificuldades na área econômica e social. Os jovens das classes com maiores dificuldades econômicas ainda priorizam a escola como espaço de mobilidade social, porém as classes mais favorecidas priorizam-na pela socialização, não estando mais em jogo a “*empregabilidade*” [o termo ‘empregabilidade’ aqui utilizado refere-se a possibilidade de ingresso dos jovens no mercado de trabalho, sem contudo, fazermos, no momento, um aprofundamento na dimensão econômica do país], mas, uma forma de encontrar com o outro e compor momentos de compartilhar um espaço de sentimentos. Podemos dizer que na composição da identidade do “ser jovem” a presença do “estar na escola” é uma característica existente defendida e definida pelo próprio grupo.

Assim, o processo de aquisição da identidade do jovem passa pelo conhecimento de si próprio, das outras pessoas, e das relações que estabelece com o mundo ao longo de toda vida. Tanto as modificações biológicas como as psicológicas não constituem isoladamente o processo de identidade individual ou grupal e estão diretamente relacionadas também às influências sociais, culturais, e ainda ao sistema econômico e político que circunda a vivência do jovem. Rapaport (1998) considera:

“uma sociedade industrial como a nossa é muito complexa. O processo de desenvolvimento, de formação de um adulto sadio, feliz, responsável, capaz de trabalhar produtivamente, de amar, construir uma família, exercer a cidadania (fazer uso de seus direitos e deveres), tornou-se longo, complicado, e precisa ser avaliado” (p. 12)

As próprias influências (já comentadas nas páginas anteriores) na formação do jovem o envolveu nas artimanhas da teoria e da prática, o fez agir conforme

muitos contextos, sendo por vezes alvo de manipulação, o que não se pode negar as influências nos exemplos citados tanto da era medieval quanto moderna ou até os dias de hoje.

O sistema social, o educacional e a mídia exploram a diversidade do mercado de consumo (marcas de roupa, cabelos, músicas, que também estiveram presentes a cada época e desenharam o ser jovem), que favorecem para a complexidade da formação do conceito de jovem. Esse fato levanta o questionamento sobre a existência possível da formação de uma identidade com base na alienação, em detrimento da identidade advinda da autonomia do jovem, a partir da realidade social em que vive.

3.2 - A FORMAÇÃO DA AUTONOMIA E O ESPAÇO ESCOLAR

Na sociedade em que hoje se vive, caracterizada pela informação acelerada, questionar sobre a formação autônoma do jovem parece até uma impossibilidade, uma imposição, ou até ao que se está fadado a um comportamento fatídico. Porém ao implicarmos esta questão ao “investigar filosófico”⁹⁸, trazemos a superfície o sentido de que não se pode fechar a questão em si mesma ou em determinismos sócio, econômicos, políticos ou culturais. A força do “compromisso com a totalidade do pensável”⁹⁹, na medida daquilo que há para pensar, revigora o envolvimento não só da educação, como de todo homem pensante ao constituir-se autônomo, consigo e para com a sociedade a qual pertence.

Encontra-se o contra-ponto à questão da fatalidade, em Rousseau (1999) quando nos fala sobre a formação do homem na idéia do ser não corrompido pela sociedade. A busca do homem em sua natureza humana, faz despertar a consciência de sua presença na sociedade, aflorando a responsabilidade sobre seus atos. Pensar assim, não deixa de ser uma possibilidade de construção da autonomia, do ponto de vista do encontro do homem consigo mesmo, sua história e sua essência.

Outra possibilidade estaria na idéia de Castoriadis (1992): o homem olhando a si mesmo através de seu conhecimento e enfrentamento com o “*consigo mesmo*”.

⁹⁸ Anotações feitas sobre as aulas da Profa. Lílian do Valle, disciplina: filosofia da educação, pós-graduação, UERJ, 2001.

⁹⁹ Idem nota 97, 2001.

O caminho de sua auto-criação, ou seja, um modo próprio de existência. Um modo que impõe limites na convivência social e exige a superação do egocentrismo, a abertura ao coletivo caracterizado pelos atos da educação. E aqui, não se fala aqui da educação limitada aos muros escolares, mas aquela que se estabelece nas diversas outras instâncias sociais (família, clubes, religiões, internet e outros espaços públicos fornecedores de sentido, significados e valores).

Hoje no conceito de “ser jovem” encontramos uma certa confusão na natureza das significações das palavras reflexão, consciência e autonomia através da expressão “ser jovem é ser do contra”, nos revelando que, nem sempre esse ato simboliza real significado de construção autônoma.

Apesar da sociedade “dizer-se” liberal e aprovar determinados valores e comportamentos ditos como de “liberdade”, tais como: deixar a censura aprovar músicas, revistas, filmes, etc. de cunho contraditório a ordem do poder do Estado vigente, não significa que haja uma forma de ação autônoma no momento em que torna o contexto destituído de significado. Na verdade, falar ou agir diferente da ordem instituída, para os jovens hoje, parece ser um ato normalíssimo, o que não alavanca nenhum tipo de mudança advinda de uma reflexão sobre o que está instituído socialmente.

O fato dos jovens protestarem com *caras pintadas*, não significa que demonstrem total compreensão autônoma de seus atos. Apesar de se poder considerar, talvez, alguma compreensão dos fatos sociais e dos desejos que estão implícitos nele. Percebemos a presença de um duplo sentido.

O duplo sentido que poderia estar representado das seguintes maneiras: primeiro na forma de um *enfrentamento crítico*. Um possível “não” ao mundo que lhe apresentou uma utopia, e mito de construção de autonomia e cidadania através do jargão “igualdade para todos”. Uma fala irreal e construtora da imobilidade, quando pregando o sistema neoliberal, pois torna as diferenças sociais maiores e não privilegia a igualdade por capacidades e oportunidades previstas no tecido social.

“As músicas de protesto (escrita pelos próprios jovens ou não), podem significar uma possibilidade de busca de autonomia e de se aprender a conviver com a diferença. Mas isto poderá, ou não, acontecer quando o processo reflexivo, de perceber através dos fatos sociais as divergências entre a teoria e a prática, for uma atividade real ao alcance dos jovens. A crítica, poderia ser a possibilidade

de um processo de construção do “si mesmo” referidos por Castoriadis (1992). Pode ser que realmente se adquira a autonomia!”

Em um segundo sentido o *enfrentamento camuflado*. As músicas de protesto, os comportamentos de violência ou revolta, serviriam apenas para justificar uma adequação ao próprio sistema. Por ser intenção mesma do sistema que o “jovem” crie revoltas contribuindo à não reflexão crítica, dificultando-o pensar sobre a possibilidade do próprio estado direcionar as participações políticas ao engodo do sentimentalismo. Dessa forma, permite-se aos jovens a aquisição de comportamentos aparentes de revolta, que acentuam as diferenças, e servem de subterfúgios para desvirtuar e canalizar a crítica e reflexão para o lado do sentimentalismo. Nesse sentido, a construção autônoma é comprometida e conseqüentemente desvirtuada do real significado.

Para despertar a autonomia, a contribuição da educação, na formação crítica do “jovem”, *contemplatis* a importância da reflexão filosófica sobre a real questão da autonomia.

Tanto a educação como as políticas, Kant (1987) comenta, são as atividades mais difíceis, pelo fato de enquanto finalidade propiciarem ser a construção da autonomia humana inevitável. Porque a própria constituição do ser autônomo é dependente de sua autodisciplina. Educação, que por estar sendo construída no cotidiano, não se completa na mera aplicação de teorias, métodos e técnicas. Está em relação com os fatores mais profundos da natureza humana – o poder de criação, como nos diz Castoriadis (1992) – e sua capacidade de socialização. O que “está para ser feito”¹⁰⁰ não pode ser confundido com o que desejamos que seja feito. Não há controle sobre a construção da psique humana, ou seja, nos explica Valle (2001): “a origem da criação não pode ser de completo identificada e como também inteiramente explicada, desta forma não se pode prever a criação”, acrescentaria então: não se pode prever o que será construído e manifestado pelo ato de educar.

A questão de não se poder prever a educação não é tão simplória como parece, pois estaríamos fadados ao pessimismo e imobilização diante das realidades sociais, econômicas, políticas e culturais, em que se insere o homem de

¹⁰⁰ PERRONE-MOISÉS, Claudia. A autonomia no pensamento de Cornelius Castoriadis. Texto retirado da internet – 20/11/2000.

hoje. Mas as relações de construção do sujeito dentro da realidade a qual pertence, é justamente o que possibilita o campo fértil da criação, soluções e mudanças. Além disso, precisamos estar atentos à manipulação da técnica como fundamento de ações humanas, pois sendo assim não sobrarão espaço para filosofar, nos diz Morin (2000).

Acompanhando os movimentos da sociedade de hoje, a escola sofre transformação na intenção de corresponder às expectativas e anseios de sua demanda, em consonância com as necessidades da época vivida.

Por algum tempo, segundo Abramovay (2001), a escola viveu sua característica de “protetora”, o que já foi superado nos dias de hoje. A escola hoje, é espaço onde tudo pode acontecer: roubos, depedrações, agressões, ferimentos, alvo de balas perdidas, e outras formas de violência que irrompem os muros derrubando o paradigma de proteção. Em função disto, à escola encontra-se em uma situação complicada, sem parâmetros de ação em resposta as transformações sociais que transpõem seus muros. Nesta situação a escola encontra-se fragilizada em sua atuação.

A perspectiva da escola como paradigma de “proteção” também é apontada por Rousseau (1999), não como violência direta mas indireta. Rousseau (1999) nos fala da violência simbólica que a sociedade “corrompida” impõe a nossos pensamentos, e conseqüente nas ações. Não importa os ataques sociais que esta escola esteja submetida, pois a sociedade é assim, porém, o essencial é que esta escola seja o espaço de estabelecer fundamentos morais na relação individual que cada homem terá com sua imaginação e paixão; nos tornando aptos a deliberar. Sendo a imaginação dúbia, o homem tende para o bem ou para o mal, e a “escola”, resguardaria nossa formação dos conceitos morais como suporte à capacidade de deliberar por si próprio.

Apesar do tempo e espaço serem diferentes entre as construções de Rousseau (1999) e Abramovay (2001), o essencial é, considerar que a escola mesmo com toda complexidade de transformações histórico-sociais vividas de uma época à outra, sua característica de proteção pode ser repensada e não totalmente aniquilada como supõe Abramovay (2001). Hoje, a leitura da proteção pode ser resgatada do pensamento de Rousseau (1999) e como também, resignificada junto ao pensamento de Novaes (2001): “o espaço escolar é local viável aos momentos de flexibilização e questionamento”. Se assim podemos considerar em meio à

“fragilidade da proteção” (ABRAMOVAY, 2001) e a “segurança da proteção” (em ROUSSEAU, 1999), está presente, o que de mais importante se estabelece para a construção da autonomia: a postura constante de questionamento e reflexão do espaço escolar como auxiliar na construção da autonomia do jovem.

E, é conjugando essas idéias que, pensamos a escola como um espaço mítico e enigmático de ser ao mesmo tempo: espaço de proteção, questionamento, flexibilização, socialização, e relação - de/ para/ com - o homem consigo mesmo e o mundo. E, a partir daí, a possibilidade de construção de autonomia.

“Os jovens vivenciam nos dias de hoje, com intensidade, as diferenças sociais. Este espaço das diferenças, pode ser um campo propício à escola para trabalhar o questionamento, utilizando a dialética como base para auxiliar na formação da autonomia. A característica, do desligamento da família para assumir a si próprio como pessoa e ser social, lhes oportuniza a reflexão e o questionamento constantemente, para assumir a transitória característica da faixa etária à vida *adulta poderá ser um fator em favor do trabalho escolar*”. (Erikson, 1976).

Portanto, talvez, a escola pudesse ampliar seus espaços de interlocução, ganhar novos lócus de construção de conhecimento, proporcionando momentos férteis de pensamentos, críticas, reflexões; na finalidade de auxiliar o jovem a voltar o olhar sobre si, sua responsabilidade consigo e com o outro. A segurança em si e na relação com o outro também irá fornecer bases para a construção de uma identidade consciente. Essa apropriação, quem sabe, não possibilitaria uma forma mais ampla de interação no ciberespaço, nas salas de chat, em que seus momentos ganhassem corpo no sentido de aproveitamento do tempo, pois iremos verificar que a tendência dos jovens a estarem nesses espaços volta-se para momentos de significados de apenas se “passar tempo”. A função do “passar tempo” também poderá ser olhada por outro prisma, e porque não o da introdução de um novo lócus, instigante, de apropriação do conhecimento conceitual.

Enfim, proporcionar a vivência do político, do social e do humano-emocional, de forma a dar sentido a todos os espaços sociais, impregna-los de intenção da construção autônoma para vivência da cidadania.

Não basta na tentativa de construção da identidade e da autonomia dos jovens de hoje esquecermo-nos de oferecer-lhes ressignificações direcionadas a

valores atuais, pois percebem nitidamente a transfiguração do espaço e tempo das vias de comunicação *informacionais* que tendem a pautar-se em *relativismos* expressos nas experiências do cotidiano. Os cuidados devem ser redobrados para que possamos entender, em realidade, em que base poderá tomar a construção de um determinado valor. Os “relativismos” são inúmeros.

Em primeiro lugar é sempre bom retomar a dimensão da ética, aliás, é imprescindível, no ciberespaço.

Partindo dos preceitos morais constatamos a existência de valores que no âmbito da ética são inegociáveis, como o ato de *matar*, ou assassinar alguém; a vida é um valor inegociável. Porém observamos que nas culturas esses valores são tomados por uma série de fatores que interferem em sua constituição, cercando o valor de “relativismos” e reconfiguram-no atribuindo ao valor um outro sentido. Por exemplo, nas culturas de caráter muçulmano fundamentalista a vida vai além da existência terrena, o que justifica os “homens-bomba”. Outros exemplos são os japoneses que na guerra atiravam-se contra os inimigos em missões suicidas, como os Kamikases. Podemos observar nestes exemplos o extremismo cultural interferindo e criando a situação em que o valor apresenta um caráter relativo, mesmo sendo de caráter da ética o *valor supremo da vida*, pois também iremos concordar, até mesmo por bom senso, o valor inestimável da vida.

Nos fundamentalismos extremados ou nos comportamentos culturalmente instituídos, podem ocorrer a presença de um relativismo que pode ou não ser, analisado como subjugado ou subconsciente, ou simplesmente aceito como aceito pelo convencimento. Como exemplo, tomamos a religião católica, que efetivamente ensina no campo da teologia moral os preceitos que devem ser seguidos nos assuntos da sexualidade e a natureza dos laços familiares, junto à valorização da vida são; a instituição do casamento entre pessoas do mesmo sexo, e a defesa da vida em negação ao aborto ou a eutanásia. E hoje os *relativismos* ultrapassam estes ensinamentos como demonstrados nas uniões de fato e de relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, ou a não escolha sobre a própria vida – a eutanásia, ou os abortos com a permissão da lei.

Muitos desses valores hoje estão sendo modificados não somente por influência cultural, mas pelas influências interculturais vivenciadas através dos meios de comunicação *informacionais* - multimídias interativas veículas em frações de segundos nos espaços da internet - , ou seja, pelas informações de características

entrecruzadas transmitidas pelas mídias, em particular no ciberespaço. A cultura passa a um caráter *desterritorializado* para constituir uma outra dimensão cultural de caráter *re-territorializado*¹⁰¹; com isso os valores são reconstruídos em dimensões e significados diferentes do que tinham. Assim podemos dizer que sofreram a ação dos “relativismos”¹⁰², e uma nova configuração irá dar lugar a anterior.

Mas os *relativismos* têm um custo, pois estamos sujeitos às incertezas ao mesmo tempo em que, não podemos decidir qualquer coisa a partir de meros *achismos*, cabe sim, o cuidado à análise das situações a partir dos contextos e dos estudos que a humanidade já produziu e produz no tempo em que vive. D. Eugênio Salles¹⁰³, arcebispo do Rio de Janeiro, alerta para este cuidado através do exemplo, citado acima, sobre os conceitos de família e vida a partir dos ensinamentos da igreja para os homens viverem em sociedade:

“A imprensa escrita e falada divulga sobre relações pré-matrimoniais, controle de natalidade, a admissão dos divorciados aos sacramentos, a homossexualidade, o lesbianismo, a fecundação artificial, o uso de práticas abortivas ou a eutanásia; mostram o grau de incerteza e confusão que perturbam e chegam a anestesiarem a consciência de muitos fiéis. Através do relativismo introduzido no campo moral – o homicídio se chama de morte induzida; o infanticídio, aborto terapêutico; e o adultério passa a ser uma simples aventura extra-matrimonial. Não havendo mais certeza das questões morais, a lei divina se reduz a mera proposta facultativa entre as opiniões mais em voga” (...) “e o mais grave do que o erro em si mesmo, é buscar, por subterfúgios, justificativas para adesão a ele” (p. 9).

Incrível essa passagem, esclarece-nos a presença da cultura, aqui representada pela religião católica que conta com adeptos do mundo inteiro, e ao mesmo tempo marca a presença dos avanços da ciência – e aqui em particular está presente a forte influência da área da comunicação e todos os seus aparatos tecnológicos -, interferindo diretamente no modo de vida do homem, explicitando a importância dos valores nesse contexto. Deixa explícita a permuta de valores

¹⁰¹ Uso o pré-fixo para dar significado a um território novo construído a partir da interação de outros territórios que foram “desterritorializados”, e que ganham nova dimensão e forma em um outro e novo território, a partir dos antigos que o constituíram.

¹⁰² “Relativismos”, para nós, constitui-se de várias opiniões e idéias advindas de construções individuais, pessoais e coletivas, em contextos diversos sócio-político-econômico com interação com a construção histórica; que por constante imbricação e simbiose redesenharão novos significados aos comportamentos.

¹⁰³ O arcebispo em sua coluna intitulada “Os perigos do relativismo”, no jornal O GLOBO, caderno opinião, em 13/01/2003.

vivenciada pelo homem em todo o contexto que o cerca transfigurando o tempo histórico.

Mais do que apenas julgar os movimentos de permuta de valores hoje existente em todos os âmbitos da sociedade e do homem, precisamos entender que este movimento sempre existiu e que continua existindo. O que não foi à passagem dos séculos XIII até o XVI senão uma grande transfiguração na área dos valores em todos os contextos e dimensões em que o homem vivencia sua existência? Não estamos dizendo que somente os valores são determinantes das mudanças na história, não se trata de uma relação de causa e efeito, mas uma relação de *complexificação* dos contextos e as relações sociais, científicas, culturais, econômicas e políticas do homem no espaço e no tempo histórico em que vive e viveu. Mas hoje compreendemos a vivência dos valores sobre esta lógica descrita no parágrafo acima, o que por muito tempo o homem vivenciou a lógica do determinismo, o que lhe possibilitou até dizer que os valores seriam universais e imutáveis em todas e quaisquer situações, como é o caso dos valores da igreja, desconsiderando tempo, espaço e contexto específico, e ditando por longo tempo a política, economia e modo de vida dos homens. Mas os valores também não são em sua natureza quaisquer movimento de escolha sem que seja considerado um contexto de análise de seus fundamentos. Não podemos pensar em valores totalmente *relativizados*, se estaria em um contexto anarquista sem perspectivas de consenso ou bom-senso para decisões advindas de juízos de valor assegurados sobre as bases da ética.

Morin (2001) traz a noção de homem a partir da noção complexa. “*Homo* é um complexo bioantropológico e biossociocultural” (p. 130). É composto por muitas dimensões, o complexo no qual se constitui o homem está baseado em instâncias complementares e ao mesmo tempo antagônicas, o que revela o problema da pluralidade dos imperativos éticos.

Na visão de Morin (2001) a disjunção entre a idéia de viver enquanto ser humano e de sobreviver biologicamente se constitui em um novo problema. O desenvolvimento da ciência, em especial, da biologia, quase que obrigam, comenta Morin (2001), a redefinir a noção de pessoa humana, pois até um determinado momento esta noção era muito clara, hoje as fronteiras da pessoa humana tornaram-se sutis, e cita como exemplo:

“... a pessoa morria quando o coração parava. Quanto ao nascimento, havia uma escolha entre a concepção cristã que dizia que a pessoa nascia desde a fecundação ou, então, uma concepção laica que dizia que a pessoa nascia no momento em que o recém-nascido saía do ventre materno para entrar no mundo cultural. Acontece que, hoje em dia, as fronteiras da pessoa humana se tornaram mais vagas. Os indivíduos em coma prolongado ainda são pessoas humanas ou são seres vegetativos? A criança existe como pessoa no ovo, no estado de blástula, no momento da formação do embrião, no terceiro mês, no sexto mês ou no nascimento? É claro que não podemos responder: a única certeza, como disse acertadamente Luigi Lombardi-Valori, é que há um mistério do embrião. Ele não é uma pessoa humana, mas o é potencialmente; porém, o que quer dizer a palavra “potencial”? não é uma pura sensibilidade da mente. A potencialidade também tem uma certa realidade. Portanto, o embrião é potencialmente uma pessoa sem sê-lo. O morto-vivo, em coma prolongado, não é mais uma pessoa, contudo, manteve a forma e a marca da pessoa humana. A partir daí há a disjunção entre a idéia de viver enquanto ser humano e de sobreviver biologicamente”. (p. 131).

Este problema hoje é o conflito de valores que se estabelece entre a falsa moral e a moral, que são distintas. “A falsa moral transforma em oposição maniqueísta entre o bem e o mal o que, na realidade, é um conflito de valores. A falsa moral confunde a normalidade e a norma” (p. 131).

O problema do conflito de valores é um problema ético, para Morin (2001) escolher entre o bem e o mal não se trata de um problema ético mas um se trata de um problema físico ou psicológico, de coragem, de inteligência, de vontade ética. Os imperativos contraditórios quando se apresentam de maneira plural constituem um problema, e são constituídos por conflitos de valores. Vejamos o exemplo de Morin (2001) quanto ao aborto:

“se você se colocar do ponto de vista do direito e da liberdade da mulher, o direito dela de não ter o filho tem um valor ético. Mas você também pode se colocar ao lado do ponto de vista de uma sociedade; se uma sociedade é atingida por uma crise demográfica grave, ela também tem o direito de querer viver através das crianças que devem nascer. Há, também, o direito do embrião, mudo, e que é o ser em potencial. Eis, portanto, um problema de contradição de valores e creio que os verdadeiros problemas éticos são conflitos entre imperativos. Do mesmo modo que doravante passa a existir um conflito entre o imperativo do conhecimento pelo conhecimento, que é o da ciência, e o imperativo de salvaguardar a humanidade e a dignidade do homem. Estamos num momento de um conflito imperativo entre imperativos” (p. 132).

O que fazer diante de imperativos éticos confrontados a todo instante?

Se a própria sociedade em que vivemos passa por conflitos de imperativos éticos, como podemos cobrar dos jovens que realizem escolhas pautadas em valores sólidos e/ou tidos como universais? Mas também como elucidar caminhos possíveis para que realizem escolhas mais sensatas, ou seja, coerentes com o contexto?

Para Morin (2001) poderíamos nos encaminhar para vivência de uma *moral provisória*, pois a partir da presença da bioética o homem estaria condenado a conviver com compromissos arbitrários e provisórios. Assim propõem a conscientização do fato de termos que conviver com este caráter arbitrário dos momentos de decisão. Tomar consciência dos antagonismos presente nos fatos e dos riscos que corremos quando decidimos. Para o autor a vida humana é o valor mais precioso, sugerindo que, se pudermos ter o cuidado em respeitar devidamente este bem, ao máximo, e a vida em geral, poderemos afastar de nossa convivência os comportamentos de crueldade e de barbárie, pois compreenderemos a dimensão dessas relações no mundo vivo. E concluímos, acordando com o autor, que, antes de julgarmos ou decidirmos nossos caminhos a partir de interesses ou valores individuais e ou de generalizações de algumas representações de determinados grupos sociais, é termos a disposição/participação democrática no convívio social em que possamos realizar a seguinte proposta: “o que podemos fazer é levantar os problemas, é formular as contradições, é propor a moral provisória”.

Assim, oferecer aos nossos jovens oportunidades de vivenciar experiências diferenciadas que lhes forneçam indicadores mais objetivos e clarificados quanto aos valores que os constituem, para que possam escolher com discernimento os caminhos que constroem autonomia com acertividade. Que a apropriação desses valores possa, em realidade, re-significar seus conceitos propiciando novas construções identitárias que lhes forneçam bases sólidas para travar qualquer tipo de relação; deste as mudanças da sociedade da informação como as mais sutis da formação subjetiva, individual e pessoal.

CAPÍTULO 4. AS ARTIMANHAS VIRTU@IS RELACIONAIS

“Graças à tecnologia, o quarto se tornou uma janela para o mundo”.
Leonardo Fuhrmann¹⁰⁴

Inúmeros estudos têm sido apresentados sobre o espaço virtual e suas influências e desdobramentos na sociedade. As informações entrecruzam os textos na internet nos fazendo viajar em um hipertexto complexo de relações, e por vezes buscar sistematizar o que se encontrou é essencial, pois sem esse movimento de organização não saberíamos o que é válido para ser transformado em conhecimento. Deparamo-nos assim com a complexidade com que funcionam as salas de chats. Brota um hiper-hipertexto na linguagem dos jovens, e muitas vezes essa linguagem se defini pelo próprio programa apresentado no site. Como por exemplo, figuras representando expressões faciais, emocionais de satisfação, surpresa, chateação, felicidade, mau humor e outros.

É a partir desse hipertexto que desenvolvem a virtualidade do momento, que de tão envolvente poderíamos dizer que *quase se torna real*. A instigação desse momento levou-nos a caminhar na pesquisa questionando o que há de importante nesse espaço para que os jovens se interessem tanto e convivam com muita naturalidade. Comportamentos do tipo, marcar hora para conversar, ficar até tarde na rede conectado, marcar encontros com o grupo em cibercafés para acessar os chats em conjunto, trocar idéias com outras pessoas, enfim comportamentos que desenham sempre uma relação que *parece* ser de prazer, pensamos assim a partir das falas dos jovens nas entrevistas, em que pouquíssimos jovens, dentre os que foram entrevistados, se referiram às salas de chats como um local *chato* de se estar. Numa média de; em um grupo de 40 somente três não entram nas salas de chat.

¹⁰⁴ Repórter da revista veja,edição especial: Jovens.Ano 34 nº 38, setembro de 2001. edição 1719/ªA.Editora Abril.

Embora no questionário a primeira questão se refira ao acesso a internet em salas de Bate-papo, não podemos dizer que os jovens não entram porque não possuem computadores ou porque não gostam de acessar esse espaço, pois não houve o direcionamento desse item. Para chegarmos a esse resultado teríamos que trabalhar a questão do acesso a salas de Bate-papo por possuírem ou não computador de fácil alcance. Nesse capítulo procuramos analisar todos os caminhos da pesquisa no que tange a adquirir respostas possíveis aos objetivos propostos. A princípio fazemos algumas considerações quanto ao universo pesquisado e alguns dados explicativos de como se desenvolveram os dados estatísticos a partir do questionário. Ainda tratamos brevemente dos demais instrumentos que utilizamos na coleta dos dados por não apresentarem significativamente influência sobre os dados do instrumento questionário. Retomaremos também, durante as análises, fundamentos teóricos que nos auxiliem a esclarecer melhor nossos resultados.

Ainda tratamos nesse capítulo de demonstrar alguns exemplos de sites educativos que utilizam as salas de chats como ambientes de aprendizagem, e seus variados usos pedagógicos. Não entramos na discussão da validade ou não desses espaços por não serem a proposta da pesquisa e recomendamos uma melhor análise em outra oportunidade, se for do interesse de demais educadores ou profissionais envolvidos com a questão. Esclarecemos também que faremos uma breve exposição sobre os chats, e a complexidade dos ambientes de aprendizagem, de forma a fundamentar inicialmente as análises dos dados e a participação dos jovens nesse contexto.

Vamos abordar um pouquinho o contexto do chat como espaço virtual, para se entender um pouco melhor a configuração em que está posto na internet como locus de interação entre pessoas.

Os gregos também se reuniam para realizar assembléias nas praças e decidir sobre questões relativas às cidades e para conversar longamente sobre temas instigantes, que passavam desde a origem das coisas até a formação do mundo. Esses assuntos interessavam aqueles que se autodenominavam *amigos do saber*. Dentre eles está Sócrates, que se posiciona decididamente contra a escrita, a considerando um entorpecente para a memória. Para Sócrates a palavra valia mais do que a escrita. Hoje entre os jovens é comum a freqüência às salas de bate-papo (chats, do inglês) na internet. As salas de chats são ambientes não presenciais de conversação em que várias pessoas podem se comunicar simultaneamente,

mediadas pelas telas dos computadores onde as informações são lidas, e dos teclados onde se digitam/escrevem os textos. As salas costumam apresentar variações grupais por idade ou por assuntos de interesse do usuário. Acontecem nesse ambiente conversas escritas entre as pessoas em diferentes partes do mundo. Os assuntos são os caminhos de aproximação. Esses assuntos escolhidos nas conversas de acordo com as preferências podem referendar os valores das pessoas que ali estão conversando. Variam do lazer, a música, a ciência, negócios, preferências sexuais, esporte, educação, e muitos outros. Em nossa pesquisa traçamos um rol de assuntos mais evidenciados nas salas dos chats dos jovens, ou seja, a partir da navegação da pesquisadora nessas salas elegeu-se assuntos que mais foram evidenciados para constarem no questionário da pesquisa. Pois bem, na maior parte das vezes as conversas nos chats se realiza via texto teclado, mas hoje já podemos acoplar ao texto outros recursos multimídia, como a voz e a imagem.

Nas salas de chat se conversa com pessoas que nunca se viram e nem se imagina a aparência, o que dá suporte a imaginação e realização da virtualidade, ou a vivência do sonho, nem mesmo os nomes são conhecidos, pois são freqüentes os usos de codinomes ou apelidos que tenham significado pessoal. Os amigos presenciais também fazem parte desse contexto, chegando a marcar hora para os encontros. A aproximação é o eixo condutor desse espaço. Um ponto positivo é fazer amizade com qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, basta um *jeitinho* para compreensão de outras línguas, a internet não tem fronteiras, isso auxilia muito aos que são tímidos ou tem dificuldades em fazer amizades. Quantas reportagens assistemos realizando sonhos até de união conjugal entre navegadores de salas de chat, levando em consideração que existem sites exclusivos para isso. Algumas pessoas preferem conversas pelos chats, pois não se sentem constrangidas pelo julgamento do outro e relatam: “Na vida real não é tão fácil fazer amigos. Se a gente simulasse um chat numa sala de verdade, em que as pessoas se conhecessem naquele momento, o papo não seria tão solto” (universitário Dalton Luís Enoki, 21 anos); e “pode se soltar mais usando o teclado dos micros do que nos encontros cara a cara” (assessor de imprensa Alexandre Barbosa, 25 anos). Porém não podemos deixar de considerar a influencia da virtualidade nessas relações estabelecidas via chats. Também nos chats acontecem as preservações do anonimato tanto na prevenção de problemas com pessoas desconhecidas que interagem com má fé na relação como também para realmente não querer ser


descoberto. Muitos jovens, como se vê as análises registram esse tipo de comportamento. Há nesses casos perigos de pedofilia, e também muitos programas ensinando aos usuários a prevenir-se de futuros problemas. Alguns sites de chat tratam de alertar aos jovens com relação aos perigos que correm nas salas de chats, pois qualquer pessoa de qualquer idade pode adentrar estas salas. Comparam-se as salas de chats a um baile de máscaras, em que cada um pode assumir a fantasia que quiser.

Nas comunicações são utilizados diversos recursos para animar e ou expressar o sentimento do momento nas conversas; assim usam-se palavras em maiúsculas e ou símbolos gráficos para expressar situações como:

- : X - ficar calado;
- :-#\$% - não entendi;
- X -) - tímido;
- : # - guardar segredo;
- ; -) - piscada; e tantos outros.

Esses recursos hoje já estão sendo inovados por outros disponibilizados na própria sala do chat, com recursos coloridos e mais alegres, como:

 † Chø Ch@ng † *ÐÐ\$* 16:36:46
fala com *_Crystal L Potter*_ © PERCEBI

 Amigo, sempre amigo 16:38:37
fala com *_Crystal L Potter*_ vixi..ela foi-se...uebaaaaaaaaa

(22:27:22)¹⁰⁵ Axl Rose flerta com *gata da noite:  Oi, posso tc com vc?


(22:28:34) ogi fala para **CrazyGirl**:  sera q podemos tc


(23:02:04) lucas.com fala para Todos:  alguem quer tc.

23:02:51) mila fala para Todos: 

¹⁰⁵ Os números que antecedem a fala indicam o horário em que ocorreu a conversa.

(23:03:24) July sorri para boy:  Ok Boy vamos tc , de onde falas

(23:04:25) boy fala para July: 

(23:07:03) PØËT £ØV¥ fala para Todos:  "A ARTE DA VIDA É VIVER CADA DIA E LEVANTAR A CADA TOMBO"

Esses recursos são diferentes dependendo do site que se está conectado a sala de chat. Aqui apresentamos dois diferentes tipos de recursos de acordo com a sala em que se registrou a conversa.

Existem basicamente dois tipos de chat: os IRC (Internet Relay Chat) e os webchats. O primeiro foi criado pelo finlandês JARKKO OIKARINEN em 1988 e põe as pessoas para conversar em ambientes virtuais. Existem milhares deles na rede e para freqüentá-los é necessário usar um programa específico - para PC o preferido é o mIRC, disponível gratuitamente em centenas de sites. Já os webchats surgiram recentemente, com a popularização da Internet, e para usá-los é preciso apenas o programa de navegação (como o Navigator, da Netscape, ou o Internet Explorer, da Microsoft).

No mundo dos chats a paciência é fundamental, pois até se iniciar uma conversa interessante demanda encontrar alguém interessado em conversar, na maioria das vezes a conversa pode se tornar monótona, ou seus parceiros precisarem sair da sala, ou a conexão é lenta, ou apenas encontramos pessoas que desejam somente se divertir ou *zoar*. Por esses motivos à maioria dos jovens hoje, opta pelas conversas com os amigos que já conhecem de forma presencial, e de preferência com hora marcada. Vários jovens consideram os chats "chatos", por ser difícil manter uma conversa *civilizada*, diz Márcio de 14 anos; "Não vejo graça nenhuma. É difícil manter uma conversa civilizada com as pessoas da sala. Todos falam com todos, é pior do que falar pelo telefone com dez pessoas ao mesmo tempo.". Por esse motivo preferem usar o e-mail ou programas como o ICQ¹⁰⁶, que permite um bate-papo particular.

No Brasil uma pesquisa realizada pelo Ibope (1999) e do site de buscas do Cadê demonstrou que as salas de Bate-papo ou chats estão em terceiro lugar na

¹⁰⁶ Programa específico de chat.

rede, com 11%, entre os principais usos da rede, em segundo está a e-mail com 29% e a navegação em primeiro com 45%. Mas os dados mudam quando nos referimos a jovens; entre os jovens até 20 anos a participação nos chats chega a 29% na preferência. Os chats do provedor Universo Online (UOL) recebem diariamente uma média de 100 mil pessoas, espalhadas por mais de 540 ambientes virtuais diferentes, e entre os lugares de maior acesso estão às cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília. Hoje existem 100 mil pessoas, espalhadas por mais de 540 ambientes virtuais diferentes. Segundo a diretora de produtos do UOL, Márion Strecker, a maioria dos freqüentadores está em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Salvador e em Brasília, e dentre a classificação por áreas e salas de assuntos, os mais visitados são as dos temas de idade, sexo e cidades. As salas sobre assuntos sociais, ou setis sobre problemas sociais do Brasil ou outros temas de significação que demandam maior seriedade não são relevantes, cabendo a alguns sites a retirada dessas salas. Surgem também salas referentes à área de educação, e em alguns sites elas se mantêm.

Os horários de maior acesso são os horários de 18 horas com um pico elevado entre 22 e 2 horas da madrugada. Alguns jovens relatam que passam a noite inteira ligados à internet conversando. Porém em nossa pesquisa encontramos outra realidade, o maior pico de horas de permanência na internet em salas de chat recaiu sobre 1 hora apenas, seguida por 2 a 4 horas. Um dado surpreendente que gostaríamos de aprofundar em um outro momento em outra pesquisa.

As conversas reservadas são muito procuradas, porém as salas também são muito congestionadas. Os jovens utilizam muito o programa do ICQ para conversar com seus amigos reservadamente. Esse programa funciona com um numero pessoal que a pessoa recebe ao baixar o programa e se cadastrar. Esse programa informa sempre os amigos que estão on-line oferecendo ao usuário a escolha com quem deseja conversar. Para entrar na conversa em grupo é necessário que o participante seja autorizado. Esse programa está disponibilizado no site da Mirabilis: www.mirabilis.com.

Em nossos dados constatamos que muitas das discussões tecidas na internet sobre chats se aproximam das pesquisas já realizadas, porém outras apresentam discrepância desvelando alguns conceitos preconceituosos sobre o chat e a maneira com que o jovem se relaciona nesse espaço. E como diferencial apresentamos ainda a questão da escola, do ensino e da virtualidade das salas como espaços

propícios à aprendizagem. Captamos durante os questionários e entrevistas as falas dos jovens sobre essa questão; o que pensam e o que sugerem para o uso desse ambiente.

4.1 - JOVENS E RELAÇÃO CHAT: RESULTADOS OBTIDOS

Passamos agora as análises dos dados, descrevendo os resultados de cada instrumento utilizado na pesquisa.

Tratamos no item **Amostra da Pesquisa** constante da Introdução sobre a definição dos sujeitos que participaram da pesquisa, agora trataremos mais de perto dos dados colhidos destes sujeitos.

A idade definiu-se entre 14 e 20 anos inclusive, considerando as indicações da Organização das Nações Unidas (ONU), para definição do grupo de jovens, e a característica que as escolas públicas apresentam com relação à inclusão de jovens no ensino médio com idades entre 16 e 21 anos, dado esse que se confirmou nos resultados. A amostra de jovens deu-se em escolas da rede pública e particular dos municípios do Rio de Janeiro, Resende e Niterói, compondo 05 escolas no total: 03 da rede particular e 02 da rede pública. Como já evidenciado na introdução, os jovens participantes não foram escolhidos em números homogêneos nas escolas, configurando assim um retorno de questionário em maior quantidade advindos das escolas da rede particular de ensino. Esse resultado não interferiu no contexto da pesquisa por serem os objetivos da mesma focada nas questões de valores subjacentes a identidade dos jovens e não a questão da exclusão social e acesso aos chats. Embora consideremos de total relevância para formação da identidade juvenil as configurações sociais em que os jovens estão implicados, e nesse contexto consideramos as perguntas do questionário, no momento suficientes para o foco da pesquisa. Mas não deixamos de indicar para estudo essa limitação, no momento, da pesquisa, devido à necessidade de efetuar um recorte no tema para trabalhar com fidedignidade as propostas levantadas de estudo.

Num total de mil (1.250) questionários distribuídos, retornaram, distribuídos aplicados, seiscentos e sessenta e sete (667).

Cabe dizer que esta pesquisa foi realizada em diferentes escolas interrogando a relação discurso - prática e a subjetividade com seus limites e possibilidades são *transversalizados* pelos valores dos professores e dos alunos adolescentes.

Entre os que retornaram aplicados quinhentos e quatro (504) responderam que acessavam as salas de chats, e cento e sessenta e três não acessavam. Dentre os questionários respondidos na escola pública e na particular, encontramos um número de acessos maior nas escolas particulares, um total de 331 para 173 das escolas públicas no que devemos considerar que houve mais retornos dos questionários respondidos nas escolas particulares contra os da escola pública. As escolas públicas retornaram somente duzentos e trinta e três (233) questionários respondidos contra duzentos e setenta e um (271) das particulares. Esse dado tornou-se sem significado a partir do momento em que não foi proposta de análise a comparação entre os tipos de redes escolares. Porém evidenciou a importância da totalidade de questionários respondidos e possibilitou a comparação de outros dados quando diante de outra característica, importantíssima da amostra, foi constata após a tabulação dos dados, em que o número de rapazes e moças foram praticamente o mesmo a responder. O percentual de diferença não é significativo estatisticamente visto que entre os gêneros há diferença de 0,8%. As respostas femininas somam o total de 250 questionários com 50,04%, e o total de questionários masculinos somam 254 com 49,6% , identificando a diferença irrelevante de 0,8%, portanto menor que 1%. Permitindo assim traçar tipos de comparações entre os gêneros cruzando com os demais dados do questionário. O que enriqueceu a pesquisa sobre a constituição da identidade desses jovens.

Abaixo apresentamos os dados gerais sobre a distribuição e retorno dos questionários, bem como as escolas que participaram da pesquisa.

Dados Gerais:

Questionários distribuídos: 1.250

Questionários respondidos e aproveitados: 667

Questionários devolvidos em branco: 583

Questionários não aproveitados por apresentar respostas incompletas: 153; dentre estes, temos os questionários não aproveitados por escola: 430, distribuídos: Centro Educacional Dom Bosco: 60; CEN – Centro Educacional de Niterói: 20; Colégio Andrews: 20; Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro -

CAP/ UERJ: 70 e Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro - ISERJ/ RJ: 125. E um total de 73 questionários extraviados.

Colégios que participaram da pesquisa:

Todas as escolas receberam um total de 300 questionários para serem respondidos, porém os devolvidos apresentam diferenças de números por instituições.

- COLÉGIO DOM BOSCO – Numeração na tabela: 01 ao 87. TOTAIS: 87 unidades. (Escola particular).
- INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO – ISERJ
TOTAIS: 199 (Escola pública)

Numeração da tabela total: 88 a 278.

Numeração: 88 a 108 - Turma: 8ª série/ tarde – 21 alunos – data: 25/10/2002.

Numeração: 109 a 135 - Turma: 1ª série/ manhã – 28 alunos – data: 29/10/2002. Formação geral

Numeração: 136 a 154 - Turma: 3ª série/ tarde – 20 alunos – data: 29/10/2002. – Informática

Numeração: 155 a 179 - Turma: 3ª série/ tarde – 25 alunos – data: 24/10/2002. – Formação geral

Numeração: 180 a 200 - Turma: 2ª série/ tarde – 22 alunos – data: 29/10/2002. – Formação geral

Numeração: 201 a 218 - Turma: 2ª série/ tarde – 20 alunos – data: 29/10/2002. – Informática

Numeração: 219 a 247 - Turma: 8ª série/ manhã – 29 alunos – data: 25/10/2002.

Numeração: 248 a 278 - Turma: 1ª série/ tarde – 34 alunos – data: 29/10/2002. – Informática

- CENTRO EDUCACIONAL DE NITERÓI – CEN TOTAIS: 169 unidades.
Numeração na tabela 279 a 448. (Escola particular).
- COLÉGIO ANDREWS – Botafogo/ RJ Totais: 176 unidades.
Numeração na tabela: 449 a 625. (Escola particular)
- COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UERJ – Tijuca/ RJ TOTAIS: 42 unidades.
Numeração na tabela: 626 a 668. (Escola pública).

Abaixo encontram-se alguns resultados específicos:

Os jovens que participaram de todos os procedimentos da pesquisa não são os mesmos, sendo assim a amostra se caracteriza muito maior do que somente os números do questionário aplicados. Os grupos presenciais contaram a participação de 35 alunos no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e na Universidade do

Estado do Rio de Janeiro com 45 alunos. Os grupos formados para a testagem e validação do questionário foram reunidos aleatoriamente, compondo-se de amigos e colegas dos jovens que a pesquisadora conhecia. Foram reunidos em cada encontro uma média de 10 a 15 jovens. Dessa forma a amostra se torna muito mais significativa do ponto de vista da diversidade e amplitude do trabalho apresentado.

Outro dado significativo se deu pela presença da pesquisadora na internet, no início da participação nas salas de chats encontrou-se muita dificuldade para construir um relacionamento com os jovens, pois este se mantinham afastamento devido a desconfiança e segurança sobre a proposta apresentada. O processo de conquista foi demorado e por vezes interrompido por esse motivo. O que se pode resgatar que os jovens não estão desavisados quanto a possíveis perigos que correm nesses espaços.

Os encontros presenciais - foram realizados dois (02) encontros presenciais com jovens do bairro da Tijuca no Município do Rio de Janeiro: o primeiro encontro deu-se no ISERJ e o segundo na UERJ. Participaram jovens de diferentes escolas. As perguntas que orientaram os encontros foram às mesmas do questionário, porém a espontaneidade direcionou as perguntas aglutinando-as nas respostas. Esses encontros registraram a fala dos jovens na faixa etária entre 14 e 16 anos, e que passamos a descrever as de caráter relevante na pesquisa.

“não gosto de chats, é muito chato, ficam xingando o tempo todo” (Rodrigo, 14 anos); “nos chats todos mentem você não sabe com quem está falando, por isso não gosto acho fingimento” (Eduardo, 15 anos); “eu não gosto de mentir no chat, digo quem sou e pronto” (Mariana, 14 anos); “eu digo que sou diferente, é a minha imaginação” (Priscilla, 15 anos); “chat é coisa de quem não tem o que fazer” (Maurício, 15 anos); “eu gosto muito de conversar no chat, troco idéias sobre carros” (Júnior, 14 anos); “meus amigos são tudo no chat, converso todo dia” (Juliana, 14 anos).

Durante esse encontro houve momentos de discussão entre os jovens, entre aqueles que recriminavam os que mudam de aparência, e os que gostam de ficar conversando com os que não gostam de chat e preferem jogar bola, ou sair. Chegavam a alterar o tom de voz. Ao final do encontro alguns jovens anotaram o contato comigo através do e-mail. Algumas semanas logo após o encontro recebi a resposta por e-mail de alguns alunos que se interessavam em participar da pesquisa e responder o questionário, porém esse interesse não foi adiante quanto a

efetivação das respostas ao questionário, porém até os dias de hoje duas meninas continuam enviando-me e-mails com mensagens de amizade e afeto.

Participação da pesquisadora nas salas de chats - a participação se deu por vários canais e comunicação. A princípio a pesquisadora entrava nas salas de chats e perguntava se alguém estaria disposto a participar da pesquisa respondendo o questionário. Houve somente três respostas positivas. O que consideramos irrelevante na amostra. Esse comportamento durou dois meses, e no esvaziamento da proposta imediatamente o processo foi modificado pela pesquisadora, respeitando a metodologia adotada de inferência ao objeto de estudo com sutileza e objetividade da proposta. E seguiu-se então uma fase de participação dos diálogos, porém os jovens percebendo a pouca desenvoltura na linguagem específica veiculada nas salas de chat, geralmente excluía-na das conversas, o que demandou mais três meses de testagem. Em um terceiro momento a pesquisadora retoma a maneira de inferência ao objeto de estudo. Nesse momento passa a acessar as salas de chat, sempre respeitando a faixa etária entre 14 e 20 anos inclusive, na postura de observadora. Nesse momento consegue se manter nas salas, relacionando-se com alguns jovens que a solicitavam para conversar, porém nesse período a pesquisadora já estava mais familiarizada com a linguagem conseguindo assim manter um ritmo acessível de conversa informal e até mesmo travando amizades que se mantiveram após a pesquisa. A pesquisadora fazia questão de se apresentar como tal e explicar sua condição de observadora, e assim nasceram amizades com jovens que permanecem até hoje. Um dos adolescentes/jovens que até hoje mantém o relacionamento de amizade, foi um menino do Paraná de 13 anos que tentava entrar em uma sala de teens, nas idades entre 15 a 20 anos e estava sendo excluído nas conversas. Então resolve se dirigir à pesquisadora e inicia o diálogo que levou a amizade. O interessante nesse contexto é observar que os próprios jovens que navegam nos chats já se reconhecem em suas identidades com referencia as linguagens utilizadas pelas faixas etárias correspondentes. Esse adolescente não conseguia conversar, os demais o estavam excluindo, porém ele insistia e se mantinha na sala. O tempo de acesso como observadora foi de dois meses. Totalizando assim sete meses de permanência nas salas de chat. A frequência de acessos da pesquisadora foi de três vezes na semana por um período de uma a duas horas, intensificando um dos dias da

semana para três horas, de permanência nas salas de chat, geralmente aos finais de semana.

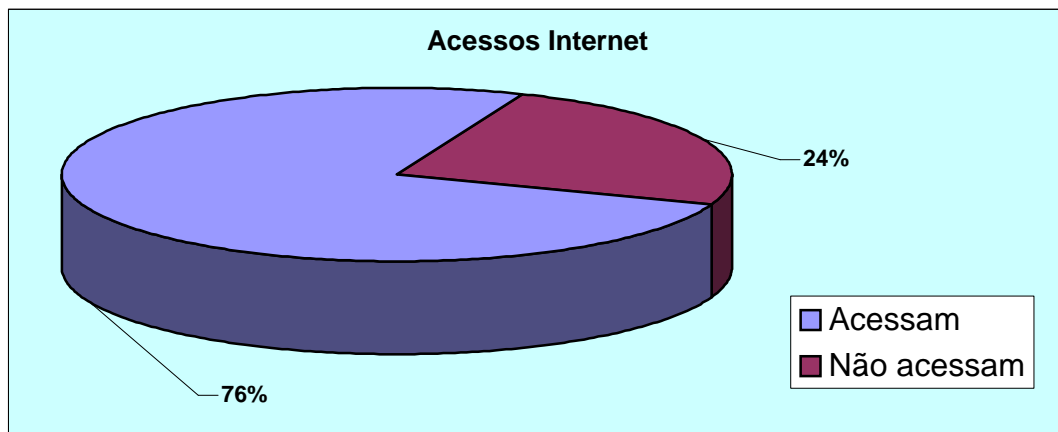
Questionários – como explicado no item acima, nesse mesmo texto, foram os pontos essenciais, onde se obteve maior número de jovens participantes da pesquisa. É interessante observar que nos questionários os jovens manifestaram suas idéias, desejos com relação à proposta de chat como ambiente de ensino. E fizeram alguns registros de desenhos. Alguns questionários encontram-se em anexo para apreciação e compreensão de como os jovens responderam os mesmo.

Após descrever o desenvolvimento da coleta de dados e alguns dados específicos da amostra, pois se considera importante para compreensão da análise da pesquisa, apresenta-se a seguir os resultados através do cruzamento dos dados estatísticos do questionário e comentários pertinente às análises.

TABELA e GRÁFICO 4.1 - Acessos a salas de Chat

Acessam	Não acessam	Total
504	163	667

Acessos					
Masculinos		Femininos		Total	Diferença
Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)
254	50,4%	250	49,6%	504	0,8%



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries*¹⁰⁷ em anexo

Para melhor visualização incluímos aqui a pergunta do questionário que deu origem aos gráficos 4.1 e 4.1.1:

1) Você têm acesso a internet em salas de Bate Papo (Chats)?

Sim Não

Se a sua resposta foi “Não”, responda somente à 2ª pergunta.

Os gráficos 4.1 e 4.1.1 demonstram que dentre a amostra total de 667 questionários respondidos e aproveitados 504 jovens responderam que freqüentam as salas de chats e concluíram todas as questões restantes do instrumento. E não acessam 163 jovens. Esses dados incluem escolas particulares e públicas. Dentre os questionários totais da amostra encontramos um número maior advindos da

¹⁰⁷ *Queries* é um termo técnico utilizado na informática para indicar os cruzamentos de pesquisas em programas específicos de dados.

escola particular, isso se deu pela não restrição, como anteriormente nesse capítulo

explicado¹⁰⁸, quanto à quantidade exigida igualmente de cada escola visto que o objetivo maior da pesquisa foi atingir os jovens que acessam a sala de chat e não o comparativo entre os tipos de rede escolares. Apesar da quantidade de questionários terem sido distribuídos de forma igualitária entre as escolas, as respostas aos mesmos foi diferentes, não só pelo contingente de alunos que cada escola atende, mas como pela característica peculiar de cada escola no interesse da participação na pesquisa. Alguns colégios devido à burocracia, também não conseguiram atingir o preenchimento dos questionários propostos.

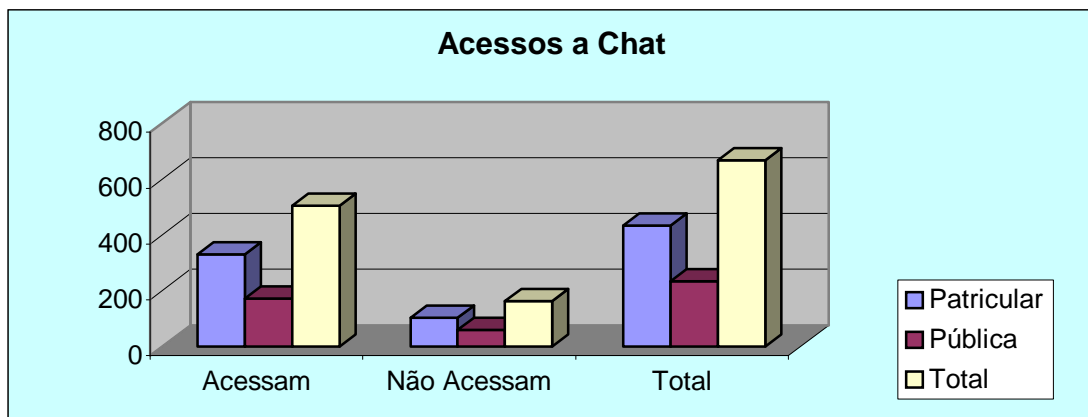
Nesse momento também apresentamos um dado essencial que serviu de base a todos outros cruzamentos de dados à formação dos próximos gráficos, que foi a identificação do acesso a sala de chat, dado coincidente, que demonstrou o número relativo aos acessos estar distribuído entre os sexos feminino e masculino na mesma proporção, independente do tipo de rede de ensino, do número de questionários retornados por escola, e de idades. O inesperado e importante nesse dado foi verificar que o número de acesso entre os dois sexos é praticamente igual, donde concluímos que meninos e meninas têm o mesmo interesse em acessar as salas de chat. Não havendo diferença entre os sexos nessa questão. Caracterizando assim, um dado importante para a questão do valor e da identidade do jovem do século XXI. Podemos inferir na possibilidade de ser a capacidade e desenvoltura do jovem para lidar com a tecnologia um dos fatores relevantes do grande número de acesso aos chats por jovens [como citado nos capítulos um e dois deste trabalho]. Quanto as identidades é relevante as representações da construção dessa identidade quanto ao sexo lida com a diferença sexual com naturalidade no que diz respeito a participação em espaços comuns entre os jovens, como são as salas de chat. Podemos inferir na possibilidade da diferença advir dos momentos em que diferenciam seus diálogos por idade, como veremos em questões seguintes a esses dados.

¹⁰⁸ Destaco agora a passagem do texto para que o leitor não tenha que retornar a página anterior citada acima “Dentre escola pública e particular encontramos um número de acessos maior nas escolas particulares, um total de 331 para 173 das escolas públicas no que devemos considerar que houveram mais retornos dos questionários respondidos nas escolas particulares contra os da escola pública. As escolas públicas retornaram somente duzentos e trinta e três (233) questionários respondidos contra duzentos e setenta e um (271) das particulares”.

Assim consideramos o diferencial de 0,8%, menos de 1% de diferença dos acessos por sexo, como não significativo quantitativamente e estatisticamente nos gráficos/dados que seguem na pesquisa. E ao contrário, esse dado serviu e possibilitou novas inferências na pesquisa. A partir desse esclarecimento configuramos os demais cruzamentos, então os demais dados consolidam-se a partir desses dois aspectos ressaltados aqui. Seguimos então trabalhando com o grupo que acessa as salas de chats e o grupo de meninos e meninas com números de participação homogêneos.

GRÁFICO 4.1.1- Acessos a salas de Chat por tipo de escola

	Acessam	Não Acessam	Total
Particular	331	103	434
Pública	173	60	233
Total	504	163	667



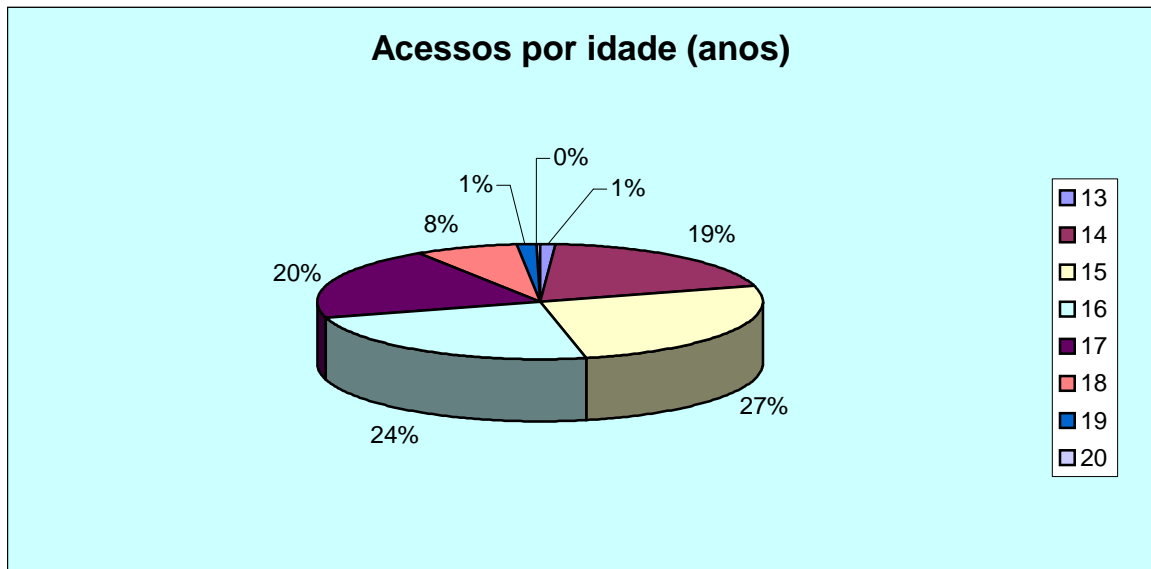
FONTE: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries* em anexo

Encontramos no gráfico 4.1.1 em evidencia a escola particular quanto ao número de acessos de jovens às salas de chats, mas também devemos considerar a quantidade de questionários recebidos. Um dado importante seria verificar a discrepância quanto a exclusão no comparativo de acessos pelas duas redes, porém não cruzamos esse dado pela falta de homogeneidade, e como já esclarecemos, por ser objetivo maior da pesquisa. O que, após a pesquisa entendemos que em outro momento de pesquisa far-se-á necessário e relevante abordar esse aspecto pelas

próprias necessidades contextuais, gerando um enfoque mais social a pesquisa. No momento nosso recorte não considerou esse aspecto.

TABELA e GRÁFICO 4.2 - Acessos por Idades

Idades	Acessos	
	Absolutos	Percentuais
13	5	0%
14	98	19%
15	132	27%
16	121	24%
17	102	20%
18	38	8%
19	7	1%
20	1	0%
Totais	504	100%



FONTE: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries* em anexo

A segunda pergunta do questionário se reporta à idade, sexo e ao tipo de escola que estuda, originando a segunda pergunta abaixo escrita:

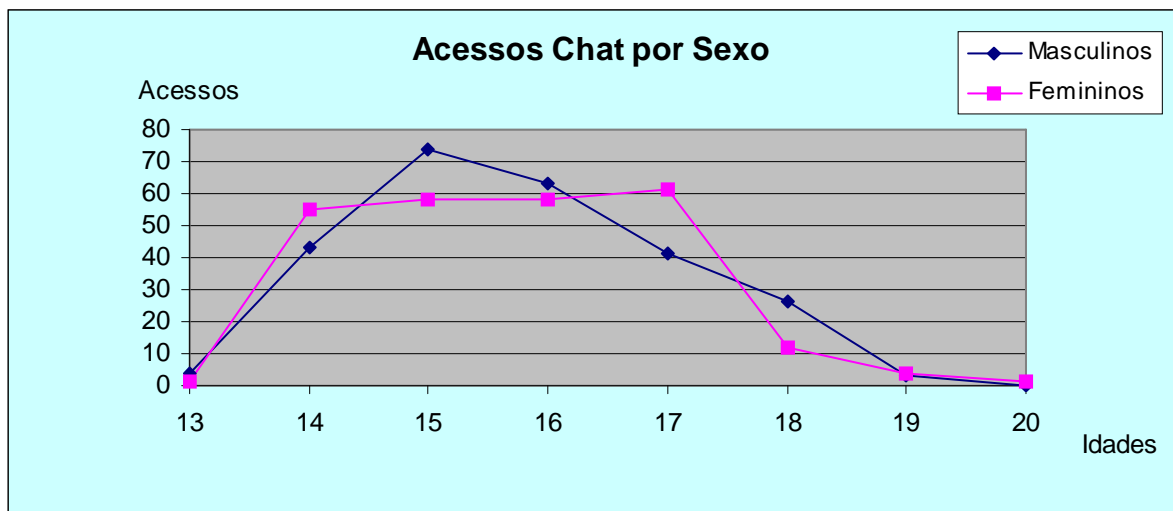
2) Idade _____ Sexo M F
 Tipo de Escola que estuda:
 Particular Pública

Observamos no gráfico 4.2 que os acessos às salas de chat caracterizam picos nos acesso por idade. Os jovens acessam mais as salas de chat dos 14 aos 17 anos de idade, e aos 15 anos temos o ponto alto dos acessos. Esse dado possibilita inferir na questão das características de participação dos jovens nos grupos, ou seja, o descolamento da família já esta em processo e o jovem busca respaldar a construção própria da identidade individual através da validação da vivencia de outros modelos que não os dos pais. Os agrupamentos por interesses, afetos, se tornam importantes na medida em que os jovens podem verificar a contradição dos valores que os constituem e realizar suas escolhas. É evidente que os grupos realizam uma grande influência nesses jovens, porém existem características peculiares a cada um que auxiliarão na dinâmica de construção da identidade, ocorrendo de modo particular com cada jovem. Nessa dinâmica, aspectos importantes fazem parte, tais como a família, a cultura, a educação e sociedade, formarão um arcabouço de interação de suas influencias com personalidade de cada um, propiciando a formação única.

Ainda compondo essa análise encontramos os gráficos 4.2.1 que nos demonstrarão os cruzamentos das idades com o sexo. A participação de meninos e meninas por idade se mantém muito parecidas embora as meninas apresentem uma estabilidade maior no decorrer das idades, dos 14 aos 17 anos, quanto a sua participação em salas de chats, o que os meninos aparecem com pico na idade de 15 anos para depois irem gradativamente restringindo sua participação. Identificamos aqui o diferencial no comportamento entre os sexos. Podemos dizer que as meninas apresentam maior estabilidade, enquanto os meninos oscilam, seus interesses. Podemos dizer que não há diferença no que tange a questão: quem entre mais nas salas de chat, meninos ou meninas? Pois o número se equilibra em um diferencial de menos de 1%, ou seja 250 são meninas e 254 são meninos. E dentre os sexos que responderam os questionários, aqui contamos com toda amostra da pesquisa, 321 que responderam são do sexo feminino e 346 são do sexo masculino.

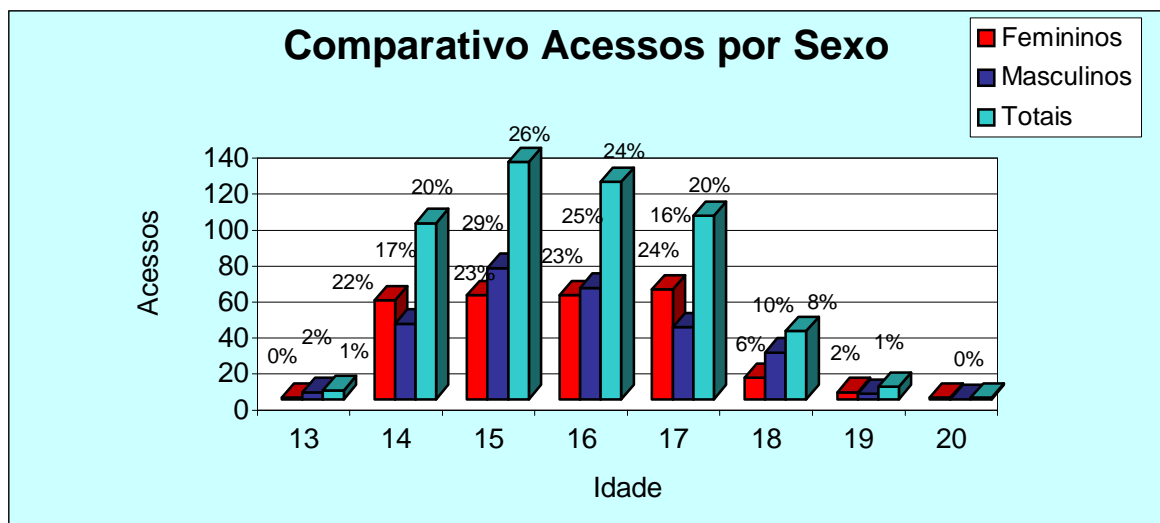
TABELA e GRÁFICO 4.2.1 - Acessos Chat por Sexo

Idades	Acessos	
	Femininos	Masculinos
13	1	4
14	55	43
15	58	74
16	58	63
17	61	41
18	12	26
19	4	3
20	1	0
Totais	250	254



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

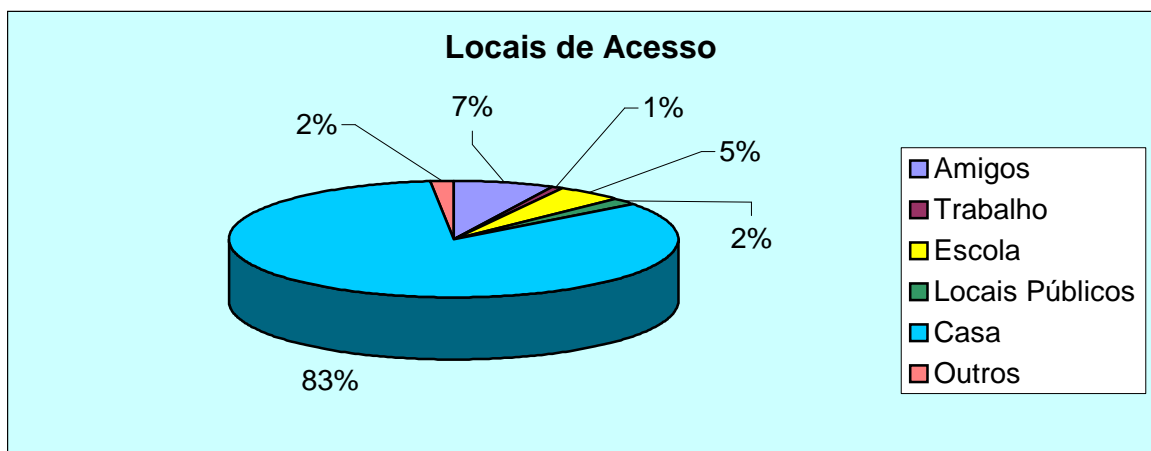
GRÁFICO 4.2.2 - Comparativo acessos por sexo



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

TABELA e GRÁFICO 4.3 – Locais de Acesso

	Pública	Particular	Total	%
Amigos	23	13	36	7%
Trabalho	3	2	5	1%
Escola	6	17	23	5%
Locais Públicos	7	3	10	2%
Casa	129	293	422	83%
Outros	5	3	8	2%
Total	173	331	504	100%



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries em anexo*

O gráfico 4.3 nos trás a distribuição dos locais de acesso aos chats, através da pergunta:

Só continue se você respondeu "Sim" à pergunta nº1

3) De onde você mais acessa a sala de Bate Papo (chats)? Assinale apenas uma opção.

- Casa** **Trabalho**
 Escola **Amigos**
 Locais Públicos (cafés, comunidade, bibliotecas, cyberespaços)
 Outros: _____

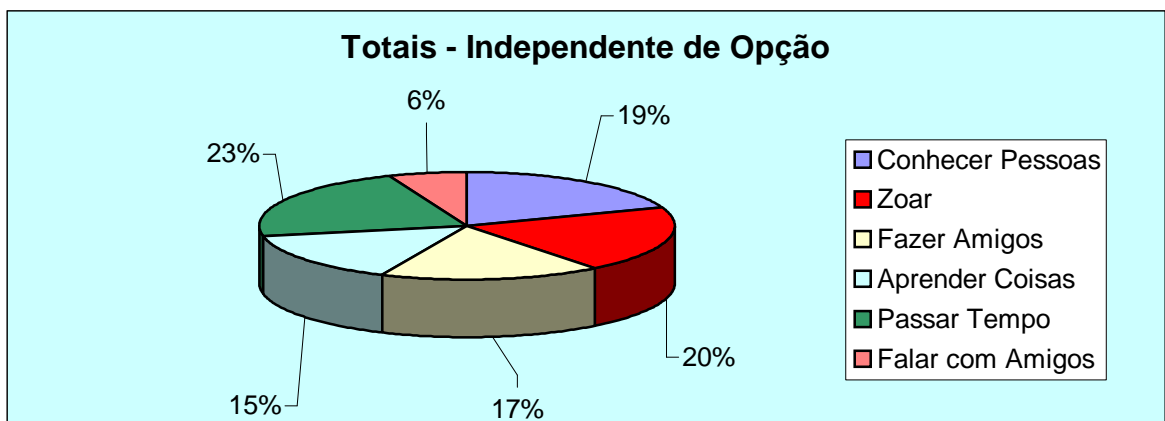
Os jovens acessam as salas de chat geralmente de suas casas, tanto da escola pública quanto da particular. A diferença dos tipos de rede escolar não afetou a questão da exclusão digital, significando que tanto jovens da escola pública como

da particular tem acesso aos chats de suas casas, o que significa dizer que, socialmente os jovens da escola pública não necessariamente são desprovidos de condição que lhes permita ter um computador em casa. Porém é consideramos que a quantidade de questionários respondidos advém da escola particular. Nos permite também inferir sobre várias questões que interagem com a construção da identidade juvenil de nossos tempos, como por exemplo: o tipo de lazer escolhido pelos jovens, será que está sendo a convivência via internet?, no próximo gráfico 4.4 encontramos um dado que nos auxilia levantar essa questão, que é, a escolha do acesso aos chats somente para “passar tempo”, em primeira opção de se entrar nas salas de chats. O jovem hoje está mais preso dentro de casa? Outra questão a partir desse dado, pois, já que 83% acessam de suas residências. O segundo local mais votado se refere em grande possibilidade a casa dos amigos, o que também nos evidencia a residência como local de acesso. Isso nos dá um total de 90% dos acessos. É surpreendente, que necessariamente para se ter acesso aos chats precisam estar em casa. Isso nos dá interligação com os horários em que escolhem para acessar. De acordo com um levantamento feito pelo chat da UOL, referido no início desse capítulo¹⁰⁹, a preferência de horários de acesso é as madrugadas. De acordo com esses dados surgem possibilidades de inferência; pode ser que os jovens acessem mais de suas casas porque acessam em horários da noite que não lhes permite estar nas ruas, ou porque nesses horários os valores das ligações são mais acessíveis, ou ainda podemos recorrer aos altos índices de violência no Rio de Janeiro que não lhes proporciona condições de lazer em horas avançadas. Essas inferências não são evidentes, preferimos levantar as questões e indicar que outros cruzamentos e outras pesquisas seriam necessários para obter tais respostas. O interesse nosso recortou e evidenciou o fato dos jovens hoje estarem relacionando-se com a tecnologia, em especial os chats para relacionarem-se entre si, através de suas residências com utilização do espaço virtual. O que implica dizer; travando relacionamentos virtuais, interativos. O demonstrativo do resultado da resposta “outros” dessa questão 03, estão no ANEXO III constante da pesquisa.

¹⁰⁹ Destacamos aqui o trecho do texto para que o leitor não tenha necessidade de retornar a página: “Os horários de maior acesso são os horários de 18 horas com um pico elevado entre 22 e 2 horas da madrugada. Alguns jovens relatam que passam a noite inteira ligados à internet conversando”.

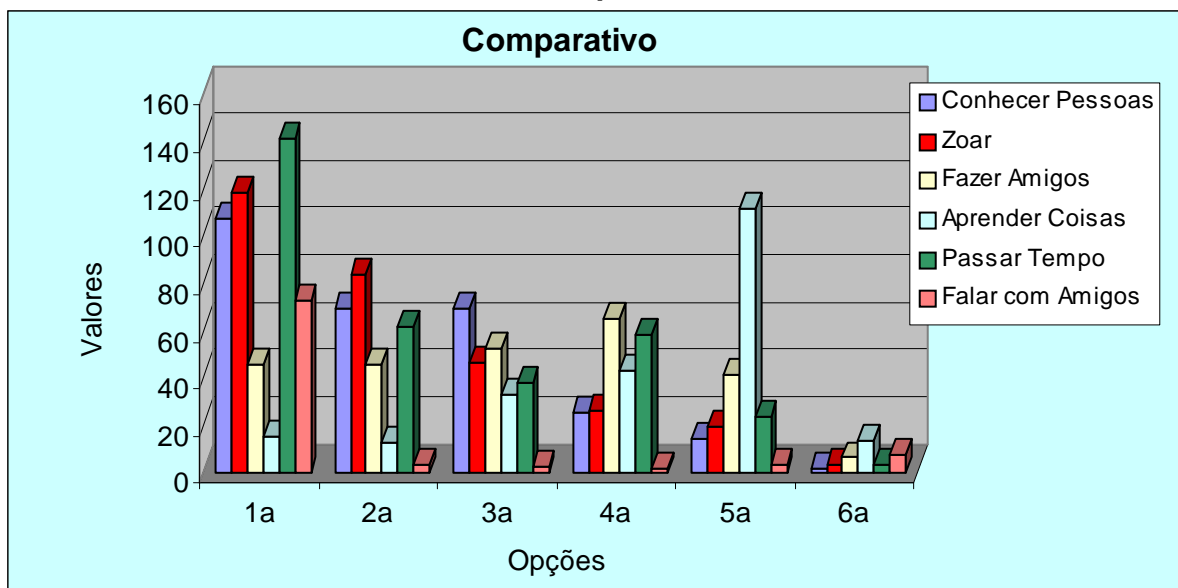
TABELA e GRÁFICO 4.4 – Motivos de Acesso

	Opções						Total
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	
Conhecer Pessoas	107	69	69	25	14	1	285
Zoar	118	83	46	26	19	3	295
Fazer Amigos	45	45	52	65	41	6	254
Aprender Coisas	15	12	33	43	111	13	227
Passar Tempo	141	61	38	58	23	3	324
Falar com Amigos	72	3	2	1	3	7	88



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

GRÁFICO 4.4.1 - Comparativo entre motivos



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

O gráfico da questão quatro tem a numeração 4.4, porém se desdobra em dois para traçar o comparativo da classificação das respostas. Vejamos a pergunta do questionário:

4) Marque por ordem de importância o motivo pelo qual você entra nas salas de Bate Papo (Chats):

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Conhecer pessoas | <input type="checkbox"/> Aprender coisas |
| <input type="checkbox"/> (Zoar) | <input type="checkbox"/> Passar tempo |
| <input type="checkbox"/> Fazer Amigos | |
| <input type="checkbox"/> Outro: _____ | |

Evidenciamos nessa questão os motivos pelos quais jovens acessam os chats, e o gráfico denominado “totais – independente de opção”, nos permite olhar o interesse geral pelos assuntos, permite-nos saber quais os assuntos que mais apareceram na computação geral, significando os motivos relevantes. Assim temos, “passar tempo” (23%), “zoar” (20%) e “conhecer pessoas”(19%), como as opções mais votadas. Esses são os motivos pelos quais os jovens mais entram nas salas de chats. A questão “passar tempo” nos remete ao lazer, e nos instiga a perceber e continuar a questionar: então quais seriam os lazeres preferidos dos jovens de hoje? Se a internet, nos chats, significa “passar tempo”, então o que o jovem tem feito para ocupar seu tempo ocioso? O que a sociedade tem oferecido a esses jovens para ocuparem seu tempo? Há políticas públicas preocupadas com essa questão, pois esses mesmos jovens serão as gerações futuras da nação, e ainda mais, em que instancias a escola ocupa o tempo de nossos jovens? E esse “passar o tempo” implica em possibilidades de que tipos de aprendizagem? O conhecimento formal da escola pode ser veiculado de forma interdisciplinar de modo a ocupar esse espaço do “passar tempo” ? Gostaríamos de inferir mais profundamente nessas questões, tal riqueza de informações para a contribuição à formação da identidade juvenil. No momento podemos evidenciar esses aspectos como forma de reflexão sobre os dados, para lançar um ponto de partida investigativo sobre as relações jovens/chat/aprendizagem. O “zoar” fazendo parte desse “passar tempo” nos demonstra que o interesse do jovem no chat se aloca realmente nas situações de lazer. O “zoar” significa para o jovem “bagunçar”, “brincar”, “fazer gozação do outro”, “divertir-se”. O “passar tempo” junto ao “zoar” como mais votados como motivos, podemos dizer

que associados conotam um espaço de lazer. A proximidade entre “conhecer pessoas” (19%) e “fazer amigos” (17%) nos demonstra que a importância com a amizade está em alta entre os jovens, essa característica reforça as teorias já existentes que abarcam no conceito sobre a constituição da identidade dos jovens a amizade como referencial do grupo. Hollingshead (1949) (apud, PFROMM NETTO 1976) analisa que:

“Começa a existir quando dois ou mais jovens se relacionam um com o outro por uma amizade íntima, que envolve ‘passear e fazer coisas’ juntos, um intercâmbio de idéias e a aceitação da personalidade de cada um dos membros por parte dos demais... esses (...) grupos informais consomem a maior parte do interesse, do tempo e das atividades dos adolescentes (...) as relações pessoais entre seus membros envolvem estes em situações emocionais e sentimentais de grande relevância”. (p. 255).

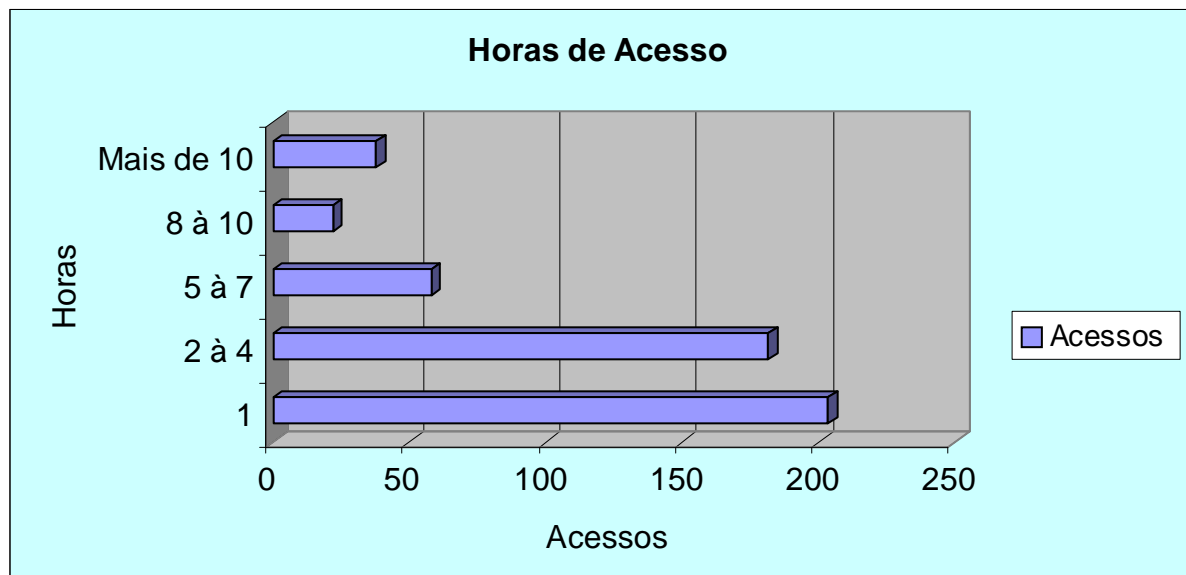
“Aprender coisas” (15%) também é significativo, mas é quase abafado quando classificamos no gráfico a seguir, a sua relevância quanto à importância dos motivos de acesso. Já o item “outros” (6%) caracterizamo-lo por “falar com amigos” porque nas respostas referentes a esse item a grande maioria optou por falar com amigos que já conheço. O que mais tarde identificamos que nessa questão poderia ter sido acrescentado esse item e retirado o item “outros” pois as respostas em “outros” demonstraram ser significativo e talvez até influenciasse a classificação por ordem de importância dos motivos. Reconhecemos que a validação do questionário não conseguiu captar essa diferença. Embora esse fato tenha ocorrido, tentamos dar seqüência as análises dessa questão da forma com que foi construída originalmente.

No gráfico complementar de título “Comparativo” trazemos os motivos de acesso em ordem de classificação hierárquica. Percebemos que algumas modificações aparecem diferenciadas do quantitativo do gráfico anterior de título “Totais – por opção”. Como primeiros motivos encontramos “passar tempo”, “zoar” e “conhecer pessoas” se mantém como os motivos mais constantes de acesso. Porém em segundo lugar “zoar” e “conhecer pessoas” são extremamente votados. Já em terceira opção aparece “conhecer pessoas” em destaque; na quarta opção “fazer amigos” aparece quase que empatado com “passar tempo”; na quinta e sexta opção entra com destaque “aprender coisas”, o que podemos dizer que os jovens não se

interessam em estar navegando com a intenção de aprender algo. A idéia de associar o chat a aprendizagem já nasce aqui como espaço não legitimado pelo jovem como local de aprendizagem como será demonstrado no último gráfico, em que 70% se referem ao chat como espaço em que não tem auxílio a aprendizagem, embora 30% ache que sim e indique até sugestões para isso. Traremos a questão sobre o uso do chat como ambiente de aprendizagem no decorrer deste capítulo.

TABELA e GRÁFICO 4.5 – Número de Horas de Acesso

	Horas					Total
	1	2 a 4	5 a 7	8 a 10	Mais de 10	
Acessos	204	182	58	22	38	504



FONTE: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries* em anexo

O gráfico 4.5 se refere a seguinte pergunta do questionário:

5) Quantas horas você acessa as salas de Bate Papo (Chats) por semana aproximadamente?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> 1 hora | <input type="checkbox"/> de 8 – 10 horas |
| <input type="checkbox"/> de 2 – 4 horas | <input type="checkbox"/> mais de 10 horas |
| <input type="checkbox"/> de 5 – 7 horas | |

Podemos observar que a permanência do jovem na internet é maior durante o período indicado de 1 hora, e segue logo depois o período de 2 a 4 horas. E com distância percentual significativa está em terceira posição o horário de 5 a 7 horas. Isso implica repensar a idéia do senso-comum em afirmar que os jovens permanecem por muitas horas em salas de chat. Ao mesmo tempo em que os dados dessa pesquisa se aproximam dos dados levantados por uma pesquisa realizada pela Revista Veja¹¹⁰ e divulgada em setembro de 2001, em que constata que os jovens permanecem cerca de 1 hora por dia navegando na internet, mas não destacam quantas horas permanecem nas salas de chat. A relação de navegação de forma geral na internet com a de permanência na sala de chat estão próximas, quando observamos a questão 06, em que o jovem elege seus assuntos preferidos, e entre eles surgem outras opções que dividem os ambientes de chats em desdobramentos de variados assuntos. Dando-nos oportunidade de inferir sobre as horas de permanência na sala de chat exclusivamente conversando. Isto porque os demais assuntos demandam também baixar programas que podem ser enviados pelos chats, ou correios. Por outro lado podemos inferir que esta 1 hora esteja evidenciando a não realidade das falas dos jovens se partirmos de outras pesquisas como a mesma divulgada acima [Revista Veja] em que os jovens relatam que: participam das salas de Bate-Papo, principalmente nos ambientes teens, com prioridade em 26%, em seguida temos: 22% realizam pesquisas; 16% enviam e recebem mensagens; 13% lêem notícias; 9% fazem consultas e transações bancárias; 5% ouvem música; 5% baixam arquivos e programas e 3% pesquisam preços. É importante ressaltar que os dados dessa pesquisa incluem jovens das idades de 14 a 26 anos inclusive, o que diferencia de nossa amostra.

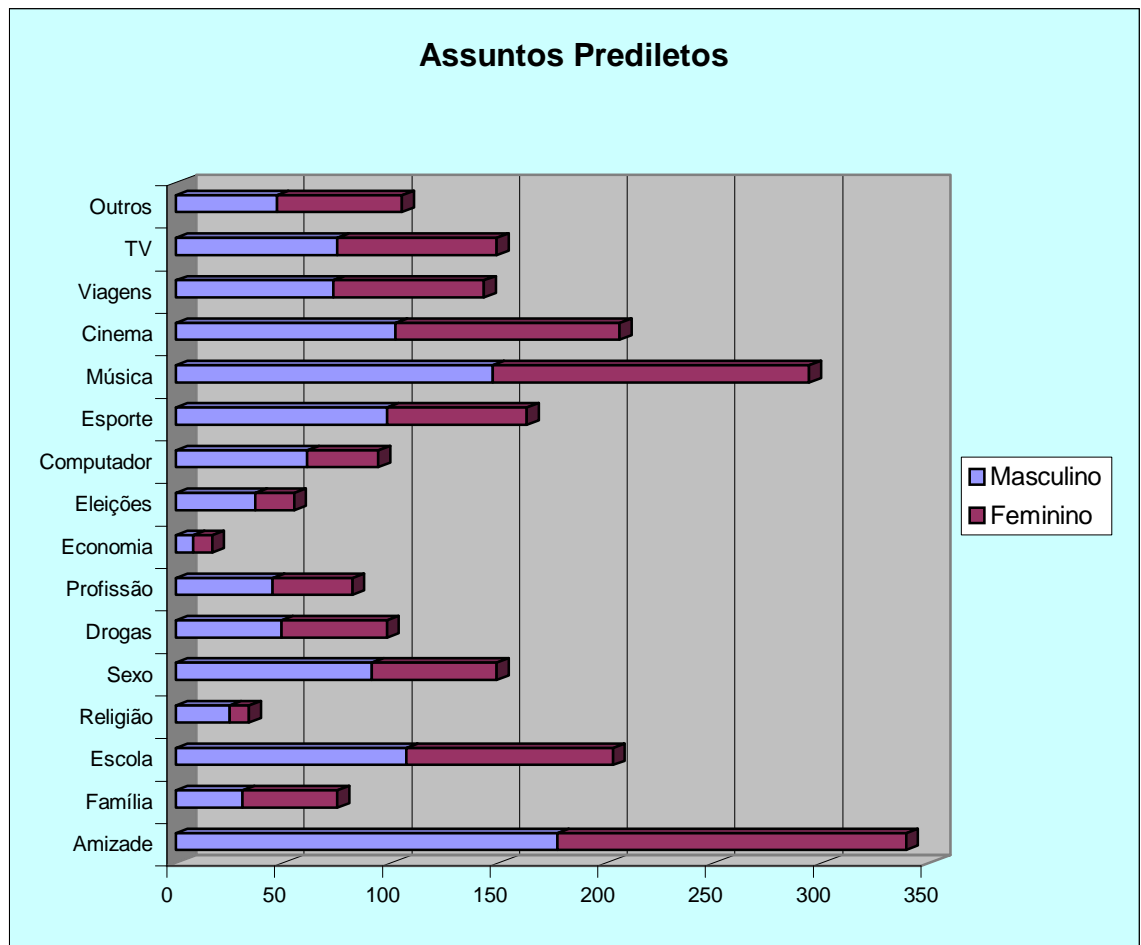
¹¹⁰ Revista Veja, edição especial: Jovens. Ano 34, nº 38, setembro de 2001.

Observação: apesar de não se tratar de uma revista considerada científica, utilizamos os dados da mesma pela similaridade com o tema estudado e a época em que foi efetivada.

TABELA e GRÁFICO 4.6 – Assuntos Preferidos

Assunto	Valores					
	Masculino		Feminino		Totais	
	Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)
Amizade	177	52%	162	48%	339	67%
Família	31	41%	44	59%	75	15%
Escola	107	53%	96	47%	203	40%
Religião	25	74%	9	26%	34	7%
Sexo	91	61%	58	39%	149	30%
Drogas	49	50%	49	50%	98	19%
Profissão	45	55%	37	45%	82	16%
Economia	8	47%	9	53%	17	3%
Eleições	37	67%	18	33%	55	11%
Computador	61	65%	33	35%	94	19%
Esporte	98	60%	65	40%	163	32%
Música	147	50%	147	50%	294	58%
Cinema	102	50%	104	50%	206	41%
Viagens	73	51%	70	49%	143	28%
TV	75	50%	74	50%	149	30%
Outros	47	45%	58	55%	105	21
Total	1173	53%	1033	47%	2206	(*)

(*) Comparativo de escolhas de assuntos (sexos)



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Querries* em anexo

A pergunta 06 procurou trabalhar a questão dos assuntos preferidos de se conversar nas salas de chats. Esses assuntos nos permitiram trabalhar mais tarde com algumas categorias que evidenciamos para discutir os valores eleitos pelos jovens nas salas de chats. A pergunta foi:

6) Quando você entra na Sala de Bate Papo (Chats) para conversar, de que assuntos você fala?

Marque quantos itens desejar.

- | | | |
|-----------------------------------|--|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Amizade | <input type="checkbox"/> Profissão | <input type="checkbox"/> Cinema |
| <input type="checkbox"/> Família | <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Viagens |
| <input type="checkbox"/> Escola | <input type="checkbox"/> Eleições 2002 | <input type="checkbox"/> TV |
| <input type="checkbox"/> Religião | <input type="checkbox"/> Computador | |
| <input type="checkbox"/> Sexo | <input type="checkbox"/> Esporte | |
| <input type="checkbox"/> Drogas | <input type="checkbox"/> Música | |
| <input type="checkbox"/> Outros: | _____ | |

Nessa questão é importante esclarecer que os assuntos estão classificados com base no número total de acessos, ou seja, amostra total da pesquisa. Pois nessa questão os jovens poderiam escolher quantos assuntos fossem de seu interesse. Assim, podemos concluir que os assuntos preferidos aparecem por ordem de importância no gráfico 4.6. Esse gráfico também apresenta os assuntos por diferenciação de sexo. Os assuntos preferidos das meninas e dos meninos, esse dado nasce da inferência anterior de diferenciação dos sexos de somente 0,8%.

Observamos que os assuntos preferidos em primeiro lugar são a amizade (67%) e a música (58%); em segundo, o cinema (41%) e a escola (41%), uma surpresa para a pesquisadora, pois o cinema visto como item basicamente inserido no contexto da cultura-estética, se aproxima da escola revelando a proximidade contextual entre os conhecimentos formais e a estética. A surpresa é relevante do ponto de vista do discurso contraditório do senso comum em “achar que” os jovens não se interessam sobre estética. Pode não estar clarificada a questão, enquanto teoria, para esses jovens, mas enquanto vivência está presente no cotidiano com naturalidade. É importante também explicitar que não está posto aqui que tipo de filme se conversa, porém a aproximação já nos abre uma riqueza para se trabalhar no contexto escolar a interdisciplinaridade no conteúdo conceitual de forma

significativa, além de favorecer transversalmente a ampliação do mesmo. Em terceiro lugar está o esporte com 32%, seguido do sexo e da TV empatados com 30%. Isso nos dá margem a relevância desses assuntos para o jovem, mas também vem de encontro a outro discurso do senso comum em afirmar que os jovens freqüentam as salas de chat somente para realizar sexo virtual. E então concordamos com Pfromm Netto (1976) ao dizer que os jovens passam por uma vulnerabilidade em sua formação da identidade. Segundo Rappaport (1998) essa vulnerabilidade existe e dá origem a questionamentos e desmistificações de conceitos até então fornecidos pelos pais como onipotentes e oniscientes; os jovens buscam suas próprias verdades, seu código próprio de valores e de conduta moral e ética. Rappaport (1998) nos diz ainda:

“O jovem fica muito mais perdido, encontrando problemas maiores para fazer suas escolhas, chegar às suas definições. Fica mais suscetível a enveredar por caminhos conflitantes, às vezes durante longos anos”. (p. 37).

A partir da pesquisa na Revista Veja [nota 110], e dos registros das conversas nas salas de chat participadas pela pesquisadora, encontramos dados que nos revelam que falar sobre sexo em salas de chats acontece com freqüência. Na revista encontramos a seguinte afirmativa “a maior parte das meninas compartilha apenas os assuntos mais banais na internet” (p. 27). Precisamos levar em consideração a enxurrada de sites que comercializam assuntos de sexo na internet. O site de busca Cadê? Menciona a palavra “sexo” 6.193 vezes em seu site. Essa inferência leva a representações sociais, impregnadas de interesses comerciais, em que muitas vezes esse jovem termina por interioriza-las. Por outro lado pesquisas demonstram também que as revistas especializadas em sexo são as campeãs do mercado, os jovens compram em média 79% desses produtos.

Em quarto lugar encontramos viagens (28%) e outros (21%) e em quinto lugar aparecem às drogas e os computadores empatados com 19%. A família aparece com 15% já ao final da classificação.

Os meninos na eleição de seus assuntos são mais ecléticos, conversando sobre tudo e apresentando um diferencial significativo no assunto que se refere as “eleições 2002”. Demonstram que se interessam pela política. Esses dados

coincidem com o dado da pesquisa “Valores dos Jovens no Contexto Atual”, coordenado por Grinspun (2002), no programa de mestrado em educação da UERJ, que serviu de referência para esta. Isso implica dizer que os jovens conversam sobre política e em particular pelas eleições desse ano, em que há um presidente, pela primeira vez na história do Brasil, um sindicalista.

As meninas são mais seletivas em seus assuntos, o que nos permite também inferir observando que as meninas apresentam comportamento mais centrado nas conversas. A pesquisadora observou também que nas salas de chats, as meninas geralmente procuram uma conversa reservada e encaram com mais seriedade os assuntos, contradizendo assim a pesquisa da revista *Veja*, que relata que as meninas se interessam por assuntos banais; enquanto que os meninos na maioria das vezes se unem para “zoar” colegas que estejam navegando na mesma sala, até mesmo vão as buscas de outras salas para achar colegas que fogem da “zoeira”, preferem também conversar sobre jogos de RPG¹¹¹ ou esportes que praticam. Observamos também que há formação de grupos para conversar sobre determinados assuntos.

O gráfico 4.7 analisa a seguinte pergunta:

7) Você já participou de alguma situação virtual que se tornou real?

Sim **Não**

Se você marcou “Sim”, indique em que tipo de relação se transformou:

De namoro **De amizade**

De grupo de cooperação (ajuda)

Outros: _____

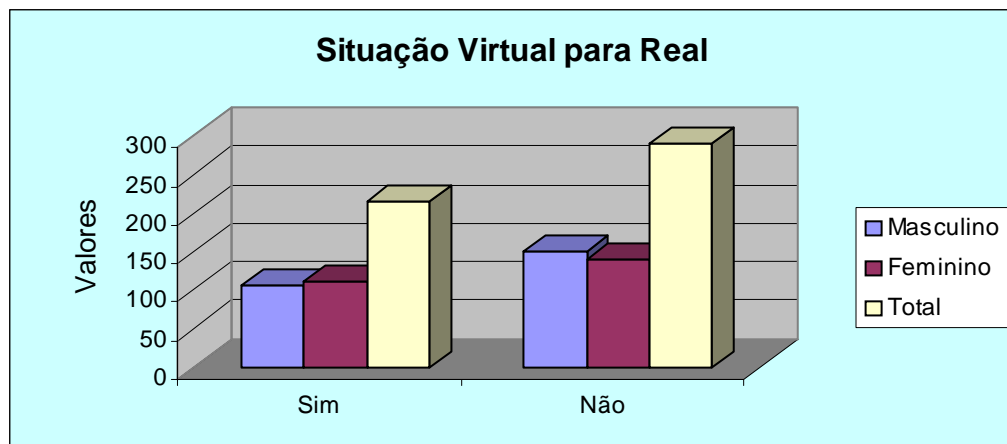
Essa pergunta nos remete a uma das questões mais debatidas hoje, os entrelaces do espaço virtual alargando-se no espaço real, ou seja, experiências virtuais que se tornaram reais ou não. A percepção alcançada nas salas de chat pela pesquisadora nos demonstrou que as experiências virtuais para chegarem a se tornar reais necessita de grande enlace sedutor entre os participantes. Os jovens já percebem nas conversas o tipo de intenção que se passa por entre linhas. Tentando assim resguardar suas identidades pessoais e até mesmo, encontrando facilidades

¹¹¹ Jogo de estratégia muito divulgado hoje entre jovens. É apresentado em várias formas: em cartas, em revistas, livros, internet e outros. Ver mais detalhes na lista de termos.

no próprio site no momento em que conversam por codinomes. Muitos dizem não revelar a verdadeira identidade para não passar por situações difíceis quanto à exposição e perigos eminentes de um espaço em que não se pode obter informações através da linguagem gestual ou mesmo a visual presencial. Encontraremos esse tipo de preocupação permeando essa questão. Vemos abaixo o gráfico que revela que as maiorias dos jovens não tiveram experiências virtuais que se tornaram reais. Essa condição é quase que igual entre os sexos, embora tenham um número maior que as meninas nessa questão, porém o número em termos estatísticos não é referencial, como demonstra o gráfico 4.7.

TABELA e GRÁFICO 4.7 – Situação Virtual para Real

	Masculino	Feminino	Total
Sim	105	110	215
Não	149	140	289
Total	254	250	504



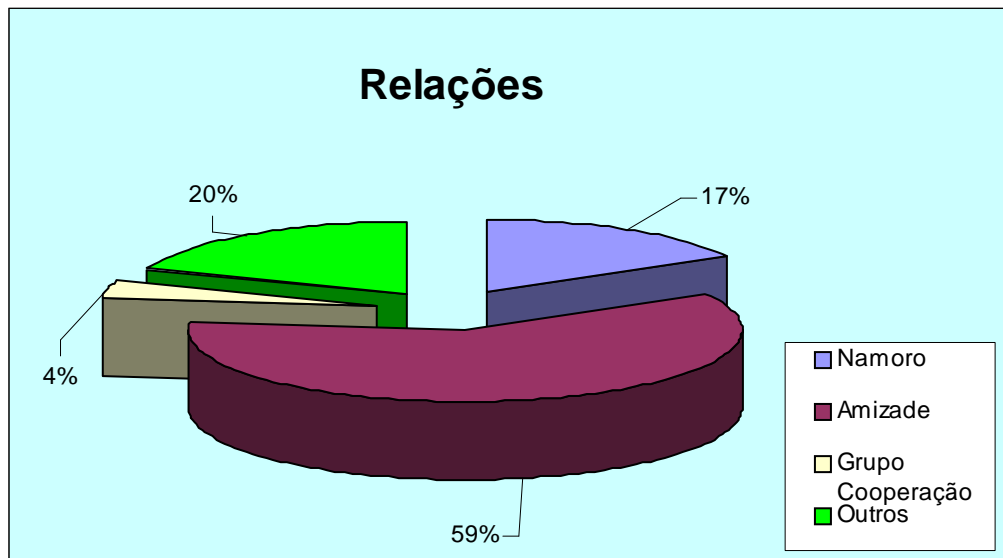
FONTE: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries* em anexo

Dessa forma podemos concluir que as maiorias das experiências virtuais não são concretizadas no real. As meninas apresentaram essa vivencia maior do que os meninos, porém o percentual permanece irrelevante para traçar alguma inferência, chegamos ao máximo em dizer que ambos os sexos costumam não realizar tal feito. Entre os jovens que disseram realizar essa experiência estão aqueles que transformaram essa experiência tendendo para a amizade, e logo depois vem a questão “outros”, acima da experiência de namoro, e dentre elas temos as seguintes

realizações: “ficar”, “brigar”, “sexo”, “passeio”, “jogar RPG”, “confraternizar” e “vídeo-game”.

TABELA e GRÁFICO 4.7.1 - Estratificação das Relações

	Masculino	Feminino	Total
Namoro	20	16	36
Amizade	59	70	129
Grupo Cooperação	6	2	8
Outros	18	24	42
Total	103	112	215

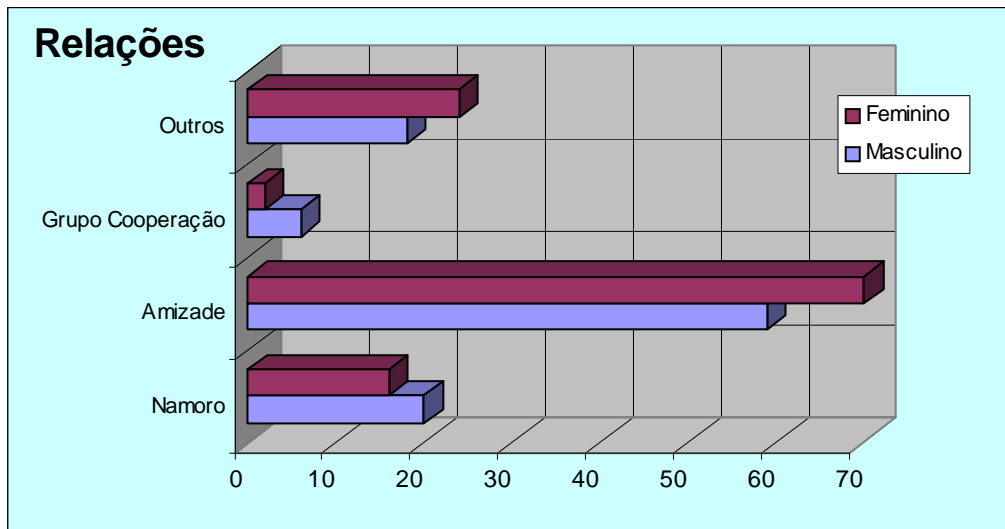


FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

Observamos que a vida está presente na internet como forma de ampliar o espaço desta. A partir do momento em que marco algo com colegas ou que preciso de um aparato que outro possui, a medida em que me emociono, etc, criamos laços com outros que não conhecemos. O interesse também é fator fundamental da construção da vida virtual em presencial, também a cumplicidade adentra as identidades e entrelaça os caminhos sem que percebam. Di Salvo (1998) traz a reflexão sobre a virtualidade e a afetividade que perpassam as relações construídas na internet. Para esse autor o desenvolvimento da informática envolveu o mundo em uma malha estreita e cada vez mais estreita, sendo agente na mediação entre a relação das pessoas, e isso determina novas regras comunicativas. Essas novas regras estão permeadas de mundos artificiais em que as relações entre os

indivíduos são próximas através de instrumentos físicos, tornando a relação cada vez mais virtual, “dando vida ao *prevalcimento* de uma proximidade desmaterializada, artificial” (p. 14). A consequência disso é cada vez mais forte, e se desdobra numa ligação cada vez mais “estreita entre os percursos da tecnologia e os percursos do conhecimento, que torna as novas máquinas computadorizadas em espelhos sociais nos quais vive e fazem viver os próprios reflexos”. (p. 14). Muitos autores vêem esse movimento como novas potencialidades discutidas através dos instrumentos artificiais, enquanto outros o têm como uma verdadeira catástrofe ligada à perda de realidade. Outra questão que percebemos nesses dados é a questão dos grupos de cooperação tão diminuído. Será que os jovens não estão na rede, em especial a internet, trocando valores de solidariedade? Ao que demonstra nossa pesquisa não há preocupação com isso, novamente o lazer alarga-se como principal espaço legitimado pelos jovens. Não deixamos de perceber que logo atrás está a escola [referência aos dados do gráfico 4.6, em que os entre os assuntos que mais falam está à escola]. Os assuntos em detalhe que se travam sobre a escola podem ser diversos, mas tem como referência esse espaço, e assim determinante quanto a ser um espaço de ocupação importante para o jovem. Nota-se o interesse desse jovem sobre os assuntos de troca de afetos entre os sexos. Essa fase em que se encontram é repleta da descoberta do corpo, suas potencialidades e seus enlaces. Fase de construção da identidade sexual de “si” e do que deseja “do outro”. O desenvolvimento da sexualidade está no ápice da construção e as exigências aí existentes são as de que cada um *experiencie* seus sentimentos, os encontros, e desencontros amorosos na busca da construção da afetividade harmoniosa e equilibrada. Então nada mais “natural” do que buscar os encontros de namoro para proporcionar essas vivências. E o fazem então, virtualmente, se conhecem e trocam idéias até partir para o real. Alguns jovens relataram que também só marcaram encontros para viver uma experiência sexual, o que vem a confirmar os anseios afetivos e biológicos dessa fase da adolescência.

TABELA e GRÁFICO 4.7.2 - Estratificação das Relações por Sexo



FONTE: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries em anexo*

A questão 08 procura identificar a influência da experiência virtual na identidade real dos jovens. Muito se questiona a influência das conversas em chat por que proporcionam a vivencia da virtualidade, e nesse espaço podendo tudo acontecer, o que leva um jovem a camuflar a realidade sobre sua identidade? A insegurança com a aparência física, a insegurança quanto à legitimação do outro? Entre o senso comum escutamos notícias na tv, revistas, tecendo comentários sobre as “mentiras” que permeiam os espaços da internet. E nos instigou em saber em quanto de realidade consta nesse assunto a partir da fala dos jovens. Será essa discussão mais um discurso da mídia envolvendo jovens em ideologias quanto aos usos, ou o que realmente os jovens pensam e agem nas salas de chats quanto a esse assunto? A oportunidade seria de dar voz aos jovens no discurso promovido por eles, em determinado contexto. Utilizamos a pergunta:

8) Você muda aspectos da sua identidade nas Salas de Bate Papo (Chats)?

Sim **Não**

a) Se você marcou “Sim”, o que você muda?

Idade **Fatos da sua vida**

Aparência (cor de olhos, cabelo, peso, etc)

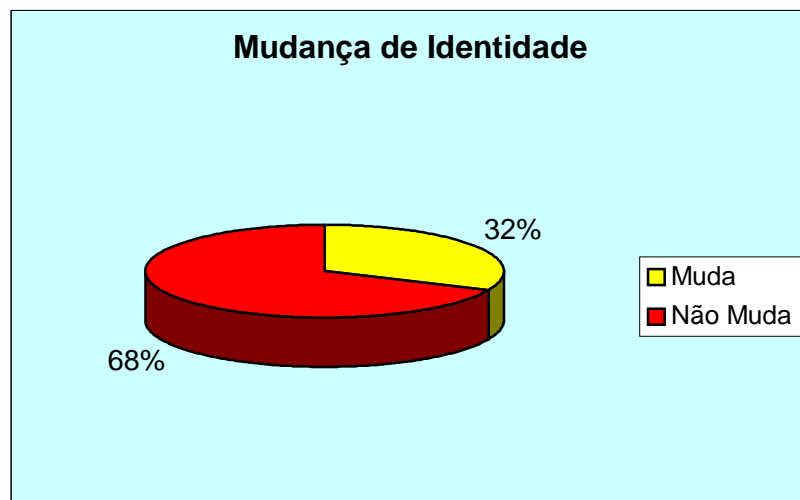
Outros: _____

b) Por que motivo você muda de aspectos da sua identidade?

- Para me mostrar como eu gostaria de ser
- Para não me excluírem da conversa
- Para experimentar uma personalidade bem diferente da minha
- Para Zoar
- Outros: _____

TABELA e GRÁFICO 4.8 – Modificação de Identidade

Identidade		Total
Muda	Não Muda	
160	344	504



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

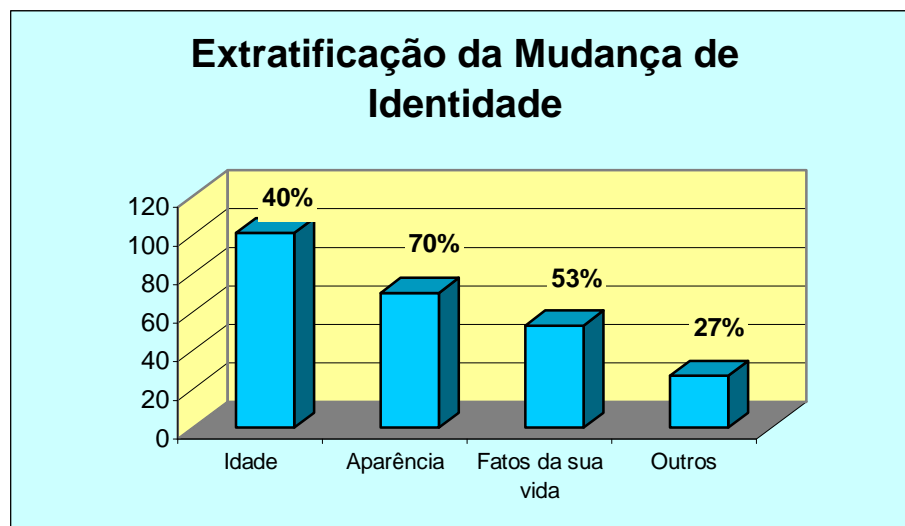
Os resultados nos dizem que o jovem não está interessado em mudar sua identidade nos chats. Geralmente se expõe do jeito que são. Isso nos permite dizer que há na sociedade muitos discursos sobre essa questão, e que não devem ser generalizados. Esse resultado nos demonstra que teremos que ter mais cuidado ao falar de uma forma *geral* sobre a identidade juvenil, e que os meios de comunicação de massa devem responsabilizar-se mais quanto a ideologias que inevitavelmente anunciam e constroem imagens falsas nas representações dos jovens sobre seus modos e maneiras de ser. “Todo cuidado é pouco” quando se trata de generalizações de determinados grupos sociais. As configurações das identidades

devem passar [mais do que nunca] por um crivo de diversidade, aqui incluindo os aspectos sócio-culturais, preferencialmente, e, compreensão histórico cultural do local de onde se está falando.

Fica uma pergunta: aqueles jovens que mudam aspectos de sua identidade, o que mudam? Encontramos no gráfico 4.8.1 as respostas a algumas características que fizemos relevantes a partir das testagens, veja abaixo.

TABELA e GRÁFICO 4.8.1 - Estratificação da Mudança de Identidade

Identities	Values	
	Abs.	%
Idade	101	40%
Aparência	70	28%
Fatos da sua vida	53	21%
Outros	27	11%



FONTES: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries* em anexo

Em primeiro lugar encontramos a idade como a característica mais propícia à mudança. As inferências que fazemos dizem respeito, a primeira a participação da pesquisadora nas salas de chat reforçando a evidência desse comportamento, visto que para permanecer em determinada *sala teens*¹¹² é necessário apropriar-se da linguagem construída naquele espaço. Se o jovem que entrou na sala não faz parte das relações constituídas naquele espaço, tanto quanto a linguagem mas como os pensamentos que estão sendo veiculados, logo o grupo trata de excluí-lo, com

¹¹² Salas preferenciais para jovens, geralmente classificadas por idade entre 14 e 20 anos.

mensagens de insulto ou de convite direto a se retirar, ou ainda de estranhamento da postura diferenciada induzindo a conversa até que o outro seja excluído da sala. Outras vezes esconder ou camuflar as características denunciam o próprio autor da façanha, por exemplo. Os jovens conhecem bem seus códigos¹¹³ e principalmente os de seus grupos em que costumam conversar.

Caso entre algum jovem que esteja escondendo a idade, por exemplo, [ter 13 anos e dizer ter 16] rapidamente os jovens que possuem 16 anos reconhecem pelo uso da linguagem e do pensamento que há uma diferença e tratam de instigar a conversa até que em um dado momento o jovem se denuncie, e imediatamente se torna alvo de mensagens de insulto ou gozação até que desista do espaço. Percebemos nas artimanhas das conversas nos chats que os códigos não advêm somente dos relacionamentos tecidos nas salas virtuais, esses códigos são estabelecidos também a partir das convivências que tecem no dia a dia nos espaços presenciais; escolas, shoppings, praia dentre outros. Os grupos criam identidades em que seus referenciais serão os códigos estabelecidos entre eles. A própria idade determina a sua volta referencial de códigos, ela é um exemplo concreto das formas de agregação, quando os próprios jovens se denunciam através dos interesses referentes às idades. Há uma “colagem” de representações pertencentes à variação de formação dos grupos, e com isso as identidades não só perpassam a construção subjetiva, mas vai além desta, criando resignificações simbólicas para cada grupo.

Esse movimento, de fato, encanta as investigações referentes às construções da identidade juvenil. Carrano (2000) ao estudar as identidades juvenis identifica que esta passa por múltiplas facetas, e que a composição dos jovens não poderia ser caracterizada como uma classe social ou grupo homogêneo por em suas formas de agregação constituírem “características continuamente flutuantes”. O espaço de construção da identidade nas salas de chat favorece a flutuação do ponto de vista da homogeneidade entre grupos, a partir de diferentes características, porém muito bem definidas do ponto de vista das particularidades – interesses-, de cada grupo. Podemos observar nessa questão, que há a presença de um misto de experimentação do real no virtual e vice versa. Essa experimentação também se trava no campo da juventude como uma das características da fase, do ponto de

¹¹³ Entende-se por códigos as falas, costumes e representações que os jovens de determinada faixa etária e principalmente de determinados grupos sociais, apresentam no seu desempenho do dia-a-dia.

vista psicológico e social. Psicológico enquanto constituição da personalidade através da testagem de suas capacidades na fase de transição da infância à fase adulta (MELUCCI, 1992); e social enquanto constituição da aceitação através dos ritos de passagem presentes diferencialmente em cada cultura, como também na conquista e reconhecimento nos espaços profissionais, enquanto trabalhador, cidadão integrado em sua sociedade.

Em segundo lugar a aparência é algo que os preocupa em demasia. A sociedade, que no dizer de Hobsbawn (1999), quer permanecer jovem mesmo na terceira idade, carrega um mito de beleza respaldadas no conceito corporal. O corpo físico resguarda os desejos e prazeres imediatos, também associados a ganhos financeiros, o que implica uma cobrança velada nos comportamentos sociais. O jovem associa assim, à beleza física a conquista de felicidade e satisfação de suas necessidades mais íntimas. Mostrar-se de acordo com esse mito resguarda-lhe um espaço de reconhecimento no grupo e na sociedade. Os padrões de beleza são ditados por uma sociedade consumista, individualista, intimidando os jovens a esse comportamento.

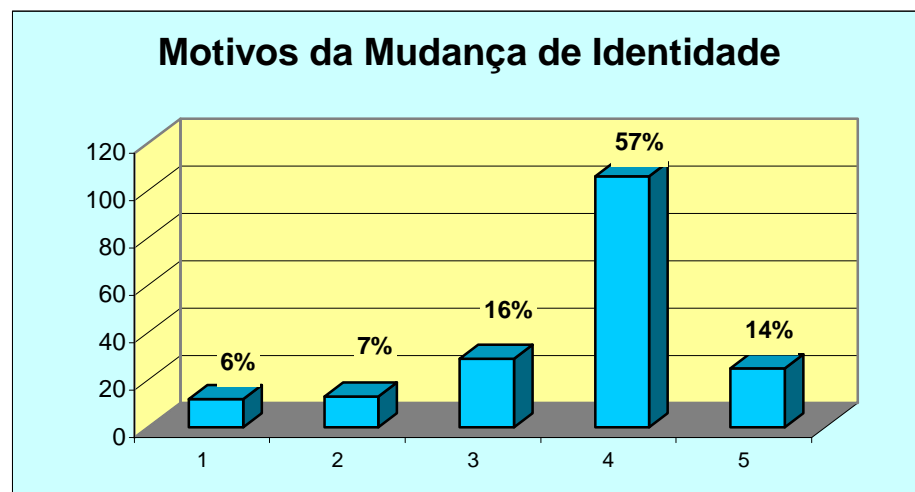
Várias são as experiências nos chats em que se camuflam a aparência para manter uma conversa com um jovem do sexo oposto. Esse comportamento geralmente não se mantém por muito tempo, durante o desenrolar da conversa os jovens acabam por denunciarem-se quando esquecem o já foi dito e “falam” escrevem a verdade. Durante a presença da pesquisadora no espaço das salas de chat se pode observar esse comportamento acontecer diversas e inúmeras vezes, e por várias vezes o comportamento do sexo oposto foi revelar que também estava com sua identidade velada, ou seja, na mesma condição de suprir uma exigência posta em uma beleza a partir da conceituação implicada nos ditames de uma sociedade capitalista. E também muitas vezes os jovens se aborreceram por descobrir que seu parceiro de conversa estava mentindo a ponto de desinteressar-se totalmente em manter a conversa, rompendo, imediatamente, a conversa. Essas duas condições de fato acontecem, não conseguimos apurar em que proporções pois a participação da pesquisadora nesse espaço não lhe permitiu registrar quantos aconteceram pela própria condição de velocidade das conversas e também das entradas e saídas constantes da sala. Nas demais opções, se pode inferir a partir da continuidade da questão 08, que irá tratar justamente dos “porquês” desses comportamentos camuflados.

Observa-se que a idade é o item em que os jovens mais mudam nos chats, isso caracteriza a questão da exclusão dentro das salas de chat. Quando não se tem a idade que o grupo que está conversando no momento possui, imediatamente se exclui aquele, geralmente de idade inferior. Conseguem até através do desenvolvimento da linguagem perceber que o outro é de menos idade, isso se dá por possuírem códigos específicos para se conversar.

No início da pesquisa sofreram pressões com relação à participação da pesquisadora, pois a linguagem era totalmente diferente da que eles possuíam. Rapidamente caracterizou-se a exclusão, e mesmo explicando a situação em que se encontrava a pesquisadora, o grupo não permitiu sua permanência, sempre excluindo através de palavras ofensivas ou mesmo em não se dirigir a nenhum momento para conversar.

TABELA e GRÁFICO 4.8.2 – Motivos da Mudança de Identidade

Opção	Motivos da Mudança de Identidade	Valores	
		Abs.	%
1	Para mostrar como eu gostaria de ser	12	6%
2	Para não me excluírem da conversa	13	7%
3	Para experimentar uma personalidade bem diferente da minha	29	16%
4	Para Zoar	106	57%
5	Outros	25	14%
	Total	185	100%



FONTE: Pesquisa de Campo
NOTA : *Queries* em anexo

A resposta predominante foi “zoar”. O “zoar” significa: brincadeira, peraltice, tirar uma brincadeira com o outro e bagunçar. Em nossa análise podemos inferir novamente na questão desse espaço se constituir como lócus de lazer, e de “passar o tempo”. Observou-se que mudar de identidade é uma grande brincadeira e uma grande diversão. E se isso foi o dito, como se explicariam as observações realizadas presencialmente pela pesquisadora? Esse impasse não consegue elucidar somente com esses dados, seriam necessários mais dados para inferir sobre a questão. Porém vale a fala dos jovens nos questionários, pois assim o foi escrito por eles. Consideramos que o “zoar” também resgata o encontro, a relação que se estabelece nas conversas, e não desconsideramos outras vozes da pesquisa, em que aparecem os medos de serem identificados e trazer problemas de segurança quanto à identidade real, ou mesmo para resguardarem-se de pessoas com más intenções, e até mesmo por desejarem experimentar uma personalidade que não é a sua e viver um momento imaginário. Nos encontros presenciais da pesquisadora com os grupos de jovens, essa questão causou controvérsias. Os jovens discutiram entre eles a aceitação desse comportamento e a vivência de ser enganado. As meninas defendiam a vontade de viver uma imaginação e os meninos eram mais exigentes quanto a se dizer à verdadeira imagem. Esses movimentos da formação da representação da imagem de si próprio no remete ao campo da psicologia, assunto que no momento não será trabalhado, pois não é recorte de nosso trabalho, porém, em sendo uma limitação de nossa pesquisa indicamos que poderá servir de campo a novas pesquisas.

A pergunta de número 09 busca identificar se as conversas nas salas de chat influenciam sobre a personalidade do jovem. E usamos a seguinte questão:

9) Você já mudou de idéia a respeito de algum assunto a partir de conversas em Salas de Bate Papo (Chats)?

Sim **Não**

Se você marcou “Sim”, em que assunto(s) você mudou de idéia?

- | | | |
|--|---|---|
| <input type="checkbox"/> Amizade | <input type="checkbox"/> Profissão | <input type="checkbox"/> Cinema |
| <input type="checkbox"/> Família | <input type="checkbox"/> Economia | <input type="checkbox"/> Viagens |
| <input type="checkbox"/> Escola | <input type="checkbox"/> Eleições 2002 | <input type="checkbox"/> TV |
| <input type="checkbox"/> Religião | <input type="checkbox"/> Computador | |
| <input type="checkbox"/> Sexo | <input type="checkbox"/> Esporte | |
| <input type="checkbox"/> Drogas | <input type="checkbox"/> Música | |

Outro: _____

TABELA e GRÁFICO 4.9 – Mudanças de Idéias

Idéias		Total
Muda	Não Muda	
125	379	504



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

Em alguns depoimentos nos grupos de conversa com jovens observamos que também se chega a esse resultado. Os jovens dizem que não costumam mudar suas idéias. Alguns chegam a se ofender pois isso implica mudar a sua personalidade que está sendo construída a custo de tantos rompimentos; com a infância, a família, a estrutura física, dentre outras características da fase de transição da infância à maturidade adulta. Reconstruir-se enquanto identidade própria custa-lhe inseguranças. Reconhecer essas inseguranças faz parte do processo porém duvidar de suas idéias será um desastre para si próprio. Os jovens demonstram sabedores desse momento, muitos falam sobre suas inseguranças mas daí a afirmá-las pode sugerir-lhes não estar prontos em sua personalidade e isso é um risco grande de exposição, afinal ele é uma pessoa diferente daquela em que permaneceram muitos anos sob a égide da responsabilidade de outrem. Ele agora é uma *pessoa única* e sua experiência é forte o suficiente para incumbir-lhe de afirmar a personalidade que ora se constrói.

A maioria dos jovens não aceita que o tratam como pessoa vulnerável. Afirma-se a todo instante através da linguagem, dos modos, dos usos, dos desafios, diferenciados do adulto e da criança. Embora falem claramente que se sentem inseguros, mas isso não significa dizer que não possuem opinião própria!

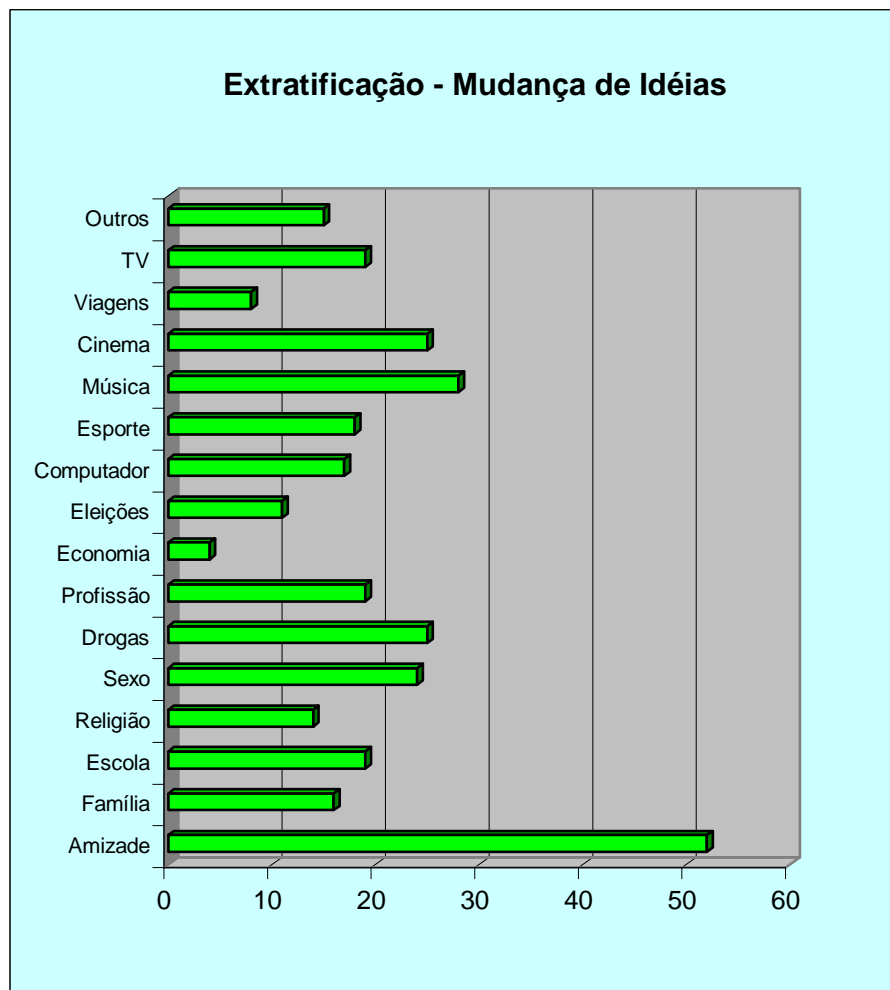
Necessitam da contradição para afirmarem-se. Rappaport (1998) considera; o jovem:

“A par do crescimento, e como consequência dele, as relações familiares e sociais vão se modificando (...). O mundo torna-se subitamente maior porque o adolescente tem mais liberdade para sair sozinho ou com amigos, conhecer melhor sua cidade, enfrentar perigos, usufruir de suas opções de lazer. A inteligência evolui, o indivíduo passa a ter acesso ilimitado ao mundo das idéias. (...). Construir e questionar teorias, imaginar um mundo novo, pensar e discutir pelo puro prazer de exercitar as novas capacidades do pensamento. Escrever poesias, cartas de amor, interessar-se por política, arte, ciência, alcançar uma compreensão do que acontece na sociedade mais ampla e não apenas no restrito círculo da família e dos amigos (...). Daí a busca por parte dos jovens de suas próprias verdades, de seu código próprio de valores e de conduta moral e ética. É claro que tudo isso vai ser calcado nas experiências e vivências infantis, no que é transmitido pela família e pelo grupo sócio cultural. Entretanto, para haver uma organização mais madura, mais adulta, é necessária uma ruptura, obrigatoriamente dolorosa porque envolve muitas perdas. Perde-se a idéia que se tinha na infância sobre o próprio corpo e sobre os pais. Ocorre uma desorganização da personalidade, caracterizada por intensa instabilidade, mudanças bruscas de humor, de formas de relacionamento, maneira de vestir, etc. alternam-se momentos de intensa alegria e sociabilidade com outros de profundo isolamento. (...) na adolescência haverá uma ruptura dessas identificações. O jovem tenta uma maneira própria de ser. É um processo vivido sempre de maneira intensa, com manifestações mais ou menos explosivas, de acordo com as características de cada um”. (p. 36).

Assim, podemos dizer que a resposta a essa pergunta demonstra que 75% dos jovens não mudam suas idéias. Mas dentre os 25% que mudam suas idéias, escolheram como opção à “amizade” e a “música”, que se igualam aos resultados da pergunta 06. Podemos inferir que se esses são os assuntos de que mais falam, também são os que mais estão expostos a mudanças, e sobre as questões referentes à participação nos grupos, e em outras que irão referir-se ao assunto da importância dos grupos na formação da identidade juvenil.

TABELA e GRÁFICO 4.9.1 – Extratificação de Mudança de Idéias

Assunto	Valores	
	Abs.	%
Amizade	52	17%
Família	16	5%
Escola	19	6%
Religião	14	4%
Sexo	24	8%
Drogas	25	8%
Profissão	19	6%
Economia	4	1%
Eleições	11	4%
Computador	17	5%
Esporte	18	6%
Música	28	9%
Cinema	25	8%
Viagens	8	3%
TV	19	6%
Outros	15	5%



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

Esta questão também traz um diferencial, aparece o “cinema”, as “drogas” e o “sexo” em posições relevantes, o que demonstram as inseguranças e as tentativas de estarem construindo seus referenciais *identitários* a partir da troca de idéias com outros jovens, ou seja, das experiências vividas por outros jovens, seja de cunho positivo ou negativo. Outras inferências seriam passíveis de discussão caso houvessem mais dados significativos, tais como saber o por que das trocas de idéias, porém nosso recorte não contemplou esse aspecto como campo de pesquisa. O item “outros” trazem idéia de serem construídos a partir da experiência muito pessoal de cada jovem, como por exemplo: “experiências sexuais”, “idéias que não consegui defender”, “como é viver longe de casa”, “minha opinião em filosofia sobre Renè Descartes”, “uns rolos aí”, “decisões importantes para banda e com os outros integrantes que também entram” e “a vida em geral”.

Na pergunta de número 10, foi abordada pela percepção da pesquisadora ao navegar nas salas de chats que os jovens se aborreciam com determinados comportamentos que surgiam no entremeio das conversas.

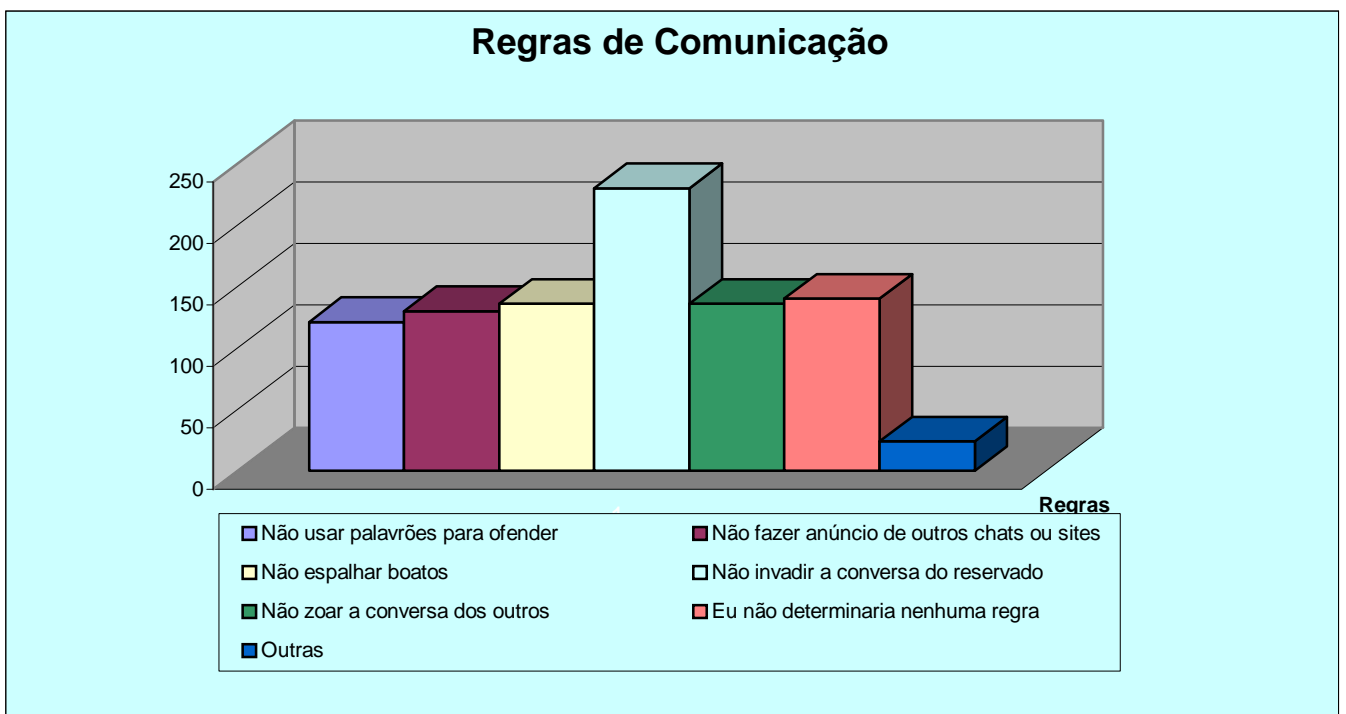
**10) Se você pudesse determinar algumas regras de comunicação para as salas de Bate Papo (Chats), que regras você determinaria?
Marque quantos itens desejar.**

- Não usar palavrões para ofender**
- Não fazer anúncio de outros chats ou sites**
- Não espalhar boatos**
- Não invadir a conversa de quem está no espaço
“reservado”**
- Não zoar a conversa dos outros**
- Eu não determinaria nenhuma regra**
- Outras: _____**

O que mais incomoda os jovens são as constantes invasões em suas conversas reservadas. Alguns sites oferecem a preservação dessa conversa como o ICQ, porém observa-se que as invasões realmente são desconfortáveis.

TABELA e GRÁFICO 4.10 – Regras de Comunicação

Opção	Regras de Comunicação	Valores	
		Abs.	%
1	Não usar palavrões para ofender	121	13%
2	Não fazer anúncio de outros chats ou sites	130	14%
3	Não espalhar boatos	136	15%
4	Não invadir a conversa do reservado	230	25%
5	Não zoar a conversa dos outros	136	15%
6	Eu não determinaria nenhuma regra	140	15%
7	Outras	24	3%



FONTE: Pesquisa de Campo
 NOTA : *Queries* em anexo

A pesquisadora observou que nas salas de chat a questão do “zoar” não acontece somente para se brincar mas para interferir de forma incisiva na conversa de quem está tentando manter um contato sério. Não somente nesses casos mas também quando se busca conversar com seriedade e alguém percebe que está acontecendo este tipo de conversa se chega e incomoda, no sentido mesmo de invadir. Podemos inferir também na questão do “não gostar de ser atrapalhado” mas em muitos casos os que não gostam atrapalham outras conversas também. Pode-se dizer que existe um *jogo de sedução do atrapalhar* para, talvez, chamar atenção da

conversa para si e manter o comportamento de “zoar” presente nas conversas. Em segundo lugar encontramos “não determinaria nenhuma regra”, podemos inferir na idéia de que não haver limites signifique aproveitar todo e qualquer espaço de experimentação das suas idéias. Trabalhar o jogo da troca em todas as suas dimensões. Deixar com que suas idéias fluam sem os limites sociais aos quais devem, em breve, legitimar em suas vidas.

A interiorização das regras morais, do ponto de vista da construção da moral Piagetiana conclui que na fase de adolescência se inicia o quarto estágio de construção da regra. Nesse estágio os adolescentes codificam as regras, ou seja, “regulamentam as regras tão minuciosamente que chegam a constituir um código propriamente dito, isto é, um conjunto de procedimentos aceitos por toda a sociedade” como considera Padilha (2000, p. 24). O espaço do chat parece que serve para troca na busca da construção da codificação das regras. Quando identificam o desejo em “não determinar nenhuma regra”, também pode significar o comportamento de tentativa de resignificação, apropriação e afirmação dos próprios conceitos, ou mesmo buscar vivenciar a ausência de regras, uma suposta “liberdade” de decidir sobre si mesmo, em um espaço que teoricamente a possibilidade de isso acontecer é, por eles entendida, como possível. Isso sem considerar que o próprio espaço do chat já o delimita em sua liberdade quando lhes impõe os tipos de programas para uso do site, os tipos de salas oferecidas, os tipos de símbolos para serem incluídos nas conversas.

Para o jovem isso não tem significado de limites a sua liberdade, esses limites são vistos advindos através dos pais, dos comportamentos da infância, que devem ser eliminados de seu convívio. Empatados em terceiro lugar encontramos “não espalhar boatos” e “não zoar a conversa dos outros”. Boatos que dizem respeito a histórias que inventam uns dos outros, assim foi relatado a pesquisadora pelos próprios jovens nos encontros presenciais, e que geralmente partem de grupos que já se conhecem e interagem entre si presencialmente. Também foi relatado que os boatos também se referem à escola, aos professores, inclusive com boatos de não haver aula, dentre outros. A pesquisadora observou que durante as conversas nos chats as interferências de anúncios de outros sites, das mais variadas naturezas [sexo, religião, música] são freqüentes, chegando a irritar os participantes. Os jovens geralmente respondem a quem os enviou com palavrões e ou xingamentos. Dependendo do assunto tecem comentários debochados e irônicos.

A última pergunta do questionário busca encontrar as possíveis relações entre chat e um espaço educativo. Abaixo escrevemos a pergunta.

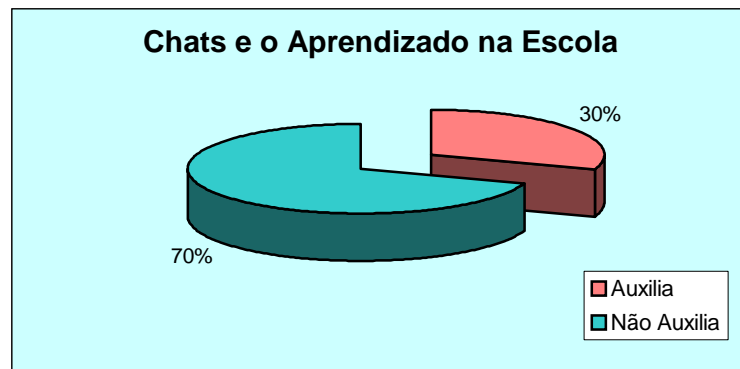
11) O uso das salas de Bate Papo (Chats), poderiam ser úteis para o seu aprendizado na escola?

Sim **Não**

Se você marcou “Sim”, dê suas sugestões:

TABELA e GRÁFICO 4.11 – Chats e o Aprendizado na Escola

Chats e o Aprendizado na Escola		Total
Auxilia	Não Auxilia	
153	351	504



Para o jovem podemos dizer que as salas de chat não são um espaço que auxilie no aprendizado. Nos registros de suas falas identificamos que existem sites próprios para isso. Pode-se entender, a partir da reflexão advinda de todos os resultados que os jovens legitimam esse espaço como um lócus não formal. Ali podem conversar de tudo de seus interesses, porém sem veicular o conhecimento formal. Esse espaço pertence a trocas entre eles que não contempla a aprendizagem de conhecimentos, mas sim o “lazer”, o reforço entre as “amizades”, o “namoro” ou “flerte”, o encontro para “zoar” e “passar o tempo”.

Dentre os jovens que responderam sobre a possibilidade do uso do chat como espaço de aprendizagem encontramos as sugestões mais diversas possíveis. Caminham desde a idéia de interagir com o professor, a fazer trabalhos em grupo e tirar dúvidas com colegas, e até mesmo aprender com colegas e amigos de outras

escolas. As falas são as mais diversas possíveis, como identificadas na tabela demonstrada abaixo.

TABELA e GRÁFICO 4.11.1 – Categorização das sugestões

Como Auxilia		Total
Opinaram	Não Opinaram	
138	15	153

As respostas/sugestões apresentadas estão todas expostas no Anexo X. Para melhor compreendermos o nível de sugestões encaminhado arrolamos as mesmas em grandes categorias, embora esta não tenha a dimensão específica de um estudo de análise de discurso sobre as categorias. Empregamos o termo com uma conotação das características principais referendadas pelas sugestões dos jovens nos seus questionários, com objetivo de verificarmos as tendências desses jovens para utilização das salas de chat em termos de aprendizagem. Para melhor compreensão do tratamento dado a esta questão no início de cada opinião indicada pelo aluno, identifica-se o número da categoria elaborada pela pesquisadora.

Categorias

Categorias:	Número de respostas dadas:
1. Aprendizagem	30
2. Relações interpessoais	15
3. Não quiseram opinar	05
4. Múltiplas atividades	09
5. Questões culturais	06
6. Relações com alunos e outras escolas	07
7. Assuntos da atualidade	02
8. Pesquisas diversas	07
9. Fazer amizades	05
10. Troca de informações	23
11. Tirar dúvidas com o professor	26
12. Chats já existentes	02
13. Aprendizagem de línguas	03
14. Salas para entretenimento	04
15. Noção de vocabulário	01
16. Salas para temas específicos	02

As inúmeras sugestões (Anexo X) foram agrupadas em grandes categorias, onde eles, os jovens, acham possível o aprendizado, seja pela forma como a aprendizagem seria recebida, seja pelas “novas aprendizagens” que poderiam ter acesso.

Dois dais foram muito significativos: um que abordava a questão das trocas de informação em vários níveis e/ou sentido, sugerindo, inclusive salas com temas determinados e específicos; outro que abordava a questão relacionada a “tirar dúvidas com o professor” facilitando e/ou aprimorando o trabalho do aluno.

Os jovens que acham que a sala é *apenas* para diversão/entretenimento (zoar, na fala deles) pode se contrapor a opinião de outros jovens que nos informam que já existem salas de chats para esse fim, [ou seja, enquanto um nega a possibilidade das salas de chat enquanto ambientes de aprendizagem, outros estão muito bem informados quanto a esse assunto], chegando, inclusive, a indicar o endereço dos mesmos (ver www.portaleducacional.com.br).

Sugestões relevantes também podem ser apontadas no que diz respeito às relações interpessoais ou mesmo a possibilidade de se fazer novas amizades. E nesse item, mais uma vez, ratifica-se a importância das relações na construção do conhecimento, da aquisição da aprendizagem que contempla valores específicos.

O que podemos inferir –de uma maneira geral -, é que este espaço pode – e deve ser – aproveitado no sentido mais educacional possível, trabalhando uma dimensão de aprendizagem que auxiliam na (in) formação do jovem, enquanto aluno no seu processo ensino-aprendizagem.

Por certo, os novos tempos da tecnologia irão estruturar de maneira mais organizada e sistemática os meios para que se efetive esse [virtu@l
esp@cotempo](mailto:virtu@l
esp@cotempo) de aprendizagem.

4.2- ANÁLISES DAS CATEGORIAS: IDENTIDADE E VALORES INTERAGEM NA HIPERTEXTUALIDADE

“A masmorra eletrônica (...) sem peso algum entregue à fantasia (...) e sempre na solidão tilintante do éter”. Marion Fugléwcz¹¹⁴

Os valores estão presentes na sociedade com significados dispostos entrelinhas, na dimensão entre as ações e a construção do pensamento.

Os jovens na pesquisa demonstraram eleger valores que permeiam suas vidas cotidianas de forma que não se pode negar a presença do entrelace subjetivo bem como o cultural, o social, o político, o econômico e o histórico posto no contexto em que está acostumado a lidar.

Incrivelmente se pode discutir a representação de valores que brotam da linguagem simbólica dos chats, mas se pode também discutir os valores que já estão bem representados entre os jovens fora das salas de chats. As convenções que traçam a partir de comportamentos instituídos nos diferentes grupos. Mas diante disso também se pode perceber que os valores parecem ser os mesmos para a maioria, assim relatam os dados de nossa pesquisa, quando, por exemplo, se convencionou que todos devem gostar de cinema, ou que a maioria considera a amizade o maior valor. Há um sentido dúbio na tentativa de encontrar os valores mais presentes nos jovens, vejamos: enquanto teóricos discutem que há características flutuantes entre os jovens, e que suas representações em valores é bastante diferenciada, gerando entre eles tribos ou neotribos; identifica-se por outro lado se identifica valores semelhantes, como a amizade e a escola. Então se pode identificar que além de interesses diferentes que identificam e representam os neotribos, os grupos de jovens também apresentam características semelhantes. É justamente deste caleidoscópio complexo de valores que os jovens constituem e saboreiam a transição de valores nas sociedades e nas culturas.

Outras características surpreendem: quando identificamos a presença nos chats tanto de meninos quanto de meninas se encontra uma idade em que ocorre

¹¹⁴ Fugléwicz, 1996, p. 9. Ver bibliografia, livro Ciberética, Loyola, 2001.

uma estabilidade específica para ambos os sexos. Isso se pode inferir com relação ao interesse dos jovens pelo veículo de comunicação em determinada faixa etária? Seria um outro dado interessante a ser pesquisado, pois poderia constituir-se uma característica e um valor da própria faixa etária como também do grupo que utiliza este veículo de comunicação. Será que é um modismo ou um comportamento estabelecido pelos jovens que tem acesso à era tecnológica com maior facilidade, por exemplo, marcar hora para se encontrar no chat além do encontro presencial diário na escola?

Um outro valor que se põe no inconsciente coletivo do senso comum é a troca de identidade no espaço virtual. Encontramos uma resposta totalmente contrária. O jovem se preocupa mais com a mudança da identidade como precaução a perigos do veículo de comunicação ou para ser aceito no chat para conversar e se manter por dentro dos assuntos, do que para experimentar a si próprio. Talvez essa seja mais uma das questões que mereçam relevância nos estudos, pois quantos jovens não se preocupam de estar expondo suas emoções no imediato das conversas de chat, sem perceber que podem desconhecer totalmente a pessoa que está ao outro lado do computador. Mas ao mesmo tempo se deve considerar que muitos já formam amizades intensas com outros jovens que conheceram na própria internet e travaram uma relação de confiança, nascendo uma amizade desprovida de interesses escusos. E considerando que muitos já são colegas do próprio cotidiano presencial. Como já citado, a complexidade aí se faz presente, torna-se preciso olhar mais de perto, com maior exclusividade.

No decorrer da pesquisa vamos encontrando vários indicadores dessa discussão, e entremeando-as os valores vão surgindo e mostrando que estão presentes tanto os de posse particular como os da sociedade em que estão postos. Um outro dado relevante é que muitos valores e interesses postos pelos jovens nos chats parecem ser valores que a própria sociedade tratou de identificar como sendo da juventude e identificador dos grupos, como os tipos de símbolos na linguagem para dar representação a determinadas tribos, e outros também são considerados de todos, tais como as gírias mais comuns.

Na teoria conhecida como Psicologia Genética do psicólogo suíço Jean Piaget, a inteligência não é inata, “mas a gênese da razão, da afetividade e da moral” (Aranha, 1996) é feita progressivamente através de estágios sucessivos, onde a criança organiza o pensamento e o julgamento. O saber é construído e não

imposto de fora. Para Jean Piaget o desenvolvimento moral é concomitante ao desenvolvimento lógico, com aspectos paralelos de um mesmo processo geral de adaptação. Existe uma reflexão consciente da prática passando por estágios, indo da moral heterônoma – baseada na obediência – à moral autônoma – baseada na igualdade – baseando-se nas relações sociais. Em um primeiro momento a relação da criança com o adulto se estabelece na relação baseada na autoridade, em um segundo momento se estabelece na relação entre companheiro num sistema de reciprocidade.

Como se pode observar os valores estarão associados ao caminho, correto ou não, que o desenvolvimento da moral acontecer no indivíduo. É durante o período da adolescência, onde é forte a afirmação da própria identidade, que os conflitos morais são ativos. Obedecer à autoridade do adulto não corresponde ao desenvolvimento do próprio EU. Neste movimento contrário cresce a necessidade de liberdade e de coerência consigo mesmo, norteando o caminho de adaptação e autonomia. Este exercício entre conflito e adaptação “favorece a capacidade de adaptação do indivíduo a uma sociedade em contínua mudança e conflito” (Díaz-Aguado, 1999), como são hoje as sociedades industrializadas sendo necessária uma educação baseada na resolução de problemas.

Os valores ao mesmo tempo em que estão relacionadas intimamente as formações do indivíduo, também são eleitos e emergentes da cultura e/ ou sociedade a que cada indivíduo pertence.

Na teoria do psicólogo Lev Senyonovitch Vygotsky a abordagem fundamenta-se na relação entre pensamento e linguagem, procurando possibilitar a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores, incluindo a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes a uma determinada função, onde a influência dos mecanismos cultural é decisivos na natureza de cada pessoa. A cultura que fornecerá ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade e, por meio deles o universo de significações que permite construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real. Nesta visão tornasse indispensável à construção de valores a vivência da escola no mundo social dos adolescentes. E é nessa visão que a construção dos valores pode ser flutuante ao considerar mos a interação realizada nas salas de chat no ciberespaço.

No estudo dos valores encontramos autores com posturas diferentes, mas em um dado geral equiparam suas idéias pela própria constituição objetiva do que seja

valor. Em dias como os das sociedades da informação os valores estão implícitos nas vivências relacionais informatizadas. A crise em que os jovens vivenciam hoje, está posta nas condições e tipos de relações que vivenciam com os diversos campos da formação de um sujeito, ou seja, na imbricada teia da vida cotidiana. Essa teia permeada de valores, ora explícitos, ora implícitos, orientam as condutas desses jovens. As dúvidas em quais valores devem eleger para esse tipo de mundo hoje, são questões que afligem nossos jovens em todas as dimensões de escolhas que devem estabelecer e orientar suas vidas. Ao mesmo tempo se deparam com valores do passado, do presente e anunciados para o futuro, e ainda, com valores em construção/desconstrução pela própria condição histórica do conhecimento com que o homem concebe suas formas de pensar e agir. Algumas questões são levantadas, tais como: quais os valores que fundam as sociedades hoje? Como e a partir do que identificamos estes valores? E ainda se levantam questões pertinentes e específicas, no que tange a pesquisa que realizamos no momento, tais como: quais os valores que os jovens veiculam nas salas de internet e até que ponto esses valores em interação com eles influem em suas vidas, e em suas identidades? Já sabemos que a questão cultural desenha decisivamente o contexto dos valores, se observa que também evidencia novas posturas valorativas advindas de grupos, principalmente quando nos referimos a jovens e seus contextos de formação identitária, a partir da visão sociológica.

Procurou-se estudar um pouco mais a questão dos valores tanto na constituição teórica como na composição dessa categoria que emerge da fala dos jovens em nossa pesquisa. Para tecer essa reflexão se trouxe o entrelace dos conceitos com os dados obtidos em nossa pesquisa.

Para Chauí (1999) os juízos de valor são a avaliação sobre as coisas, pessoas, situações e são proferidos na moral, nas artes, na política, na religião e avaliam coisas, pessoas, ações, experiências, acontecimentos, sentimentos, estado de espírito, intenções e decisões como bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis, e o pensamento do homem é responsável por interpretar e avaliar as situações atribuindo assim juízos de valor. Sob esse ponto de vista o homem tem a capacidade de valorar sobre sua vida orientando-a sob a escolha eleita. Ao mesmo tempo em que vislumbra essa capacidade já a está realizando, digamos assim, o tempo todo em seu cotidiano. Refletindo podemos inferir que se os próprios jovens

possuem essa capacidade de valorar, estão, assim, o tempo todo vivenciando valores nas salas dos chats.

Quando Henssen (1980) nos afirma que o valor não pode ser desligado da relação, pois no conceito de valor está incluído o da sua referência a um sujeito, seja ele, classificado por Henssen (1980), sujeito geral ou supra-individual e interindividual (p. 49). Henssen (1980) usa o termo trans-subjetivo no sentido de trans-cendente, dentro de uma linha fenomenológica, dessa forma consideramos o homem situado, ou seja, aquele que está no mundo no agir/ o fazer na concretude [em MARX, o trabalho].

Nessa visão os jovens estão realmente inseridos no mundo concreto quando nos referendamos do ponto de vista da utilização, manipulação dos aparatos tecnológicos, e também com a própria desenvoltura que manuseia as complexas máquinas da teleinformatização. As relações com a concreta aparelhagem da mídia interferem na relação valorativa com que os jovens se relacionam com as máquinas também. Esse dado nos indica que essa relação passa a ser inter-subjetiva e transcendente quando se aporta das questões em que a relação passa do material para o subjetivo, para o pensamento, para as construções de signos. E isso compõe incessantemente as práticas realizadas nas salas de chats. A interação não se dá apenas no nível da operacionalização material do computador, mas se lança além, invadindo de forma a aguçar a área das percepções também, envolve o movimento biológico de todo o organismo, e chega a área psicológica das emoções. Um misto de integração homem-máquina transcendendo os limites do pensamento, das próprias posturas valorativas, enquanto relação sem direcionamento, pode-se assim nos referir quando visualizamos as conversas nas salas de chat, a partir do momento em que se interage com o corpo que digita, a visão que lê, o pensamento que pergunta e responde, afirma e nega lógicas construídas em segundos de interatividade.

Já se referiu diversas vezes a essa complexa relação aqui exposta, mas onde podemos pensar na construção do valor, em um ambiente de relação não presencial, mas que desenha explicitamente como se o fosse? A questão da virtualidade se impõe como dona de nossas ações/interações nesse espaço. Podemos ser o que quisermos ser, podemos imaginar o que quisermos imaginar, podemos fingir o que quisermos fingir, podemos criar para o bem ou para o mal o

que quisermos criar, no sentido de transfigurar a imagem de si tanto em nível físico como intelectual.

A formação de valores nesse contexto nos parece flutuante, assemelhando-se as características de conceituação da identidade dos jovens. Com isso ainda se torna mais complexo definir valores a partir desse contexto. Porém percebemos que nos movimentos que ocorrem nas salas de chats referentes aos assuntos conduzidos, aos comportamentos expressados por meios de símbolos, as linguagens utilizadas, desenham modos de estar e ser no chat peculiares, mas também cheio de delimitações impostas pelos próprios jovens. Podemos assim dizer que alguns valores no que tange a percepção dessas regras virtuais, mas reais, demonstram que valores são estabelecidos, e de forma muito clara, para se estar em uma sala de chat conseguindo desenvolver uma conversa com outra/ outras pessoas. Não está escrito em nenhum lugar dentro das salas de chat, explicitamente, o que você pode ou não pode fazer, há uma sensação de “pode tudo”, mas uma liberdade limitada pela intervenção/integração do outro. Os próprios jovens admitem que algumas regras poderiam existir nos chats [questão de número 10 do questionário], e inclusive citam algumas que deveriam ser criadas como: proibir pornografia, poder falar palavrão; delimitar a quantidade de pessoas nas salas; falar a verdade; proibir endereços e telefones; não haver conversa no reservado, dentre outras; além das existentes na pergunta, que se referindo as regras os jovens gostariam que fosse regra “não zoar a conversa dos outros” e “nem invadir as conversas reservadas”, além das outras questões que também tiveram expressiva votação. O que se observa aqui é que o jovem realiza escolhas e às vezes é muito duro até consigo mesmo, apesar de não seguir muito as regras, admitirem que fogem delas quando se sentem acuados. Scheller (1997) nos ajuda a refletir nesse contexto quando nos demonstra em sua classificação dos valores a presença de valores éticos ou morais, que poderíamos dizer, que nessa questão está sendo utilizada pelos jovens, pois estão cambiando entre o justo e injusto.

Assim, essa classificação de Scheller (1997) , se depara com outras práticas que os jovens relatam acontecer nos chats e que implicam valores como: a própria mudança de identidade, não é uma característica generalizada porém se apresenta no valor vivenciado dos valores lógicos ou intelectuais, indo da verdade a falsidade, ou mesmo do certo ao duvidoso. Os jovens estão experimentando a mudança de identidade e isso vem das necessidades de conhecer e explorar o mundo em que

vive e a si próprio. O valor lógico sugerido por Scheller (1997), ainda associa a função do conhecer, ter a posse do que é verdadeiro para alcançá-lo. E nessa questão também levantamos um outro dado que complexifica a atribuição de valor realizada nas salas de chats, que se refere aos comportamentos emergentes da virtualidade vivida naquele momento. O imaginário se revela maior do que o valor do lógico. O ilógico e dialógico invadem esse tipo de ciberespaço permeando dúvidas e do inexistente-falso, e dessa forma imediata o valor lógico que existia, segundo a classificação de Scheller (1997), passa a ser então do campo do valor ético, em que desconsidero a relação e passo a introspecção de minha viagem virtual.

Também se verificou que os valores sensíveis não estão aí relacionados somente a uma esfera desse valor, ele perpassa os três campos como tal: os valores do agradável e do prazer em que se desfruta da virtualidade em situações prazerosas através do desenvolvimento de jogos, do próprio ato de “zoar” para os jovens tem um significado prazeroso, tanto que foi o item mais votado na questão; o fazer sexo virtual também se classifica aí [a pesquisadora observou que nas salas de chats as idades entre 16 e 17 anos realizam essa prática com frequência, mas por não ser objetivo de nosso estudo se torna irrelevante levantar a questão], o próprio prazer da diversão “zoar” e “falar com os amigos”, o “ouvir música” e “conversar sobre cinema” [itens mais votados nos assuntos preferidos], nos revela o quanto às salas de chat estão vinculadas ao valor do agradável, dos valores vitais e dos valores de utilidade – que são os valores sensíveis.

Em nossa análise identificamos também o valor atribuído a escola como sendo um dos mais votados em seus assuntos. Diante dessa questão podemos inferir que a escola tem um grau de importância na vida dos jovens e não é pequena [como demonstra a questão de número 06], mas também gostaríamos de saber em que os jovens atribuem esse valor da escola. Em nossa pesquisa não ficou muito claro, nos pareceu ser agregado ao valor da “amizade” que vem acima de todos os demais. Dizemos isso porque ao estudarmos a questão de número 10, encontramos os jovens desinteressados da associação do ensino que poderia ser realizado nas salas de chat. Por outro lado inferimos também que as representações que o jovem pode ter sobre o ensino e os conhecimentos podem estar vinculados diretamente a formalidade que as escolas trabalham seus conhecimentos conceituais em

destaque, e pouco trabalhem os conhecimentos atitudinais e procedimentais¹¹⁵, ou também a forma com que trabalham os conhecimentos de modo geral, de forma disciplinar repletos de conteúdos des-significados de seus contextos. Porém essas inferências não são sólidas, diante dos dados levantados, advém dos discursos mais modernos da construção das práticas pedagógicas e suas teorias referendadas. Essa discussão poderá ser tecida em outros momentos de pesquisa, por apresentar-se como limitação em nossa pesquisa.

A pesquisadora percebeu em suas observações que as salas de chats suscitam emoções múltiplas. Os jovens estão em constante mobilidade de sentimentos e emoções, indo da satisfação a irritação em curtos espaços de conversa. Isso também nos possibilita dizer que, no que tange a imprimir valores de maior grau ou intensidade, fica esvaziado de significação. Essa questão evidencia o que tantos estudos sobre o ciberespaço nos remetem; as implicações das vivências momentâneas sem solidificação de uma base em que se possa fundamentar uma idéia ou um valor. Por outro lado também devemos considerar o esvaziamento do pensamento enquanto materialidade, ou seja, lidar com o real [no sentido Marxista do termo], pois o virtual será respaldado pelo que o jovem se interessa, por “zoar” e “passar tempo”.

Mas os valores se transfiguram com nossa construção histórico-social, estão em constante mutação. Concluimos assim identificando nas salas de chat essa mutação de valores intermediada pela virtualidade e pela interatividade. Mas também identificando valores próprios desses ambientes em que a sua constituição será flutuante em decorrência dos freqüentadores das salas de chat. E percebemos então que além dos valores estarem colocados na interação entre os sujeitos e seus contextos [indivíduo + cultura + ciberespaço] devemos considerar o que “a pessoa percebe o que vale para ela enquanto ser singular que difere dos demais, o seu entendimento a respeito dos valores grupais e dos princípios morais” (ANTUNES, 1999, p. 2), que poderão tornar-se mais profundos.

Essa análise não se esgota no contexto, porém finalizamos considerando o recorte em que a pesquisa se deu.

¹¹⁵ Os conceitos de conhecimento de ZABALA (2000) identificam uma metodologia de trabalho diversificado, em que cada um dos tipos de conhecimentos podem ser trabalhados para o alcance de uma melhor aprendizagem.

Considera-se a identidade e subjetividade para se trabalhar como categorias a partir do contexto em que são integrantes constituidoras na formação de valores no ciberespaço, nas salas de chats. Pois se identifica que o instrumento *hipertexto* se faz presente permeado de simbolismo e significado.

Os participantes da rede inscrevem nos hipertextos suas identidades a partir do momento em que tecem a seleção, a articulação e a re-apropriação de novos pensamentos nas áreas dos sentidos. A construção da identidade é fundamental para a da subjetividade. O indivíduo necessita de bases, as quais possa recorrer quando preciso, para expor-se a internalização das regras de convívio social, e a partir daí constituir a subjetividade. Abordamos as duas dimensões na formação do ser humano por entender que as duas tem bases de formação advindas do mesmo contexto – as experiências tecidas durante sua vida-, porém são conceitos diferenciados. Quando falamos de identidade, nos referimos àquilo que é próprio, particular e que somente o indivíduo poderá vivenciar consigo mesmo a partir da base em que foi se formando. A subjetividade fala do local de onde esse sujeito se formou, também advém das relações internas do sujeito em construção constante com o meio, só que na dimensão social. Estabelece-se pelo vínculo com sua posição que assume dentro de um contexto social.

Esse mesmo jovem que busca construir sua identidade a custo das perdas dos traços familiares e das gerações que o antecedeu, é o mesmo que realiza o seu espaço social. Seria difícil conceber o jovem dissociado do momento social e cultural. Por isso tentamos trabalhar as duas dimensões concomitantes, até mesmo por enxergar no ciberespaço um lócus diferenciado, pois construindo múltiplos caminhos de identidade através da vivência social e cultural que perpassam esse lócus.

Do ponto de vista da identidade se tem como idéia básica que o ser humano é o tempo todo conjunto com a sociedade, e daí se desdobram papéis que assume e os desenvolve. Na fase do adolescente/jovem existe uma *guerra interna e externa*, em que o ponto central é a formação da identidade. Relembrando Erikson (1972), a identidade envolve mais do que o indivíduo e sua formação, comenta:

“Eu denominei a maior crise da adolescência como sendo a crise da identidade. Ela ocorre naquela fase da vida em que cada jovem deve estabelecer, para si mesmo, certas perspectivas centrais e certa direção, alguma unidade de trabalho

além dos vestígios de sua infância e das esperanças da sua antecipada idade adulta. O jovem deve descobrir alguma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e entre o que sua consciência afiada lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja". (p. 14).

Os padrões de desenvolvimento nos indivíduos assumem diferentes formas, como se fossem variações de um mesmo tema. Acontece assim a composição da identidade e da subjetividade, partindo do contexto de relações que o indivíduo irá tecer das experiências que realizar no cotidiano, realizando assim as próprias identidade e subjetividade.

O adolescente/jovem está situado à fase entre infância e a fase adulta, carregando os traços dos dois períodos; o próprio passado e as falhas das gerações que vieram a sua frente.

“O jornal The New York Times de 29/04/1998, indagando como rotular os milhões de adolescente norte-americanos, escolheu denominá-los geração autônoma, uma vez que os jovens se criam a partir da imagem de ninguém, mas da própria imagem. Visto assim, pode-se aprender a observação de uma jovem de 14 anos: ‘Agora, eu não gosto de adolescentes que parecem ser adolescentes’ “.

Se os próprios jovens estão se enxergando dessa forma, alguma coisa está contribuindo para tal comportamento. Partindo das questões levantadas nas salas de chats consegue-se perceber que os jovens transitam com facilidade e segurança nos aparatos tecnológicos, mas não é somente essa questão, nota-se também a modificação da linguagem, do tratamento emocional entre eles. Observa-se que alguns comportamentos que a gerações atrás não era permitido, os jovens hoje lidam com naturalidade. Por exemplo, o falar palavrões, e cada um que em outros tempos seria um escândalo em locais públicos ou mesmo dentro de casa. Em outros tempos diriam nossos pais: - Falta de respeito! Hoje dizem os jovens: - Quem não fala! Hi!!!!

Esses comportamentos e outros, observados nas salas de chat e nas respostas dos questionários, desenham um novo modo de construção da subjetividade e também influencia na identidade que está em formação.

Quando perguntado ao jovem, no questionário, se desejaria colocar regras nos chats, a grande maioria respondeu que não gostaria que a conversa fosse invadida, e logo depois dizem que não gostariam de determinar nenhuma regra. A vontade de experienciar nessa fase é grande, e não é só isso, vamos além alcançando a percepção de que esse jovem está testando contradições para que mais tarde possa vir a fazer suas escolhas, do ponto de vista da construção de sua identidade, mas do ponto de vista da subjetividade estará testando as regras com que terá que conviver e interiorizar, as regras da sociedade, em constante relação com as suas, próprias. Um estado de conflito se instala. E dentro das salas de chats e nas respostas dos questionários percebemos essa evidência. Esse comportamento não se estende a somente uma sala de chat, percebemos esse mesmo movimento em várias salas de chats.

Quando identificam os amigos como o centro de suas atividades, demonstram que para realizar esse movimento de construção tanto da identidade como da subjetividade necessitam da legitimação do outro. Essa legitimação parece passar pelas vias da amizade enquanto: segurança, as mesmas gírias, as mesmas roupas, os mesmos filmes, as mesmas músicas, o esporte do momento, até mesmo os jogos do momento [no caso a referência é o RPG na internet]. A partir da sociologia da juventude se compreende que os jovens se organizam em grupos com identidades grupais definidas e diversas. Esse movimento é característico nas salas de chat. Por exemplo: os surfistas conversam em “dialeto surfes”, os outros jovens que estiverem na sala que acompanhem ou não. Não interessa ao grupo os demais participantes na sala, desenvolvem a conversa em grupo fechado, e ora se referem ao demais participantes para, ou traçar uma brincadeira com alguém, ou “zoar”, ou tecer comentários interessantes, não há um único caminho, há sim múltiplas idéias que compõem um movimento dentro de alguns comportamentos constantes. Esse movimento é quase sempre o mesmo, o que pode significar a formação de um traço em comum entre os jovens, tanto para constituir a identidade como para a subjetividade, dependendo do nível em que está sendo relacionado.

A construção da subjetividade passa pela representação mental que se organizam e compõem os objetos internos tendo estas relações entre e com o mundo externo. Cada objeto interno forma-se pelo vínculo com a realidade externa, pode-se dizer, a vivência diária de cada sujeito podendo ter um caráter real ou não. Assim, as experiências vão sendo internalizadas pela soma desses fatores. Os

papéis que os jovens representam, estão presentes pelas relações sociais, conscientes ou inconscientes, que vivenciam em variadas situações. Assim criam-se máscaras que pensamos ser a nós mesmos. Essa vivência é constantemente experimentada nas salas de chat a partir do momento em que esses jovens criam esteriótipos para si próprios e para os outros. É nesse momento que se entende que a identidade está implicada nesse movimento, pois está sendo posta a prova, a todo o momento, por outros participantes nas salas de chat. Onde a construção da identidade será mais um componente a auxiliar na construção da subjetividade, e ambas estão sendo testadas nos chats, pelos jovens.

Nas salas de chats verificou-se que os jovens trocam suas identidades, seja para “zoar”, seja para “mostrar aquilo que não é”, ou mesmo para “experimentar personalidades diferentes da sua”. O que demonstra que tanto a auto-imagem como a imagem social está em constante relação de aprendizagem e construção.

Quando o próprio sujeito não tem consciência de que é a sua realidade que está sendo apresentada, configurando os *aspectos teatrais da vida cotidiana* (GOFFMAN, 1985), e junta-se com o receio de não ser aceito pelo grupo social, o indivíduo tende a representar um eu mais passível de aceitação, evitando uma atitude negativa ou hostil de um determinado grupo.

E é possível que os jovens estejam realizando esse comportamento, quanto falam na questão 4.8, sobre mudar de identidade. Caracteriza-se então, nas salas de chats a vivência destas máscaras que criam para evitar situações constrangedoras, ou uma exposição excessiva de seu verdadeiro eu. E assim poder sentir-se legitimado, correspondendo aos seus anseios da construção da própria identidade.

Uma outra perspectiva é vivenciada nas salas de chats, o espaço do não-lugar, ou seja, o lugar em que se caracteriza por mera passagem e não por lugar de referência. Os *não-lugares*¹¹⁶ dão margem ao surgimento do sujeito fractal, ou seja um *Zapeador*¹¹⁷ de espaços. Esse sujeito caracteriza-se por estar desprovido de comprometimento com algum espaço referencial e possui uma identidade que é

¹¹⁶ A partir do pensamento de Walter Benjamin, se pode dizer que, com o risco de toda liberdade de figuração, que o advento das redes comunicacionais trazem, o continente natural e urbano perdeu a dimensão caracterizada pelo *hic et nunc*, o aqui e agora, que lhe conferia o caráter de coisa única no tempo e no espaço, com isso, lhe garantia a autenticidade e a autoridade histórica como original.” In: Trivinho, Eugênio Rondini. *Cyberspace: Crítica da Nova Comunicação*. Tese de Doutorado, ECA-USP, 1999.

¹¹⁷ De acordo com RONDINI (1999) , esse sujeito é desprovido de referenciais, ou seja, carece de territorializar-se.

somente fluxo e deleita-se no intercâmbio de possibilidades que vivencia. Além disso, carece de encontros, pois vive da descontinuidade e da fragmentação, dentre outros conceitos, que estão revestindo, hoje a subjetividade contemporânea. Essa visão de Rondini (1999) amplia a visão que se tem dos jovens enquanto navegadores das salas de chats, no momento em que estão em várias salas ao mesmo tempo, ou conversando com várias pessoas ao mesmo tempo, o que se assemelha também às características da identidade dos jovens na sociedade da informação, como exposto no capítulo 3. O contexto da sociedade pós-moderna parece estar auxiliando na formação desses indivíduos e sujeitos, se analisarmos do ponto de vista da maneira como os jovens se relacionam nas salas de chat. Observa-se que no comportamento do “zoar” [o mais votado como motivo para estar nas salas de chat] a caracterização do *descompromisso* com o que está sendo, não somente veiculado como construído enquanto representação de si mesmo [do interno] e do que está posto externamente. Na fala de Rondini (1999) “Os ambientes virtuais ganham aqui, da perspectiva de quem se detém na discussão do sujeito e seus rastros de identidade, importância maximizada” . Lemos (2001) traz a seguinte idéia:

“Ao se conectar ao ciberespaço é dada a passagem da modernidade (onde o espaço é esculpido pelo tempo) à pós-modernidade (onde o tempo aniquila o espaço); de um sujeito uno, autônomo e isolado – referendado na prática que se auto-institui do social – ao coletivo digital, dispersivo mas interconectado. A diferença, agora, é que ao sujeito é possibilitada enunciações rizomáticas de sentido, agenciamentos; construtos modelizantes não estabelecidos ou dados de antemão. A dispersão e a alta volatividade dos fluxos, que pode ser lida como superficialidade imanente desta contemporaneidade, também pode ser vista como maiores possibilidades de agenciamentos para tais sujeitos, porquanto que funcionalizem um processo comunicativo criativamente inovador”¹¹⁸

A questão é até que ponto esse espaço contribui na formação da identidade juvenil, no momento não podemos nos estender nessa questão, devido ao recorte feito na pesquisa, mas indicamos como ponto a ser levantado em outro momento.

¹¹⁸ Ver artigo de Gottfried Stockinger: *A comunicação como fenômeno emergente*, constante da bibliografia.

De um lado ou de outro, tanto falando de identidade como de subjetividade, entendemos que o ciberespaço está mudando essas formas de conceber territorializadas, e complexificando ainda mais as vias de compreensão desses conceitos. Os jovens dispostos nesses campos de interatividade constante tendem a redesenharem novos comportamentos que, somente com a vivência e a constante busca de estudar esse fenômeno nos poderá auxiliar a compreender, de forma relacional, esses movimentos que vem sendo traçados dia a dia, tanto para o indivíduo como para o sujeito e os espaços que contribuem em sua educação formal.

É no ciberespaço com a ferramenta hipertexto que tudo acontece, ou seja, que os jovens navegam nos chats, a interação nasce, brota, flui nesse contexto!

A chegada da sociedade da informação organizou novas formas de comunicação. Quando se abre a porta da internet lá está *e/le*, o novo meio de escrever e se comunicar – o *hipertexto*. Esse novo jeito de se comunicar faz a passagem da oralidade para escrita através da máquina – o computador, além disso, se reveste de designs ao texto que o torna interativo, receptivo de todas as escritas e leituras do mundo, pois acontece no ciberespaço. Nesse hipertexto estão presentes *todos* aqueles que estão conectados participando de um gigantesco texto de proporções infinitas, devido a sua característica de continuidade por milhares de pensamentos que interagem, escrevem e reescreve, nas telas dos computadores. Encontramos com facilidade as configurações do tipo de linguagem que os jovens utilizam nessas salas. As funções da linguagem nesse espaço são essenciais para comunicação entre eles, porém há ao mesmo tempo a construção/interação desses adolescentes/jovens construindo novos signos lingüísticos que derivam da abreviação de palavras, e criam assim significados para novos códigos.

O estudo do hipertexto pode nos direcionar a diversos caminhos se entendido como espaço amplo de infinitas experiências se o tomarmos como uma espécie de metáfora válida para análises de dimensões da realidade. Ramal (2002) nos diz que restringir o campo de estudo no hipertexto significa restringir o âmbito perspectivas de análises no ciberespaço. Dentro desse enfoque nos interessa estudar o hipertexto como lócus de mediação da significação, produção e reprodução e também recepção de mensagens ideológicas que contribuam ou não para a formação dos sujeitos, e se assim concebido concebe mudanças cognitivas de modo pessoal e social.

A partir do momento em que a forma em que o hipertexto é construído no ciberespaço se presta então a causar e sofrer influências tanto em sua organização quanto nos modos de expressão dos contextos em que estão sendo construídos. É interessante observar que mesmo que um hipertexto parta de um contexto definido ele tenderá inevitavelmente a partir de sua fonte pertencer ao universo de redefinição desse contexto e também do texto.

Para Ramal (2002) o hipertexto é a forma de leitura e escrita que mais se aproxima de nosso esquema mental, pois é assim que pensamos – igual a um hipertexto:

“sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em paginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura” (p. 84).

Para Lèvy (2002) “hipertexto, a hipermídia ou a multimídia interativa percorrem um processo já antigo de artificialização da leitura”¹¹⁹. Pode-se dizer que o hipertexto seria um texto em âmbito ampliado comparado as noções de texto, indo além dele. No hipertexto encontramos diversos assuntos que vão sendo associados a outros variados conforme o interesse do leitor/escritor, dessa forma rompe com a idéia de linearidade e aproximasse da rede. Bolter (apud RAMAL, 2002, p. 84) define essa construção ramificada como “as partes de um hipertexto podem ser montadas e remontadas pelo leitor”.

As paginas da internet são verdadeiros celeiros de produtores de textos, pois em cada espaço desse “o percurso textual é tecido de maneira original e única pelo leitor”¹²⁰.

Se para ler devemos selecionar, esquematizar, construir uma rede de remissões internas ao texto, deve-se associar a outros, integrar com palavras e imagens que formam uma memória pessoal em permanente reconstrução, “então os dispositivos hipertextuais constituem uma espécie de reificação, de exteriorização dos processos de leitura”¹²¹.

¹¹⁹ FONTE: <http://portoweb.com.br/PierreLevy/nossomos.html>.

¹²⁰ RAMAL, A. C. Educação na cibercultura, constante da bibliografia.

¹²¹ Idem 01.

Perceber a diferença entre o sistema que existia estabilizado nas páginas dos livros e dos jornais e o sistema que se inventa hoje sobre as relações digitais, nos leva a elucidar a presença das técnicas, que ao longo da história aperfeiçoou e hoje introduz a digitalização e a visualização como principais instrumentos da construção do texto. Não assistimos mais o leitor que segue as instruções da leitura e se desloca no texto, mas sim a um texto móvel, “caleidoscópio que apresenta suas facetas, gira, torna e retorna à vontade diante do leitor”¹²². A escritura e a leitura mudam seus papéis. O próprio escrito se torna leitor e vice versa numa dimensão de participação na estrutura do hipertexto corroborando continuamente para costurar os possíveis sentidos em constante deslocamento.

“A partir do hipertexto, toda leitura é uma escritura potencial. Mas sobretudo os dispositivos hipertextuais e as redes digitais desterritorializaram o texto. Eles fizeram emergir um texto sem fronteiras próprias, sem interioridade definível. Existe agora o texto, como se diz da água ou da areia. O texto é colocado em movimento, tomado em um fluxo, vetorizado, metamórfico. Está assim mais próximo do movimento mesmo do pensamento, ou da imagem que nós dele fazemos hoje.”¹²³.

Nessa dimensão que as conversas nas salas de chat se tornam textos, constantemente *costurados* e *re-costurados*. As conversas se passam sobre os mais variados assuntos que vão sendo direcionados conforme a interação dos escritores com também dos leitores que são escritores e vice-versa. O entrecruzamento das idéias se estende a quem participa da conversa de forma reservada ou aberta no grupo. Todos em acesso a tudo que se passa na página principal podendo intervir da maneira que desejar construir sua idéia e a do outro.

Há a presença de uma mobilidade textual e , digamos assim, de presença nas costuras das conversas. Os participantes podem intervir diretamente em todos os níveis de exploração da construção da conversa, e com qualquer outro participante em particular ou com o grupo. Uma analogia possível seria assemelhar a estrutura construída de texto nas salas de chat com as “rodinhas de conversas entre jovens”, porém há uma diferença fundamental, é a condução do texto no que tange a presença constante da virtualidade, do comprometimento ou não com o que se diz

¹²² Ibid 120.

¹²³ Ibid 120.

e escreve devido à ausência da presença do outro, que limite o espaço. Nos grupos presenciais se ocorrem momentos em que não gosto de estar participando da conversa posso me retirar, o arsenal físico me ajuda a dizer o não. Nas salas de chats percebemos que o não, entre jovens, pode significar mais “zoação” e até maior interação até que se esgote a brincadeira. E durante esse percurso várias emoções são construídas, vividas com intensidade como se fossem presenciais. Há momentos em que a fala expressa felicidade ou raiva, momentos de carinho e afeição, momentos de exclusão e descaso. Essas construções estão no hipertexto de forma latente. As questões vão justamente refletir sobre a interferência de quem participa dessa construção hipertextual na construção e/ou modificações de idéias já concebidas ou mesmo aquelas que estão em construção.

Partindo do princípio que os jovens encontram-se numa fase da vida em que se questionam para selecionar e identificarem seus conceitos mais íntimos de identidade, o hipertexto deve possibilitar a intromissão em diversos campos dessa construção identitária. Essa nossa questão obteve por parte dos jovens uma mostra da negação desse movimento. Na questão de número 09 os jovens dizem em sua maioria que não mudam de idéia, que não estão dispostos a mudar de idéia só porque estão lhe dizendo algo. Mas não se pode deixar de destacar que as relações que são nesse espaço construídas passam por momentos de significação e resignificação de muitas idéias, o que inevitavelmente constrói de novos signos através da *desterritorialização* dos sentidos. No hipertexto os sentidos são múltiplos seria praticamente impossível se pensar em termos de *terminalidade* das idéias propostas nesse espaço. Isso também não implica dizer que todos os sujeitos expostos a essa experiência mudarão seus conceitos pessoais, porém é um ambiente que torna frágil os conceitos, e propõe outras significações que podem ser interessantes ou não. E participar desse movimento implica também se apropriar da experimentação de *desterritorialização* das próprias idéias, a partir do momento em que me relaciono com outrem já se estabelece uma relação de interação, e em toda relação desse nível estamos expostos a devires inesperados.

Nesse item pode-se inferir num comportamento de defesa quanto a possíveis exposições de suas fragilidades enquanto jovem em fase de definição de sua personalidade. Seria difícil admitir que possuem dúvidas quando estão justamente tentando afirmar diante dos pais e da sociedade sua condição de sujeito. Esse movimento é comum nesse contexto. E muitos autores diriam que o jovem nesse

momento evidencia seu comportamento agressivo, revolucionário e como se diz na linguagem popular são “do contra” em tudo que se propõe.

Outro dado importante é que se percebeu que a maioria dos jovens que conversam nas salas de chats já se conhecem, e o contato com a própria turma presencial já determinou as regras do grupo a qual pertence. Isso facilita para o jovem a questão da intervenção direta em seus conceitos pessoais. Porém identificamos diversos casos, e até casos muito sérios, de adolescentes/jovens que se envolveram com pessoas em salas de chats, que causaram danos pessoais a esses jovens. São muitos os registros desses comportamentos.

Nessa questão os jovens também identificaram na questão 08 que muitas vezes mudam suas identidades pessoais para resguardarem-se dos perigos desse mega-hipertexto. Dizem mudar em todos os aspectos, residência, financeiro, aparência, idade, jeito de ser. E o fazem para: “manter o anonimato”, “para não revelar a verdadeira identidade”, “vai depender da situação”, “para não saberem quem sou”, entre outros. Acontece também do jovem não querer que o amigo o descubra, e se torna uma brincadeira ou uma conquista sensual, no caso de namoros.

É interessante perceber que esse hipertexto também possibilita aos jovens testarem suas próprias concepções quando permite que se mostrem como não são. Essa situação passa por dois momentos: o momento do fingir ser quem não é para vivenciar uma condição diferente de personalidade e assim se testar e perceber suas características, ou seja brincar com a própria personalidade; e em outro momento do de realmente manter o comportamento de esconder algo, o que poderia ser induzido a desvios de personalidade. Isso irá também influenciar nas relações de construção subjetiva, que abordaremos a seguir na categoria subjetividade. Esse movimento também implica na formação cultural, e Lèvy (2002) comenta:

“Eles desterritorializam o estoque de signos já disponíveis. Nada de espantoso nisto, uma vez que os novos suportes interativos saíram dos laboratórios e têm existência social efetiva há menos de dez anos. Dez anos! Quase nada em relação à escala de evolução cultural, muito menos tempo do que foi necessário a uma civilização para inventar uma escritura nova e remanejar, de um só golpe, seu dispositivo de comunicação, de produção e de transmissão de conhecimentos. No entanto, temos já sob os olhos, nos dois extremos da hierarquia cultural, as premissas da nova escritura”. (p. 04)

O surgimento de um novo modelo de escrita que implica diretamente na formação cultural, que não podemos perder de vista enquanto referencial que se reorganiza o contexto em que tanto se compõe como é composto pelos participantes desse hipertexto.

Em uma abordagem diferenciada pudemos perceber que na condição de produtor e leitor do hipertexto há uma semelhança com a relação estabelecida com os livros, enquanto autor e leitor. Em uma perspectiva educacional os livros são um *microambientes* de aprendizagem, em que através da imaginação criamos cenários jamais vistos. Por conseguinte não poderíamos dizer que os livros são ambientes virtuais? Pois se considerarmos pelo ponto de vista da criação imaginária, as salas de chats, como ambientes virtuais são como os livros. Com textos dispostos para leitura e até a presença de imagens, no caso de envio de imagens. A única diferença é a presença da interatividade imediata com o outro canal de comunicação, digamos quase que presencial. Mas de certa forma são ambientes que trabalham a imaginação. O livro no contexto estático e o chat no contexto dinâmico.

Ora, podemos perceber que há sim uma grande diferença entre os dois ambientes, como já foi assinalado acima – na questão interativa – , pois no ambiente do chat esta característica fará a diferença com relação ao tempo e espaço de resposta, mas que esta diferença nada mais é, do que considerar a dinâmica de movimento presente. E dessa forma, porque não criar nos chats ambientes de aprendizagem? De certa forma, pode parecer grotesca a comparação, porém enxergamos pertinência diante da exigência dos valores intrínsecos na produção da leitura e da escrita, pois como nos traz a teoria sócio-interacionista de Vygotsky, a produção da leitura e da escrita irá passar pelas relações estabelecidas do sujeito com a cultura considerando contextos variados. Observamos que no hipertexto se fará presente o conceito de “polissemia”, desenvolvido por Orlandi (1988), como processo que funda a linguagem e direciona a possibilidade da multiplicidade de sentidos diferentes, o que ocorre o tempo todo nas salas de chats. E Bahktin (1981) considera:

“Os signos só podem aparecer em um terreno interindividual. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de natural no sentido usual da

palavra: não basta colocar *dace à face dois homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formam um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se” (p. 35).

Implica dizer que a partir dessa concepção de linguagem, vem ao encontro com os pensamentos de Lèvy (2002), nos demonstrando que o hipertexto irá, de uma forma ou de outra, propiciar esses encontros da produção subjetiva da linguagem configurando signos, em uma dimensão polissêmica, com a cultura em contextos diferentes e em constante modificação nas sociedades da informação e as formas de construção da aprendizagem.

Nesse sentido, os livros são ambientes criados por autores, editores, projetistas gráficos, desenhistas e até pelas pessoas que nos recomendam sua leitura. Mas o grande ambiente, claro, é criado pelo leitor. E os chats também não são ambientes criados por terceiros, com seus programas, softwares em determinados modelos que são postos para a distração dos que os acessam (lêem) e viajam na imaginação imersa nas interações que estabelecem com o outro. No caso do livro, digo que é estático porque a interação acontece na dimensão do leitor consigo mesmo imerso na viagem criada pelo autor.

Mas no chat o autor pode ser considerado não somente aquele que detém o programa do chat e o disponibiliza, como também, o autor pode ser quem estiver criando a conversa no momento da interação com o outro na outra ponta da linha de conexão. Os desenhos, os gráficos, as imagens ficam por conta daqueles que desenharam o design do chat, mas além desses, a criação do diálogo dá vida e movimento a estes desenhos da forma que bem se deseje. É o que Lèvy (2002) nos demonstra com a questão de configurar a idéia que se deseja, não se podendo pretender domínio sobre o mega hipertexto que está sendo construído a partir da rede de informação via computadores. E que também essa rede, precisamos pensar e refletir sobre seu uso, para que seja produtiva e crie ecologias cognitivas. Se assim o pensarmos, não poderia ser este mesmo ambiente – chat – um local de participação da construção dessa ecologia cognitiva? Bem, os jovens têm vontade, mas ao mesmo tempo não tem orientação para tal intuito, pois há também um contexto de concepção do chat que é o de “passar o tempo” e “zoar”, entre os jovens. E concluímos a partir de uma idéia de Lèvy (2002);

“Antes de condenar os videogames, os humanistas, os pedagogos, os criadores, os autores, deveriam valer-se desta nova escritura e produzir com ela obras dignas desse nome, inventar novas formas de saber e exploração que lhes correspondam, dar-lhes seus títulos de nobreza. Nada seria pior do que uma situação em que as pessoas de cultura se crispassem sobre o território do texto alfabético, enquanto a linguagem do futuro seria deixada aos técnicos e comerciantes. A barbárie nasceu quase sempre da separação. Existe um conhecimento por simulação, muito diferente dos estilos teóricos e hermenêuticos que se apoiavam sobre a escritura estática. Esses critérios principais não são sem dúvida mais aqueles da verdade crítica, universal e objetiva, mas antes aqueles da potência de bifurcação e de variação, da capacidade de mutação, de operatividade, de pertinência local, contextual”. (p.08).

É dessa forma que conseguimos enxergar as propostas de salas de chats como possíveis ambientes de aprendizagem. As pesquisas devem se ampliar no sentido de estruturar essa idéia. E contar com as falas dos jovens que estão navegando nesse espaço.

CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: EDUCAÇÃO: ENFRENTANDO DESAFIOS DO APRENDER COM E NO CIBERESPAÇO

*“Transformar a escola vai além da incorporação das novas tecnologias, exige a desnaturalização da lógica do mercado que orienta seu uso e desenvolvimento”
(GOMÉZ, 1999, p. 57).*

A educação não deve ser uma porta fechada, em que se bate e pergunta-se se pode se entrar. Ela é uma porta com fechaduras de mola por onde se entra e sai, e se torna a entrar: circulamos, aprendemos, constantemente, renovamo-nos e continuamente descobrimos e *redescobrimos* novidades; e essas descobertas estão sempre em transformação junto com nossa história. É a própria estória se escrevendo na história, buscando o novo, o criativo, considerando o *velho* num jogo de interfaces. A idéia de buscar o novo, consciente de que pode ser velho. É não parar, empreender sempre com tudo e com todos, respeitar cada conhecimento, vivê-los e consumi-los para reconstruí-los a partir do que somos e ainda estamos por ser! Demonstração dessa força de mutação da educação brota em cada educador, na força de sua práxis. Cada educador e cada educando dentro de suas possibilidades de reflexão e atuação, interagindo com o conhecimento vivenciado e produzido será potencialmente e inevitavelmente um agente de mudança da vida social.

Para Demo (2000) o significado da educação na contemporaneidade é de que a mesma seja um componente consubstancial para qualquer política de desenvolvimento, não somente como *um bem em si*, mas como um instrumento eficaz para o alcance da cidadania, e também como investimento tecnológico. Ainda enfatiza que a educação é um dos fatores mais decisivos para as oportunidades de

desenvolvimento enquanto produção de conhecimentos próprios e de disseminação ao popular.

Se pensar então qual o papel da instituição escolar num mundo envolto na aplicação midiática? Há de se pensar: se a instituição escola deve de direcionar para a construção e a produção do conhecimento, o que a escola tem feito hoje para incorporar estas mudanças sociais contemporâneas? Alguns autores irão questionar a real utilidade da mídia na educação, chegando a questionar a validade dos ensinamentos a distância – o e-learning -, e outros irão deslocar a construção do conhecimento mediatizado por esse novo espaço que se acopla à educação.

De qualquer forma não se tem muito o que negar, senão o desafio que a escola vem se auto-estruturando: da mera transmissão de conteúdos ao desenvolvimento de habilidades e competências para um novo tempo complexo. E Demo (2000) questiona a postura da escola quando afirma:

“nada é mais degradante na Academia do que a cunhagem do discípulo, domesticado para ouvir, copiar, fazer provas e, sobretudo, colar. Marca o discípulo a atitude de objeto, incapaz ou incapacitado de ter idéias e projetos próprios. Mais degradante ainda é o professor que nunca foi além de discípulo, porque não sabe elaborar ciência com suas próprias mãos; como caricatura parasitária que é, reproduz isso no aluno” (1990, p. 17).

Essa postura a muito vem sendo questionada e a bem pouco vem sendo realizado, as novas sugestões que dinamizem a educação e o seu profissional. Freire (1999)¹²⁴ sintetiza essa idéia em poucas palavras abordando:

“Ensinar e aprender só é válido (...) quando os educandos aprendem a aprender ao aprender a razão de ser do objeto ou do conteúdo (...) implica que os educandos, em certo sentido, penetrando o discurso do professor, se apropriem da significação profunda do conteúdo (...). ensinar é a forma que toma o ato do conhecimento que o professor necessariamente faz na busca do saber o que ensina pra provocar no aluno seu ato de conhecimento... ensinar é um ato criativo, um ato crítico e não mecânico...A curiosidade do professor e dos alunos em ação se encontra na base do ensinar-aprender” (1999, p. 81).

¹²⁴ Paulo Freire, um dos grandes educadores brasileiros esclarece muito bem em sua obra “Pedagogia da Autonomia” as posturas que os professores, enquanto educadores e mestres, deveriam assumir para se postular um ensino reflexivo e acessível ao mundo da realidade cotidiana.

Em realidade o professor transpõe a postura de transmissor para assumir a postura de *aprendente* junto ao seu aluno. O campo de conhecer torna-se inédito e mediado pela presença do professor-orientador da aprendizagem de seu aluno.

Para Freire (1999) a educação deve servir a interação da sociedade com o sujeito, e não ser parte alienante de conhecimentos adquiridos e/ou acumulados. Assim a educação será vista como prática social transformadora.

A educação, enquanto possibilidade de prática social transformadora, nos remete aos aspectos que envolvem a formação dos sujeitos inseridos em culturas diferentes, com construções de “leituras de mundo” repleta de significados, enquanto indivíduos/pessoas posicionados socialmente sob a égide da determinação e da indeterminação históricas.

A formação do sujeito e a construção da *subjetividade* implicam em: identificar sua presença na dimensão social, caracterizada hoje pela pós-modernidade e pela rede de complexidade instituídas nas formas de interatividades da rede global e local.

A transformação/construção desse sujeito passa, hoje, por instâncias de desconhecimento de si e de sua presença no mundo, a partir da vivência moral e fase turbulenta e conflituosa, remetendo-o a obscura compreensão da vivência ética. A qualidade da própria *vida humana* desprivilegiada clama pela promoção do desenvolvimento da sensibilidade social, ou seja, desenvolver o sentido da existência, na construção de uma moral que dê conta da realidade complexa. É nesse contexto que encontramos, na vida cotidiana, o lugar à prática educativa, o sentido da pedagogia voltada à construção da subjetividade solidária. É nesse contexto que entendemos o lugar e o significado da educação; na busca de contextualizar a leitura que o homem faz de seu mundo, como se posiciona e como atribui e *desatribui* significado à sua atuação, em particular, a formação dos valores adquiridos e atribuídos pelos adolescentes/jovens enquanto participantes do processo de formação e construção da própria subjetividade, a partir das relações que estabelece com a educação e o ciberespaço.

Entendemos também que a educação em sua premissa filosófica maior, hoje estabelecida também na forma da Lei LDB 9.394/96, busca concretizar o espaço de formação do homem cidadão em todos os aspectos essenciais a vida – éticos, estéticos e políticos-, e que deve se organizar para tal empreitada re-significando a organização do espaço escolar.

Em favor de concretização desse ideal filosófico, considera Gómez (1999):

“As novas tecnologias de informação apresentam um desafio substantivo e não só e simplesmente instrumental ou de modernização à educação e à comunicação; e de que a abundância de benefícios e facilidades que prometem mais que abrir uma série de possibilidades reais, simplesmente nos fazem pensar com mais exatidão que poderiam contribuir para a democratização da comunicação, da educação e do conhecimento”. (p. 57).

A educação hoje envereda por caminhos desafiadores quando declara em suas propostas o desejo e a intenção de preparar o cidadão tornando-o capaz de situar-se de forma crítica diante do mundo em transformação. Formar cidadãos críticos para um mundo de incertezas e de verdades provisórias exige, mais do que nunca, uma escola dinâmica *permanente conectada* as exigências do mundo envolto de tecnologias, e pronto a modificar-se aceleradamente, como as conexões que estabelece em segundos por meio de aparatos tecnológicos como através dos satélites, que nos conectam sem segundos as mais longínquas distâncias inatingíveis presencialmente.

Para tal empreendimento, portanto, precisamos organizar a educação e a escola em bases totalmente diferentes daquelas em que sempre operamos, deve ser capaz de rever-se e de avaliar os resultados do seu trabalho de forma objetiva e prazerosa.

Dentre os desafios propostos, na educação, um dos mais difíceis esteja no fato não de que garantir ao aluno a informação em maior quantidade, mas sim de buscar a formação de pessoas que saibam utilizar a informação para se auto-instruírem, preparar pessoas para “aprender a aprender”, ou seja, se auto realizarem.

As mudanças que ocorrem *de fora para dentro* caracteriza-se por conhecimentos quantificáveis, mensuráveis, que até então desenharam as práticas pedagógicas, porém para garantir as mudanças que implementem forças de reflexão consciente por parte dos participantes da educação devem ocorrer não por imposição de fora para dentro, mas sim devem ocorrer *de dentro para fora*, ou seja,

buscar a tentativa de *Educere*¹²⁵, promovendo o envolvimento e a concentração de esforços para o processo de transformação de si e da realidade histórico-social que cerca o homem. A ação educativa, com efeito, consiste essencialmente em trazer à plenitude o que está virtualmente latente no ser humano. Todo educador tem algo de Miguelangelo. Ele dizia vez, de certo, modo, o Moisés ou a Pietá, ocultos no bloco de mármore. Seu trabalho para ele era apenas desbastar o bloco e liberar a imagem que ele via oculta na pedra. Também a missão do educador consiste em EDUCERE, extrair todas as potencialidades ocultas do educando, e consiste em EDUCARE, levá-las a seu pleno desenvolvimento (GRINSPUN, 2000).

Hoje, existe uma forte tendência a mitificar o uso dos meios tecnológicos, em especial as tecnologias da informação, como se a modernização fosse uma simples decorrência da utilização dessa tecnologia e que a mesma possa garantir a transformação necessária à educação, ao ensino, e a formação cidadã. A modernização não é algo que se possa comprar pronta, pois é fruto de um processo a ser construído e desenvolvido considerando todos os percalços do processo. O processo de educar constituísse de experiência particular e intransferível, por isso deve ser conduzido e desenvolvido a partir de contextos e realidades específicas e diferentes. E dentro deste processo o homem deve colocar-se no centro de produção e desenvolvimento pois a máquina será uma ferramenta e mais um dos elementos que o auxiliem em sua formação. Assim sendo a modernização da escola visando a transformação não poderá estar vinculada somente a aquisição de aparatos tecnológicos – computadores, televisões, vídeos etc -, mas sim a filosofia, a intenção e a forma de utilização dos mesmos. É necessário que a comunidade escolar forme uma equipe participante do trabalho desenvolvido na escola em consonância com a comunidade, e com as transformações ocorridas em relação ao conhecimento na e da sociedade atual.

A inclusão da tecnologia na educação com base na visão acima é a mesma que Gómez (1999) nos coloca. Para ele a tecnologia se vincula à educação, nos processos educativos, por duas racionalidades coexistentes: (1) a *racionalidade eficientista* e a (2) a *racionalidade da relevância*.

¹²⁵ O termo educação se prende a dois verbos latinos, cujo sentido ajuda a enriquecer nossa conceituação: o verbo EDÚCO, EDUCERE, conduzir de dentro para fora, extrair, e o verbo, ÉDUCO, EDUCARE, promover o desenvolvimento físico, mental e integral da criação.

A *racionalidade efficientista* em sua concepção se enquadra nos parâmetros de aplicação das tecnologias informáticas no processo educativo sem atingir o objetivo pressuposto de alcançar aprendizagem. O movimento seria apenas no âmbito de adaptação das tecnologias da informação aos sistemas de ensino, de modo que se introduzam as idéias de se ter obtido uma *educação moderna*. Porém a real aprendizagem fica a deriva, pois ao incorporar tecnologias não se tem a garantia do aprendizado adquirido. Há a necessidade de acompanhar o desenvolvimento do processo, criando meios de avaliar a aprendizagem junto aos aprendizes, para que se tenha a realidade do benefício, ou seja, a eficácia e não somente a eficiência presente no processo de ensino. Assim, incorporam-se meios e tecnologias da informação ao processo de ensino sem que se tenha a aprendizagem efetivada. Gómez (1999) toma como exemplo dessa aplicabilidade a Educação a Distância, e conclui que desta forma o tecnicismo posto na oferta educativa por si só não nos dá garantia de qualidade na educação.

É importante observar que cada meio e cada tecnologia exerce uma mediação particular em cada pessoa com as quais interatua, bem como exercem diferentes interações devido à forma estrutural com que organizam e transmitem os conteúdos. Desta forma nenhum meio ou tecnologia garante, por sua mediação, que houve aprendizagem, por mais interativo ou visual que pareça ou aconteça. Há uma certa estrutura cognitiva/intelectual que envolve habilidades e competências nesta mediação que necessita ser avaliada para se confirmar a existência da aprendizagem. Põe o que Gómez (1999) observa é que “dentro desta mesma racionalidade, que chama de eficiência, a principal finalidade perseguida pelas autoridades educativas (quase sempre bem intencionada) é justamente a modernização do sistema educativo” (p. 64). Porém com este afã modernista, o objeto de atenção prioritário centra-se em melhorar a oferta educativa dedicando exclusividade a uma parte do processo, que é o ensino e deixa de lado a aprendizagem. A aprendizagem não será melhor ou eficaz somente com a modernização dos insumos, ou seja, os conteúdos transmitidos através das novas tecnologias. É necessário buscar estratégias de avaliação do aprendizado que ocorre através das novas mídias.

Gómez (1999) conclui suas idéias sobre a racionalidade *efficientista* expondo que há poucas evidências emergentes de estratégias de avaliação sobre a aprendizagem conseguida pelos educandos que realizam seus estudos por meio

das novas tecnologias. O que se observa na maioria dos casos há uma necessidade de verificação da aprendizagem e não existe um programa eficaz no sentido de avaliar essas aprendizagens, observam-se assim casos em que a modificação da aprendizagem é mínima, sendo inferior as que se realizavam sem meios tecnológicos informacionais.

Na segunda racionalidade, a racionalidade da relevância, Gómez (1999) afirma que:

“parte de formar explicitamente o meio ou a tecnologia aplicada como objeto de estudo e análise, proporcionando uma orientação específica para seu uso como tal e não somente como transmissor (carrier), proporcionando também uma orientação para uma adequada interação com os formatos e códigos técnicos e lingüísticos dos quais se compõe, na perspectiva de estimular a aprendizagem e não a diversão” (p. 66).

Assim o objetivo principal teria o foco no aprendizado entendido não somente como resultado a partir dos insumos, mas como o processo “realizado em situações específicas que procuram abertamente estimulá-lo” (p. 66); ou seja, um processo que inclui em si a contextualização dos conhecimentos significativos de sua clientela.

Respeitando conhecimentos empíricos e que por inferência cheguem a sínteses, associações, hipóteses, a abstração e a exploração, considerando sempre a interação e o desenvolvimento das habilidades e competências voltadas ao uso das novas tecnologias. Gómez (1999) conclui que;

“esta racionalidade da relevância para a incorporação das novas tecnologias aos processos educativos requer uma transformação dos processos de ensino-aprendizagem, da estruturação dos conteúdos, das situações de interação com eles e, em geral, da orientação pedagógica do esforço educativo no seu conjunto” (p. 67).

O referencial da discussão sobre a introdução das novas tecnologias ao sistema educacional é a necessidade de transformação das práticas da pedagogia tradicional, que ainda é vigente, para em primeiro lugar mudar o ponto de partida e o ponto de chegada à nova prática pedagógica contemporânea.

Sem sombra de dúvida que essas novas propostas de práticas pedagógicas sob o impacto das novas tecnologias produzem alterações no cotidiano da vida escolar. Os professores estão questionando a si próprios sobre se *o que ensinam* é ou pode ser significativo para seus alunos viverem na sociedade em transformação. Com isso surgem novas indagações como sobre a viabilidade de suas práticas pedagógicas e as práticas advindas do uso da tecnologia. E além dessas questões ligadas diretamente as práticas educativas surgem às questões relativas “as rupturas dos laços sociais e interativos no cotidiano escolar, evidenciado na questão da violência que permeia as relações entre os sujeitos escolares, no *desreconhecimento/estranhamento* entre professores e alunos e na desmotivação de aprender e ensinar” (MARASCHIN, 2000, p. 107).

Desta forma as tecnologias têm influência direta sobre o conhecimento, não somente na forma de aquisição, mas na interação existente entre tecnologia e conhecimento. Para pensar essa interação das tecnologias participando na construção do conhecimento, podemos tomar como exemplo a hipótese teórica de Piaget (1982) em que a atividade, a ação é a principal organizadora do conhecimento. Para Piaget (1982) nascemos com capacidades de aprender e de descentrar informações que serão mais tarde reorganizadas conforme outras interações estabelecidas da experiência na qual, interagimos com o meio e com os objetos. Capacidades de aprender e de descentrar informações são ferramentas do pensamento que nos auxiliam a compreender o mundo, atribuir-lhe significado e interagir com o mesmo. Maraschin (2000) irá nos dizer que hoje, nas sociedades contemporâneas, existem outras ferramentas do pensamento e que o papel da tecnologia pode ser uma ferramenta do conhecimento, ou seja, um outro instrumento que se poderia chamar também de ferramenta do conhecimento. Nessa perspectiva Marschin (2000) cita as *tecnologias da inteligência* de Lèvy (1993) como articuladoras em conjunto ao nosso sistema cognitivo, de forma tal, “que não conseguiríamos pensar sem seu auxílio” (p.112).

“As tecnologias se transformam em tecnologias da inteligência ao se construírem em ferramentas que auxiliam e configuram o pensamento, tendo nele, portanto, um papel constitutivo. Ao mesmo tempo, tornam-se metáforas, servindo como instrumentos do raciocínio que ampliam e transformam as maneiras precedentes de pensar. As tecnologias interagem com o sistema cognitivo principalmente sob

duas formas: (a) transformam a configuração da rede social de significação, cimentando novos agenciamentos e possibilitando novas pautas interativas de representação e de leitura do mundo; (b) permitem construções novas, constituindo-se em fonte de metáforas e analogias”. (MARSCHIN, 2000, p. 112).

Para Lèvy (2000) as tecnologias intelectuais se tornam práticas sociais na medida em que criam signos e criam possibilidades ou limitações nos modos de expressão e intercâmbio, pois são à base das interações e assim constroem multiplicidades de sentidos, pois estão postas sobre novas relações sógnicas, em que cada sistema semiótico abre novos caminhos para o pensamento, seja sobre o mundo em sua estância concreta ou mental e conceitual. Como exemplo de tecnologias intelectuais podemos citar: a palavra oral, a escrita, a cibernética, a informática. Aqui a aprendizagem estaria vinculada não a acúmulo de informações mas a capacidade de criar modelos para se pensar e assim conhecer. A idéia dos ambientes de aprendizagem serem “pródigos no oferecimento de modelos para se pensar (...) pois, os modelos e as tecnologias potencializam a cognição e funcionam, em certa medida, como objetos para se pensar com” (MARSCHIN, 2000, p. 113).

É desta natureza de criar novos modelos para se pensar que Lèvy (1993) levanta a questão de uma nova relação de construção com saber.

Para ele toda e qualquer reflexão séria sobre o devir dos sistemas de educação e formação na cibercultura devem apoiar-se em análises prévias das mutações contemporâneas da relação com o saber. Traça então três constatações presentes nessa leitura da sociedade contemporânea que influenciam diretamente nessa nova construção de relação com o saber, que são: a primeira constatação está ligada a velocidade do surgimento e da renovação dos saberes e do know-how, o que demonstra que a maioria das competências adquirida por uma pessoa no começo de sua carreira profissional não terá uso ao final da carreira, implica dizer que as mutações dos conhecimentos exigidas para desempenho de uma profissão devem estar sempre sendo revistos e resignificados conforme as exigências dos contextos em que a pessoa irá atuar profissionalmente. A segunda constatação se liga a primeira no que diz respeito a nova natureza do trabalho, pois está relacionada aos conhecimentos que não param de crescer e de modificarem-se conforme as necessidades. O que significa que trabalhar equivale a estar em constante aprendizado, bem como transmitindo novos saberes e produzindo conhecimentos. E

na terceira constatação, Lèvy (2000) surpreende em envolver o ciberespaço como local que suporta tecnologias intelectuais que ampliam, exteriorizam e alteram funções cognitivas humanas. Significa dizer que a máquina está em relação simbiótica com o ser humano a tal ponto, que ao se dar à interação entre ambos ocorrem intervenções de relevante interferência positivas e/ou negativas na complexa formação cognitiva do homem. Daí acreditar nas modificações das funções cognitivas do homem e na presença das tecnologias intelectuais. As funções cognitivas humanas que são alteradas pelas tecnologias intelectuais, Lèvy (2000) citam como exemplo: a memória (bancos de dados, hipertextos, fichários digitais [numéricos] de todas as ordens), a imaginação (simulações), a percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), os raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos).

Essas tecnologias intelectuais irão favorecer as novas formas de acesso à informação, tais como: a procura de informações através de servidores de busca; as formas de navegação hipertextual; exploração da informação que deseja por mapas de links de dados; novos estilos de raciocínio e conhecimento como a simulação, entre outras. Ocorrendo assim uma verdadeira industrialização da experiência do pensamento “que não pertence nem à dedução lógica, nem à indução a partir da experiência”¹²⁶, mas estarem disponíveis a um grande número de pessoas interconectadas partilhando grande número de informações, criando verdadeiro potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. Daí;

“O saber-fluxo, o saber-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva estarem modificando profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que deve ser aprendido não pode mais ser planejado, nem precisamente definido da maneira antecipada. Os percursos e os perfis de competência são, todos eles, singulares e está cada vez menos possível canalizar-se em programas ou currículos que sejam válidos para todo o mundo. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos.”¹²⁷

Assim para alguns autores, e na visão da autora desse trabalho, a essência da mudança e do próprio processo de modernização está no ser humano. Pois este

¹²⁶ LEVY, P. A nova relação com o saber. Consulta ao texto disponível na internet no site <http://portoweb.com.br/PierreLevy/educaecy.html>.

¹²⁷ Ibid 126.

ser humano tem o poder da decisão para assumir suas próprias construções quando consciente da relação de reciprocidade que tem no meio em que vive.

A tecnologia na educação encontrará seu espaço, desde que haja uma mudança na atitude dos professores, que devem passar por um trabalho de auto-valorização, enfatizando seu saber para que possam apropriar-se da tecnologia com o objetivo de otimizar o processo de aprendizagem. E esta mudança de atitudes é condição para todos que estão implicados no processo de ensino; diretores, pedagogos, colaboradores, autoridades, incentivadores, e outros, que devem assumir-se como co-participantes do trabalho desenvolvido nas escolas e em toda a rede, seja pública ou particular.

Enquanto proposta essencial à sobrevivência da escola temos,

“Enfim, o que se propõe é a inserção da escola no mundo real numa sociedade que assume características totalmente distintas e que, exatamente por isso, requer uma formação diferente, em novas bases, realizada em uma escola totalmente reformulada, menos burocratizada, livre para permitir o desenvolvimento de pessoas criativas. Nessa nova escola, certamente um ponto importante é a garantia de que aí poderá ser construído o conhecimento, da mesma forma que estarão sendo criadas oportunidades de reconstrução de conhecimento existentes. Portanto, mais do que simples transmissão, ela será o local privilegiado para a convergência de diferentes saberes, o seu confronto e o surgimento de idéias novas.(p. 01).

A proposta de Gómez (1999) dispõe sobre a relação entre tecnologia, educação e comunicação, que estas devem comportar duas dimensões: a primeira em que as “novas tecnologias devem se articulara como suporte de uma comunicação educativa mais diversificada” (GÓMEZ, 1999, p. 57), e o aproveitamento estaria vinculado ao uso de várias linguagens, formatações e canais de produção e circulação de novos conhecimentos. E a segunda em que as novas tecnologias devem “constituir-se também em objetos de estudo, através de processos de pesquisas dos seus efeitos, usos e representações culturais. Sobretudo através do planejamento de estratégias de educação dos usuários” (GÓMEZ, 1999, p. 57) que venham a ser interlocutores preparados para recepção e produção comunicativa que seja ao mesmo tempo múltipla, seletiva e crítica. Não obstante na educação estes dois fatos tendem a concretizar-se quando observamos

programas de políticas educacionais sendo implantados em diversos níveis do ensino, porém a efetivação desses programas ainda apresenta-se em bases muito focais, tendo que vencer fronteiras desde o complexo entendimento sobre o processo ensino-aprendizagem à complexa formação e identidade profissional e social por parte dos educadores, bem como atender as carências da própria clientela – alunos; que apresentam demandas diversas culturais, social e intelectual. O desafio maior está posto não somente para os “comunicadores e os educadores preocupados pelo avanço da tecnologia telemática e digital, e suas múltiplas vinculações mútuas, mas também para a democracia e, claro, para a cultura, como processos maiores que contextualizam e condicionam a geração, circulação e consumo do conhecimento” (GÓMEZ, 1999, p. 58).

Por outro lado assistimos as promessas de benefícios do emprego de novas tecnologias assumindo realmente o papel de “prometedoras”, pois segundo o Instituto Nacional de Estatística do México (INEGI, 1999), 60% de todos os computadores do mundo conectados à Internet estão localizados nos Estados Unidos, o que nos demonstra grandes defasagens de distribuição e acesso a este veículo de informação e formação. O Brasil está atualmente entre os 10 países que mais utilizam a Internet. O número de *internautas* brasileiros é de 6,79 mil. Há previsão de que este número aumente para 10 mil até o final do ano 2000. No Brasil o número de internautas cresce com rapidez. Somente no ano 2000 o crescimento previsto é de cerca de 4 mil internautas. Constatou-se como causa principal para o crescimento: a melhoria da infra-estrutura, em consequência da expansão da rede de telefonia fixa; utilização maior de microcomputadores facilitando o acesso à Internet, principalmente para as classes populares com o advento de Provedores de Acessos gratuitos. Porém notou-se que a facilidade do acesso à Internet acontece nas regiões mais desenvolvidas. Em São Paulo (Sudeste), o crescimento em 2 meses foi de 3%, enquanto em Fortaleza (Nordeste) foi de 2%, e no Rio de Janeiro (Sudeste), foi de 3%. Nas nove principais cidades brasileiras - São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Fortaleza e Recife-, apenas 28%, das pessoas que participaram da pesquisa sobre o assunto, possuíam um microcomputador de uso pessoal em casa.

Os dados referentes à Internet e a escola nos demonstram que 98% das escolas públicas que tem acesso a web estão nos Estados Unidos, segundo o National Center for Education Statistics do Departamento de Educação dos EUA. Em

1994, apenas 35% das escolas públicas tinham acesso à internet, em 1995 já eram 50%. E dois anos depois, em 1997 chegaram a 78% e depois a 89% e 95% em 1999. Mesmo com o crescimento rápido nos países considerados desenvolvidos encontramos desigualdades nos acessos; estudos demonstraram que existem algumas diferenças entre as escolas que variam no nível de pobreza, tamanho e localização. Por exemplo, medindo o nível de pobreza dos alunos pela adequação ao programa de lanche gratuito, o estudo mostrou que 94% das escolas com 75% ou mais alunos desse programa tinham acesso à internet. As escolas com 35% de alunos do programa tem uma taxa de conectividade de 99%. Pouco mais da metade – 54% - das escolas públicas permitem que os alunos naveguem além das horas normais do período escolar. Entre elas, 98% deixam os alunos acessarem depois das aulas e 84% deixam que eles naveguem antes das aulas. Outro estudo citou que 54% dos estudantes se conectaram a internet no ano de 2000 por razões de estudos. Os dados no Brasil, de acordo com o Livro Verde do Ministério da Educação e Cultura (MEC¹²⁸), revelam que em 1999, apenas 3,5% do total de escolas de educação básica tinham acesso à web, e 67,2% delas eram particulares. Isso significa que apenas 2.527 das 187.811 escolas públicas brasileiras estavam on-line. Diante do exposto será que podemos considerar esses dados como sendo característicos para desigualdades de acesso se compararmos aos dados brasileiros? É impossível tecer comparações diante de sociedades tão diferentes, mas nos dá uma base para pensar em que pilares estão erguendo nossos programas de desenvolvimento do conhecimento com a utilização dos recursos midiáticos, e em especial a internet.

A escola deve apropriar-se das tecnologias de informação de forma estratégica para lidar com o social e as questões da exclusão não somente da apropriação e utilização das novas tecnologias como em essência do acesso ao ensino e principalmente a aprendizagem. Assim, deve tomar cuidado para que o ensino não se repita de forma descontextualizada, de modo que este possa servir para abrir novos horizontes de interação e desenvolvimento as pessoas, fornecendo-lhes suporte para transformar a própria escola em um espaço de superação de sua condição de reprodutora do conhecimento já existente, para assumir seu papel de produtora de novos conhecimentos. Para reapropriação desse papel é fundamental

¹²⁸ O livro verde o MEC apresenta diretrizes para a sociedade da informação. Ver lista de termos.

que o conhecimento na escola seja trabalhado nas formas metodológicas de inter e transdisciplinaridade, bem como potencializar as novas formas de apreensão do conhecimento *em rede*, facilitadas e auxiliadas pelo advento das novas tecnologias, cada vez mais vivenciadas na acelerada metamorfose dos dispositivos informacionais, que nos impõe a vigência de um novo modelo de razão, não mais operativo e linear, mas *caracterizando por atributos como a interatividade, a mobilidade, a convertibilidade, a interconectividade, a globalidade e a velocidade*.

Os jovens, falando por eles mesmos, dizem “não” quando se propõe um espaço de educação através do chat. Talvez falta compreender que esse espaço pode ser aproveitado de forma diferente, que não somente serve a internet para pesquisas do tipo “copiar – colar”. Mas ao mesmo tempo percebemos que talvez possa haver o sentimento de perda de um espaço que é de “liberdade” de expressão, experimentação de si próprio – como no caso das representações e da construção da identidade-, ou ainda a perda de um espaço “informal” que se presta ao lazer e o prazer da “zoação” , para se tornar um espaço “formal” de aprendizagem, como o da escola. Simplesmente dizem “não”! O espaço/tempo de aprender parece estar arquivado na representação do espaço/tempo físico/abstrato da sala de aula, dentro da instituição escola. Ficamos assim combinados: A escola é para se estudar e o chat é para conversar, distrair, brincar, passar tempo, encontrar amigos, zoar, falar de filmes, de música, de esporte, de sexo, de drogas, de TV, eleição e tudo mais, menos de estudar! Hora vejamos, quanta coisa fica do lado de fora da escola, e quantas formas de transversalizar esses conhecimentos estão também não-siginificados para os jovens no espaço escolar. Alguns jovens falaram que há sites que já trabalham com chats para aprendizagem, sim, se observou esse detalhe durante a pesquisa, mas esses se diferenciavam da proposta da pesquisadora, pois apresentam: primeiro condições restritas de acesso a escolas conveniadas; segundo, geralmente funcionam somente como espaço de tirar dúvidas e não há um papo descontraído sobre um assunto que suscite conhecimento mais profundo; terceiro, as dúvidas às vezes demoram semanas para serem respondidas; quarto, e as horas marcadas para se conversar, como ficam? Nas salas de chats não se tem hora para *tal e tal* assunto, surgem...

Alguns jovens apresentaram propostas interessantes, tais como:

Seria bom, pois facilitaria o aprendizado e ficaria de um jeito mais descontraído.
Conhecer outras regiões seria útil, de outros países para a cultura entre outros,

As pessoas poderiam ajudar uns aos outros nas matérias com dificuldade, ficaria mais divertido a aprendizagem assim tornando mais animador a aula e assim o aluno se interessaria mais na aprendizagem.

Conversa entre alunos de escolas e países diferentes, comparação de sistemas de ensino.

Para ver outros pontos de vista, algo que estou aprendendo.

Em poucas falas pode se observar à riqueza de material para se investir na escola com a criação de novas propostas com novos ambientes de aprendizagem.

A escola como novo *lócus* de construção do conhecimento desafia a idealização presente no desejo de se pensar em contemplar as questões levantadas no decorrer desse capítulo. É sabido, portanto que o perfil para a nova escola idealizada dependerá muito mais do entendimento das novas propostas e da *cosmovisão* que hoje se constrói do mundo.

Foi dentro dessas perspectivas e da inquietação gerada durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, que pudemos perceber o quanto nossa escola se distancia da prática social dos adolescentes/jovens quando desconsidera a utilização dos chats como *lócus* de construção de conhecimentos, não somente que serviriam para o desenvolvimento dos conhecimentos conceituais como os conhecimentos para serem utilizados no cotidiano, ou seja, as competências para se viver e assumir a postura social – cidadã e autônoma -, na contemporaneidade. Questionamos então o espaço de transformação que a escola apregoa e que em sua prática distancia-se da necessidade social latente. Há a exigência de que novas práticas pedagógicas sejam pertinentes e desenvolvidas em novo *lócus* de construção do conhecimento, como é o caso das salas de chats, na busca de atender e acompanhar os movimentos da pós-modernidade.

Em Almeida & Junior (2002) se pode encontrar questões pertinentes à criação de novos ambientes no espaço educacional, eles interrogam: “o que seria criar um ambiente inovador em educação? Pensar na criação de ambientes é pensar em criar um mundo inteiro de possibilidades.”. Para estes autores a criação de ambientes novos faz parte da natureza humana, está presente no modo de ser do homem, em que os ambientes são concepções de espaço e convivência. Estes podem facilitar ou dificultar os tipos de relações das pessoas com os lugares e também, em especial, das pessoas entre si e consigo mesmas. As características dos ambientes definem seus objetivos. Os ambientes proporcionam experiências pessoais e coletivas. Pensemos, como exemplo “uma sala de cinema: a escuridão, as dimensões da tela refletindo imagens enormes e brilhantes, os efeitos sonoros que

fazem vibrar as cadeiras...” (ALMEIDA & JUNIOR, 2002, p. 01). Nesse ambiente imaginamos histórias de outras vidas e povos, tempos e lugares. E ali permanecemos por duas horas com envolvimento total que nos desperta sentimentos e ínsita visões de mundo.

Na educação de cada povo também estão presentes os ambientes com características diferentes, sejam seus valores, sua cultura, que encenam visões de mundo que são transmitidas às gerações futuras. E dentro dessas culturas as subdivisões sociais criam suas próprias identidades criando seus particulares ambientes de aprendizagem ou submete-se à aprendizagem da sociedade dominante. Como exemplo temos nos livros um *microambiente* de aprendizagem, em que através da imaginação criamos cenários jamais vistos. Por conseguinte não poderíamos dizer que os livros são ambientes virtuais? Pois se considerarmos pelo ponto de vista da criação imaginária, as salas de chats, como ambientes virtuais são como os livros. Com textos dispostos para leitura e até a presença de imagens, no caso de envio de imagens. A única diferença é a presença da interatividade imediata com o outro canal de comunicação, digamos quase que presencial. Mas de certa forma são ambientes que trabalham a imaginação. O livro no contexto estático e o chat no contexto dinâmico. Embora pareça uma comparação esdrúxula, voltaremos a discutir esta questão quando na análise dos resultados da pesquisa, encontramos os jovens sugerindo este ambiente do ciberespaço como sendo um ambiente propício à aprendizagem. E também trazemos a demonstração de algumas experiências escolares implantadas nesse contexto.

Os ambientes de aprendizagem são múltiplos se considerarmos todos os espaços em que o homem se relaciona, troca e cria suas idéias, mas dentre eles o único privilegiado de aprendizagem é a escola. Na escola o currículo, o gerenciamento do tempo e do espaço, as metodologias utilizadas, a formação de professores, e o material didático são meticulosamente planejados para auxiliar na construção desse ambiente propício a aprendizagem. Durante séculos, quando os pilares da sociedade estavam claramente definidos em valores universais, pudemos encontramos eficiência na proposta da escola, porém com as transfigurações sociais o eixo de finalidade da instituição escolar se desloca e amplia, de somente intelectual/ filosófica para social/filosófica. “Bilhões de seres humanos passaram por suas salas, por sua estrutura e pelas práticas de seus mestres. Formam-se cidadãos. Melhores uns, piores outros, mas a verdade é que sua prática mudou o

rumo da sociedade. Humanizou os jovens que por ela passaram”¹²⁹. Porém a proposta da escola ocidental adquiriu vícios no decorrer dos anos e não mudou muitas suas características nos últimos séculos, tomemos por base alguns trinta anos atrás: “persistem as cadeiras fixas, os laboratórios de demonstração (quando os há), os livros de chamada, as notas, o recreio, as velhas disciplinas...”¹³⁰; tornado-se assim necessário repensar o sentido da escola de forma renovada pois seus ambientes educacionais hoje vivem de encontro a reveses dos ventos das novas tecnologias. Imaginemos os espaços e tempos educacionais a partir de hoje em diante, daqui a algumas décadas, por exemplo, se hoje já temos um desafio com a presença dos computadores nas escolas, como ficará difícil prever uma arrumação homogênea, quais serão as formas de organização que garanta a qualidade da aprendizagem? Com certeza outros espaços para aprendizagem serão desenvolvidos, e pelo que observamos a estrutura que vem se encaminhando para desenhar esses ambientes devem, nada mais nada a menos, considerar os mais altos graus de entrosamento e integração, seja de forma virtual o presencial. Já nem falamos das questões somente virtuais ou presenciais, por haver um sentido exigido último de entrosamento com o outro, ou seja, entre os seres humanos. A exigência, seja ela qual for de virtualidade ou não, em nenhum momento poderá deixar de considerar o individualismo e utilitarismo como o centro das relações entre coisas e pessoas. Pois esta experiência já passamos e, hoje se buscam novas formas de estar no mundo que reverta as influências negativas causadas por estes comportamentos. “Nós acreditamos que existem outras possibilidades, outros arranjos de ambientes que a escola pode proporcionar, contando com os computadores e as tecnologias a eles relacionadas”¹³¹. Observamos que a escola não pode assim permanecer alheia as tecnologias extremamente poderosas, velozes e eficazes em sua proposta, o mundo está hoje envolto por comunicações que não existiam sincronicamente como existem hoje.

Novos espaços/tempos de aprendizagem são exigidos e novas formas de atuação demandam uma reorganização no sistema escolar, de modo a promover esse lócus. Além de tudo isso, consideramos que as novas tecnologias da informação e comunicação estão dispostas à contribuir decisivamente com os

¹²⁹ ALMEIDA & JUNIOR, *A Ousadia De Planejar O Mundo*. Educação e Informática. Criando ambientes inovadores. Citação disponível no site <http://www.ifduran.hpg.ig.com.br/substeoricos.html>.

¹³⁰ Idem 129.

¹³¹ Idem 129.

educadores e as suas propostas mais desafiadoras no que diz respeito: a criatividade, a ousadia de experimentar, a novidade em teorias que atendam com maior eficiência ao ensino-aprendizagem; e para “os educadores que vislumbram um futuro condizente com as responsabilidades da instituição educacional numa nova sociedade do conhecimento”¹³². Não se trata aqui de superestimar qualquer solução aos problemas em educação, mas sim poder acreditar que a sociedade que hoje está sendo construída, pautada sobre os avanços da ciência e da tecnologia produzidas pelos avanços cognitivos do próprio homem, seja capaz de reorientar o rumo de uma história que seja construída sobre bases de consenso coletivo. Trata-se de perceber que as dificuldades sempre existiram e existirão, porém as estratégias para solucioná-los podem ser outras, mais eficazes, conscientes e responsáveis, do ponto de vista da própria sobrevivência, portanto envoltos na ética votada para o bem comum.

Dentro desse contexto escolar deve-se considerar o computador e o espaço de aprender, ou seja, a ferramenta computador trouxe modificações nas maneiras de se aprender, embora autores considerem um retorno a estrutura de aprendizagem por módulos. Mesmo assim surgem novas propostas de aprendizagem a partir da utilização do computador, e o espaço de aprender se modifica, como também modifica o espaço escolar que se utiliza desta ferramenta, influenciando desde as concepções até a prática do currículo no cotidiano escolar.

O uso do computador pessoal causou uma revolução no ensino quando colocou um poder inimaginável nas mãos dos aprendizes individuais. Possibilita aos aprendizes trabalharem a partir de suas próprias maneiras respeitando não somente as velocidades variadas no aprendizado como também suas disponibilidades de tempo e espaço para tal empreitada. A proposta da educação em garantir o ensino diversificado que atenda as necessidades únicas dos indivíduos de modo que se ensine e se aprenda de maneiras diferentes, vem sendo o fundamento da educação deste século. O advento da era da informação juntamente com o advento dos computadores pessoais possibilitaram esta meta mais significativa e realizável.

Tradicionalmente as salas de aula ainda permanecem com sua arrumação característica, em que os estudantes estão dispostos em fileiras, sentados lado a lado, encarando a sua frente o professor que lhes transmite o do conhecimento. As

¹³² Idem 129.

diferenças entre os estudantes são explicadas como medidas da inteligência individual. Apesar da introdução de novas metodologias de aprendizagem no ensino, segundo Coutinho (1992) a estrutura de organização física da escola ainda se espelha na estrutura dos sistemas de linhas de montagem da sociedade industrial, desta forma reproduzindo “a mentalidade da revolução industrial que certa vez guiou os caminhos de nossa sociedade” (COUTINHO, 1992, p. 01). Com as exigências da era da informação de hoje se faz urgente um novo modelo para a educação, desta forma favorece o potencial para uma revolução no aprendizado, principalmente a partir da aplicação do uso dos computadores em educação. A informação sempre foi o ingrediente principal na educação e o uso de redes de alta velocidade com fibras óticas ou conexões via satélite para acessar rapidamente as grandes bibliotecas eletrônicas expansíveis e bases de dados fornece a base para um potencial revolução no aprendizado. O acesso a grandes quantidades de informações que os alunos adquirem exige uma reconfiguração no papel do professor, do aprendiz e de toda estrutura física, pedagógica e social da escola.

O uso da internet é um dos segmentos em que mais se aposta para realização do ensino nas perspectivas atuais. O ensino pela rede de computadores, ou e-learning, é o novo foco que mobiliza os investimentos mais ousados em educação. Este mobiliza internautas, webmasters, criadores de softwares e investidores, fazendo com que grandes empresas, como a Xerox, a Embratel, Universidades como a de Harvard e a de São Paulo (USP) entrassem na onda dos cursos de aperfeiçoamento profissional e de extensão. Novos recursos como: integração de áudio, vídeo e texto, professores on-line, fóruns e chats com especialistas, são utilizados para atender as especificidades do aluno e seu aprendizado. Assim os ambientes educacionais têm como premissa básica uma altíssima interatividade.

A mudança no foco instrutivo torna-se quase que extensão dessa interatividade. A composição por grupos se assemelha aos agrupamentos de sala de aula, em que as opiniões, percepções diferenciadas sobre o conteúdo do curso, auxiliam na aprendizagem a partir do referencial de aprendizagem do outro. E isto irá tomar corpo através dos ambientes mais interativos como os chats e fóruns de discussão. Uma das grandes vantagens é que os estudantes aprendem uns com os outros se tornando capazes de medir seus progressos a partir dos comentários dos colegas de curso. Dessas interações podemos dizer que se criam ambientes de

aprendizado flexível se analisarmos do ponto de vista do local de acesso, pois o mesmo pode ocorrer em casa, no trabalho, na própria escola, local público e outros.

Um detalhe muito importante para a nossa discussão foi observado a partir da pesquisa de Coutinho (1992), no que diz respeito à concepção sobre o ensino com uso de tecnologia e o tipo de relações estabelecidas com os estudantes a partir do ciberespaço. Coutinho (1992) observou que durante os cursos as relações estabelecidas entre os participantes eram muito próximas e íntimas como se estivessem traçando uma relação *real*. O mesmo se pode observar nas conversas de chats entre jovens quando se relacionam durante um largo período de horas e até mesmo quando retornam a mesma sala de chat para continuar a conversa que não haviam concluído. A sala de aula ganha assim um novo perfil, ainda desprovido de conceituação. Na pesquisa de Coutinho (1992);

“Os estudantes não só estavam desenvolvendo um componente afetivo com o aprendizado, mais também discutiam os tópicos com uma abertura que não era típica de outras experiências em sala de aula. Os estudantes estavam ligando o que estudávamos sobre história às experiências pessoais ou estórias aprendidas de suas famílias. Ao invés de meramente ensina-los sobre a Grande Depressão ou sobre os horrores dos linchamentos raciais, tornei-me consciente de como os eventos históricos os tocavam pessoalmente. Cada estudante estava aprendendo o material dentro do seu próprio contexto”. (p. 02).

Na medida em que novas alternativas são proporcionadas pelos avanços tecnológicos tanto na área de comunicação quanto na educacional, mais surpresas poderemos esperar quanto a uma revolução no aprendizado. Na medida em que as informações eletrônicas forem ganhando espaço, Coutinho (1992) nos propõe que os professores estejam dispostos a se esvaziarem de seus arraigados conhecimentos, “para tornarem-se guias de aprendizes que buscam por informações relevantes”.(p. 02).

Poderia ser que dessa forma o ensino no futuro focasse seus esforços em ajudar o estudante a perceber que a quantidade de informação não é o aprendizado destas, e que seria mais importante aprender: onde achar a informação, como estudar essa informação encontrada, e o que estudar sobre ela, de forma a auxiliar na construção de competências para a vida.

Na proposta de Coutinho (1992), o centro do aprendizado passa para o aprendiz fugindo definitivamente das mãos do professor. E isso causa uma resistência muito grande devido a renúncia do poder que teriam de abdicar, indo por desfazer-se a notoriedade do conservadorismo sobre a educação. A perspectiva de ensino com esse foco traria uma concepção de educação na era da informação que transcenda o que tem sido comum nos tempos até os dias de hoje, e que “os bons professores não serão substituídos pelos *assistentes* de ensino e ajudantes de professores, mas liberados para definir a educação em termos mais excitantes e criativos” (p.02).

Não se pode mais negar a influência da internet na educação e na vida das pessoas. Ela nos trouxe a revolução nos costumes, hoje já se compra passagens, organiza viagens, faz pagamentos, recebe contas, passa telegramas, lê jornal, estuda, enfim, “vive-se pela internet”, a vida pela via eletrônica. E como negar a presença desta força fora da escola. O educador e em especial, o professor iniciam a jornada na busca de familiarizar-se com este novo meio de informação, conhecimento, comunicação e cultura, de forma a recuperar seus *créditos* diante dos alunos. Devemos ter em conta que as novas gerações já possuem a intimidade com o computador e navegam com desenvoltura, construindo conhecimentos de todos os níveis do saber tanto formal quanto informal. A tarefa preponderante, então, nesse movimento de utilização do espaço/tempo pedagógico, de novas formas de pensar a educação, implicam no trabalho de inclusão criativa e inovadora por parte dos sistemas escolares e também dos professores, eixos transportadores, geradores e transfiguradores dessa tarefa. MATTOS (2000) considera;

“A incorporação de computadores ao ensino não deve ser apenas a informatização dos processos de ensino já existentes. Ele permite criar ambientes de aprendizagem que fazem surgir novas formas de pensar e aprender como: favorece a interação com grande quantidade de informações, que se apresentam de maneira atrativa, por suas diferentes notações simbólicas (gráficas, lingüísticas, sonoras, etc.); pode ser utilizado com fonte de informações; favorece a aprendizagem cooperativa; pois permite a interação e a colaboração entre alunos no processo de construção de conhecimentos; favorece aprendizagem ativa controlada pelo aluno, já que permite representar idéias, comparar resultados refletir sobre ação e tomar decisões; desenvolve processos metacognitivos, na medida em que o instrumento permite pensar sobre os conteúdos representados e as suas formas de representação, levando o aluno e a aluna a ‘pensar sobre o pensar’.”. (p. 09 – 10).

A busca incansável por uma estrutura inovada em educação requer um novo olhar sobre o trabalho do cotidiano educacional, enquanto sistemas e políticas educacionais bem como no sistema escolar em suas práticas pedagógicas. O papel de quem ensina e de quem aprende na relação educativa devem permitir considerar o professor não somente como usuário de programas educativo e produtor de outros, mas como um produtor e construtor de novos contextos para tornar a aprendizagem significativa e eficiente. A lógica estaria pautada no reconhecimento do valor da experiência direta na construção de conhecimentos advinda da reflexão sobre a experiência de outros, capacitando-os para re-interpretação à luz de contextos e situações em que cada sujeito do processo atua. As maneiras de aprendizagem emergem do protagonismo, da interlocução dos atores e produtores, de modo em que as interações produzidas possam contemplar a reversibilidade de papéis em cada experiência de aprendizagem, é nessa perspectiva que LEVY (2000) apoiará o conceito de construção de uma nova ecologia cognitiva no ciberespaço, em que todas as interações possíveis redesenhem as formas de pensamento na relação entre os participantes.

Trata-se, também, em educação buscar realizar o desafio de garantir a atividade do sujeito aprendiz e a qualidade de sua produção, o que desafia a organização pedagógica e estrutural de nossa escola de hoje, em que

“os meios devem ser compreendidos na dinâmica de sua origem, técnica e códigos, na natureza da realidade construída, nas maneiras pelas quais os receptores/leitores lêem e recebem, redescobrem e interpretam a polissemia, constroem o significado, como algo em contínuo movimento e mudança, e não como fins em si mesmos. É preciso, portanto, assegurar a condição de que estudantes e professores criem seus próprios materiais, com base na leitura, análise e interpretação dos meios, canais e suportes de comunicação, na condição de protagonistas, ativos, e não apenas como consumidores e reprodutores dos materiais produzidos por outros”.(S/ ed.)¹³³

Compreendemos que há muitas maneiras de tornar a educação viável, porém nossa atenção nos remete a busca de alternativas educacionais viáveis no

¹³³ A citação referente a esta nota está desprovida de bibliografia pois foi encontrada em um site acessado por uma terceira pessoa, a qual disponibilizou ao pesquisador uma cópia em xerox, sem referências bibliográficas.

ciberespaço, entendendo que os jovens em suas necessidades cotidianas do mundo pós-moderno precisam deparar-se com a escola e a forma de aprendizagem veiculada como um objeto prazeroso e significativo, como estão sendo suas relações com o ciberespaço e os desafios que este os impõe.

Quando a escola se abre para as novidades de culturas e valores em transição assimilando as mudanças e implementando-se com tecnologias dessa nova sociedade da informação, se expõe a experimentar as possibilidades de ensinar-aprender. Desta forma não só se atualizaria com o uso dos chats como ambientes de ensino, mas também se renovaria em termos do uso de novas didáticas, em que se poderia considerar a “não chatisse” tão conclamada pelos jovens nas escolas de hoje.

Em todo o mundo, os educadores estão utilizando intensamente computadores e internet para aprimorar o processo ensino-aprendizagem.

Os ambientes de aprendizagem são extremamente complexos, sejam salas de aula convencionais, sejam ambientes virtuais criados na Internet. A análise mais aprofundada envolveria muitos aspectos do processo de ensino-aprendizagem. Nossa proposta é trazer algumas experiências já existentes com o uso da internet como meio que promove educação, bem como a utilização do chat neste.

Os trabalhos nos sites educativos geralmente apresentam características interativas, mas apresentam restrições quanto ao acesso e uso dos mesmos. Em realidade todos os adolescentes/jovens podem acessar a página, mas não conseguem estabelecer a utilização de todos os ambientes disponíveis no mesmo. Isso se deve a comercialização das informações de acordo com os pacotes oferecidos e adquiridos por escolas. Geralmente o site se dispõe ao serviço educacional, mas restringe seus usuários.

A idéia de um ambiente de chat para educação proposto na pesquisa não corresponde aos diversos sites encontrados na web. A proposta contemplaria a todos que por ventura resolvessem navegar nas salas de chat em educação. Isso demanda uma estrutura diferencial na organização do desenvolvimento de atendimento e mediação do ensino via internet.

Teríamos que ter professores 24 horas, em conexão, e a clientela seria pertencente a qualquer escola. As dúvidas somente seriam resolvidas no chat.

Alguns programas de sites escolares apresentam esse tipo de alternativa para seus usuários. Apresentam aulas marcadas e divulgadas para participação dos alunos, porém novamente recai na comercialização da informação.

Outros sites encontram-se disponíveis para atendimento educacional para dúvidas e orientações, porém contam com o registro do aluno para poderem retornar alguns dias depois com os comentários das perguntas ou dúvidas.

Apresentamos alguns modelos de sites educacionais em funcionamento na ótica do atendimento a escolas conveniadas.

Abaixo apresentamos a página oficial do KIDLINK.



Ilustração 05 – site educacional

O espaço abaixo registra o espaço do site com o link dedicado a escola.

KIDLINK BRASIL 

Projetos

Bate-Papo

KidArt

KEscola

Informações

KHouse

KFamilia



KIDCAFÉ-ESCOLA

[NOSSAS ESCOLAS](#)[PROJETOS](#)[NA CORTIÇA](#)[TEMPO DE FESTA](#)[HORA DA MERENDA](#)[RECREIO](#)

O KIDCAFÉ-ESCOLA é a nossa sala de aula na Internet. Uma sala de aula diferente onde alunos e professores são desafiados a buscar novos conhecimentos, a investigar e a interagir com alunos e professores de outras escolas do Brasil e de outros países, formando uma grande comunidade acadêmica.

A escola poderá participar dos projetos temáticos lançados por Kidlink, bem como lançar sugestões para o desenvolvimento de novos projetos.

Qualquer escola pode se tornar uma Kidlink-Escola, é só ter um laboratório de informática ligado à Internet e inscrever seus alunos e professores nas listas de Kidlink.

O que você vai encontrar?

[Nossas Escolas](#)[Projetos](#)[Na Cortiça](#)



[Quero inscrever minha escola em KIDCAFÉ-ESCOLA!!!](#)

Última atualização: 16/06/2002.

O KIDCAFÉ-ESCOLA é coordenado por: [Renata Portella](#) e [Manisa Bello](#)

Ilustração 06 – link Kidcafé-escola do site educacional

Outro uso do chat como ambiente de aprendizagem dentro de uma escola foi realizado em parceria com o Programa Nacional de Informática na Educação - [ProInfo](#). O ProInfo tem apoiado educadores a integrar as diversas tecnologias às atividades de aprendizagem. Grande parte desse trabalho concentra-se na utilização de uma variedade de software de aplicações básicas em laboratórios de informática nas escolas para permitir que professores e alunos desenvolvam projetos interdisciplinares.

Com objetivo de solidificar a base do programa e aumentar as oportunidades de utilização de computadores e Internet na aprendizagem, Vera Lúcia Atsuko Suguri, coordenadora pedagógica do ProInfo, propôs a quatro professoras que desenvolvessem um projeto piloto para avaliar o potencial pedagógico do web-based chat. Esse projeto busca alcançar suas metas através da combinação de atividades presenciais como workshops, seminários, apresentações, e atividades a distância, tendo por suporte o website bilíngüe <http://www.ltnet.org>. Pretendem proporcionar aos educadores, nos EUA e no Brasil, o acesso fácil a informações sobre como usar os computadores e as redes de telecomunicações na educação. Assim desenha-se a parceria da LTNet-Brasil em colaboração com o ProInfo e outras instituições brasileiras, para experimentar atividades inovadoras com auxílio das novas tecnologias em comunicação.

O Programa administrado pela Secretaria de Educação a Distância (SEED), do Ministério da Educação acontece em parceria com 27 estados brasileiros, realizando instalações de laboratórios de informática nas escolas públicas promovendo inovações na educação. Esse programa iniciou-se em 1997.

De julho a dezembro de 2000 realizou-se um projeto piloto em três escolas espalhadas pelo Brasil com três objetivos principais: Verificar o potencial pedagógico de uma ferramenta simples de web-based chat, ou seja aprendizagem em salas de chat, em projetos educacionais colaborativos; Identificar estratégias eficazes para integrar o uso do chat na Internet aos currículos brasileiros; e Descobrir que impactos o chat na Internet poderá ter no processo ensino-aprendizagem e na execução de projetos colaborativos interdisciplinares. Esse projeto auxiliou na compreensão do impacto educacional que o chat na Internet pode ter, e procurar mostrar que é possível acontecer educação através dos chats.

Esse Projeto Piloto aconteceu nas seguintes escolas: Escola Estadual Antônio Canela, de Montes Claros, Estado de Minas Gerais, Escola Municipal Hilda Rabello Matta, de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Centro de Ensino Médio Ary Ribeiro Valadão Filho, de Gurupi, Estado de Tocantins, e Escola Jacob K. Neto, de Novo Hamburgo, Estado do Rio Grande do Sul. As aprendizagens dentro das escolas iniciaram-se por capacitação dos professores e alunos para lidar com o uso do site que disponibilizava a sala de chat, para isso equipou-se as escolas com o material tecnológico necessário.

As atividades desenvolvidas contaram com projetos interdisciplinares colaborativos. O chat na Internet foi concebido como uma forma extremamente eficiente para tornar a educação mais dinâmica e interessante. "Um dos pilares da teoria construtivista e da aprendizagem por projetos reside na busca, pelos professores, dos verdadeiros interesses, necessidades e problemas dos alunos e não procurar impor o que percebem como sendo uma necessidade"¹³⁴. Com naturalidade os alunos expressaram seus interesses em participar das salas de chat. Essa característica alinhava o interesse do aluno aos objetivos da aprendizagem. Através dessa postura dos alunos o trabalho dos professores foi facilitado no que tange ao acompanhamento e orientação das atividades desenvolvidas. As sessões de chat não foram controladas "cientificamente", porém os coordenadores tiveram a

¹³⁴ Referencia a pagina da web do programa ProInfo.

oportunidade de compararam o “comportamento ali observado com o comportamento dos alunos e dos professores” durante o desenvolvimento das atividades nas salas de chat com as salas de aula convencionais. Esse projeto atendeu também a alunos deficientes com necessidades especiais e com um misto de deficiências mentais, visuais e auditivas.

Em um dos comentários tecidos na apresentação desse trabalho podemos observar o desenvolvimento específico da sala de chat como prática pedagógica e seus desdobramentos na aprendizagem,

“Embora as pessoas participantes das sessões de bate-papo não fossem inteiramente anônimas, uma vez que utilizaram seus nomes verdadeiros e todos sabiam de onde cada um era, algumas pessoas publicaram suas fotos e perfis, mas mesmo assim, era como se elas não estivessem no ambiente. Esta situação permitiu que os participantes se sentissem no anonimato e os debates eram menos inibidores, especialmente quando os estudantes mais jovens estavam conversando com adultos. Geralmente, os alunos se sentem encabulados ao conversar com professores e raramente fazem perguntas ou conversam sobre temas que possam ser considerados pessoais ou controversos. No entanto, nas sessões de chat, as conversas foram animadas, francas e fluíram com naturalidade. Alunos que normalmente eram muito tímidos quando em situações presenciais mudaram seu comportamento nos ambientes virtuais, atuando com muita fluência e franqueza. Isso possibilitou a discussão sobre tópicos que presencialmente nem seriam tocados. Conseqüentemente, informações e opiniões foram facilmente trocadas e todos os participantes, mesmo os mais inibidos em discussões convencionais, puderam comunicar-se em pé de igualdade. Pelo fato de os diálogos serem escritos, os participantes dedicaram mais atenção para formular e redigir as perguntas e os comentários do que em uma discussão verbal. Também podiam ler o que haviam escrito e, depois, revisar suas sentenças e expandir suas idéias. Esta combinação de fatores contribuiu para que as discussões fossem mais significativas. O foco na comunicação escrita realçou a importância e a necessidade do conhecimento em ortografia e gramática para uma comunicação eficaz. O bate-papo na Internet é, muitas vezes, caracterizado pelo enfoque descontraído no uso da gramática e da ortografia. Contudo, quando usado em ambientes educacionais, especialmente entre participantes de lugares diferentes, é possível concentrar a atenção dos alunos na qualidade da sua comunicação. Os alunos rapidamente se deram conta da necessidade de se expressarem com clareza e precisão, pois não podiam lançar mão de expressões faciais, gestos ou alterações no tom de voz para ajudar na comunicação. No entanto, o Projeto Piloto Chat não investigou se as mudanças no uso da comunicação escrita usada durante as sessões do chat tiveram algum efeito permanente nas habilidades de redação dos estudantes e no domínio da língua. (p. 05).

Essa experiência demonstrou que as salas de chat têm condições de ser uma ferramenta pedagógica eficaz na melhora do processo de ensino-aprendizagem

contemplando múltiplas maneiras de explorar a aula, enfim os espaços de construção do saber contextualizados às sociedades contemporâneas.



Ilustração 07 - Programa nacional de informática na educação – projeto piloto de utilização pedagógica do chat

Outras formas de aprendizagem via internet são as WebQuests¹³⁵, não são salas de chats, mas possuem as mesmas para tirar dúvidas.

As WebQuests foram criadas pelo educador Baernie Dodge em 1995 (Professor de San Diego State University,). É uma metodologia de ensino utilizada em Webs na internet. Podemos dizer também que é um tipo de material didático de aprendizagem produzido para Webs. Aqui são veiculados conhecimentos conceituais das diversas áreas de ensino. Tem por objetivo trabalhar a aprendizagem de forma cooperativa através de processos investigativos a partir da construção do saber. Hoje existem espalhadas pelo mundo em várias línguas, e no Brasil a USP tem um site que disponibiliza esta metodologia para utilização, o endereço na web é www.webquest.futuro.usp.br. A concepção dessa metodologia contempla uma estrutura lógica que tem como elementos base em sua estrutura:

¹³⁵ Metodologia de aprendizagem por computador.

introdução, a tarefa, o processo, os recursos, as orientações, a avaliação e a conclusão. É interessante ressaltar que o material de classificação dos conhecimentos estão de acordo com Bloom. Respeitando as devidas proporções críticas a esse trabalho, visto que não é nossa intenção analisar tal metodologia, somente atentamos para o emprego de uma classificação que já esgotou seu espaço de uso na educação. As WebQuests vem fazendo sucesso, contam hoje em torno de pelo menos 10.000 mil trabalhos publicados com essa metodologia.

Trazemos abaixo alguns sites que trabalham e divulgam essa metodologia.

“Federator

Recentemente um projeto australiano, WebQuest Direct, criou diversas inovações interessantes de linguagem e conteúdo na edição de WQ's, sem banalizar conteúdos ou o próprio modelo criado por Bernie Dodge. Para apreciar o que esse grupo da Austrália está fazendo, vale a pena dar uma olhada neste endereço, você vai encontrar uma bela proposta de investigação na área de história.

www.e-muse.com.au/federator”.

“Em Portugal, as WebQuests começaram a ser elaboradas em 1997. Centros importantes de produção em terras lusitanas são a Universidade de Évora (www.uevora.pt) e o Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação de Portugal (www.iie.min-edu.pt/index.htm)”.

Outras produções interessantes caminham nessa área, porém a exploração das ambientes de salas de chat como espaço relevante para construção da aprendizagem vem caminhando no Brasil. E embora as escolas particulares ofereçam ambientes virtuais de aprendizagem ainda limitam-se ao consumo desses ambientes ou mesmo acompanhando modismos, pois em profundidade, muitos desses sites, se analisados pedagogicamente não correspondem a real contextualização da aprendizagem.

Em nossa pesquisa os jovens, apesar de não aprovarem o uso das salas de chat como ambientes de aprendizagem, mostraram que há possibilidades de sugestões que enriqueçam e contribuam para prática docente, precisamos renovar nossos espaços, e porque não buscar aqueles em que os jovens dedicam-se *horas a fio* a “passar tempo”.

Embora muitos projetos já estejam sendo implantados com financiamento do governo as questões da exclusão a internet são presentes na educação.

Hoje as potencialidades que as tecnologias da informação trouxe para o interior das sociedades, marcadas pela exclusão social, a possibilidade de ampliação desse campo com vistas a atenuar essa característica social, porém

algumas questões merecem discussão relevante. Em meio a índices significativos de exclusão social, como se poderia pensar em ensinar via salas de chat. Muito antes dessa exclusividade em aprendizagem, devemos discutir outras questões. Questões essas que se tenta refletir nesse item.

A primeira questão nos aponta pra uma realidade nacional marcada por grandes índices de exclusão social, que resultam da ausência de investimentos e de políticas públicas eficientes, de modo a garantir tanto os direitos necessários ao exercício da cidadania como a participação política. A maior parte das vezes em que se destinou políticas e programas para esses fins, surgiram com caráter emergencial de maneira focal, assim sendo ineficazes na reversão de situações estruturais arraigadas.

A informática hoje é condição indispensável à formação de modo a qualificar para o mercado de trabalho. A educação que se pretende privilegiar a partir da LDB 9.394/96 tem em seus princípios essa condição. Dessa forma busca-se que a educação esteja em consonância com as exigências mais atuais em termos de sociedade, tanto que forme para cidadania como para o exercício da mesma através da qualificação profissional. Com esse intuito se faz necessário que condições de ensino cheguem de forma igualitária entre os aprendizes, pois se não o for correse o risco de agravar as desigualdades sociais já existentes. A informática pode servir a esse fim, como meio não só de oportunidade como também enquanto instrumento nessa condição favorecer àqueles que se encontram em condições mais desfavoráveis a esse tipo de ensino.

Godinho (2002) comenta;

“A informática, incluindo aqui a internet e outros meios por ela disponibilizados, tem papel fundamental na luta pelos direitos da cidadania. Apesar dos requisitos de infra-estrutura e formação preliminar para potencializar seu uso, muitas vezes ausentes entre as populações excluídas, estas condições, de nenhuma maneira, relativizam sua importância. Disponibilizar as novas tecnologias, instrumentos e formação adequada para seus usuários, é propiciar as comunidades carentes um novo recurso para a garantia dos direitos, estabelecer novos canais de comunicação entre a sociedade, a mídia e os poderes públicos”. (p. 28).

Quando se nega a formação em informática para as populações menos favorecida está se reforçando velhos comportamentos de exclusão por conseguinte mantém-se políticas emergenciais. Porém quando se reconhece e organiza a

aprendizagem em informática para tal, se está provocando situações que agilizem formas de proceder à passagem da exclusão a um novo status e inclusão social. Dessa forma se pode começar a pensar em estruturas mais sólidas para a organização de ambientes de ensino, como o suscitado nessa pesquisa.

Para esclarecimentos mais profundos sobre a questão da exclusão se demonstra abaixo algum dado importante dessa questão.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Pop/IBOPE, em 2000, se tem os seguintes números da exclusão digital:

Acesso à Internet		
	Não acessa	Acessa
No mundo	95%	5%
No Brasil	96%	4%
No Grande Rio	85%	15%

Tabela A

Distribuição entre as classes dos 15% do Grande Rio com acesso à Internet:	
85%	Classe A/B
13%	Classe C
2%	Classe D/E

Tabela B

Posse de computador (por classe social)	
Região do Grande Rio	Classe A - 87%
12% acessam a Internet	Classe B - 53%
30% da população têm computador em casa ou no trabalho	Classe C - 20%
31% usam computador, ainda que de vez em quando	Classe D/E - 11%

Tabela C

Dentre os fatores que contribuem para a Exclusão Digital, a pesquisa cita os seguintes:

- Fator renda - A causa mais aparente da exclusão digital recai sobre os custos dos equipamentos, da linha telefônica e dos serviços. O barateamento desses itens vem democratizando o acesso, mas em ritmo lento.
- Fator educação - Pessoas com menor grau de escolaridade têm menos acesso à tecnologia. Apenas 28% das pessoas que não concluíram o ensino fundamental têm acesso a computadores, enquanto este número chega a 57% entre as pessoas com nível superior completo. Se, por um lado, o nível de escolaridade se correlaciona com o nível de renda, por outro uma baixa escolaridade impede que as pessoas venham a usufruir o conteúdo oferecido na Internet, posto que sua maior parte está em língua inglesa. Quanto ao conteúdo em língua portuguesa, este se destina predominantemente às Classes A e B. Além dessas barreiras, há o fato de que uma grande parte da população com baixo nível de escolaridade não possui treinamento específico. Isto é, não passaram por nenhum programa de capacitação ou cursos de informática.
- Fator geográfico - As pesquisas também indicam que quanto mais distante do Centro maior o gap entre os que têm e os que não têm acesso a computadores. Nas regiões periféricas da Capital, menos de 40% das pessoas têm acesso a micros (Zona Leste 28%, Zona Sul 39% e Zona Norte 38%). No Centro e Zona Oeste este número chega à 60%.

As políticas públicas de inclusão digital em 2002 trataram de três projetos fluminenses, são eles: "Casa do Futuro", idealizado pela Secretaria Extraordinária de Obras do governo do estado, e apoiado pela Faperj, e os projetos "Estações Futuro" e "Favela tem Memória", ambos do movimento VivaRio. O primeiro contará com R\$ 6,5 milhões já destinados pelo governo estadual à construção de um telecentro com nove computadores em 25 municípios do estado do Rio, num primeiro momento, e nos 67 restantes até o fim do ano. Já os dois do VivaRio integram os 57 projetos selecionados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para o desenvolvimento de novas tecnologias e conteúdos digitais para redes avançadas, ou Internet II. São duas linhas de financiamento que, juntas, compõem de R\$ 7 milhões. Com os recursos que o CNPq iniciam 17 comunidades carentes do Rio, que além de atender as favelas da Rocinha e da Maré, serão beneficiadas pelo projeto "Estações do Futuro". Serão beneficiadas: Santa Cruz, com um programa de Comércio Solidário, com objetivo de buscar estreitar as relações entre os comerciantes locais e seus fornecedores, de

modo a reduzir os intermediários e obter ganhos de escala; as ofertas dos serviços VivaRio Seguros, incluindo o Seguro Funeral, em que de qualquer estação Internet, a população das comunidades poderá consultar as condições e contratar os serviços.

O desafio no desenvolvimento dessas aplicações de B2B, B2C e e-learning é criar uma interface que permita a difusão e a troca de informação e conhecimento entre comunidades carentes. Os idealizadores do projeto pretendem que esses telecentros funcionem como plataformas de logística social. Outro programa, o "Favela tem memória", amplia o trabalho de jornalismo comunitário já em curso no portal VivaFavela.com (<http://www.vivafavela.com.br/>), com idéia de acrescentar ao registro do cotidiano da favela depoimentos que reconstruam sua memória, de forma a resgatar a identidade e a auto-estima dos moradores.

Os programas escolhidos objetivam 'olhar de frente' os desafios de democratização do acesso a informações culturais, de prevenção na saúde e de empreendimento.

O projeto "Casa do Futuro" encontra-se em andamento, aguardando as obras para a construção dos prédios que receberão os telecentros. Também funcionam em casas, como as do modelo criado pelo secretário de obras do governo do estado, Ezequiel de Matos, quando era prefeito de São Gonçalo. Na época, ele contou com a parceria de empresas interessadas em estreitar os laços com a comunidade, como a Natura, para manter o projeto. Hoje, as quatro Casas do Futuro de São Gonçalo são bons exemplos de iniciativas auto-sustentadas pela comunidade. Os primeiros municípios que serão contemplados contam de 25, entre eles estão Araruama e Arraial do Cabo.

É importante perceber que esses projetos objetivam a informação para a cidadania, isto significa a sua disponibilidade e manuseio para auxiliar a vida do cidadão. Isto já vem acontecendo, pois o crescimento do acesso a informação, do comércio eletrônico e do acesso a serviços do governo vem atendendo melhor o indivíduo, desde que ele possua acesso eletrônico. Porém a questão vai além do acesso às redes de informação (via internet), inclui-se aqui a questão do domínio das ferramentas, dos recursos que viabilizem os meios de acesso, a educação para utilização e aproveitamento desse trabalho, o entendimento e a compreensão da importância social que esses programas, bem direcionados, podem oferecer as

comunidades carentes. Será preciso um trabalho conjunto em educação de maneira global e não simplesmente de utilização dos meios tecnológicos.

Outras possíveis soluções para **acesso comunitário à Internet** incluem **cibercafés, quiosques e bibliotecas públicas** (grifo nosso). Uma outra alternativa, que já funciona na Escandinávia há 20 anos, e já experimentada com certo sucesso em diversos países do mundo, é o tele-centro, algo parecido com o conhecido posto telefônico, porém equipado com computadores com acesso à Internet, e disponíveis para o uso de membros da comunidade atendida. Os tele-centros possibilitariam a penetração da Internet até os locais mais longínquos, desde que resolvidos os evidentes problemas da infra-estrutura de telecomunicações para possibilitar sua conectividade física. Isto poderia ser feito por meios convencionais (aluguel de circuitos terrestres de telecomunicações), por satélite, ou por outras alternativas não convencionais, como rádio, TV a cabo ou infra-estrutura de cabeamento próprio. Estas tecnologias de acesso devem ser avaliadas para uso no País num projeto, com apoio financeiro do Banco Mundial, da RITS - Rede de Informações para o Terceiro Setor (<http://www.rits.org.br>), ONG do Rio de Janeiro.

O Livro Verde da Sociedade de Informação já identifica duas fontes de recursos possíveis. Uma seria o Fundo de Universalização de Serviços de Telecomunicações (FUST), alimentado por uma taxa sobre a receita das operadoras de telecomunicações, e com o objetivo de subsidiar serviços não rentáveis comercialmente. Outra seria a utilização da Lei de Informática para fomentar pesquisa e desenvolvimento em informática, visando a implantação de centros comunitários de acesso à Internet.

Concluindo, se percebe que há um amplo consenso de que não basta prover os benefícios da revolução de informação apenas aos setores mais abastados da sociedade, e finalmente estão sendo apontadas as formas de atacar as raízes do problema da exclusão digital, com a extensão destes benefícios a toda a sociedade, como direito da cidadania.

5.1 - TECENDO AS @RTIM@NH@S

*“Os sujeitos no ciberespaço se caracterizam, sobretudo, por não ter uma corporalidade e, ao mesmo tempo, por seu caráter de intelecto e por suas múltiplas identidades. Tais definições motivam alguns teóricos da realidade virtual a comparar os sujeitos virtuais a anjos”
Reinhold Esterbauer¹³⁶*

O desenrolar da pesquisa tornou-se instigante e cada vez mais envolvente a medida em que as ondas monumentais e acelerada de informações iam avançando. A cada sala de chat um contexto, a cada conversa um interesse, a cada linguagem nova um aprendizado, a cada relação feita novas sensações, e entre todas uma nova cultura, uma nova historicidade se formava, de maneira tal que já não se tinha mais controle do que se vivenciava, estava realizada e concretizada a vivência da rede *virtualizada*, a simbiose homem/coisa/linguagens, no meio que pulsa latente uma vida inventada... o ciberespaço. De todos os tons que acabamos de relatar de todos um pouco se foi valorar em cada instante que se permaneceu nesse espaço de infovias, cabos, computadores, teclados, tele, tele tudo! De tudo um pouco, com pouco ficar, um pouco doar, um pouco guardar e com muito a desejar. Assim nossos jovens estão presentes no mundo da social informatizado, em que valorar passa irremediavelmente pelas entranhas da identidade, da subjetividade e registra sua façanha, sua @Tim@nh@! Os valores aparecem como variáveis de interesse, relacionadas às formas grupais, ou até mesmo sem mistos ou segredos. Os valores se revestem de vida quando lhe atribuem significado, seja às coisas, objetos ou pessoas. Eles estão presentes nas ações que praticamos, nas atitudes que tomamos, nas situações que participamos, nos desejos e sonhos por nós idealizados. Os valores não existem em si mesmos enquanto entidades isoladas, os valores estão dentro da realidade existente elaborada pelos indivíduos dentro de uma dada cultura e sociedade a qual pertence. Portanto o jovem ao relacionar-se diretamente com a tecnologia, interage e a modifica, modificando-se, é assim, capaz de gerar toda uma concepção de vida implicada na estrutura social, política e

¹³⁶ Reinhol Esterbauer faz essa citação em seu artigo “Deus no ciberespaço sobre os aspectos religiosos dos novos meios”, São Paulo: Loyola, 2001.

filosófica, que por si só, já se concebe em meio à axiologia de valores. Os jovens participantes nesse meio social/tecnológico desenham suas ações impregnadas de valores e significadas. Convivem em meio à utilização dos aparatos de multimídia deixando emergir em seus cotidianos uma nova geração de pensantes, atuantes/habilidosos das redes *infotelecomunicacionais*. Transitam entre as redes das sociedades da informação, de espaço a espaço da internet com objetivos diferenciados, mas em particular para comunicarem-se com os amigos, preferencialmente. Jovens que questionam os sentidos tanto dos conhecimentos que possuem ou irão possuir, como da utilização que farão deste em meio à complexidade social em que vivem/convivem. Lotam as salas de chats, experimentam trocar de identidade, falam de diversos assuntos... Constroem de forma contínua suas identidades entrelaçadas na rede, na vivência do virtual e no despojamento da experimentação sem compromisso. Esse mesmo jovem, luta por criar e resgatar valores nas salas de chat, na maior parte das vezes em conjunto.

No momento em que está nas salas de chat valora de tal forma a situações de encontro com o outro, que independe da relação que irá se estabelecer, o importante é estar junto ao outro, seja com ou sem significado profundo, o relacionar-se é tudo, condição da existência nas salas de chats. Os valores nesses espaços são postos pelos jovens de acordo com os interesses que possuem. E priorizam suas conversas em torno de grupos que correspondam suas expectativas. Aparecem classificações valorativas que oscilam dos éticos e morais aos individuais e pessoais, passeando da cultura a contra-cultura, de seus pontos de vista diferenciados. Vivenciam valores emocionais intensamente, ousam experimentar o não dito na sociedade em termos de limites, e por vezes nem se percebem que os limites já estão impostos nas salas de chats, de forma tão sutil que, os *coisifiquem* sem que percebam.

Um contexto indissociável de estudo, os jovens, refere-se também a educação que se deva privilegiar da melhor maneira possível, para atender a esses anseios e devaneios dispostos pelos jovens em seus contextos de relação. A educação tão maculada por práticas dissociadas da realidade jovem não legitimam os reais contextos de *experimentação aprendente* que os jovens estão em constante exercício.

O espaço da escola formal parece distante do espaço das salas de chat também com características bem formais – como horas marcadas para encontros,

grupos fechados para conversar, exclusão dos que não tem a mesma linguagem; porém diferenciais fundamentais estão postos entre os dois ambientes – a descontração, a animação, a emoção, a instigação, a relação, o espelho de si e do outro, e essencialmente o conhecimento não somente no que tange a desenvoltura tecnológica de lidar com o instrumental, mas o criar a partir desse instrumental. Movimento esse, de criar e de saber sobre a tecnologia que parece esculpir em nossos professores verdadeiras estatuetas frágeis e empoeiradas.

Se partirmos do princípio que ser jovem é desafiar para conhecer cada vez mais e melhor, então o que fazer com um saber estático dos professores que permanecem estatuetas na defensiva? Qual o elo perdido de ligação que a educação deve encaminhar-se à procura? A partir do contexto de atuação das escolas hoje, se questiona o que fazer para demonstrar que esse espaço das salas do chat podem ser utilizados e valorizados enquanto ambientes de aprendizagem?

A pesquisa elucidou a possibilidade de abrir mais um espaço de aprendizagem que condiz com o espaço/tempo de uma juventude que aguarda por “*passar o tempo*” de forma interessante. As escolas, enquanto *espaços/tempos* do *ensinar/aprender* como finalidade, podem e devem trabalhar para utilização e valorização desse espaço, não somente no sentido de acompanhar as novas tecnologias aplicadas à sociedade, mas como também para oportunizar espaços que já estão legitimados pelos próprios jovens. A conquista desse espaço carece, não de mais uma política pública desvinculada de significado, mas de novas formas de reestabelecer a relação de ensino que passe pela construção subjetiva, legitimando assim todo e qualquer momento da relação do aprender nos espaços freqüentados por jovens. Esse novo *espaço/tempo* para a educação, toma a dimensão de caminhar de forma unívoca às concepções de mundo vivenciadas hoje pelo jovem pós-moderno. Dessa oportunidade todo o saber ganha novo significado e novas idéias *estruturantes*.

Enquanto o estudo ganhava corpo percebeu-se que a gama de informações sobre o assunto pesquisado se dimensionou/ramificou, ganhando corpo da própria rede de tal maneira que, encerrar os estudos foi uma das grandes limitações da pesquisa, que cabem no momento algumas sugestões e recomendações para novas pesquisas, que a partir desta possa ser direcionada, mas que do olhar de outros leitores ainda se desdobrem em sub-temas, dos sub-temas e outros:

1. A questão dos jovens e suas sugestões para o novo ambiente de ensino, as salas de chats, de onde pudemos categorizar algumas falas significativas do uso do chat como ambiente de ensino. Essas categorias também suscitaram sugestões de práticas de ensino que conferem estudos a formulações de novas metodologias de ensino.
2. Alguns comportamentos se destacaram como o “zoar”, falar de cinema e escola no mesmo patamar de importância, falar de amigos no mesmo patamar de falar de música; dentre outros que mereceriam maior investigação no que tange as construções da identidade dos jovens, seus valores e escolhas.
3. A própria maneira de utilizarem a linguagem nas salas de chats que ganha um novo código de signos, identificado através da redução de palavras, e ou substituição por códigos próprios dos grupos. Aqui também se passam as questões da construção do hipertexto na interação com o jovem e a construção da subjetividade e identidade.

A pesquisa evidencia a existência de um novo tratamento para educação no que se refere à apropriação de conhecimentos por novas construções, de base estrutural e pedagógica, do ponto de vista não só da utilização da tecnologia mas de como se faz uso da mesma. A educação a partir da tecnologia não se basta em si mesma mas nas relações que estabelece com o sujeito tanto que a cria como o que aprende e se utiliza dela para capacitar-se para a vida, para a cidadania, para a formação de novos homens que distinguem o que é *ser humano* e o que é *ser desumano*, ou seja, *coisificar-se*.

Do ponto de vista do material colhido e já existente nessa pesquisa se abrem uma gama de possibilidades de intervenção em diversas áreas do conhecimento, abrangendo os campos em particular, da educação, da psicologia, sociologia, oferecendo margem de intervenção de diversas outras áreas.

Em nossa pesquisa os jovens, apesar de não aprovarem o uso das salas de chat como ambientes de aprendizagem, mostraram que há possibilidades de sugestões que enriqueçam e contribuam para prática docente, precisamos renovar nossos espaços, e porque não buscar aqueles em que os jovens dedicam-se horas a fio a “passar o tempo”?, como dizem os próprios jovens em sua declaração sobre o uso do chat.

Na velocidade em que o tempo ocorre no mundo da tecnologia, acreditamos que breve – muito em breve, teremos novo paradigma em educação cuja formação do sujeito, em termos de escolaridade e aprendizagem formal não se limitará à sala de aula convencional da Escola. Outras salas, como os chats, poderão reservar matrícula para alunos fazerem a sua opção para uma nova aprendizagem e ou aperfeiçoamento que se faz necessário. Nesta sala de chat, acreditamos, também, que o jovem poderá estar presente de maneira mais prazerosa para estudar, aprender, e construir um novo saber. Por certo, precisaremos depois, pensar e discutir as metodologias e a avaliação que deverão atender o “novo”, formulando ferramentas, procedimentos e juízos de valor (avaliação) para colaborar com a educação desse jovem, hoje, adulto amanhã, mas sempre cidadão a se formar adequadamente para o tempo que (com)vive e viverá. Basta esperar e ajudar o progresso, em termos desta mudança. A

A tecnologia não pode esperar, há que se trabalhar com ela e por ela em prol da melhoria da qualidade de educação para o nosso país.

GLOSSÁRIO

ARPANET é a rede de compartilhamento de computadores da ARPA - Advanced Research Projects Agency, que mais tarde evoluiu para a Internet.

Autenticação é a técnica pela qual a Internet requer a identificação do internauta através da digitação do seu **username** e **password**.

Backbone é a infra-estrutura formada pelas linhas de comunicação e o hardware de transmissão e de recepção para acesso à Internet mundial vendido aos provedores brasileiros pela [Embratel](#), [Global One](#), [RNP](#) e [Intelig](#).

Backup é copiar arquivos para um segundo dispositivo (um outro drive ou disquete) como medida de precaução no caso de haver algum problema com o dispositivo original onde os arquivos se encontram. Uma das mais importantes regras no uso de computadores é "faça o backup de seus arquivos regularmente".

Browser são programas de computador usados para localizar e visualizar documentos em **HTML**. São esses programas que permitem a navegação no ambiente WWW e a visualização de websites. Os browsers mais utilizados são o Netscape e o Microsoft Explorer.

Byte é uma medida de armazenamento em espaço em disco igual a 8 bits.

Ciberespaço é toda estrutura virtual transnacional de comunicação interativa. É o espaço eletrônico e onde ocorrem as transações na Internet.

Cibercultura é o conjunto de técnicas – materiais, intelectuais-, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Comércio eletrônico é a venda de produtos e serviços através da Internet.

Computador é um equipamento eletrônico capaz de ordenar, calcular, testar, pesquisar e editar informações de acordo com instruções estabelecidas e segundo uma representação binária, obedecendo a um conjunto de operações aritméticas e lógicas.

Comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados.

Correio eletrônico ou **e-mail** é o sistema de comunicação baseado no envio e no recebimento de mensagens eletrônicas via Internet. Indica tanto o ambiente da Internet onde você envia mensagens eletrônicas como a própria mensagem eletrônica em si.

CPU - É a unidade que leva e traz instruções da memória do computador e as decodifica para controlar todas as outras partes do computador.

DARPA é a organização central de pesquisa e desenvolvimento do Departamento de Defesa norte-americano.

Domínio é o nome de uma área reservada num servidor Internet que corresponde ao endereço numérico de um website (endereço IP). No Brasil, os domínios sempre terminam com .br (sigla do Brasil na Internet) e podem apresentar vários tipos (.com para empresas comerciais, .org para empresas não comerciais, etc.). Ex: aisa.com.br é um domínio brasileiro do tipo comercial (o mais comumente usado).

Download é o ato de copiar um arquivo de um website qualquer disponível na Internet para o seu computador pessoal.

Ecologia Cognitiva, o conceito de ecologia cognitiva se relaciona ao ambientes sociotécnico e cognitivo que se vive e aos modos de pensar que se desenvolvem a partir da predominância de determinadas tecnologias intelectuais, e se baseia na análises de Pierre Lévy. (RAMAL, A. C. Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 45.

E-mail significa correio eletrônico e indica tanto o ambiente da Internet onde você envia mensagens eletrônicas como a própria mensagem eletrônica em si.

Endereço IP é o endereço de cada servidor conectado à Internet, de acordo com o Internet Protocol.

Ethernet é um sistema de redes que transporta sinais (bits) para todos os microcomputadores em rede.

Filtros são formas de diminuir o escopo de consultas pela definição de áreas ou tipos de dados a serem incluídos ou excluídos.

Formulários são páginas **HTML** usadas para coletar informações dos internautas. São também chamadas "scripts".

Gopher é um sistema anterior a World WideWeb (**WWW**), que organizava e mostrava arquivos dos servidores Internet em formato texto, hierarquicamente estruturado. Com a Web, os bancos de dados do Gopher tem sido transformados em Web sites, muito mais versáteis e fáceis de acessar.

Hackers são especialistas em violar sistemas de computação.

Hiperlinks são palavras ou ilustrações pré-estabelecidas como pontos de saltos. Quando clicadas, provocam a transferência para outro assunto ou página Web. Hiperlinks são comumente chamados **links**.

Hipermídia é a mídia que inclui gráficos, sons e vídeos.

Hipertexto é o texto em formato de cruzamentos. O hipertexto permite os saltos de um assunto para outro ou de uma página para a outra através de hiperlinks ou links.

Homepage é a página de entrada ou página principal de um **website**. É nesta página que estão os links para as demais páginas do website.

Hospedagem é o ato de armazenar websites de clientes por parte de um provedor de acesso.

Internet é a rede mundial de computadores interconectados. É o sistema de informação global que: a) é logicamente ligado por um endereço único global baseado no Internet Protocol (IP) ou suas subsequentes extensões; b) é capaz de suportar comunicações usando o Transmission Control Protocol/Internet Protocol (TCP/IP) ou suas subsequentes extensões e/ou outros protocolos compatíveis ao IP; e c) provê, usa ou torna acessível, tanto publicamente como privadamente, serviços de mais alto nível produzidos na infra-estrutura descrita.

Internauta é a gíria usada para identificar o usuário da Internet, a pessoa que usa a Internet para comunicação, pesquisa, trabalho e/ou lazer.

Intranet é uma rede baseada em protocolos TCP/IP (uma internet) que pertence a uma empresa e que é acessada apenas pelos membros e funcionários da empresa (e, eventualmente, também por outras pessoas que tenham autorização para tal). Como a Internet, intranets são usadas para compartilhar informações.

Links são palavras ou ilustrações pré-estabelecidas como pontos de saltos. Quando clicadas, provocam a transferência para outro assunto ou página Web.

Livro Verde do Mec são diretrizes do MEC para uma sociedade brasileira como um todo, e consta aí as diretrizes do Programa da Sociedade da Informação.

Micro-computador é um computador de pequeno porte. É também chamado PC, sigla para Personal Computer (computador pessoal).

Modem é a sigla para MOdulator/DEModulator. É um equipamento que transforma os sinais digitais de seu microcomputador em sinais analógicos que podem viajar através de uma linha telefônica. O som que você ouve quando faz a discagem para o seu provedor de acesso informa que a ligação foi feita e que os sinais analógicos enviados do seu micro chegaram em um dos modems de recepção do provedor. A partir daí, os sinais analógicos são convertidos novamente em informação digital, tornando possível o seu acesso à Internet.

Modularidade – a visão por módulos em navegar na internet.

Navegação é o processo de se mover de um website para outro seguindo links.

On-line significa ligado e conectado. Usuários estão on-line quando estão conectados com a Internet através de um modem.

Página é o conjunto de textos e ilustrações que são mostrados em uma mesma tela.

Plataforma é o sistema operacional utilizado pelo internauta (Windows 95, NT, Unix, etc.).

Portal é uma página ou website que agrega vários links e serviços, servindo como porta de entrada ou ponto de partida para a navegação de internautas.

Protocolo é um formato estabelecido para a transmissão de dados entre dois dispositivos de computadores (drives, impressoras e modems, por exemplo). Protocolos definem o tipo de consistência e checagem de erros, o método de compressão de dados, a forma como o dispositivo de envio indicará que a mensagem está terminada e a forma como o dispositivo de recebimento indicará que recebeu a mensagem.

Provedor de acesso é uma empresa que provê acesso à Internet aos seus clientes através da manutenção de uma central de linhas telefônicas exclusivas ligadas aos seus servidores de serviços Internet.

Provedor de informação é uma empresa que provê informações variadas em seu website.

RPG - nasceu nos Estados Unidos nos fins da década de setenta. A sigla RPG é uma abreviatura para a expressão Role Playing Game, que significa Jogo de Representação. Diferente de todos os outros jogos, uma partida de RPG não necessita de quaisquer tabuleiros ou peças. Na verdade, uma partida de RPG é praticamente uma conversa, onde os jogadores rolam dados, fazem anotações, e procuram agir e pensar como se fossem os seus personagens. É mais ou menos como o teatro, porém toda a ação e a história acontecem na imaginação dos participantes. Um dos jogadores — chamado de Mestre ou de Narrador — assume o papel de "roteirista" da história que está sendo contada. É o Mestre quem tem o maior desafio durante uma partida de RPG, pois é ele quem cria a história, detalha os perigos que os personagens dos jogadores terão que enfrentar, descreve as recompensas que eles poderão ganhar e atua como árbitro da partida. Em suma, o Mestre é o responsável em dar vida ao mundo onde se passa toda a trama.

Senha é uma palavra qualquer escolhida pelo usuário que, em conjunto com o **login**, serve para liberar o acesso do usuário à Internet ou a websites que porventura exijam senha para entrada.

Servidor é o computador que administra e fornece programas e informações para os computadores conectados em sua rede.

Site é o conjunto de páginas ou lugar no ambiente Web da Internet que é ocupado com informações (texto, fotos, animações gráficas, sons e até vídeos) de uma empresa ou de uma pessoa. É também o diminutivo de **website**.

Software são os programas, dados e rotinas desenvolvidos para computadores. Os programas de software precisam ser instalados nos computadores para que eles passem a desempenhar determinadas funções.

Suporte ou suporte técnico é o serviço de apoio técnico disponibilizado pelo provedor aos seus clientes de acesso à Internet.

Vírus é um programa de computador que foi desenvolvido intencionalmente para se associar a outro programa de computador, de forma que quando este programa roda o programa do vírus também roda, replicando-se

Web é o ambiente multimídia Internet, também conhecido como **WWW**.

Webmaster Profissional responsável pelo funcionamento, manutenção e atualização de um Web site. Na maioria dos casos, o webmaster deve cuidar tanto da parte de hardware quanto de software do servidor Web. Deve cuidar também do conteúdo do site, colocando novas páginas no ar, corrigindo erros, atualizando informações, etc. Um webmaster "completo", portanto, deve ter conhecimentos de sistemas operacionais, software para servidores, linguagens de programação, HTML e até design e edição de imagens.

Website é um conjunto de páginas ou lugar no ambiente Web da Internet que é ocupado com informações (texto, fotos, animações gráficas, sons e até vídeos) de uma empresa ou de uma pessoa.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M & NOVAES, R. *Apresentação de pesquisas no Evento: debate aberto sobre os jovens hoje*. Auditório do MEC – Rio de Janeiro, 30/08/2001

ALCANTARA, N. M. & COSTA, A. M. *Educação Brasileira – da colonização à globalização*. Editora Central – Universidade Gama Filho, 1998.

ALMEIDA, F. J. & JÚNIOR, F. M. F. Disponível em: < <http://www.jfduran.hpg.ig.com.br/substeoricos.html>>. Acesso em 22 de julho de 2002.

ALVES-MAZZOTTI, Alda J. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo, Pioneira, 2000. 203p.

ALVES, N. & SGARBI, P.(orgs). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____, N. *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ANDRADE, M. M. *Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ANTUNES, M. A. D. *Descobrir e trabalhar valores do jovem na escola*. Rio de Janeiro. 136 f. Tese (Mestrado em educação) - Faculdade de Educação – Universidade Do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

ARAÚJO E OLIVEIRA, J. B. *Perspectiva da tecnologia educacional*. Disponível em: < www.andi.org.br/midia_edu/artigos.html >. Acesso em: 21 jul. 2002.

ARAÚJO, L. F.& CARVALHO, D. *Adolescência, escola e prevenção: dinâmicas sobre a sexualidade e as drogas*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2003.

AREAL, L. *Dos multimeios ao unimeio*. IN: Dissertação de mestrado Design de um Sistema Hipermedia. Universidade Aberta, 1997.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo :Martin Claret.(Coleção a Obra Prima de Cada Autor, 53), 2000.

ÁVILA, F. B. de. *O humanismo e a educação no 3º milênio*. IN: Jornal Folha Dirigida, caderno de debates. Edição nº666 de 01/07 de dezembro, 1998, p. 5.

BAHKTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BALBIO, M. *Dos tempos do BBS até a descoberta da WEB*. Jornal O GLOBO. Caderno de informática etc. 2ª feira, 23 dez 2002, p. 03.

BARTHOLO JÚNIOR, R. S. *Você e Eu: Martin Buber, presença palavra*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

BAUDILLARD, J. *Lê miroir de la production: ou l'illusion critique du matérialisme historique*. Tournai: Casterman, 1973. Traduzido em inglês por Mark Pôster, como *The mirror of production* (St. Louis: Telos Press, 1975).

_____, J. *Simulacres et simulation*. Galillé, Paris, 1981. Tradução em português: *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio D'água. S. ed.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mouro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em educação*. Tradutores: Maira João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Editora Porto, 1994.

BOLETIM WEB QUEST. Informativo mensal nº 5, Agosto 2002. Escola do futuro. Disponível em: < www.webquest.futuro.usp.br/chat >. Acesso em: 14 nov. 2002.

BORGES, M. A. G. *A compreensão da sociedade da informação*. IN: Ci. Inf., Brasília, V. 29, n. 3, p. 25-32, Set/dez. 2000.

BOTTONI, F. *Internet e educação*. IN: LAI, E. Boletim EDUCARE UFRJ. Disponível em: < www.educarecursosonline.pro.br/boletins/boletim__ano_2__no_8.htm > Acesso em: 24 de maio de 2002.

BOULDING, K. E. *O significado do século XX: a grande transição*. Tradução: Jayme F. Monteiro. Portugal, Brasil: Editora Fundo de Cultura. 2000.

CAMPBELL, Joseph - *A imagem mítica*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

CARRANO, Paulo C. R. (1999). *Angra de tantos reis: Práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade*. Niterói: Universidade Federal Fluminense/Faculdade de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação(SPU), tese de doutorado, 450 p.

_____. (2000). *Juventudes: as identidades são múltiplas*. In: Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Niterói: DP&A, n. 1, maio, 11-27.

CARNEIRO, L. O. & CAVALCANTI, I. C. *O ABC da criança e do adolescente*. Rio de Janeiro: Gráfica JB. S/ed.

CASTAGNOLA, Luis e PADOVANI, Umberto. *História da Filosofia*. São Paulo, Melhoramentos, 13ª edição, 1981.

CASTELS, R. *A sociedade em rede*. Volume1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTORIADIS, C. *Encruzilhadas do Labirinto I*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____, CASTORIADIS, Cornelius. *Feito a ser feito: as encruzilhadas do labirinto V*. São Paulo, DP&A, 2000.

CASTRO, L. R. de (Org.). *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

CASTRO, R. I. V. G. & RUSTEN, E. *Internet Chat: uma atividade educacional*. S/ed.

CHATS FAZEM A FESTA NA INTERNET. Disponível em: <www.compsociedade.hpg.ig.com.br/infosoc/textos/chat.htm - 16k>. Acesso em: 12 de julho de 2001.

CENTRO DE PESQUISA MOTIVACIONAL RESEARCH. *Paz é tema de pesquisa*. Disponível em: <<http://www.cpmbr.com.br/>>. Acesso em: 07 de dezembro 2002.

CHAVES JÚNIOR, E. *Políticas de juventude: Evolução histórica e definição*. BVS ADOLEC/ BIREME / OPAS / OMS. Disponível em: <<http://www.bierme.br/bvs/adolec>>. Acesso em: 12 de julho de 2001.

CHAUÍ, Marilena, (1999). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática. DEBATES SOCIOLOGIA, (1987). *Sobre Comunidade*. Nº 203, São Paulo: Editora Perspectiva.

COMMUNICATION RIGHTS IN THE INFORMATION SOCIETY. "Sociedade da Informação" x sociedade civil. Disponível em: <www.crisinfo.org> . Acesso em: 21 ago, 2002.

CONNOR, S. *Cultura pós-moderna*. S. P.: Edições Loyola, 1993.

COOMBS, N. *"Teaching in the Information Age"*. EDUCOM Review, v.27, n.2, 28-31, march-april 1992.

COUTINHO, L. *Ensinando na era da informação*. [1992]. Disponível em: <<http://www.jfduran.hpg.ig.com.br/substeoricos.html>> . Acesso em: 12 de julho de 2001.

CUNHA, G. *Sexo, afeto e era tecnológica*. Disponível em: <http://www.abordo.com.br/sat/res02_gus.htm> . Acesso em: 12 de julho de 2001.

DELAMARO, Maurício César. *Para Além da administração das coisas: modernidade, solidariedade e cidadania no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro. 205 f. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção) - Faculdade de Engenharia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. (trad. Peter Pál Pelbart). Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____, & GUATTARI, F. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. (trad. Aurélio G. neto e outros). Rio de Janeiro: 34, 1995 (vv 1 e 2); 1996 (vv. 3 e 4).

DEMO, P. *Pesquisa e construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____, *Educar pela pesquisa*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

DICIONÁRIO AURÉLIO, (p. 1.656).

DIZARD, w. Jr. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2000.

EDUCAÇÃO, SUBJETIVIDADE E PODER. Humano demasiado humano. Nº 2, vol. 2, abril/ 1995, Porto Alegre.

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ERIKSON, E. H. *Identidade juventude e crise*. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

_____. *The Challenge of Youth*. Garden City: NY (1962).

_____. *Young Man Luther: A Study in Psychoanalysis and History*. New York: NortonFalconer, I. (15/02/1999). Heart Attack. *The New Yorker*, capa. The New Yorker Magazine, Inc.: New York.

Fabbrini A. Mellucci A. *L'età dell'oro. Adolescenti tra sogno ed esperienza*. Feltrinelli, Milano. 1992.

FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 5 ed. S P: Cortez, 1999.

FERRAÇO, C. E. *Escola Nua ou sobre a força e a beleza das ações cotidianas*. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. 1999.

FICHER, J. *A internet e a educação*. Disponível em: <www.includes/colunista_asp>. Acesso em 16 de dezembro 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. *Pedagogia of the city*. 1993.

FREITAS, J. R. *Educação e arte na era tecnológica: pode a arte contribuir para as inovações tecnológicas?* Rio de Janeiro. 23 f. dissertação (Mestrado em tecnologia) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/CEFET - RJ, 1997.

GADOTTI, M. *Educação e poder. Introdução à pedagogia do conflito*. São Paulo: Cortez, 1991.

GAZINO, W. O “esquecedor” e a sociedade da informação. Redação da Gazeta do povo. Disponível em: < www.hottopos.com.br/videtur9/esquece.htm > . Acesso em: 14 jan 2003.

- GIANSANTI, R. *O desafio do desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Atual, 1998.
- GLEISER, M. *Perguntar é preciso*. IN: Jornal folha de São Paulo. Caderno Mais!. 12 de março de 2000, p. 33.
- GODINHO DA COSTA, A. *Exclusão digital*. Monografia (Especialização em Docência Superior) UCAM. Rio de Janeiro, 45 p. 2002.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GÓMEZ, G. Orozco. *Comunicação, educação e novas tecnologias: Tríade do século XXI*. Palestra realizada na abertura do V Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Centro-Oeste, Goiânia, Brasil, Universidade Federal de Goiás, maio, 1999.
- GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.). *Educação Tecnológica: desafios e perspectivas*. São Paulo : Cortez, 1999.
- _____. M. P. S. Z. *Paradigmas em educação: avaliação e perspectivas. Ensaio: Avaliação e políticas Públicas em Educação*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v.1, n.2, p.29-41, jan./mar. 1994.
- _____. M. P. S. Z. *Os novos paradigmas*. 18ª Reunião Anual da ANPED, Caxambu, MG, 1995.
- _____. M. P. S. Z. *Relatório da pesquisa “os valores dos jovens no contexto atual”*. Rio de Janeiro, UERJ/ Faculdade de Educação, 2002.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Gracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- _____, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. In:_. *Cultura, mídia e educação*. Porto Alegre: Educação e Realidade, v.22, n.2, 1997b.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. S. P.: Edições Loyola, 1994.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- HENRY, J. *A revolução científica e as origens da ciência moderna*. R. J.: Jorge Zahar Editor, 1998.
- HENSSEN, J. *Filosofia dos valores*. Tradução: Prof. L. Cabral de Moncada. 5ª ed. Coimbra: Armênio Amado Editor Sucessor, 1980. Coleção Stvdivm – temas filosóficos, jurídicos e sociais.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 2000.

HOPDINS, J. R. 1983. *Adolescence: the transitional year*. New York: academic Press.

INDICADORES SOBRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: BRASIL, 1991 – 96. Brasília, DF: UNICEF; Rio de Janeiro: IBGE, 1997.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Gráficos. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2000. (Normas para apresentação de documentos científicos; nº 06 e nº 10).

KANT, I. *Pedagogia*. Piracicaba, Unimep, 1996. [e versão 1987].

KENSKI, V. M. *Processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias*. IN: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C de (Orgs.). *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 254.

KOHLBERG, L. *Moral educational in the schools – a developmental view*. IN: *The school review*. 1966, 74(1). 1-30.

KOLB, A.; ESTERBAUER, R.; RUCKENBAUER, H-W. (Orgs.). *Ciberética: responsabilidade em um mundo interligado pela rede digital*. Tradução de: Paulo Astor Soethe, Maurício Mendonça Cardozo, Maria José Viana de Almeida-Müller. S P: Edições Loyola, 2001.

KRAMER, S. & OSWALD, M. L. *Didática da linguagem: ensinar a ensinar ou ler e escrever?* Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

LACUEVA, A. *Ciência y tecnologia em la escuela*. Caracas, Venezuela: Editorial Popular; Madri, Espanha: Editorial laboratório Educativo, 2001.

LEITE, I. *Emoções, sentimentos e afetos: uma reflexão sócio-histórica*. 1ª ed. Araraquara: JM Editora, 1999.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. *História dos Jovens*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 8. Reimpressão. Tradução de: Carlos Irineu da Costa. S P: Editora 34 Ltda. 1999. Versão 1993.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 3. ed. S P: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Disponível em: <http://portoweb.com.br/PierreLevy/nossomos.html>. Acesso em 14 de Julho de 2002.

_____. *A nova relação com o saber*. Disponível em: <http://portoweb.com.br>. Acesso em 22 de julho de 2001.

- _____. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- _____. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. *O que é o virtual?* S P: Editora 34, 1996.
- _____. *Tecnologias intelectuais e os modos de conhecer: nós somos texto*. Disponível em: < http://www.dhnet.org.br/direitos/Direitos_Globais/paradigmas/pierrelevy/levy44.html> . Acesso em 13 de julho de 2002.
- LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola pública*. Pedagogia crítico-social-dos conteúdos. São Paulo. Loyola, 1986.
- _____. *Tendências pedagógicas na prática escolar*. Revista ANDE. São Paulo. V3, n. 6, p. 11-19, 1985.
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. SP, EDU, 1986
- MACEDO, M. *Um novo iluminismo*. Resenhas. Disponível em: < <http://www.comciencia.br/resenhas/levy.htm> >. Acesso em: 20 de março de 2001.
- MACLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. 3. ed. Tradução de: Bebel Orofino Schaefer. S P: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000. (Coleção Prospectiva, v. 3).
- MACLUHAN, H.; FIORE, Q. *O meio são as imagens*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1969.
- MAFESOLLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000. p 171.
- MARASCHIN, C. *Conhecimento, escola e contemporaneidade*. IN: PELLANDA N. M. C. & PELLANDA, E. C. *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 106.
- _____. *A psicologia e seus sujeitos*. Disponível em: <<http://teclec.psico.ufrgs.br/oea2000/sujeito.htm>>
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Tradução de: Jacob Gorender. S P: Editora SENAC São Paulo, 2001.
- MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. 5. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MATTOS, C. L. G. & ALMEIDA, S. M. *A metacognição no cotidiano dos jovens infratores: aprendendo a prender em privação de liberdade*. Relatório final da pesquisa Metacognição em sala de aula, convênio: UERJ/ DEGASE: RJ, 2000. v. 1, 184.
- MELGAÇO DA SILVA, B. *A força do trabalho humano e as suas dimensões ética, estética e técnica nas culturas moderna e tradicional*. 451 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia, UFRJ, 1998.

MELUCCI, A. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. IN: Revista Brasileira de Educação, Anped, RJ, 1998, número especial maio/jun/jul/ago, nº 5, 1997 e set/out/nov/dez, nº 6, 1997, p. 3 – 14.

_____, A. 1989. *Nomads of the present: social movements and individual needs in conteporaty society*. Philadelphia: temple University Press.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA . Disponível em : < http://www.jetrório.org.br/internet_no_brasil.htm > . Acesso em: 20/07/2001.

MONTEIRO, A. M. de M. *Os jovens e a educação*. Disponível em: < [http://www.prof2000.pt/users/esam/index\[p\].htm](http://www.prof2000.pt/users/esam/index[p].htm)>. Acesso em: 12 de julho de 2001.

MORAES, D. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. R. J.: DP&A, 2001.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. S P: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. *Ciência com consciência*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Cultura de massa no século XX*. V. 1 e 2. Editora: Forense Universitária.

_____. *A noção de sujeito*. In: *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. SCHNITMAN, Dora Fried (org). Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

MILLER, S. *Civilizing cyberspace: Policy, power, and the information superhighway*. Nova Iorque, ACM Press, 1996.

MOVIMENTO: REVISTA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFF. *Juventude, educação e sociedade*. N.1, maio de 2000. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MUUSS, R. *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte: Interlivros Ltda. 1971.

NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

NISKIER, A. *Educação à distância: a tecnologia da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

NOBREGA, Marcelo. *“China bloqueia mais de 200 mil sites”*. IN: *Jornal do Brasil*, 6 de Janeiro de 2003. Caderno Internet. p . 06.

Novas tecnologias. IN: *LOGOS: Comunicação e Universidade*.. Ano 8, nº 14, 1º semestre/2001.

OLIVEIRA, I. B. de; SGARGI, P. (Orgs.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ORLANDI, E. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1998.

O Uso pedagógico do Web-based-Chat. Disponível em: < www.ltnet.org/SchoolLinks/ChatPilot/Final-Port-FortalezaPaper.doc>. Acesso em 22 de julho de 2001.

INJUVE. Ministerio de Trabajo Y Asuntos Sociales. *Dos generaciones de jóvenes (1960-1998)*. Madrid: Instituto de la Juventud, 2000.

PAIVA, M. R. *Cultura e Participação, Juventude e Mobilização*. In: Juventude em debate. São Paulo: Cortez, 2000.

PARENTE, A. (Org.). *Imagem Máquina, a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

PFROMM NETTO, Samuel. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: MEC, 1976.

PEGORARO, O. A. *Ética e seus paradigmas*. IN: HÜHNE, L. M. *Ética*. Rio de Janeiro: UAPÊ: SEAF, 1997.

PELUSO, A. (Org.). *Informática e afetividade: a evolução tecnológica condicionará nossos sentimentos?* Tradução de: Nelson Souza Canabarro. Bauru, SP: EDUSC, 1998. (Humus).

PEREIRA, A. A.I.S.A. Disponível em: < <http://www.aisa.com.br/quem.html>> Acesso em: 20/07/2002.

PERRONE-MOISÉS, C. *A autonomia no pensamento de Cornelius Castoriadis*. Texto retirado da internet em 20 de novembro de 2000.

PETRAGLIA, I. C. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

PIAGET, J. *O desenvolvimento Moral da idade evolutiva*. São Paulo: Loyola, 1975.

PINTO, J. *O impacto das novas tecnologias sobre a construção/produção do conhecimento*. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/1609p.htm> > . Acesso em: 22 de jul de 2002.

PIRES, L. C. *Jovens colonos desbravam esse novo mundo sem leis*. Disponível em: < www.direito.com.br/ www.mmwd.com/arte >. Acesso em: 22 jul 2002.

POINKARÉ, H. *O valor da ciência*. São Paulo: Editora Contraponto. S/ed.

POLANYI, K. *A grande transformação: as origens da nossa época*. 3ª ed. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

Programa Nacional de Informática na Educação – Ministério da Educação – Secretaria de Educação e Didática. “Os jovens e a internet”. Disponível em: < <http://www.ltnet.org/SchoolLinks/ChatPiloto>> Acesso em 14 jul 2002.

PROINFO. CHATS NAS ESCOLAS EM MINAS GERAIS. Disponível em:

< <http://www.ltnet.org/SchoolLinks/ChatPilot> > Acesso em 14 jul 2002.

RAPPAPORT, C. R. *Encarando a adolescência*. 6ª ed. R J: Editora Ática, 1998.

RAMAL, A. C. *Educação na cybercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. *Juventude e contemporaneidade*. Número especial. SP: Bartira Gráfica e Editora, Mai/Jun/jul/Ago 1997 nº 5; Set/Out/Nov/Dez 1997 nº 6. ANGELINA, T. P. SPOSITO, M. P. (Orgs.).

RONDINI, Eugênio Trivinho. *Cyberspace: Crítica da Nova Comunicação*. Tese de Doutorado, ECA- USP, 1999.

ROUSSEAU, J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo, Martins Fontes, 2ª edição, 1999.

ROUSSEAU, J.J. *A passagem adolescente da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SANTOS, A. R. dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente- contra o desperdício da Experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. R J: Graal, 1989.

SANTOS, M. E. V. M. dos. *Desafios pedagógicos para o século XXI. Suas raízes em forças de mudança de natureza científica, tecnológica e social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

SARTORI, G. *HOMO VIDENS: televisão e pós-pensamento*. Tradução de: Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001. (Verbum)

SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. R J: Mauad, 2002.

SCHELER, M. *Da reviravolta dos valores: ensaios e artigos*. Tradução: Marco Antônio de Santos Casa Nova. Petrópolis, RJ: vozes, 1994. (Coleção pensamento humano).

SCHINITMAN, D. F. (Org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1997.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO CEARÁ. *Internet nas Escolas*. Disponível em:< <http://www.ltnet.org/SchoolLinks/ChatPilot>> Acesso 14 jul 2002

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, S. A. I. *Valores em educação: o problema da compreensão e da operacionalização dos valores na prática educativa*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, T. T. da. *Teoria Cultural e educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVEIRA, S. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: fundação Perseu Abramo, 2001.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO – *LIVRO VERDE DO MEC*. Disponível em: <<http://www.socinfo.org.br>>. Acesso em: julho 2001.

SOUZA, S. J. *Infância e Linguagem*. Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

SPOSITO, M. P. *Imagem e realidade dos jovens. Mundo jovem*. Porto Alegre, v. 47, n. 299, p. 15, ago. 1999.

STOCKINGER, G. *A comunicação como fenômeno emergente*. Revista 404nOtF0und, N. 11, Dez/2001.

Tecnologia Educacional. V. 15. nº 68/69 . Jan/Abr. 1986. Periódico.

TEIXEIRA, A C. *Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social*. Passo Fundo: UPF, 2002.

TENÓRIO, R. M. *Cérebros e computadores: a complementaridade analógico-digital na informática e na educação*. S P: Escrituras Editora, 1998. (Coleção Ensaios Transversais).

TOSCHI, M. S. Linguagens midiáticas em sala de aula e a formação de professores. In: ROSA, D. E. G.; SOUZA, V. C. de S. (org.). *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. R. J.: DP&A , 2002. p. 263 – 279.

VALENTE, M. O. *A escola e a educação para os valores: antologia de textos*. 2 ed. Lisboa, Portugal, 1992.

VALLE, Lílian do. *A escola imaginária*. São Paulo, DP&A, 1997.

_____. Notações de aula. Disciplina: filosofia da educação. Pós-graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em maio 2001.

VAZ, R. O hipertexto. IN: Cut, Copy Paste. Disponível em: <www.Educ.fc.ul.pt>. Acesso em: 20 de outubro de 2001.

VEIGA-NETO, A. & SCHMIDT, S. (org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VELOSO, Dom E. Dos S. *Fundamentos filosóficos dos valores no ensino religioso*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

VIEIRA, J. F. D. *A ousadia de planejar o mundo*. Colégio Municipal Pelotense. Setor de Informática Educativa. S/ed. E-mail: fjduran@zipmail.com.br.

WEISSBERG, Jean-Louis. Real e virtual. In: Parente, A. Coletânea: *A ciência e o imaginário*. Brasília: Editora da UnB, 1994.

WERNECK, V. R. *Educação e sensibilidade: um estudo sobre a teoria dos valores*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WYHROTA, J. L. M. Texto sem título, sem edição. Rio de Janeiro: Intertexto, 1999.

XAVIER, M. C. (org.). *Ensaio de complexidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Centro de Humanidades
 Faculdade de Educação
 Programa de Doutorado em Educação UERJ

Linha de Pesquisa: Cotidiano e Cultura Escolar
 Eixo Pesq: Formação de Valores e Subjetividades
 Orientadora: Prof^a Dr^a. Mirian P. S. Z. Grinspun
 Mestranda: Patrícia Maneschy D. Costa

Pesquisa: “Os Jovens e o Mundo Virtual: as artimanhas dos valores nos chats da internet”

Oi, sou professora e pesquisadora da UERJ.

Estou realizando um estudo sobre os valores, a sociedade da informação e o comportamento dos jovens nos Chats de Internet e venho pedir sua colaboração na minha pesquisa respondendo o questionário abaixo.

QUESTIONÁRIO

1) Você tem acesso a internet em salas de Bate Papo (Chats)?

Sim Não

Se a sua resposta foi “Não”, responda somente à 2ª pergunta.

4) Marque por ordem de importância o motivo pelo qual você entra nas salas de Bate Papo (Chats):

Conhecer pessoas Aprender coisas
 (Zoar) Passar tempo
 Fazer Amigos
 Outro: _____

2) Idade _____ Sexo M F

Tipo de Escola que estuda:

Particular Pública

5) Quantas horas você acessa as salas de Bate Papo (Chats) por semana aproximadamente?

1 hora de 8 – 10 horas
 de 2 – 4 horas mais de 10 horas
 de 5 – 7 horas

Só continue se você respondeu “Sim” à pergunta nº1

3) De onde você **mais** acessa a sala de Bate Papo (chats)? Assinale apenas uma opção.

Casa Trabalho
 Escola Amigos
 Locais Públicos (cafés, comunidade, bibliotecas, cyberespaços)

Outros: _____

6) Quando você entra na Sala de Bate Papo (Chats) para conversar, de que assuntos você fala? Marque quantos itens desejar.

Amizade Profissão Cinema
 Família Economia Viagens
 Escola Eleições 2002 TV
 Religião Computador
 Sexo Esporte
 Drogas Música
 Outros: _____

<p>7) Você já participou de alguma situação virtual que se tornou real?</p> <p style="text-align: center;"><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Se você marcou "Sim", indique em que tipo de relação se transformou:</p> <p><input type="checkbox"/> De namoro <input type="checkbox"/> De amizade</p> <p><input type="checkbox"/> De grupo de cooperação (ajuda)</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: _____</p> <p>_____</p>	<p>10) Se você pudesse determinar algumas regras de comunicação para as salas de Bate Papo (Chats), que regras você determinaria?</p> <p>Marque quantos itens desejar.</p> <p><input type="checkbox"/> Não usar palavrões para ofender</p> <p><input type="checkbox"/> Não fazer anúncio de outros chats ou sites</p> <p><input type="checkbox"/> Não espalhar boatos</p> <p><input type="checkbox"/> Não invadir a conversa de quem está no espaço "reservado"</p> <p><input type="checkbox"/> Não zoar a conversa dos outros</p> <p><input type="checkbox"/> Eu não determinaria nenhuma regra</p> <p><input type="checkbox"/> Outras: _____</p>
<p>8) Você muda aspectos da sua identidade nas Salas de Bate Papo (Chats)?</p> <p style="text-align: center;"><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>a) Se você marcou "Sim", o que você muda?</p> <p><input type="checkbox"/> Idade <input type="checkbox"/> Fatos da sua vida</p> <p><input type="checkbox"/> Aparência (cor de olhos, cabelo, peso, etc)</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: _____</p> <p>b) Por que motivo você muda de aspectos da sua identidade?</p> <p><input type="checkbox"/> Para me mostrar como eu gostaria de ser</p> <p><input type="checkbox"/> Para não me excluírem da conversa</p> <p><input type="checkbox"/> Para experimentar uma personalidade bem diferente da minha</p> <p><input type="checkbox"/> Para Zoar</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: _____</p>	<p>11) O uso das salas de Bate Papo (Chats), poderiam ser úteis para o seu aprendizado na escola?</p> <p style="text-align: center;"><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Se você marcou "Sim", dê suas sugestões:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
<p>9) Você já mudou de idéia a respeito de algum assunto a partir de conversas em Salas de Bate Papo (Chats)?</p> <p style="text-align: center;"><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p> <p>Se você marcou "Sim", em que assunto(s) você mudou de idéia?</p> <p><input type="checkbox"/> Amizade <input type="checkbox"/> Profissão <input type="checkbox"/> Cinema</p> <p><input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Economia <input type="checkbox"/> Viagens</p> <p><input type="checkbox"/> Escola <input type="checkbox"/> Eleições 2002 <input type="checkbox"/> TV</p> <p><input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Computador</p> <p><input type="checkbox"/> Sexo <input type="checkbox"/> Esporte</p> <p><input type="checkbox"/> Drogas <input type="checkbox"/> Música</p> <p><input type="checkbox"/> Outro: _____</p>	<p>Bem, agora que você já concluiu, gostaria de lhe agradecer e esclarecer que os dados desta pesquisa estão a sua disposição. Para isto poderá comunicar-se comigo no e-mail: patymaneschy@hotmail.com.br ou na UERJ – Programa de Doutorado em Educação da Faculdade de Educação – 12^o andar.</p> <p style="text-align: center;">Obrigada por sua participação!</p>

ANEXO II

Demonstrativo dos resultados da resposta “outros” nas perguntas do questionário.

COLÉGIO DOM BOSCO

Questão: 04

- arrumar namorada: 01
- falar/conversar com amigos: 07
- conversar com pessoas que conheço mas não posso ver normalmente: 01
- fazer publicidade da minha banda e falar com amigos meus: 01
- conversar com a namorada e amigos: 01
- pesquisar sobre trabalhos escolares: 02
- todos itens são importantes: 03

Questão: 06

- MP3: 01
- Saber da vida dos outros:01
- Saber sobre festas: 03
- Namoro:03
- Ficar por dentro das paradas: 02
- Sentimentos: 01
- Saber sobre meus amigos: 01
- Jogos: 02
- Paquera:01
- Todas as alternativas:01
- Zoeira/ ficar zoando:01

Questão: 08

a)

- profissão
- onde estudo

- o que faço
- mudo em todos os itens
- nome
- situação financeira
- local onde mora

b)

- depende da situação
- apenas para não revelar a verdadeira identidade
- para manter-me anônimo: 02

Questão: 07

- brigar: 02

Questão: 09

- pessoas
- uns rolos aí
- minha opinião em filosofia sobre Renè Descartes
- decisões importantes para banda e com os outros integrantes que também entram
- a vida em geral

Questão: 10

- não fazer food: 04
- nunca fugir do assunto sugerido no chat
- obrigado a fazer food e entrar no ASFIXIA

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO – ISERJ

Questão: 03.

- curso de inglês/ informática: 03
- trabalho do pai
- parente

Questão: 04

- falar de sexo: 02
- saber o que está rolando
- motivos excusos

- treinar a escrita em inglês
- curiosidades: 01
- conversar com pessoas que já conheço: 01
- convocar pessoas para jogar jogos eletrônicos: 01

Questão: 06

- namoro, outras várias coisas:05
- Festas: 02
- Comportamento, ciência, etc: 01
- Dança: 01
- Sobre a vida: 01
- Assuntos políticos: 01
- Passeios: 01
- Assuntos diversos: 01
- Zoar e vida: 01
- Informática: 01
- Mulheres: 01
- De tudo um pouco: 01
- RPG: 01
- As melhores saídas do final de semana: 01
- Jogos eletrônicos: 01
- Assuntos do momento: 01

Questão: 07

- de ficar: 02
- marquei com a garota e me encontrei com a mesma uma só vez: 01
- sexo: 01
- de amizade e de namoro: 02
- todos: 01
- passeio: 02
- jogo de RPG: 01

Questão:08

a)

- onde moro: 02

- nome: 02
- todos: 03

b)

- para saber como agiria sendo mais velha
- apelido

Questão: 09

- comportamento

Questão: 10

- proibir / não admitir pornografia: 02
- quantidade maior de pessoas
- pode falar palavrão: 02
- não passar vírus eletrônico para o meu computador

CENTRO EDUCACIONAL DE NITERÓI – CEN

Questão 03: * Casa, escola e amigos: 02

- Avó: 01

Questão 04:

- conversar com amigos : 24 (podem ser da escola ou de outros lugares)
- Falar com meus amigos ao mesmo tempo e abertamente: 01
- ver imagens eróticas: 01
- praticar inglês: 01
- falar com todo mundo: 01
- conversar, combinar coisas com conhecidos: 01
- falar com amigos velhos na Finlândia: 01
- zoar os amigos – conversar com eles: 01
- fingir que sou outra pessoa, sair e voltar como eu mesma: 01
- figuração: 02

Questão 06:

- Todos: 07
- Sei lá: 01
- Vida no exterior: 01
- Matar saudade de pessoas que estão longe: 01

- Só falo com amigos que já conheço: 03
- Namoro: 02
- Não interessa: 01
- Sobre festas, night, etc: 02
- Moda, homens, mulheres, gays, lésbicas e simpatizantes: 01
- Meninos: 01
- Tudo que eu quiser: 01
- Sobre meu namorado que amo: 01
- O que eu estiver a fim: 01
- Assuntos do nosso dia a dia o que tivermos a fim de conversar. Não há um assunto determinado: 04
- Sala de Niterói: 01
- Literatura: 01

Questão 07:

- namoro e amizade: 09
- ficar: 03 * pequei muito: 01

Questão 08:

a)

- nome: 01
- Tudo quando quero zoar: 01
- Não falo disso: 01

b)

- para não saberem quem sou: 02
- Para ser outra: 01

Questão 09:

- relacionamentos amorosos: 01
- as idéias que eu não consegui defender: 01
- Literatura e política: 01
- Amor: 01

Questão 10:

- Só entrasse meus amigos: 01.
- Não invadir o computador do outro: 01

COLÉGIO ANDREWS

Questão 04:

- Conversar com amigos que já conheço : 17(podem ser da escola ou de outros lugares) ICQ
- ICQ: 01
- Falar com meus amigos que moram fora (na antiga cidade que eu morava): 02
- Falar com namorado: 01
- Arranjar mulher: 02
- Jogar: 01
- Traçar relacionamentos amorosos: 01
- Carência: 01

Questão 06:

- Todos: 01
- Mulheres: 02
- Sobre o cotidiano: 04
- Final de semana – últimas notícias (qual a boa, festas): 05
- Diversos assuntos: 02
- Sacaneio as pessoas da sala: 02
- Encontros e namoros: 01
- Jogar conversa fora e descobrir programas bons: 01
- Jogar: 02
- RPG: 02
- Rock and Roll: 01
- Saber como vão os amigos do intercâmbio: 01
- O que tem para fazer: 01
- Informações pessoais e bobagens: 01

Questão 07:

- Namoro e amizade: 04
- Ficar: 01
- Pegar mulher: 01
- Confraternização: 01

- Message a troi: 01
- Vídeo-game: 01

Questão 08:

a)

- Nome: 05
- Mudança de sexo: 02
- Onde moro: 01
- Lugar onde moro: 01
- Tudo o possível: 01

b)

- Para não saberem quem sou (disfarce): 01
- Cuidados pois não sabemos quem vamos conhecer num chat (segurança): 04
- Não interessa aos outros meu nome e onde moro: 01
- Segurança pessoal: 02
- Para ser feliz: 01

Questão 09:

- Amor: 01
- Rock and Roll: 01
- Como é viver longe de casa: 01

Questão 10:

- Proibir números de telefones e endereços: 01
- Falar a verdade: 01
- Tiraria o Flood: 01
- Não haveria conversa no reservado: 01
- Zorra: 01

COLÉGIO APLICAÇÃO DA UERJ

Questão 03:

- Curso de informática: 01

Questão 04:

- Só quando o pessoal da classe inventa de ir em alguma: 01

Questão 06:

- Todos: 01
- Tenho acesso mas quase não vou: 01
- Lugar onde mora, idade, do que gosta etc.: 01
- Só falo zoando: 01

Questão 07:

- Jogo e amigos da NET: 01
- Ficar: 01

Questão 08:

a)

- nome: 01

Questão 10:

- Todas: 01

OBSERVAÇÕES:

- Os chats que normalmente usados são os do ICQ, bate-papo yahoo no cadê, o msn e o Mirc.
- A configuração do ICQ, necessário o código para enviar mensagem particular, pode falar com varias pessoas ao mesmo tempo, tanto em particular como em grupo, porém o acesso ao grupo só acontece com a autorização da pessoa.

ANEXO III

Apresentação da Base de análise de dados da pesquisa através do cruzamento das informações realizadas por meio das seguintes Queires montadas, pesquisadas e demonstradas abaixo.

Queries:

Gráficos 3.1 e 3.1.1

Totais:

Acessam: SELECT Count (PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD FROM PESQUISA
HAVING

((PESQUISA.Q1)="Sim");

Não Acessam: SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD FROM
PESQUISA HAVING ((PESQUISA.Q1)="Não");

Particular:

Acessam SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q23)="Particular") AND ((PESQUISA.Q1)="Sim"))
ORDER BY Count(PESQUISA.CÓD) DESC;

Não Acessam: SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA

HAVING (((PESQUISA.Q1)="Não") AND ((PESQUISA.Q23)="Particular"))
ORDER BY Count(PESQUISA.CÓD) DESC;

Público:

Acessam: SELECT Count([PESQUISA].[CÓD]) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA

HAVING (((PESQUISA.Q23)="Pública") AND ((PESQUISA.Q1)="Sim"))
ORDER BY Count([PESQUISA].[CÓD]) DESC;

Não Acessam: SELECT Count([PESQUISA].[CÓD]) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA

HAVING (((PESQUISA.Q1)="Não") AND ((PESQUISA.Q23)="Pública"))
ORDER BY Count([PESQUISA].[CÓD]) DESC;

Gráfico 3.2:

SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA

HAVING (((PESQUISA.Q1)="Sim") AND ((PESQUISA.Q21)='N'));

Onde: 13 <= N <= 20

Gráfico 3.2.1:

Idade– Feminino/Masculino

SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD

```
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q1)="Sim") AND ((PESQUISA.Q21)=x) AND
((PESQUISA.Q22)="y"));
Onde: 13 <= x <= 20 e y="F" ou y="M"
```

Gráfico 3.3:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q3)=" Local ") AND ((PESQUISA.Q23)=" Escola"))
ORDER BY Count(PESQUISA.CÓD) DESC;
```

Onde:

Local = {amigos, casa, escola, locais públicos, trabalho e outros}

Escola = { particular e pública}

Gráfico 3.4:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA INNER JOIN Q4 ON PESQUISA.CÓD = Q4.Reg
HAVING (((Q4.Opção)="Aprender Coisas") AND ((Q4.[N Opção])=1));
```

Onde:

Opção = { Aprender Coisas, Zoar, Fazer Amigos, Conhecer Pessoas, Passar Tempo e Outros }

1 <= Num_Opcao <=6

Gráfico 3.5:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q5)="Horas") AND ((PESQUISA.Q1)="Sim"))
ORDER BY Count(PESQUISA.CÓD) DESC;
```

Onde:

Horas = {1, 2 à 4, 5 à 7, 8 à 10, Mais de 10}

Gráfico 3.6:

```
SELECT Count(Q6.Reg) AS ContarDeReg
FROM Q6
HAVING (((Q6.Opção)="Opção")); e
SELECT Count(Q6.Reg) AS ContarDeReg
FROM PESQUISA INNER JOIN Q6 ON PESQUISA.CÓD = Q6.Reg
HAVING (((Q6.Opção)="Outros") AND ((PESQUISA.Q22)="Sexo"));
```

Onde:

Opção = { Amizade, Família, Escola, Religião, Sexo, Drogas, Profissão, Economia, Eleições 2002, Computador, Esporte, Música, Cinema, Viagens, TV, Outros }

Sexo = { M, F }

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q7)="Sim") AND ((PESQUISA.Q22)="F"));
```

Gráfico 3.7:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q7)="Opção));
```

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q7)="Não") AND ((PESQUISA.Q22)="Sexo"));
```

Gráfico 3.7.1 e Gráfico 3.7.2:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q7)="Sim") AND ((PESQUISA.Q22)="Sexo") AND
((PESQUISA.Q71)="Relação"));
```

Onde:

Opção = { S, N }

Sexo = { M, F }

Relação = {Namoro, Amizade, Grupo Coop., Outros}

Gráfico 3.8:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q8)="Opção"));
```

Onde:

Opção = { Sim, Não }

Gráfico 3.8.1:

```
SELECT Count(Q81.Reg) AS ContarDeReg
FROM Q81
HAVING (((Q81.Opção)="Fatos da sua vida"));
```

Onde:

Opção = { Idade, Aparência, Outros, Fatos da sua vida }

Gráfico 3.8.2:

```
SELECT Count(Q82.Reg) AS ContarDeReg
FROM Q82
HAVING (((Q82.Opção)="Opção"));
```

Onde:

Opção = {Para mostrar como eu gostaria de ser, Para não me excluírem da conversa, Para experimentar uma personalidade bem diferente da minha, Para Zoar, Outros}

Gráfico 3.9:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD
FROM PESQUISA
HAVING (((PESQUISA.Q9)=" Opção "));
```

Onde:

Opção = { Sim, Não }

Gráfico 3.9.1:

```
SELECT Count(Q9.Reg) AS ContarDeReg
FROM Q9
HAVING (((Q9.Opção)=" Assuntos "));
```

Onde:

Assuntos = {Amizade, Família, Escola, Religião, Sexo, Drogas, Profissão, Economia, Eleições, Computador, Esporte, Música, Cinema, Viagens, TV, Outros}

Gráfico 3.10:

```
SELECT Count(Q10.Reg) AS ContarDeReg  
FROM Q10  
HAVING (((Q10.Opção)="Regras"));
```

Onde:

Regras = { Não usar palavras para ofender, Não fazer anúncio de outros chats ou sites, Não espalhar boatos, Não invadir a conversa do reservado, Não zoar a conversa dos outros, Eu não determinaria nenhuma regra, Outras}

Gráfico 3.11:

```
SELECT Count(PESQUISA.CÓD) AS ContarDeCÓD  
FROM PESQUISA  
HAVING (((PESQUISA.Q11)="Opção "));
```

Onde:Opção = { Sim, Não }

ANEXO IV

Lista de sites de salas de chat pesquisados.

Site da IRC. – MIRC.

<http://www.mirc.co.uk>

www.superencontros.com.br/ircpapo.htm



<http://home.uol.com.br/>



<http://web.icq.com/>



<http://br.chat.yahoo.com/>



<http://groups.msn.com/people.msnw?pgmarket=en-us>

ANEXO V

Lista de opiniões dos jovens sobre o uso das salas de chats como ambientes de aprendizagem.

Opiniões a Respeito do Assunto

Tirar duvidas com o professor, fazer exercícios sem sair de casa.

Seria bom, pois facilitaria o aprendizado e ficaria de um jeito mais descontraído.

Para que mantenham uma amizade mais aberta com as pessoas que você não conhece.

Não quero dar sugestões prefiro ficar com a minha opinião reservada só para mim, pois talvez não agrade todo mundo Jéssica.

Pra uma porrada de coisa, mas na nossa idade nem tem como. Mas, de vez enquanto ajuda.

Sim quando você pergunta alguma coisa para um amigo ou amiga quando tem dúvida de alguma coisa.

Conhecer outras regiões seria útil, de outros países para a cultura entre outros,

Conversar com pessoas estrangeiras no caso inglesas, americanas, francesas, para entrar em contato com palavras diferentes e gírias de cada país.

É claro que depende que rumo a conversa vai ter... Mais se for um assunto saudável com certeza é muito útil nas escolas.

Prefiro não comentar a respeito disso, cada um tem sua opinião.

As pessoas poderiam ajudar uns aos outros nas matérias com dificuldade, ficaria mais divertido a aprendizagem assim tornando mais animador a aula e assim o aluno se interessaria mais na aprendizagem.

Conversa entre alunos de escolas e países diferentes, comparação de sistemas de ensino.

Para ver outros pontos de vista, algo que estou aprendendo.

Se as salas de bate papo fossem melhores e com boas freqüências, poderia ajudar bastante nos estudos como pesquisas com outras pessoas e etc.

Conversar com pessoas de outras escolas e até de outros países.

Poderia ser um meio dos alunos se comunicarem com professores de outras escolas.

Normalmente os chats não tem conteúdo informativo, a internet é rica em tantas outras fontes, para que pesquisar ou tentar aprender justo com chat? Ate os blogs são mais instrutivos.

Pois uma conversa entre duas pessoas nada mais é que troca de informações e poderia ser aproveitado mais para esse lado. As salas poderiam dar sugestões também, temas para serem debatidos em sala.

Pode se comentar assuntos de atualidade e aprender coisas novas de vários assuntos.

É melhor para lembrar trabalhos debater com amigos e muitos outros fatores importantes.

Porque acho que haveria uma maior comunicação entre os jovens em várias áreas e aspectos.

Para interagir, para a troca de idéias a um nível intelectual elevado, demonstrando conhecimento e para aperfeiçoamento em assuntos pré requisitados.

para pesquisar assuntos de trabalhos.

Para falar com professor, saber das opiniões das pessoas sobre assuntos em discussão.

Os alunos conversarem e discutirem sobre bate papo.

A comunicação entre grupos de trabalho integração dos alunos, quando se conversa se atualiza.

Pois, as vezes eu entro nos chats para realizar trabalhos e tarefas escolares com meus amigos.

Isso quando não podemos nos reunir pessoalmente.

Conhecer assuntos novos e outras pessoas.

Professores tirando dúvidas em matérias que a gente acha difícil.

Na internet aprende-se muito e o colégio poderia apoiar-nos para melhorar o nosso convívio em grupo pois a net nos ajuda conhecer várias pessoas

Sim porque faz conhecer novas amizades, aprendizados e se atualizam.

Conversando com pessoas de outros países sobre as culturas.
Seria legal ter aulas pelo computador.
Aprendemos coisas novas que podemos compartilhar com nossos amigos.
Sim, pois poderia trocar conhecimentos e informações.
Maior amplitude de integração social e troca de experiências, informações, etc.
Pois você conheceria pessoas que sabem um pouco mais do que você e poderá trocar idéias, conhecimentos e estudaria melhor. Além das pesquisas etc.
No caso, ajudaria para aprendermos mais a fazer amizade com pessoas diferentes etc.
Lá você fica sabendo de varias coisas novas, você aprende coisas novas.
Você pode conhecer pessoas da mesma faixa etária. Da também podem surgir troca de idéias saudáveis.
Conversando com outras pessoas par aprendermos mais sobre o assunto.
Porque se conversando com outros já é um motivo de aprendizado mesmo não percebendo e o convívio com outras pessoas ajuda no seu convívio social.
Poderíamos trocar idéias sobre determinada matéria na escola e etc.
Você pode trocar informações sobre coisas variadas.
Você conhece outras opiniões.
O professor deveria tirar dúvidas através dos bate-papos.
Porque eu aprenderia coisas novas.
Poderia ter salas especiais para cada matéria para que ela fosse discutida.
Se existissem "canais" para que alunos e professores pudessem se comunicar para que trocassem idéias e tirassem dúvidas.
Criar salas para tirar dúvidas das matérias.
Opções de cursos e opções também de estágios para os estudantes.
Quando você se comunica com pessoas diferentes isto faz que alguns conceitos se modifiquem ou se firmem. A partir do momento que estamos interagindo com pessoas diferentes.
Ficaria mais amplo a discussão dos temas.
Ajudando com dicas para pesquisa, para descontrair, entre outros.
Indicação de sites para pesquisa comentários sobre trabalhos.
Tem muitos chats que falam sobre escola.
Em bate papos vinculando uma sala de aula em que o usuário tiraria as dúvidas sobre a matéria em questão.
A escola pode ajudar. Se uma pessoa for muito tímida e não conseguir fazer amigos no seu bairro ou no seu colégio, é possível ela "se dar bem" em salas de bate-papo e aprender assim, a ser mais comunicativa e menos tímida.
A utilização do fórum, sistema de envio de mensagens seria uma forma de ajudar as pessoas.
Perguntas sites de busca escolar.
Por exemplo o chamado fórum de bate papo são pessoas reunidas para discutir, aprofundar e e passar coisas sobre um determinado assunto.
Para que os alunos pudessem trocar informações sobre as matérias que tivessem mais dificuldades.
Para o centro de idiomas.
Pesquisas e aprofundamento de estudos.
Quando tiver dúvida sobre alguma matéria, peça ajuda para alguém que estiver teclando.
Se for levado a sério com respeito, sem zoeira.
Posso aprender com as outras pessoas e elas aprenderem comigo! Ou até mesmo perguntar se sabe.
Não tenho sugestões no momento.
Conhecer pessoas.
Poderíamos aprender muito mais com os outros.
Para conversar com professores e tirar dúvidas. Só de professores do colégio.
Grupos de estudos virtual, e pesquisa.
Pode ser útil na proliferação de conteúdos de aula. Além de fazer com que não só alunos, mas também professores possam passar conteúdos através das salas de chats.
A sala deve ser utilizada para encontros entre amigos e a debates sobre trabalhos.
Trocar informações sobre um determinado assunto.

Para as aulas de línguas estrangeiras, entrando em canais de outros países.
Mas não é o que acontece. Nessas salas só se falam coisas não relacionadas a este ponto.
Não sei o que poderia ser feito mas acho que as pessoas entram nas salas para curtir e não para ficarem enriquecendo seu aprendizado.
Para praticar uma língua estrangeira, seria interessante entrar num chat de outro país.
Tirando dúvidas de algumas matérias.
Salas de bate papos reservadas para grupo de estudos, podendo ser realizado, assim, discussões sobre temas diversos e a capacidade de se tirar dúvidas através de professores acessados na sala ou até mesmo outras pessoas.
Tirando dúvidas eventuais com colegas.
Poder acessar uma sala em que se pudesse fazer entrevistas a personalidades e intelectuais de importância escolar.
Como troca de experiências.
Troca de idéias.
Poderiam existir salas em que se discutiriam os assuntos de cada série.
Poderia existir salas de bate papo para tirar dúvidas...
Depende, é muito raro, mais às vezes quem sabe?!
Se as conversas fossem mais sérias.
Não sei.
Pois você troca idéias com muitas pessoas que podem contribuir sim de algum jeito para seu aprendizado.
Para trocar idéias, pensamentos, informações e diminuiria a conversa durante a aula na informática.
As pessoas poderiam usar as salas de bate papo como meio de informação, ou seja, troca de experiência e assuntos construtivos como por exemplo a educação.
Pois poderíamos ter uma pequena noção do vocabulário dos nossos jovens.
Trocar idéias sobre as matérias, etc.
Aprender um pouco mais sobre computador, teclar mais rápido, etc.
Acho que se pudéssemos nos comunicar com professores ou algum profissional no Bate Papo ia ser melhor tento para tirar dúvida quanto para "trocar uma idéia".
Aprender matéria de escola com um amigo.
Uma sala onde professores de várias matérias ficassem para tirar dúvidas.
É uma forma de trocar conhecimentos e de conhecer pessoas novas.
Não acredito que acrescentem nenhum tipo de conhecimento aprofundado, a não ser que sejam salas de bate papo sobre um determinado tema, com pessoas realmente interessadas que tenham informações relevantes para serem trocadas.
Essa idéia já foi implantada pelo portal educacional (www.portaleducacional.com.br), onde você pode conversar com professores nos chats reservados. E quiser saber mais fale comigo. Jfanjos@uol.com.br.
Pode haver um intercambio de idéias entre os alunos de diferentes lugares e escolas.
Porque ai a pessoa poderia debater sobre vários assuntos.
Nunca pensei nisso. Uso o chat para me divertir com os meus amigos e para fazer novos... E ponto final.
Como se fosse fóruns sobre assuntos específicos restrito a conhecidos.
Para a troca de idéias e informações.
Não a maioria. Mas algumas são diferentes e apresentam elementos totalmente novos.
Você pode conhecer outras culturas e aperfeiçoar as outras línguas através de conversas com pessoas de outros países, ou até mesmo conhecer sobre o seu próprio pais conversando com pessoas de outras regiões ou da sua mesma.
Professores on line para tirar as duvidas sem sair de casa.
Pegar sugestões e tirar dúvidas com alguém.
Para debater assuntos diversos com pessoas do mundo inteiro.
Conversar sobre matérias escolares.
Poderia haver canais em que fosse possível tirar dúvidas das matérias.
Entrar em canais onde sua turma esteja e comentar sobre trabalhos, provas ...
Novos conhecimentos.

Quem sabe uma discussão sobre ciências ou sei lá o que.

Mas se as pessoas fossem aos chats com seriedade realmente; mas como não é o caso...

Poderíamos estudar com professores particulares através do chat.

Salas de bate papos para anos letivos diferentes. Assim como é salas para Rio de Janeiro ou São Paulo, poderia haver uma para 1º ano do Ensino Médio etc.

Nas salas de bate papo as pessoas conversam e aprendem de maneira legal.

Porque pode trocar idéias de conteúdos.

Apenas se encontrasse algum professor ou alguém experiente em casos escolares.

Fazer jogo de conhecimento geral numa sala de bate-papo.

Chats com professores, onde você possa expor suas dúvidas e alcançar as respostas para seus problemas.

Criar uma sala somente para a escola, sem o reservado, onde os alunos poderiam tirar duvidas on line.

Marcando com o professor um horário regular.

Pode-se tirar dúvidas com professores etc...

Tirar dúvidas com outras pessoas, debater assuntos, discutir tema diversidade de coisas úteis.

Para trocar idéias com outras pessoas.

Troca de matéria entre alunos. Tirar dúvidas online. Uma forma de invadir a rede do colégio.

Para saber como é a vida das outras pessoas, a vida na escola, é claro!

Aprendizado em geral.

Aular de temas polêmicos que são difíceis de serem abordados pessoalmente.

Poderia ter chats para tirar duvida sobre uma determinada matéria com professores.

Conhecer pessoas que podem nos ajudar, mas isso é muito difícil, já que a maioria das pessoas que entram nos chats só estão "zoando".

Todos que usam salas de bate papo geralmente o fazem para "zoar".

Depende das pessoas com quem você conversa e que tipo de chat é. Se o chat é para pessoas discutirem política, só vão entrar pessoas pra conversar tel assunto. E assim por diante.

Para trocarmos idéias com pessoas de outras escolas.

Em apenas uma boa conversa, pode aprender muitas coisas.

Tirar duvidas com o professor, fazer exercícios sem sair de casa.

Seria bom, pois facilitaria o aprendizado e ficaria de um jeito mais descontraído.

Para que mantenham uma amizade mais aberta com as pessoas que você não conhece.

Não quero dar sugestões prefiro ficar com a minha opinião reservada só para mim, pois talvez não agrade todo mundo Jéssica. *

ANEXO VI

Lista das cópias das conversas nas salas de chats

Sala em 06 de julho de 2001. A pesquisadora tenta participar, porém é excluída pelo grupo.

(00:44:03) Rick fala para Todos: alguém quer tc?

(00:44:05) Anonymous Todos: Entra na sala...

(00:44:07) _|_ C H A P A D O _-|- SIMPLISMENTE O MAIS SINISTRO _|_ grita com †|V|ariana_MINA†××GJ: oi, tudo bem?

(00:44:24) D@vidBH Todos: Sai da sala...

(00:44:39) Poeta-do-mar fala para Todos: evc?

(00:44:41) azuli Todos: Entra na sala...

(00:45:30) gata solitaria Todos: Entra na sala...

(00:45:40) _|_ C H A P A D O _-|- SIMPLISMENTE O MAIS SINISTRO _|_ grita com □Sr.BANDIDINHO: kra, vou sair, to com o maior sono! †+

(00:45:50) spy Todos: Entra na sala...

(00:45:53) □Sr.BANDIDINHO fala para _|_ C H A P A D O _-: FAROW

(00:45:54) top models fala para Rick: oi.

(00:45:58) _|_ C H A P A D O _-|- SIMPLISMENTE O MAIS SINISTRO _|_ grita com Todos:  boa noite a todos!

(00:46:01) Petrus-SC Todos: Entra na sala...

(00:46:05) fodas grita com Todos: que issu tiaaaaaaaaaa so machu sua top huah uah hua se ne top

(00:46:07) SEAKOS fala para Todos: VISITE A SEAKOS HOME PAGE - FOTOS DE SEXO, TEENS, AMADORAS, GAYS, BUNDAS, GRAVIDAS, ORIENTAIS, LESBICAS, TRAVESTIS, FOTONOVELA, CLOSE, SERIES, GIFS, VIDEOS E BATE PAPO.

www.seakos.hpg.com.br OU www.seakos.kit.net

(00:46:13) gata solitaria fala para Todos: alguem afim de tc?

(00:46:16) _|_ C H A P A D O _-|- SIMPLISMENTE O MAIS SINISTRO _|_ grita com Todos:  beijos p/ as princesas!

(00:46:23) _|_ C H A P A D O _-|- SIMPLISMENTE O MAIS SINISTRO _|_ grita com Todos: fui!

(00:46:25) _|_ C H A P A D O _-|- SIMPLISMENTE O MAIS SINISTRO _|_ Todos: Sai da sala...

(00:46:28) top models fala para spy: vc e m ou h?

(00:46:28) top models fala para spy: vc e m ou h?

(00:46:37) premio Todos: Entra na sala...

(00:46:45) Vitor Todos: Entra na sala...

(00:46:54) Mar!!avilhos@ pergunta para (M@rqu!nh[]s23) (CFC:  O amor imaturo diz: te amo porque preciso de ti, o maduro diz: preciso de ti porque te amo.

(00:46:55) premio fala para Todos: SEXO69 - MAIS DE 100.000 FOTOS ERÓTICAS E MAIS DE 500 VIDEOS ERÓTICOS DIVIDIDOS EM 27 CATEGORIAS - SEXO69 ESTARÁ SORTEANDO 1(UM) PRÊMIO POR SEMANA! APROVEITE ESTA PROMOÇÃO E PARTICIPE!!! - O MAIOR E MELHOR CONTEÚDO ERÓTICO! CONFIRA: <http://www.terra.ca.tc>

(00:46:56) premio fala para Todos: SEXO69 - MAIS DE 100.000 FOTOS ERÓTICAS E MAIS DE 500 VIDEOS ERÓTICOS DIVIDIDOS EM 27 CATEGORIAS - SEXO69 ESTARÁ SORTEANDO 1(UM) PRÊMIO POR SEMANA! APROVEITE ESTA PROMOÇÃO E PARTICIPE!!! - O MAIOR E MELHOR CONTEÚDO ERÓTICO! CONFIRA: <http://www.terra.ca.tc>

(00:46:57) premio fala para Todos: SEXO69 - MAIS DE 100.000 FOTOS ERÓTICAS E MAIS DE 500 VIDEOS ERÓTICOS DIVIDIDOS EM 27 CATEGORIAS - SEXO69 ESTARÁ SORTEANDO 1(UM) PRÊMIO POR SEMANA! APROVEITE ESTA PROMOÇÃO E PARTICIPE!!! - O MAIOR E MELHOR CONTEÚDO ERÓTICO! CONFIRA: <http://www.terra.ca.tc>

(00:47:06) premio fala para Todos: SEXO69 - MAIS DE 100.000 FOTOS ERÓTICAS E MAIS DE 500 VIDEOS ERÓTICOS DIVIDIDOS EM 27 CATEGORIAS - SEXO69 ESTARÁ SORTEANDO 1(UM) PRÊMIO POR SEMANA! APROVEITE ESTA PROMOÇÃO E PARTICIPE!!! - O MAIOR E MELHOR CONTEÚDO ERÓTICO! CONFIRA: <http://www.terra.ca.tc>

00:47:20) fodas grita com Todos: o top se é o q modelo é ??

(00:47:27) premio Todos: Sai da sala...

(00:47:34) gata solitaria fala para Todos: alguem afim de tc?

(00:48:23) Paty Maionese Todos: Entra na sala...

(00:48:33) fodas grita com azuli: gata solitaria aposto que é falta de um pau fraga . c deve ser tao feia que nem um vibrador te quis

(00:48:36) □Sr.BANDIDINHO fala para Todos: COMO EU KERIA SER O DOUG

00:49:02) fodas grita com Todos: (00:48:33) fodas grita com azuli: gata solitaria aposto que é falta de um pau fraga . c deve ser tao feia que nem um vibrador te quis

(00:49:13) Paty Maionese fala para Rick: oi...?

(00:49:22) Stay Todos: Entra na sala...

(00:49:35) spy fala para pedrinho rj: e ai pedrinho voce é flamenguista

(00:49:37) azuli fala para fodas: vao se foder suas idiotinhas!!!!!!!1


(00:49:48) top models fala para Rick: oi amor

(00:49:54) Morena Sensual Todos: Entra na sala...


(00:50:23) Paty Maionese fala para Todos: alow

(00:50:40) Destiny-Girl Todos: Entra na sala...

(00:50:49) top models grita com Paty Maionese:  sai dai sua magrela.

(00:50:49) top models grita com Paty Maionese:  sai dai sua magrela.

(00:51:06) mila Todos: Entra na sala...

(00:51:21) Stay fala para Todos:  Alguma gata afim de tc ?

(00:51:34) DOMUS Todos: Entra na sala...

(00:51:55) Paty Maionese fala para Stay: olá

(00:51:57) Paty Maionese fala para Stay: olá

(00:51:58) Son fala para Todos: alguma gata afim de tc?


(00:52:14) DOMUS fala para Todos: 

(00:52:15) top models grita com fodas:  e so pra quem pode sua arrombada

(00:52:16) DOMUS fala para Todos: 

(00:52:17) DOMUS fala para Todos: 

(00:52:18) top models grita com fodas:  e so pra quem pode sua arrombada

(00:52:18) Stay fala para Morena Sensual:  tá afim de tc ?

(00:52:28) Son fala para Todos: de onde tc?

(00:52:29) mila Todos: Sai da sala...

(00:52:39) *Baby15anos* Todos: Entra na sala...

(00:52:39) mila Todos: Sai da sala...

(00:52:39) *Baby15anos* Todos: Entra na sala...

(00:53:02) Paty Maionese fala para Son: de sampa e vc ?

(00:53:23) bruninha Todos: Entra na sala...

(00:53:28) Poeta-do-mar fala para Todos: Alguém está a fim de tc?

(00:53:34) Minas da net Todos: Entra na sala...


(00:53:36) top models grita com Vitor: nos estamos aqui gatinho, temos 17.

(00:53:37) azulí fala para Todos: então ve se manca o brocha, so pode ser ne!!!!!!1

(00:54:01) Minas da net fala para Todos: ooooooi

(00:54:01) fodas grita com Todos: hauhauhuhauhuhahaha top buceta se numca deve ter visto uma prova de roupa nem nada vc nem é escolhida seu bagulho aposto que vc é mas gorda q o joao gordo

(00:55:05) Tinho Todos: Sai da sala...

(00:55:13) Stay fala para Minas da net:  Vc tá afim de tc ?

(00:55:18) Poeta-do-mar fala para Todos: Alguém está a fim de tc?


(00:55:24) premio Todos: Entra na sala...

(00:55:27) (M@rqu!nh[!s23) (CFC) A MINHA ALMA TA ARMADA E APONTADA PARA CARA DO SOSSEGO

pergunta para Mar!!avilhos@:  TE AMO ..LINDA.....

(00:55:32) top models grita com fodas: sai dai sua magrel

(00:55:32) top models grita com fodas: sai dai sua magrel

(00:55:49) Mar!!avilhos@ pergunta para (M@rqu!nh[!s23) (CFC):  Queira esquecer a luz dos teus olhos, porque assim eu não sentiria saudades deles... Queria esquecer o tom da sua voz, o seu jeito de falar, esse sorriso lindo que só você tem... Queria tanto... mas não posso, pois o que eu sinto por ti é tão forte, impossível de esquecer, mas uma coisa é certa, te amo e muito, pois sem você não sei viver... Mesmo querendo te esquecer, te amo cada vez mais, hoje mais do que ontem e amanhã mais do que nunca!!!

(00:56:18) DOMUS fala para Todos: 


(00:56:20) DOMUS fala para Todos: 

**Sala D de 15 a 20 anos do chat do terra às 15:37 h dia 11/12/2001.
Somente observação, não ha participação da pesquisadora na conversa.**

 BITA 15:19:13
fala com FERNANDO ALGUEM QUER TC?


 the cat 15:19:14
fala com FERROZ vc também eu gostei de vc

 Fefe_e Nanda 15:19:14
fala com PAZAO nao faz mau

 LU 15:19:20
fala com mineiro SP PORQUE DEMORA??


meg.lindinha 15:19:25 TUDOOOOOOOOO,E VC
fala comRouge....

 _PI4YBOY_SG\ICQ 15:19:38
entra na sala


 C@ROL 15:19:44
fala com SK8_Girl OBRIGADO. por me responder.

 LU 15:19:45
fala com mineiro SP EM QUE LUGAR?


Rouge.... 15:19:55 ☺ beleeeeeeeeeeee.....c é nossa amiga agora??
fala com meg.lindinha

 Anônimo1 15:20:00
fala com lábios2002 cansei de tc com vc vc é muito chata e mimada!


Terra 15:20:01
fala para TODOS **Você sabe que agora pode criar uma sala pessoal de bate-papo? [Confira agora todos os detalhes!](#)**


 Anônimo1 15:20:03
sai da sala

gostosa 15:20:18
fala com louco por c,, para mim a idade não importa e para vc

 Patricinha 15:20:19
entra na sala


 Fefe_e Nanda 15:20:21
ja


 victor\18\SP 15:20:21
entra na sala


 the cat 15:20:28
fala com FERROZ meu pai também de brega


LU 15:20:40
fala com mineiro SP MAS EM QUELUGAR


 Jú 15:20:47
sai da sala


 Patricinha 15:20:49 Alguém afim de tc?


 meg.lindinha 15:20:49
fala com ...Røuge... VALEU!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!


 victor\18\SP 15:20:52
sai da sala

 the cat 15:20:53
fala com FERROZ sim
gatinha manhosa 15:20:55
fala com MORENO 1,93 vamos

 gostosa 15:21:03
fala com picadoce quero.

 H-tinha 15:21:07
entra na sala
BITA 15:21:39
fala com MORENO 1,93 OI MORENO


 the cat 15:21:45
fala com FERROZ fale agora mais de vc e que tipo de mulher vc gosta


 meg.lindinha 15:21:47
fala com ...Røuge... VAMUS.....KKKKKKKKKKKKKK.....


gostosa 15:21:50
fala com louco por c,, thau.

 LU 15:21:56
fala com CARDOSO O AMOROSO NÃO SOU GAUCHO


ICQ_168295789 15:22:17
alguem afim d tc no ICQ cmg ??


 meg.lindinha 15:22:19
fala com pauzao VAMUS....


 gostosa 15:22:22
fala com picadoce de RIO PARDO e vc.

 LU 15:22:27
fala com SARADO-PI OI SARADÃO

†AnjoM€tallico†²⁰⁰²† 15:22:29
sai da sala


 gatinho 15:22:43
entra na sala

 Nanda 15:22:44
Tchau meus amores até a próxima

 the cat 15:22:46
fala com FERROZ eu também mais não tem como
Nanda 15:23:14
sai da sala

 ERA 15:23:23
sai da sala


the cat 15:23:34
fala com FERROZ erra é humano

 LU 15:23:37
fala com MORENO 1,93 OI MORENÃO

Røuge.... 15:23:39
fala com Fefe_e Nanda © SUAS BISKATES DA PORRA....VAI XINGAR A SUA MAEEE.....

the cat 15:23:49
fala com FERROZ sim e vc


 BITA 15:23:57
fala com Marcelo OI MARCELO !!!!!!!!!!!!!!!


 mineiro SP 15:24:03
sai da sala

 the cat 15:24:05
fala com FERROZ vc tem telefone

meg.lindinha 15:24:29
fala com pauzao pq????????

 LU 15:24:49
fala com CARDOSO O AMOROSO VC DISSE QUE ERA AMOROSO ESTOU VENDO


Røuge.... 15:25:13
fala com Patricinha © a ow..putz nosentaos aki de boa....tc com una miga nova kinos fizemos..ela vem falando ki nessa sala só tem biskate e talz....a putz...bm né...aff


 meg.lindinha 15:25:16
fala com gatinho ola!!!!!!quer tc?

LU 15:25:20
fala com SARADO-PI QUE TC?


 BITA 15:25:33
fala com Marcelo ONDE VC TC?


SK8_Girl 15:25:54 AE GALERA!!! TO ACHANDO Q Ñ TEM HOMEM DE VERDADE NESSA SALA!!


 the cat 15:26:15
fala com FERROZ eu estudo e faso curso de informática

 Bliñk182† 15:26:25
LU 15:26:23
fala com Marcelo OI MARCELO
☺ poutz, tem muieh pa carai aki nessa sala! uaiauhauha!


 PRINCESUNHAVIRTUAL 15:26:29
entra na sala

 tha.agata 15:26:33
sai da sala


 meg.lindinha 15:26:45
fala com paúao qnts anos

 LU 15:26:48
fala com MORENO 1,93 QUE TC?


 lana sk8 15:26:54
entra na sala


 Bliñk182† 15:26:56
☺ PRINCESUNHA! IUAHIUAHAIUHAIUAHIAUHAIUAHIAUH


 LU 15:27:00
fala com Delicioso SP OI

 PRINCESUNHAVIRTUAL 15:27:00
E AI GATINHOS ... ALGUÉM QUER TC?

Rouge.... 15:27:16
fala com Patricinha ☺ naum pq??\


 Delicioso SP 15:27:17
fala com PRINCESUNHAVIRTUAL Oi..esta ocupada !!!!!

 Delicioso SP 15:27:36
fala com LU oi tudo bem e vc

 lana sk8 15:27:37
alguem quer tc?

BITA 15:27:56
sai da sala

 LU 15:28:00
fala com Ariane DE SAMPA


 Juan Pablo Angel_GMA 15:28:03
sai da sala


 LU 15:28:14
fala com Ariane E VC

SK8_Girl 15:28:26
sai da sala


 meg.lindinha 15:28:28
fala comRøuge... naum!!!!!!!!!!!!

 TOM 15:28:29
entra na sala

 lana sk8 15:28:33
fala com gatinho oi

 LU 15:28:36
fala com MORENO 1,93 COMO VC E?


 MORENO 1,93 15:28:44
sai da sala

 the cat 15:28:44
fala com FERROZ vc ainda ã me respondeu quantos anos vc tem

meg.lindinha 15:28:59
fala comRøuge... foi mau


 teca 15:28:59
entra na sala


 †Blink182† 15:29:12
sai da sala


 LU 15:29:14
fala com Marcelo LOGICO QUE NÃO


 Moren@\19 15:29:20
sai da sala

 Marcelo 15:29:26
sai da sala


 PRINCESUNHAVIRTUAL 15:29:30
sai da sala

 the cat 15:29:30
fala com FERROZ é celular 94230792

 lana sk8 15:29:30
fala com gatinho Rio e vc?


 meg.lindinha 15:29:32
fala com paузao não pq a pergunta


 ICQ_168295789 15:29:36
sai da sala


 teca 15:29:37
fala com gatinho boa tarde...

 Bad Boy 15:30:00
entra na sala

LU 15:30:32
fala com SARADO-PI COMO VC E?


 lana sk8 15:30:34
fala com gatinho 16 e vc?

 the cat 15:30:37
fala com FERROZ vc deve ser um gato


Røuge.... 15:30:42
fala com Fefe © KI SACO MEU...COVARDEEE..PQ NAUM CHINGA FORADO RESERVADO..OLHA C VC ENTRA NO
_e Nanda PUTA,,,BISKATE...ETC... VC É UMA DELAS.....
CHAT PRA XINGAR////EU NAUM////EUNTAUM OS DEIXE EM PAZ...SE NESSA SALA SÓ TEM FILHA DA


 meg.lindinha 15:30:44
fala comRøuge.... vamos nessa

meg.lindinha 15:30:44
fala comRøuge.... vamos nessa


 meg.lindinha 15:31:30
fala com teca ola!!!!lquer tc?

 TOM 15:31:36
sai da sala


 Patricinha 15:31:39
sai da sala


 LU 15:31:42
fala com TOM OI. PORQUE TOM?

 CARDOSO O AMOROSO 15:31:49
fala com the cat miau


 gostosa 15:31:52
fala com Bad Boy me chamo duda. e vc.


LU 15:32:07
fala com SARADO-PI QUE MEDO

 Ariane 15:32:07
sai da sala


 the cat 15:32:19
fala com FERROZ vc tem imeil

 CARDOSO O AMOROSO 15:32:38
sai da sala

 H-tinha 15:32:46
fala comRouge.... querida nao tem so biscate e filha da puta nao , presta ateaço hein!!!!

 LU 15:32:56
fala com SARADO-PI CAPITAL DE SAMPA EVC


 lilica 15:32:59
fala com CARDOSO O AMOROSO é mesmo ?

 teca 15:32:59
fala com lana sk8 vc é realmente uma lady... Agora, educação, realmente sua mãe não te deu... Isso é, se é que vc já teve mãe algum dia

gostosa 15:33:05
fala com Bad Boy tenho 17 e vc.


Rouge.... 15:33:06
fala com H-tinha ☺ É MAS É O KI TAUM FALANDO DAGENTE!!

 Ariane 15:33:20
entra na sala


 LU 15:33:21
fala com SARADO-PI KD VC??????????????????

Romantic Boy 15:33:25
entra na sala


 RYCKY 15:33:26
entra na sala

 Anjinho abandonado 15:33:33
entra na sala


 Box Car Racer 15:33:42
entra na sala

 H-tinha 15:33:50
fala comRøuge.... tudo bem entao nao fale no plural


 LU 15:33:53
fala com SARADO-PI COMO VC È?????????/

 the cat 15:33:59
fala com FERROZ que dia vc faz aniversário


 Anjinha 15:34:00
entra na sala


 Ariane 15:34:03
sai da sala

 the cat 15:34:30
fala com FERROZ agora ã dá

 Anônimo 15:34:39
Estou afim de conhecer qualquer tipo de pessoa


Anjinha 15:34:45
fala com Anjinho abandonado oi

Røuge....
15:34:56
fala com H-tinha © OLHA!!! ELA TA FALANDO NO RESERVADO KI TODO MUNDO DESSA SALA .E VC VEM BRIGAR COMIGO? AFF...SI A CARAPUSSA SERVIU PRA VC.....KI SE DANE...MAS EU SÓ TO ME DEFENDENDO E DEFENDENDO TODU MUNDO TM...


 LU 15:35:35
fala com SARADO-PI EU SOU MORENA TENHO OLHOS COR DE MEL 1,68 55K

meg.lindinha 15:35:26
fala comRøuge.... qual o problema com as meninas


 Gustavo 15:35:41
sai da sala

 the cat 15:35:42
fala com FERROZ eu também vou embora tchal um beijo


 BRONZEADO 15:35:50
entra na sala


 **gostosa** 15:35:50
fala com **Bad Boy** eu sou mais nova vc se importta com isso.

 **Dani** 15:35:57
entra na sala

 **Slim_Shady** 15:35:59
sai da sala

Anônimo 15:36:06 nanda quer amoroso

 **LU** 15:36:17
fala com **gatinho** OI GATO QUE TC

 **the cat** 15:36:26
fala com **FEROZ** tem como vc tc comigo outro dia

Chat Participants: Rarry Granger(quest) ,Bia ,gabi

<Rarry Granger(quest)> pera vo chama a gabi!

<Rarry Granger(quest)> q o tel do t???

<Bia> ta

<Rarry Granger(quest)> bia?a gabi acabou de me dar falow?

<Rarry Granger(quest)> vc jogou as folhas das materias fora??

<Bia> no sei,eu tinha mas acho q joguei fora qnd joguei as folhas das materias,manda de novo pra gabi aceitar dessa vez

<Bia>

<Rarry Granger(quest)> q loca ok

<Rarry Granger(quest)> LOL :-)

<Rarry Granger(quest)> LOL :-)

<Rarry Granger(quest)> eu sei por isso q eu gosto

<Rarry Granger(quest)> oi gabi??!?!??

<Rarry Granger(quest)>

<Bia> joguei,que risadinha podre.OI GABI,kd ela?

<Rarry Granger(quest)> kd vc???iiiiicaraca!!!sei la

<Rarry Granger(quest)> Beep! Beep!

<Rarry Granger(quest)> sera q ela caiu??

<Bia> ela maluca?caiu,vc vai ligar pro thiago?

<Bia>

<Bia> aloouu??

<Rarry Granger(quest)> vo ja to ligando agora pera aeok?

<Rarry Granger(quest)> acho q vai

<Rarry Granger(quest)> pq como ela e?

<Rarry Granger(quest)> aqui ainda naum

<Bia> ta calma,po a gabi no vai voltar na??caraca a musica nova o do roberto carlos ridicula.VOLTOUchAMA ELA

<Rarry Granger(quest)> agora sim aham

<Rarry Granger(quest)>

<gabi>

<Rarry Granger(quest)> eehhehe aiai recado importante

<gabi> oie!!!!!!!

<Bia> valeu? caraca mt escrotaaaaaa!!ridicula!!!!!!!!!!!!!!!!!!essa musica podre!!!!!!fala antes q eu morra de desgosto!Oi

<Rarry Granger(quest)> oi gabi!!!

<gabi> oie!

<Bia> gabi oi gabi,q q tem?

<Rarry Granger(quest)> acabei de falar com o Thiago!

<gabi> valeu!

<Rarry Granger(quest)> ele falow q vai entra agora ok??

<Rarry Granger(quest)> o gabi ??

<Bia> ta po essa letra ta de saca fica diminuindin toda hora!sgg

<Rarry Granger(quest)> vc caiu ainda pouco?

<Rarry Granger(quest)> q isso???ehehehe

tarde d +!sacanagem!hehehhehehhehheh!hehheheheheheheele deve ta escrevendo 1 testamento p/ mim s pode ou ele desmaio d novo n bia!

<Rarry Granger(quest)> LOL :-)

<Bia> gabiaiiiiiiiiiiiiiiiiiii,que raiva.ta dificil rafael???

<Rarry Granger(quest)> ae galera **vo embora agora pq tenho prova amanha!!!**

<Rarry Granger(quest)> Q e F

<gabi> como assim rafael entendi nada!o thiago caiu p/ variar sempre qndo fao 1 pergunta ele cai!

<Rarry Granger(quest)> minha filha c eu num for num passo de ano ta??

<Rarry Granger(quest)> Beep! Beep!

<Rarry Granger(quest)> burra e vc q num estuda o ano todo !!!!!

<Bia> prova de que?ah no vai no?ninguem mandou ser burro

<Rarry Granger(quest)> serinho tenho q ir valwwwwwwwww

<Rarry Granger(quest)>

<gabi> o t... muito lerdo pior q eu sei como conseguiu! vai namoral!

End Chat Session

Observação

O que temos aqui é uma interrupção brusca do jogo de RPG Harry Potter, que tentaram começar a jogar, porém na hora em que iniciam entram alguns garotos e garotas vindos de outra sala e começam a zoar o jogo, até que os que estavam tentando jogar legal se retiram da sala, vão para outra sala, e a pesquisadora tenta achá-los.



Hermione** 16:06:06
fala com Harry Potter

vou sair pra buscar mais gente



Hermione** 16:06:19
fala com Lila

quer jogar rpg?



Lila 16:06:20 Oi



Harry Potter 16:06:37
fala com Hermione**

Vai logo Mione



Hermione** 16:06:43
sai da sala

Harry Potter 16:07:27
fala com Fleur Malfoy*DDS*

AH, Entendi, nao quer mais falar comigo né?

Nesta sala podemos apontar um encontro para jogos de RPG e eles integrem como se estivessem sentados um ao lado do outro. Interessante que não estão se agredindo ou chamando para sexo, estão apenas tentando se divertir de maneira sadia, há uma grande diferença da sala do chat também do Harry Potter do mesmo site do Terra.

Fleur Malfoy*DDS* 16:08:46
fala com Harry Potter

me desculpe. eh que eu to no trabalho...te adoro

Há palavras de afeto sem agressão, Hermione volta, vamos ver se trouxe mais uma pessoa para jogar RPG?

julia.... 16:11:06
entra na sala



















julia.... 16:11:14
fala com Harry Potter

oiiii



Hermione** 16:11:18
entra na sala

-  Harry Potter 16:11:29 Oi
fala com julia....
- Hermione** 16:11:36 ppronto!!!
fala com Harry Potter
-  julia.... 16:11:51 é vc giovane?
fala com Harry Potter
-  Hermione** 16:11:57 Eu mestre!!!!1
-  julia.... 16:12:19 ah desculpa me enganei
fala com Harry Potter
- Hermione** 16:12:32 vamo começa???
fala com Fleur Malfoy*DDS*
-  Hermione** 16:12:45 quer jogar rpg?
fala com julia....
- Hermione** 16:13:03 quer jogar rpg?
fala com Amanda Weasley *VH*
-  julia.... 16:13:16 naum
fala com Hermione**
- Hermione** 16:13:22 e dai!! vamos assim mesmo
fala com Harry Potter
-  Harry Potter 16:13:41 Deiza eu procurar?
fala com Hermione**
-  Hermione** 16:13:41 vai jogar??
fala com Fleur Malfoy*DDS*
-  Hermione** 16:13:57 ta vai.....
fala com Harry Potter
- Harry Potter 16:14:02
sai da sala
-  Hermione** 16:14:15 eperar o Harry.....
fala com Fleur Malfoy*DDS*
- Hermione** 16:14:40 ((Qual é o seu nome))
fala com Fleur Malfoy*DDS*
-  Amanda Weasley *VH* 16:14:42
sai da sala
- Hermione** 16:15:23 oi!!!!!! vc ta ai?????
fala com Fleur Malfoy*DDS*

-  Hermione** 16:16:10
fala com Fleur Malfoy*DDS* acho que seu pc travou.....
-  Harry Potter 16:16:39
entra na sala
-  Hermione** 16:16:52
e ai harry???????
-  Harry Potter 16:16:59
fala com Hermione** Nao tem ninguem nas outras
-  Hermione** 16:17:04
fala com Harry Potter e ai???????
-  Harry Potter 16:17:34
fala com Hermione** Vamos jogar assim mesmo
-  Harry Potter 16:18:03
fala com Fleur Malfoy*DDS* Paty, aí da sua sala chama alguem, o Draco, ou outros
-  Harry Potter 16:18:15
fala com Hermione** Vamos ou nao
-  Amanda Potter 16:18:25
entra na sala
-  Hermione** 16:18:39
sai da sala
-  Maya Granger 16:18:53
entra na sala
-  Harry Potter 16:19:08
fala com Fleur Malfoy*DDS* Patrícia Britto, kd vc?
-  Hermione** 16:19:16
entra na sala
-  Hermione** 16:19:28
fala com Harry Potter esse pc!!!!!!!!!!
-  Hermione** 16:19:39
fala com Maya Granger oi!!!!!!
-  Amanda Potter 16:19:42
fala com Harry Potter oi

 Harry Potter 16:19:46
fala com Hermione** Vc é aquela daquele dia da Gina?


 Harry Potter 16:19:58
fala com Amanda Potter Oi


Terra
16:20:01
fala para
TODOS Lembre-se que um usuário pode entrar com dois nicknames diferentes na mesma sala e simular uma conversa e depois falar que leu todo o seu papo. Alguém conversa com você em reservado, depois, com outro nick, faz de conta que leu tudo o que você escreveu. Esta pessoa, claro, sabe tudo, pois era a mesma que conversou com você em reservado inicialmente.

 Hermione** 16:20:04
fala com Harry Potter acho que sim.....


βrμnō Hif£_†ĐĐ§*VE 16:20:09
entra na sala


 Maya Granger 16:20:11
fala com Harry Potter Sou eu harry


 Harry Potter 16:20:24
fala com Maya Granger Eu quem?

 Hermione** 16:20:26
fala com Harry Potter da _Gina_Weasley? assim?

†βrμnō Hif£_†ĐĐ§*VE 16:20:44
Hum...so tem eu e o Harry de homem...

 Maya Granger 16:20:46
fala com Harry Potter Vc é o harry de ontem, do basilisco?

 Harry Potter 16:20:47
fala com Hermione** É, que eu e vc namoramos, lembra?


 Hermione** 16:20:55
fala com Harry Potter sou!!!!

†βrμnō Hif£_†ĐĐ§*VE 16:20:58
Que vai mestrar?

†βrμnō Hif£_†ĐĐ§*VE 16:21:01
*quem

 Amanda Potter 16:21:05
fala com Hermione** ola

 Harry Potter 16:21:10
fala com Maya Granger Ontem nao entrei de tarde


 Hermione** 16:21:12
fala com Harry Potter a foi muito bom aquele rpg....

 Hermione** 16:21:25
fala com Amanda Potter oi!


Hermione** 16:21:47 eu mestre!!!!!!!!!! vai começar!!!!!!!!!!!!!!

 Amanda Potter 16:21:50
fala com Maya Granger oi


 Maya Granger 16:21:58
fala com Amanda Potter oi

 Hermione** 16:22:01 vaii comeár!!!!!!!!!!!!!!


 Ow£n_(çOnnolly_)_. 16:22:16
entra na sala

 Hermione** 16:22:16 Beco Diagonal!!!!!!!!!!!!!!


Hermione** 16:22:41 *andando te encontro* Ola Harry!

 Hermione** 16:22:53
fala com Harry Potter *andando te encontro* Ola Harry!


Maya Granger 16:23:17 OFF: Mione, eu posso participar?
fala com Hermione**

 Harry Potter 16:23:25
fala com Hermione** Olá Hermione, está bonita hoje, ja comprou os livros? *sorrindo*


 Hermione** 16:23:28
fala com Maya Granger cclaaro!!!!!!

 Anônimo 16:23:32
entra na sala

 Drâçø Mälfo¥ †DDS† 16:23:42
entra na sala


 Hermione** 16:23:51
fala com Harry Potter obrigada, ja comprei e vc?


Harry Potter 16:24:05
fala com Hermione** Também ja comprei


 Ow£n_(çOnnolly)_.. 16:24:09 AE EU QUERO.....

 Fleur Malfoy*DDS* 16:24:11
fala com Harry Potter dRACO , OLÁ!!!


 Drâçø Mälfoÿ †DDS† 16:24:18
fala com †βrμñø Hi££_†ĐĐ§*VE UHAUHAUUAUAUHUHA TU TA AI RTB


 Maya Granger 16:24:19
sai da sala

 Hermione** 16:24:20
fala com Harry Potter muito material né

 Anônimo 16:24:21
sai da sala


 Drâçø Mälfoÿ †DDS† 16:24:22
fala com †βrμñø Hi££_†ĐĐ§*VE TB

 Harry Potter 16:24:32
fala com Drâçø Mälfoÿ †DDS† Quer jogar RPG?

 Amanda Potter 16:24:33
Amanda mora numa casinha em Hogsmead por isso não pega o Expresso (sonha em um dia dividir sua casa com Harry) , esta no sexto ano de Hogwarts, ela tem cabelos longos lisos e negros com olhos verdes, na família foi considerada uma ovelha negra por se interessar muito em magia negra ,é ofidioglota, com todo esse interesse sua casa em Hogwarts atualmente é Sonserina, é apanhadora do time, quando seu irmão entrou em Hogwarts percebeu sua verdadeira origem e resolveu busca-la tentando se aproximar de Harry, Amanda é uma garota muito misteriosa que sempre esconde sua cicatriz no rosto com o cabelo, tem uma queda e admiração pelos Weasley.

†βrμñø Hi££_†ĐĐ§*VE 16:24:35
fala com Drâçø Mälfoÿ †DDS† To sim...vim pro rpg....tem usado o Scoop?


 Joey-_182*VEH*Nf_- 16:24:41
entra na sala

 Hermione** 16:24:44 Podem participar!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!


 Joey-_182*VEH*Nf_- 16:24:44   Alguém quer teclar? 

 †Øf†ĐÎØG£Ø†Â_†{§†\} 16:24:56
entra na sala

 Drâçø Mälfoÿ †DDS† 16:25:02
fala com †βrμñø Hi££_†ĐĐ§*VE NAUM JA ERA QUANDO MEU PC FORMATOU AI EU NEM BAIXEI MAIS

 Hermione** 16:25:05
fala com Harry Potter como foi de férias?

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} 16:25:06 Æ BRUNO!!

 Amanda Potter 16:25:08
fala com Harry Potter ola Harry *com cara de apressada*

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} 16:25:11 Æ MARCELO


 Tiago Potter _1°_ 16:25:12
entra na sala

†Brunö Hi££_†DÐ\$*VE 16:25:12 Æ Thiago!

 Tiago Potter
1° 16:25:18

"Uh, uh, uh Eu passo o dia amarrado pensando em morrer Fiz uma balada sangrenta pensando nela Tudo o que ela gosta eu não faço Tudo o que ela pensa eu não sei, tento esquecer Não muda nada, nada, nada Fico batendo com a cabeça na parede Estão me drogando pra fazer eu esquecer Nada de lembranças Nada de sonhos pra mim Uh, uh, uh Tudo o que ela gosta eu não faço Tudo o que ela pensa eu não sei, tento esquecer Não muda nada, nada, nada Fico batendo com a cabeça na parede Estão me drogando pra fazer eu esquecer Nada de lembranças Nada de sonhos pra mim Sempre que sonho com ela eu acordo pior Agora mesmo estou amarrado gritando de dor Só que o branco desta camisa de força Não vai limpar o vermelho que eu deixei Bato no peito pra sentir meu coração Não ouço nada, nada, nada Com um 38 eu afastei ela de mim Mas quem estava ali morrendo era eu Não vou ter mais eu sei O corpo dela"
(Balada Sangrenta - Tequila Baby)


‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} 16:25:26 Æ JOEY

 Harry Potter 16:25:31
fala com Hermione** Puxa é muito material mesmo, foi chato as férias*abaixando a cabeça*


 Joey_-182*VEH*Nf_- 16:25:36
fala com ‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} © Senhora...

 Joey_-182*VEH*Nf_- 16:25:37
fala com ‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} © hehhe

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} 16:25:41 HEHE

 julia.... 16:25:46
alguem quer tc/

†Brunö Hi££_†DÐ\$*VE 16:25:47 Descrição,descrição

 Hermione** 16:25:51
fala com Harry Potter é..... os dursley.....

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{ \$†\} 16:25:54 PUTZ...

†βῤῥῖῆ
Hi££_†ĐĐ\$*VE
16:26:01

*Entra na sala,um garoto moreno,olhos castanhos bem escuros e brilhantes,em seu ombro,um corvo grande e negro fica a observar os demais,Bruno está no 5º ano,pertence à Corvinal,é alto seus cabelos são lisos,detesta as vestes de Hogwarts preferindo usar um sobre-tudo preto uma camisa preta com o nome Black Sabbath escrito em preto e vermelho de onde brota uma gota de sangue,usa calças jeans pretas com uma corrente presa na calça,óculos escuros e em sua nuca há uma estranha tatuagem com a imagem de um passaro negro,em seus braços há runas onde estão escritas coisas estranhas e indecifráveis em cor negra,existe uma runa para cada braço,a da direita lhe dá poder de usar determinados feitiços sem o auxílio da varinha e no da esquerda a runa que lhe dá poder de levitação.Usa também um anel metálico com 3 yin-yangs.Sua mochila é abarrotada,azul escura com desenhos,com nomes de bandas como Led Zeppelin,Marilyn Manson,Blind Guardian,Iron Maiden e Kiss em cor preta.Tem como matéria favorita feitiços*_

†βῤῥῖῆ Hi££_†ĐĐ\$*VE 16:26:05 Promto



Hermione** 16:26:06
fala com Fleur Malfoy*DDS* como assim?

‡Øf†ĐÍØG£Ø†Â‡{§†\} 16:26:07 A DESCRICAO "POBRE DOBRUNO" EH ENORME

†βῤῥῖῆ Hi££_†ĐĐ\$*VE 16:26:08 *pronto



Lucio Malfoy(§†\) 16:26:16
entra na sala

Lucio Malfoy(§†\) 16:26:16
entra na sala

†βῤῥῖῆ Hi££_†ĐĐ\$*VE 16:26:19 Lalalalala U.U"



Lucio Malfoy(§†\) 16:26:23 ☐☐☐ ☐☐☐ Alguém quer teclar? ☐☐☐ ☐☐☐

‡Øf†ĐÍØG£Ø†Â‡{§†\} 16:26:23 ? ALM



Hermione** 16:26:33
fala com Harry Potter ha!!!!!!! assim nao da!!!!!!

†βῤῥῖῆ Hi££_†ĐĐ\$*VE 16:26:35 Eu ainda vou espichar essa descrição

‡Øf†ĐÍØG£Ø†Â‡{§†\} 16:26:48
fala com Lucio Malfoy(§†\) PQ??

‡Øf†ĐÍØG£Ø†Â‡{§†\} 16:26:54
fala com Lucio Malfoy(§†\) PQ TA POBRE??



Harry Potter 16:26:57 Harry Potter aluno da Grifinória, 6 anos em Hogwarts, conhecido pelo mundo dos bruxos inteiro, por tirar poderes de Vc-sabe-quem, sem levantar um dedo, sou moreno de olhos verdes

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:00
fala com Lucio Malfoy(§†\)

OPS...

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:07
fala com Lucio Malfoy(§†\)

MENSAGEM ERRADA

†Bṛṃñö Hi££_†DĐ\$*VE 16:27:16

Pq ta pobre...

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:24

BEAUTIFULL DAY/U2



Amanda Potter 16:27:26
fala com Harry Potter

oiiii



Harry Potter 16:27:33
fala com Hermione**

Friends, blz, vai chamar quem?

†Bṛṃñö Hi££_†DĐ\$*VE 16:27:34

Eu quero superar a descrição da Mila



Joey-_182*VEH*N*_ 16:27:36
sai da sala

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:41

EG DIFICIL...

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:45

SAO 4 PARTES ENORMES

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:47

U.U

†Bṛṃñö Hi££_†DĐ\$*VE 16:27:48

Não muito

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:52

EH

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:55

DIGO

ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:27:59

EG=EH

†Bṛṃñö Hi££_†DĐ\$*VE 16:28:09

Eg..hahahhahaha

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:28:14


EGG



Hermione** 16:28:14
sai da sala

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:28:16 HAUHAUAHUAHUA


 Amanda Potter 16:28:17
sai da sala

 Harry Potter 16:28:27
sai da sala

 Ow£n_(çOnnolly_)_. 16:28:28
sai da sala

†Bṛṛnö Hi££_†DĐ\$*VE 16:28:28 Hauahuahauhauhauhahahahaha

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:28:37 PUTZ...

 † Chø Ch@ng † *DĐ\$* 16:28:37
entra na sala

 Fleur Malfoy*DDS* 16:28:42
sai da sala

 † Chø Ch@ng † *DĐ\$* 16:28:44   Alguém quer teclar? 

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:28:44 EU QUERO A MATTALLIE(PAN)

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:28:53 OPS

‡ØfîDÎØG£Ø†Â‡{§†\} 16:28:55 NATTALLIE

Sala para onde os participantes de RPG de Harry Potter migraram.

Ow£n_(çOnnolly_)_. 16:36:39 (61) 678 99 01
fala com Melissa Archer *FL*

 Sabrina 16:36:40
entra na sala

 † Chø Ch@ng † *DĐ\$* 16:36:46  PERCEBI
fala com *_Crystal L Potter*_

_Parvati Patil * 16:36:47 AJUDA A XINGAR A LÉSBICA DA SALA ?
fala com Tiago Potter_1°_


 † Chø Ch@ng † *DĐ\$* 16:36:58  OI TI
fala com Tiago Potter_1°_

_Parvati Patil * 16:36:58
fala com *_Crystal L Potter*_ A LÉSBICA SAIU


 OwEn_(çOnnolly_)_. 16:37:03
fala com _Parvati Patil * naunm viu naum?

_Parvati Patil * 16:37:08
fala com † Chø Ch@ng † *ĐĐ§* OI

 §* }{ârr¥ ¶|ø††ër *§ 16:37:14
entra na sala

 JOE 16:37:16
fala com _Parvati Patil * ele é miuto chato sem ofensa é claro!!

 *_Crystal L Potter*_ 16:37:17
fala com *_Crystal L Potter*_1


 Melissa Archer *FL* 16:37:20 QUEM TEM O FONE DO FBI??ah,valeu....Owen!


_Parvati Patil * 16:37:20
fala com OwEn_(çOnnolly_)_. VI


 §* }{ârr¥ ¶|ø††ër *§ 16:37:21  ◻◻ Alguém quer teclar? ◻◻ 

_Parvati Patil * 16:37:28
fala com Fleur Malfoy*DDS* Olá

 *_Crystal L Potter*_ 16:37:29 æ.....

 Amigo, sempre amigo
16:37:30 plote u.....seu mamilo foi mordido d pra vc estar ai querendo q a cristalizinha ajuda tirar a dor,
fala com *_Crystal L Potter*_1 ...é???????

 † Chø Ch@ng † *ĐĐ§* 16:37:30 © oi ta tendu RPg ?
fala com _Parvati Patil *

 Sabrina 16:37:35
sai da sala


_Parvati Patil * 16:37:36
fala com JOE hehe

 Fleur Malfoy*DDS* 16:37:42 OI
fala com _Parvati Patil *

 §-Danielle*Granger-§ 16:37:42
entra na sala

 §-Danielle*Granger-§ 16:37:44
sai da sala

_Parvati Patil * 16:37:50
fala com † Chø Ch@ng † *ĐĐ§* Naaum

 Fleur Malfoy*DDS* 16:37:52 ALGUEM TAH AFIM DE RPG?

 Tiago Potter _1°_ 16:37:52

 §-Danielle*Granger-§ 16:37:53


 §-Danielle*Granger-§ 16:37:55
sai da sala

 JOE 16:37:59
fala com _Parvati Patil * sim ou não calamba!!!!!!!!


 §-Danielle*Granger-§ 16:38:00
entra na sala

_Parvati Patil * 16:38:01
fala com Fleur Malfoy*DDS* Tudu bem ?


 _*Hermione Granger** 16:38:04
entra na sala

 §* }{ârr¥ ¶|ø††ër *§ 16:38:06 © EU!
fala com Fleur Malfoy*DDS*

_Parvati Patil * 16:38:07
fala com Fleur Malfoy*DDS* Eu

 Amigo, sempre amigo 16:38:14 ueba...foi imboráaaaaaaaa.....kaka
fala com _*Crystal L Potter*_

_Parvati Patil * 16:38:14
fala com JOE Naaum


 Fleur Malfoy*DDS* 16:38:17 SALA FRIENDS


 Tiago Potter _1°_1 16:38:18
entra na sala

 §-Danielle*Granger-§ 16:38:18
fala com *_Hermione Granger** (olaaaah!)

_Parvati Patil * 16:38:24
fala com Ow£n_(@Onnolly_)... Naum , vc sabe ?

 † Chø Ch@ng † *DD§* 16:38:34
fala com Fleur Malfoy*DDS* ☺ rpg na sala frisnds /

 *_Crystal L Potter*_ 16:38:35
Iscritóriu Federal d Investigaçaum..... Traduçaum d FBI.

 §-Danielle*Granger-§ 16:38:36
fala com *_Hermione Granger** opa! é na sala friends! vamos pra lah?


 Amigo, sempre amigo 16:38:37
fala com *_Crystal L Potter*_ vixi..ela foi-se...uebaaaaaaaaa


 † Chø Ch@ng † *DD§* 16:38:38
fala com Fleur Malfoy*DDS* ☺ ?


_Parvati Patil * 16:38:38
fala com *_Crystal L Potter*_ Vamus pra sala friends ?


 Melissa Archer *FL* 16:38:45
fala com Fleur Malfoy*DDS* PATRÍCIA!!!!Naum fala mais comigu,Pati?

Tiago Potter _1°_1 16:38:48
fala com Tiago Potter _1°_ ☺☺

 ermione 16:38:50
entra na sala

 §-Danielle*Granger-§ 16:38:50
fala com *_Crystal L Potter*_ OI MIGAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!

 Fleur Malfoy*DDS* 16:38:54
É SO IR RPG NA SALA FRIENDS


 *_Crystal L Potter*_ 16:38:55
BORA PRA RPG GENTI!

 Melissa Archer *FL* 16:38:59
fala com §-Danielle*Granger-§ Oi!


 *_Hermione Granger** 16:39:01
sai da sala

 Jöëy_-ÐÐ§*VËH 16:39:03
entra na sala


 Fleur Malfoy*DDS* 16:39:05
fala com Melissa Archer *FL* OI ME, DESCULPA, TUDO BEM?


 † Chø Ch@ng † *ÐÐ§* 16:39:06
sai da sala

 Amigo, sempre amigo 16:39:07
fala com *_Crystal L Potter*_ uai.deixar eu aq é....hummmmm

 §-Danielle*Granger-§ 16:39:07
fala com *_Crystal L Potter*_ VAMOS JOGAR NA SALA FRIENDS? EU VOU LAH!

 Jöëy_-ÐÐ§*VËH 16:39:07  ◻◻◻ Alguém quer teclar? ◻◻◻

 JOE 16:39:09
fala com _Parvati Patil * obigadhuuuu peila resposta!!!!

 *_Crystal L Potter*_ 16:39:10
fala com §-Danielle*Granger-§ O!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

 Jöëy_-ÐÐ§*VËH 16:39:10
fala com *_Crystal L Potter*_ ☺ oi


_Parvati Patil * 16:39:14
fala com Melissa Archer *FL* Vamus na sala Friend , no rpg ?

 Jöëy_-ÐÐ§*VËH 16:39:17
fala com Tiago Potter_1°_ ☺ oi


 §-Danielle*Granger-§ 16:39:22
fala com Melissa Archer *FL* OIE!

_Parvati Patil * 16:39:22
fala com JOE tá

 Melissa Archer *FL* 16:39:23
fala com Fleur Malfoy*DDS* Nada naum...td....e vc?

 Jöëy_-ÐÐ§*VËH 16:39:24
fala com Tiago Potter_1°_ ☺ onde foi todo mundo???

_Parvati Patil * 16:39:27
fala com JOE To indo pra friends

 *_Crystal L Potter*_ 16:39:30
fala com Jöëy_-ÐÐ§*VËH OIXIM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

-  §-Danielle*Granger-§ 16:39:33 fui pra fiends!!!!
-  ermione 16:39:34 o i cuzões
-  Melissa Archer *FL* 16:39:36 Vamu,Paty....
fala com _Parvati Patil *
-  §-Danielle*Granger-§ 16:39:38 friendes
-  Amigo, sempre amigo 16:39:41 vai deixar eu é?.....hummm
fala com _*Crystal L Potter*_
-  §-Danielle*Granger-§ 16:39:42 friends
-  Amanda Potter 16:39:45
entra na sala
-  §-Danielle*Granger-§ 16:39:46
sai da sala
-  _*Crystal L Potter*_ 16:39:46 VM VUM NÓISI.
fala com Amigo, sempre amigo
-  Melissa Archer *FL* 16:39:52 *INDO PARA A SALA FRIENDS*
-  _Parvati Patil * 16:39:54
sai da sala
-  _*Crystal L Potter*_ 16:40:00 TOW INDU.
fala com Amigo, sempre amigo
-  Amigo, sempre amigo 16:40:00 onde é??//
fala com _*Crystal L Potter*_
-  Melissa Archer *FL* 16:40:01
sai da sala
-  §* }{ãrrÿ ¶|ø††ër *§ 16:40:01
sai da sala
-  JOE 16:40:02 num intindi sou bulo!!!
fala com _Parvati Patil *
-  _*Crystal L Potter*_ 16:40:06
sai da sala

Migração de RPG na sala friends